

*De Washington D.C. a Telavive a Riade:
As relações entre os Estados Unidos da América, Arábia Saudita e
Israel*

Marta Raquel Fernandes Simões Lima Pereira

**Dissertação em Ciência Política e Relações Internacionais,
especialização em Relações Internacionais**

Marta Raquel Fernandes Simões Lima Pereira, *De
Washington D.C. a Telavive a Riade:
As relações entre os Estados Unidos da América,
Arábia Saudita e Israel*, 2020

Junho, 2020

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, especialização em Relações Internacionais, realizada sob a orientação científica de Professor Doutor Marco Lisi e co-orientação de Major General José Filipe da Silva Arnaut Moreira

Ora, o Deus de paz, que pelo sangue da aliança eterna tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém.

Hebreus 13:20,21

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem sido um privilégio poder estudar nesta faculdade desde 2015, ano em que comecei o meu percurso académico, na licenciatura de Ciência Política e Relações Internacionais. Obrigada por nos proporcionar excelentes docentes e um currículo tão diversificado, tanto em licenciatura, como em mestrado.

De igual forma, o meu percurso académico não teria sido possível sem o apoio da Fundação AMI, através do Fundo Universitário. Agradeço não só a imensa ajuda financeira que me tem concedido não, como também as oportunidades de crescimento que me concedeu enquanto cidadã, académica e mulher. Quero agradecer por me ter deixado participar nos primeiros cinco anos enquanto Fundo Universitário.

Agradeço à Biblioteca António Botto, onde realizei, por duas vezes, voluntariado. Agraço a hospitalidade, os sorrisos, os elogios e todo o conhecimento que me transmitiram pelas conversas e pelas vossas atitudes.

Estou profundamente grata aos meus orientadores. Ao Professor Doutor Marco Lisi por me ter aceite, apesar da sua área de especialização ser Ciência Política. Agradeço pelas suas sugestões rigorosas e exatas para a parte formal da tese. Ao Professor Major General José Arnaut Moreira, agradeço a sua paciência para ler os meus rascunhos da tese. De igual forma, estou grata pela sua disponibilidade para se encontrar comigo no Centro Comercial Vasco da Gama para podermos discutir o desenvolvimento da dissertação. a sua rigidez na gramática e na estruturação da mesma.

Contudo, não podia deixar de agradecer à minha família. Agradeço aos meus avós, como a todos os meus primos e tios, pelas suas orações e intercessões em meu favor. Agradeço aos meus avós paternos por todo o apoio, quer financeiro, quer em oração, como também amor e paciência que tiveram para comigo ao longo destes quatro anos de constante presença minha nas suas vidas. Muito obrigada. Agradeço aos meus pais e irmão por tudo o que me têm concedido. Ao meu pai, pelo seu orgulho em mim, pela sua sabedoria em me orientar e aconselhar-me. Inclusivamente, por ter sido ele a plantar em mim a semente que seria esta dissertação. À minha mãe, por nunca ter exigido que eu realizasse tarefas domésticas desde a minha meninice; pelo contrário, por ter desejado ser doméstica para poder apoiar os seus filhos nos estudos. Agradeço pela sua paciência para os meus desabafos e seu conforto nos meus momentos de choro.

Ao meu irmão, por ser o meu companheiro de aventuras, com paciência para se divertir comigo após um dia de estudo.

Não podia deixar de agradecer aos irmãos que constituem a Terceira Igreja Evangélica Baptista de Lisboa, bem como os que constituem a Igreja Evangélica Baptista de Tomar. Ao Pastor Joed Venturini de Souza, pelo seu acompanhamento ao longo destes 5 anos sob seu Pastoreio. Ao Pastor Jorge Ligeiro, pelo apoio que me concedido neste último ano. Agradeço aos Irmãos pelas orações, tanto das Igrejas, como dos Pequenos Grupos, como dos Músicos Baptistas em Portugal. Sem as vossas intercessões, teria desanimado.

Agradeço aos meus amigos. Às minhas madrinhas académicas, Mariana Costa e Inês Raquel, por terem tido sempre me apoiado e terem orgulho em mim. Ao Gabriel Venturini de Souza, à Rebeca Venturini de Souza, à Patrícia Campos e ao Rúben Campos, ao João Baptista, à Marta Maia e à minha querida amiga Diana Santos por todo o apoio que me deram. Agradeço também aos outros jovens da Terceira Igreja Evangélica Baptista de Lisboa e da Igreja Evangélica Baptista de Tomar pelo seu apoio, amor e orações.

Finalmente, e mais importante, agradeço ao nosso Deus. Dediquei esta tese nas Suas mãos no momento em que compreendi que era da Sua vontade que a realizasse. Todo o resultado desta dissertação foi possível devido à Sua força ser revelada na nossa fraqueza. Toda a honra e glória sejam dadas a Ele.

“Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!” Romanos 11:36

De Washington D.C. a Telavive a Riade:

As relações entre os Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel

From Washington D.C. to Tel-Aviv to Riyadh:

The relations between the United States of America, Saudi Arabia and Israel

Marta Raquel Fernandes Simões Lima Pereira

“Nenhuma quantidade de sangue ou tesouro americanos podem produzir paz e segurança duradouras no Médio Oriente. É uma região problemática.”, disse o Presidente Donald Trump em 2018, relativamente à Guerra Civil Síria. Mas é assim que se caracteriza o Médio Oriente.

Apesar de ter apoiado a formação do Estado de Israel em 1948, devido ao apoio que recebia de Estados Árabes conservadores, os Estados Unidos procuraram sempre se afastar deste país recém-nascido de forma a não haver alterações das esferas de influência nesta região.

No entanto, após 1979, a “Superpotência” compreendeu que ter o apoio de Estados conservadores não contrabalançava dar apoio a Israel. Devido a ter surgido uma outra ameaça para os Estados Árabes conservadores, a República Islâmica do Irão, estes começaram a desviar o olhar do apoio que os Estados Unidos concediam a Israel.

Com o fim da Guerra Fria, mais uma alteração ocorreu nesta região. As esferas de influência entre comunistas e capitalistas haviam desaparecido e os Estados Unidos eram a única “Superpotência”. A atenção passou para o conflito israelo-palestiniano, bem como para o terrorismo. Com exceção do Egito e da Jordânia, nenhum país árabe normalizou relações com Israel, devido à questão palestiniana.

Contudo, com a alteração da embaixada americana de Telavive para Jerusalém por Donald Trump, nenhum país árabe, em especial do Golfo Pérsico, levantou grandes problemáticas, ameaçou com cortes de relações, com a realização de um embargo de Petróleo, nem com suspender o processo de paz entre Israel e Palestina.

Consequentemente, perguntamo-nos: *Como se caracterizam as relações entre os Estados Unidos da América, a Arábia Saudita e Israel, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até à administração Trump, tendo em conta o impacto das alterações tanto de política externa como sistémicas no Médio Oriente?*

Este projeto de investigação consiste num estudo de caso único, estudado através de uma abordagem metodológica histórica e por uma abordagem teórica fundamentada na Teoria das Alianças de Walt.

Este estudo terá como foco o grande Estado Árabe conservador, a Arábia Saudita, e Israel. Como elo de ligação, teremos os Estados Unidos da América.

Procurar-se-á compreender se um relacionamento tático seria possível entre a Arábia Saudita e Israel, tendo em conta estas alterações que ocorreram de política externa e de política regional.

Palavra-Chave: Arábia Saudita, Israel, Estados Unidos da América, Médio Oriente, Política Externa Norte-Americana, Alianças, Donald Trump

“No amount of American blood or treasure can produce lasting peace and security in the Middle East. It’s a troubled place.”, said President Donald Trump in 2018, about the Syrian Civil War. However, that’s how the Middle East is characterized.

Even though they supported the formation of the State of Israel in 1948, due to the support they received from conservative Arab States, the United States always tried to stay away from the new-born country in order that there were no changes in the spheres of influence in this region.

Nonetheless, after 1979, the superpower understood that having the support of the conservative Arab States didn’t mean they couldn’t support Israel. Because another threat to the Arab states had arisen, the Islamic Republic of Iran, these began to underlook the support the United States was giving to Israel.

When the Cold War ended, the region once again changed. The spheres of influence between capitalists and communists were gone and the United States was the only superpower. The attention in the Middle East changed to the Israeli-Palestinian conflict, as well to terrorism. With exception of Egypt and Jordan, no Arab country has normalized the relations with Israel, due to the Palestinian issue.

However, when Donald Trump changed the location of the American embassy from Tel-Aviv to Jerusalem, no Arab country, specially from the Persian Gulf, raised major problems, threatened with cutting relations, making an oil embargo, or suspending the peace process between Israel and Palestine.

Consequently, we ask: *How to we characterize the relations between the United States of America, Saudi Arabia and Israel, since the end of the Second World War until the Trump administration, having in account the impact of the regional alterations as the changes in foreign politics in the Middle East?*

This investigation project is a Single Case study, through an historical methodology and supported by Stephen Walt’s Alliances Theory.

This study will focus on the big conservative Arab State, Saudi Arabia, and Israel. The link between the two of them is the United States. It will seek to understand if a tactical relationship will be possible between Saudi Arabia and Israel, having in account not only the impact of the regional alterations but also the changes in foreign politics.

Keywords: Saudi Arabia, Israel, United States of America, Middle East, American Foreign Policy, Alliances, Donald Trump

Índice

Introdução	1
Capítulo I: Problematização, Metodologias e Teoria	5
I.1. Problematização	5
I.1.1. Pergunta de investigação.....	5
I.1.2. Dimensionamento do problema	5
I.1.3. Objetivos do estudo.....	10
I.2. Metodologia.....	11
I.2.1. Investigação Exploratória Descritiva	11
I.2.2. Estudo de Caso.....	12
I.2.3. Teste da Congruência.....	14
I.2.4. Método Qualitativo	14
I.2.5. Método Histórico	16
I.2.6. Análise de Discurso	16
I.3. Enquadramento teórico.....	17
I.3.1. Abordagens teóricas utilizadas para estudar o Médio Oriente.....	18
I.3.2. Teoria das Alianças, de Stephen Walt	21
I.3.3. Teoria base para a tese	23
Capítulo II: Análise Geopolítica e Geoestratégica	25
II.1. A Arábia dos Saud	25
II.1.1. Um território aparentemente vantajoso	25
II.1.2. Coesão tribal assente na religião	27
II.1.3. Uma economia petrolífera à busca da diversificação	32
II.1.4. Uma defesa baseada em interesses externos.....	34
II.1.5. Em resumo, quais são os interesses, potencialidades e vulnerabilidades da Monarquia de Saud?	35
II.2. Israel, o Estado Judeu.....	36
II.2.1. Um Estado aparentemente vulnerável	36
II.2.2. Uma população à procura da sua identidade nacional.....	41
II.2.3. Uma economia robusta e inovadora	45
II.2.4. Um Estado pequeno com grande poder de dissuasão.....	47
II.2.5. Atores não estatais hostis.....	52
II.2.5. O Hamas e os seus inimigos	53
II.2.6. Sobre as aspirações palestinas a um Estado	57

II.2.7. Em resumo, quais são os interesses, potencialidades e vulnerabilidades do Estado Judeu?	58
II.3. Quais os interesses, potencialidades e vulnerabilidades do Estado de Israel e da Monarquia da Arábia Saudita?.....	58
II.4. O Perturbador Regional.....	59
II.4.1. Que atores externos poderão se revelar perturbadores para uma melhoria no relacionamento entre Israel e a Arábia Saudita?	60
II.4.2. Como é que o Irão pode ser percecionado como uma ameaça?	62
II.4.3 De acordo com a teoria de Stephen Walt, que tipo de ameaças podem ter sido percecionadas tanto pela Arábia Saudita como por Israel para haver uma alteração no seu relacionamento?	73
Capítulo III: Os Estados Unidos no Médio Oriente	75
III.1. História das Relações Bilaterais	75
III.1.1. A Arábia dos Saud e os Estados Unidos	75
III.1.2. O Estado Judeu e os Estados Unidos	82
III.1.3. A Arábia dos Saud e o Estado Judeu.....	89
III.1.4. Como se caracterizavam as relações bilaterais do triângulo Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel antes da administração Trump?.....	93
III.2. Médio Oriente sob mudança	94
III.2.1. Que atores surgiram que alimentaram a alteração das relações bilaterais do triângulo Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel?.....	94
III.2.2. Que acontecimentos ocorreram que alimentaram a alteração das relações bilaterais do triângulo Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel?.....	95
III.3. As âncoras da política externa americana no Médio Oriente	98
III.3.1. Relativamente à Monarquia dos Saud	99
III.3.2. Relativamente ao Estado Judeu.....	103
III.3.3. Qual o interesse dos Estados Unidos da América em manter uma relação próxima com Israel e a Arábia Saudita?.....	107
Conclusão	110
Bibliografia.....	118
Fontes dos mapas.....	143
Fontes dos gráficos	146
Fontes das tabelas	150
Fontes das imagens.....	151
Anexos.....	i
Anexo 1 – Fatores de Guido Fischer para análise geopolítica e geoestratégica da Arábia Saudita.....	i
Anexo 2 – “Mapa das cidades da Arábia Saudita”	ii

Anexo 3 – “Mapa topográfico da Arábia Saudita”	iii
Anexo 4 – “População da Arábia Saudita de 2007 a 2019”	iii
Anexo 5 – “Densidade Populacional na Arábia Saudita de 2008 a 2018”	iv
Anexo 6 – “Taxa de mortalidade, feminina e masculina, e Taxa de Natalidade da população da Arábia Saudita entre 2007 e 2017”	v
Anexo 7 – “Esperança Média de Vida masculina e feminina na Arábia Saudita, entre 2007 e 2017”	v
Anexo 8 – “Mapa dos Xiitas na Arábia Saudita”	vi
Anexo 9 – “Mapa das Infraestruturas de gás e petróleo da Arábia Saudita”	vii
Anexo 10 – “População estrangeira na Arábia Saudita entre 2017 e 2018”	viii
Anexo 11 – “População estrangeira na Arábia Saudita entre 2017 e 2018”	ix
Anexo 12 – “O que a Arábia Saudita exportava em 2017”	ix
Anexo 13 – “Percentagem do PIB de Importações e de Exportações da Arábia Saudita, de 1970 a 2017”	x
Anexo 14 – “Crescimento da economia da Arábia Saudita em comparação com a Percentagem do PIB em Petróleo de 1970 a 2017”	x
Anexo 15 – “Economia da Arábia Saudita em 2017”	xi
Anexo 16 – “Mapa das bases militares americanas na Arábia Saudita”	xi
Anexo 17– Fatores utilizados para análise geopolítica e geoestratégica da Arábia Saudita	xii
Anexo 18– Fatores de Guido Fischer para análise geopolítica e geoestratégica de Israel.....	xiii
Anexo 19 – “Mapa de Israel”	xiv
Anexo 20 – “Mapa Topográfico de Israel”	xv
Anexo 21 – “Classificação de países com problema de água crónico”	xvi
Anexo 22 – “Utilização de água por cada setor em Israel, em 2016”	xvi
Anexo 23 – “Mapa da Faixa de Gaza”	xvii
Anexo 24– “Mapa da densidade populacional na Faixa de Gaza”	xvii
Anexo 25 – “Pirâmide Etária da Faixa de Gaza”	xviii
Anexo 26 – “Mapa da Cisjordânia”	xviii
Anexo 27 – “Pirâmide Etária da Cisjordânia”	xix
Anexo 28 – “Mapa dos colonatos na Cisjordânia”	xix
Anexo 29 – “Mapa dos colonatos na Jerusalém”	xx
Anexo 30 – “Percentagem da população com idades entre os 0 e os 14 anos em relação com a população total de Israel, entre 1960 e 2018”	xx
Anexo 31 – “Esperança média de vida à nascença em Israel entre 1969 e 2017”	xxi

Anexo 32 – “Percentagem da população urbana em Israel em relação à sua população total, de 1960 a 2018”	xxi
Anexo 33 – “Mapa do Estado das relações com Israel em 2016”	xxii
Anexo 34 – “Religião em Israel”	xxii
Anexo 35– “Partidos Políticos em Israel (eleições de 2019)”	xxiii
Anexo 36 – “Percentagem de crescimento anual da economia israelita entre 1997 e 2017”	xxiii
Anexo 37 – “Comparação da percentagem da dívida pública em relação ao PIB, entre 2001 e 2017, entre Israel e a média dos países da OCDE”	xxiv
Anexo 38 – “Produções agrícolas em 2016”	xxiv
Anexo 39– “Que equipamentos de alta indústria Israel exportou em 2017”	xxv
Anexo 40 – “População nascida no estrangeiro, de acordo com o país de origem, em Israel, de 2006 a 2018”	xxv
Anexo 41 – “Ajuda Americana a Israel, de 1946 a 2019”	xxvi
Anexo 42 – “Comparação da percentagem do PIB gasto em Investigação e Desenvolvimento, entre 1991 e 2017, entre Israel e os países da OCDE”	xxvi
Anexo 43 – “Mapa da localização de depósitos de gás e de petróleo”	xxvii
Anexo 44 – “Mapa da localização dos campos de gás natural”	xxvii
Anexo 45 – “De que países Israel importava em 2017?”	xxviii
Anexo 46 – “Percentagem do PIB gasto no Orçamento Militar em Israel, de 1960 a 2018”	xxviii
Anexo 47 – “Mapa das Infraestruturas Nucleares de Israel”	xxix
Anexo 48 – Fatores utilizados para análise geopolítica e geoestratégica de Israel .	xxix
Anexo 49 – “Mapa do Irão”	xxxi
Anexo 50 – “Mapa dos aliados do Irão no Médio Oriente”	xxxi
Anexo 51 – “Mapa da rede de proxies do Irão”	xxxii
Anexo 52 – “A Aspiração Palestiniana a um Estado e o Estado Judeu”	xxxii
Anexo 53 – “Mapa das áreas A, B e C da Cisjordânia”	xxxv
Anexo 54 – “O que a Arábia Saudita importava dos EUA em 2017”	xxxvi
Anexo 55 – “O que a Arábia Saudita exportava para os Estados Unidos em 2017”	xxxvi
Anexo 56 – “Minerais que a Arábia Saudita produz para diversificar a economia”	xxxvii
Anexo 57 – “Países Fornecedores de Petróleo aos Estados Unidos, entre setembro de 2018 e setembro de 2019”	xxxvii
Anexo 58 – “O que Israel exportava para os EUA em 2017?”	xxxviii
Anexo 59 – “O que Israel importava dos EUA em 2017?”	xxxviii

Anexo 60 – “Proporção de estudantes americanos em Israel entre 2010 e 2012”. xxxix
Anexo 61 – “Percentagem de imigrantes de acordo com país de origem para Israel”
..... xxxix

Lista de Abreviaturas

ARAMCO - *Arabian-American Oil Company*

CCG - Conselho de Cooperação dos Estados Árabes do Golfo

GRI - Guarda Revolucionária Iraniana

JCPOA - Joint Comprehensive Plan of Action

LGBTQ- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgéneros e *Queer*

MBS - Príncipe Herdeiro Mohammad bin Salman

MoU - *Memorandum of Understanding on Strategic Cooperation*

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OLP - Organização para a Libertação da Palestina

OMC - Organização Mundial do Comércio

ONU – Organização das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

URSS – União das Repúblicas Socialista Soviéticas

Introdução

“Nenhuma quantidade de sangue ou tesouro americanos podem produzir paz e segurança duradouras no Médio Oriente. É uma região problemática.”, disse o Presidente Donald Trump¹ em 2018, relativamente à Guerra Civil Síria. Mas é assim que se caracteriza o Médio Oriente. A Arábia Saudita foi fundada em 1932 através da conquista por Abd al Aziz ibn Ikhwan Saud das restantes tribos da Península Arábica. Mal o Estado Judeu foi declarado, em 1948, os restantes países árabes procuraram aniquilá-lo na chamada “Guerra da Independência”, entre 1948 e 1949.

A paz e a segurança nunca foram conceitos que poderíamos empregar no Médio Oriente. Compreende-se que o facto de ser uma região formada por inúmeras tribos, divididas estas por diversas religiões, das quais se destaca o Islamismo. Ora, dentro do Islamismo encontramos a diferença entre Sunismo e Xiismo, sendo que um braço acusa o outro de ser uma depravação do verdadeiro Islão. Além do mais, temos dois Estados não árabes no meio desta região: Israel e o Irão. Consequentemente, o Médio Oriente caracteriza-se por ser uma região do mundo onde conflitos étnicos, religiosos e tribais se misturam, não havendo nem paz nem segurança.

Os Estados Unidos da América, no final da Segunda Guerra Mundial, procuraram não se envolver nos conflitos desta região. A razão pela qual eles se envolveram no Médio Oriente foi devido aos recursos petrolíferos que abundam na região e que começavam a ser insuficientes nos Estados Unidos. Adicionalmente, em plena Guerra Fria, a URSS aproveitou-se das ideologias mais revolucionárias presentes em diversos Estados no Médio Oriente, como é o caso do Nasserismo do Egipto, tendo os Estados Unidos de se envolver na região para poder contrabalançar as esferas de influência. Consequentemente, começou a apoiar países mais conservadores religiosamente, como é o caso da Arábia Saudita e da Jordânia.

Relativamente ao conflito israelo-árabe, apesar de ter apoiado a formação do Estado de Israel em 1948, devido ao apoio que recebia de Estados Árabes conservadores, os Estados Unidos procuraram sempre se afastar deste país recém-nascido de forma a não haver alterações das esferas de influência nesta região.

No entanto, após 1979, a “Superpotência” compreendeu que ter o apoio de Estados conservadores não contrabalançava dar apoio a Israel. Consequentemente,

¹ Tradução própria de “*No amount of American blood or treasure can produce lasting peace and security in the Middle East. It’s a troubled place.*” Presidente Donald Trump in Indyk, M. S., 2018.

devido a ter surgido uma outra ameaça para os Estados Árabes conservadores, a República Islâmica do Irão, estes começaram a desviar o olhar do apoio que os Estados Unidos concediam a Israel. Com o fim da Guerra Fria, mais uma alteração ocorreu nesta região. As esferas de influência entre comunistas e capitalistas haviam desaparecido e os Estados Unidos eram a única Superpotência. A atenção passou para o conflito israelo-palestiniano, bem como para o terrorismo. Com exceção do Egito e da Jordânia, nenhum país árabe normalizou relações com Israel, devido à questão palestina.

No entanto, com a alteração da embaixada americana de Telavive para Jerusalém, em 2018, por Donald Trump, nenhum país árabe, em especial do Golfo Pérsico, levantou grandes problemáticas, ameaçou com cortes de relações, nem com suspender os processos de paz entre Israel e Palestina.

Consequentemente, perguntamo-nos: *Como se caracterizam as relações entre os Estados Unidos da América, a Arábia Saudita e Israel, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até à administração Trump, tendo em conta o impacto das alterações tanto de política externa como sistémicas no Médio Oriente?*

Este estudo terá como foco o grande Estado Árabe conservador, a Arábia Saudita, e Israel. Como elo de ligação, teremos os Estados Unidos da América. Procurar-se-á compreender se um relacionamento tático seria possível entre a Arábia Saudita e Israel, tendo em conta estas alterações que ocorreram de política externa e de política regional.

Não se vai utilizar o termo “aliança” formal, dado que nem a Arábia Saudita nem Israel têm uma aliança com os Estados Unidos da América. De igual forma, seria bastante utópico que se realizasse uma aliança formal entre a Arábia Saudita e Israel quando as relações normalizadas ainda se encontram quase impossibilitadas. Consequentemente, este estudo terá como foco a possibilidade de um relacionamento tático.

Para responder à pergunta de partida, em termos teóricos, escolheu-se seguir a Teoria das Alianças de Stephen Walt. A razão para esta escolha deve-se por, numa primeira instância, através da sua Teoria da Ameaça, ser-se capaz de analisar que ameaças podem-se ter desenvolvido que tenham posto em causa os interesses da Arábia Saudita e de Israel de forma a que estes Estados tenham de enveredar por um relacionamento táticos. Em segunda instância, por, após a caracterização dos relacionamentos históricos, dos interesses, potencialidades e vulnerabilidades dos

Estados em estudo no Médio Oriente e dos Estados Unidos da América, poder-se caracterizar que tipo de estratégia de “aliança” estes têm enveredado.

Em termos metodológicos, esta dissertação seguirá uma investigação do tipo exploratória-descritiva, dado que se procurará caracterizar as relações entre a Arábia Saudita, Israel e os Estados Unidos da América, objeto de estudo pouco aprofundado, bem como classificá-las de acordo com a teoria de base. Por conseguinte, é um estudo de caso que, por ter como foco os comportamentos pelos Estados, adota uma abordagem qualitativa, bem como emprega um método histórico, dado que se utilizarão documentos ou interpretações históricas para responder à supracitada pergunta que guiará esta dissertação. Por fim, analisar-se-á as informações através da abordagem do discurso histórico, dado que o objetivo é criar um quadro teórico e conceptual historicamente informados através da associação da informação de todos os discurso, textos, géneros e campos de ação.

Relativamente à estruturação desta dissertação de mestrado, podemos dividir a mesma em três capítulos.

No primeiro capítulo, denominado “Problematização, Metodologias e Teoria”, teremos três subcapítulos, sendo o primeiro denominado “Problematização”. Neste, apresentar-se-á a pergunta de investigação, o dimensionamento do problema a nível espacial, cronológico e conceptual, bem como os objetivos deste estudo. No segundo capítulo, “Metodologias”, apresentar-se-á a metodologia enveredada para a elaboração deste estudo. Finalmente, o capítulo denominado “Enquadramento Teórico” encontrar-se-á dividido em três subcapítulos, apresentado o primeiro as abordagens teóricas utilizadas para estudar o Médio Oriente, o segundo apresentando a Teoria das Alianças e a Teoria das Ameaças de Stephen Walt, e, por fim, apresentar-se-á a teoria base para a tese.

A etapa seguinte, denominada “Análises Geopolíticas e Geoestratégicas”, subdividir-se-á em três capítulos. Os dois primeiros capítulos, “A Arábia dos Saud” e “O Estado Judeu”, terão como objetivos particulares realizar-se uma análise geopolítica e geoestratégica dos supracitados Estados tendo em conta os fatores elaborados de Guido Fischer², explicitados no início desta etapa³, de forma a se compreender que interesses, potencialidades e vulnerabilidades estes Estados apresentam. O terceiro capítulo, consistirá num resumo dos interesses, vulnerabilidades e potencialidades

² Fischer, G., 1936.

³ Conferir na página 25.

destes dois Estados. O capítulo final desta etapa denominar-se-á “O Perturbador Regional”, procurará, tendo em conta a Teoria da Ameaça de Stephen Walt, entender que Estados, ou estado, podem-se revelar como uma ameaça tanto para a Arábia Saudita como para Israel, que motive um relacionamento tático entre ambos.

A terceira etapa, denominada “Os Estados Unidos no Médio Oriente”, também se subdividirá em três capítulos. Primeiramente, realizar-se-á uma contextualização histórica das relações bilaterais entre os Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel antes da administração Trump, no capítulo “História das relações bilaterais”. No capítulo seguinte, “Médio Oriente em mudança”, estudar-se-á os atores e acontecimentos que motivaram uma alteração do relacionamento entre os três Estados em estudo. Por fim, no capítulo “As âncoras da política externa americana no Médio Oriente” voltar-se-á a realizar uma análise geopolítica e geoestratégica da Arábia Saudita e de Israel tendo em conta os fatores elaborados de Guido Fischer, para compreender que interesses os Estados Unidos têm em manter o relacionamento com os supracitados Estados.

Finalmente, na Conclusão, responder-se-á à pergunta de partida acima exposta, expondo um resumo desta dissertação. tendo em conta a Teoria das Alianças de Stephen Walt. De igual forma, procurar-se-á revelar cenários prospetivos que, num futuro próximo, académicos poderão explorar.

Capítulo I: Problematização, Metodologias e Teoria

I.1. Problematização

I.1.1. Pergunta de investigação

A pergunta que orientará este estudo de caso será a seguinte: *Como se caracterizam as relações entre os Estados Unidos da América, a Arábia Saudita e Israel, desde a fundação do Reino Saudita até à administração Trump, tendo em conta o impacto das alterações tanto de política externa como sistémicas no Médio Oriente?*

A pertinência deste trabalho encontra-se firmada nos seguintes aspetos. Primeiramente, por caracterizar as relações entre Israel e a Arábia Saudita, atores importantíssimos na política externa norte-americana na região do Médio Oriente. Consequentemente, tem-se em conta uma perspetiva multilateral e não a tradicional perspetiva bilateral, que costuma estudar somente o relacionamento de um destes atores com a “Superpotência”. A inovação consiste no facto de se abordar este estudo não da perspetiva americana, mas sim com o objetivo de caracterizar as relações entre a Arábia Saudita e Israel face as alterações de comportamentos dos Estados Unidos da América, entre outros atores. Em segundo lugar, por estudar como a política externa dos Estados Unidos da América relativamente à região do Médio Oriente se alterou desde o início da administração Obama até à administração Trump. Por fim, por descrever os desenvolvimentos políticos na região, especialmente o início de uma relação táctica oculta entre a Arábia Saudita e Israel e, de igual forma, os impactos da alteração da política iraniana.

I.1.2. Dimensionamento do problema

Delimitação espacial

Este estudo adota como região de interesse o Médio Oriente. O Médio Oriente é, por si próprio, uma região de importância intrínseca por diversos aspetos. Em primeiro lugar, por se localizar numa intercessão de três continentes: o europeu, o asiático e o africano. Tal cria do Médio Oriente uma região de importância geopolítica e geoestratégica, visto que com facilidade se acede aos continentes supracitados. De igual forma, tem sítios de grande importância estratégica comercial e militar, como é o caso do Canal do Suez, o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico. Tal se deve à facilidade de acesso que se tem a dois oceanos distintos: o Oceano Índico e o Oceano Atlântico, indiretamente pelo Mar Mediterrâneo.

Em segundo lugar, é uma região com abundantes recursos petrolíferos. Ora, esta abundância de recursos é um dos principais motores da economia mundial, como se pode comprovar pela crise de petróleo de 1973, mas também é o principal motor de diversas economias do Médio Oriente, como é o caso da economia da Arábia Saudita.

Outra razão por esta região do mundo ser tão importante é a sua historicidade e tradições. Grandes impérios nasceram nesta região, como foi o caso do Império Babilónico, Persa e Otomano. Muitos impérios expandiram-se para esta região, como foi o caso do Império de Alexandre, o Grande, o Império Romano, mas, inclusivamente, o Império Britânico e Francês. Consequentemente, é uma região de povos, e tribos, antigos, mas que, durante longos períodos de tempo, estiveram sob domínio de terceiros Estados. Por consequência, são povos que nunca desenvolveram uma identidade nacional coerente, sendo, ainda, profundamente tribais e sectoriais.

Por fim, foi nesta região onde se desenvolveram três grandes religiões, as chamadas “Religiões do Livro”, sendo estas o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo. Este facto contribui para duas tendências. Em primeiro lugar, é uma região que possui locais e monumentos de importância religiosa, como é o caso das Mesquitas de Meca e Medina na Arábia Saudita, bem como o caso da cidade de Jerusalém. Assim, em termos sociais e religiosos, é uma região do mundo prezada por esta conotação de espiritualidade. Em segundo lugar, o facto de três religiões monoteístas coincidirem no Médio Oriente provoca profundas divisões e conflitos. Tal se deve por serem religiões exclusivistas, dado acreditarem que o seu Deus é o único existente e a sua religião a única que conduz ao mesmo, o que cria em cada lugar de culto um sentimento de pertença somente aqueles religiosos. Consequentemente, existem divisões sectoriais que levam a que existam constantes conflitos nesta região. Tais são não somente entre religiões, como ocorre entre Judeus e Islâmicos, ou Islâmicos e Cristãos, mas também dentro da própria religião, como é o caso das profundas divisões entre Xiitas e Sunitas.

Ora, dentro do Médio Oriente, para este estudo seleccionaram-se dois países, sendo estes a Arábia Saudita e Israel. A seleção destes dois países foi devido a duas razões. Em primeiro lugar, ambos são países de elevada importância geoestratégica e geopolítica para os Estados Unidos na região do Médio Oriente. Contudo, podemos salientar que a Arábia Saudita é um aliado importante dos Estados Unidos devido ao petróleo, ao facto de ser sunita, o que pressupõe uma divisão entre o Estado e a Religião, bem como por procurar ter a hegemonia regional, sendo um contrapeso à crescente influência do Irão. Relativamente a Israel, podemos salientar a sua

importância em termos de elevada inovação tecnológica, o que pressupõe indústria militar moderna, também em termos da importância simbólica de Israel para os Estados Unidos, dado ser o país onde nasceu o Cristianismo, bem como afinidades em termos de imigração, devido à diáspora judia nos Estados Unidos.

Em segundo lugar, selecionou-se estes países por serem dois aliados americanos que, por natureza, deveriam ser inimigos. A razão a tal inimizade é o próprio Estado de Israel. Como salientado anteriormente, o Estado de Israel é judeu, enquanto que a Arábia Saudita é islâmica, religiões exclusivistas que pressupõem, cada uma, o seu Deus como o único. Em segundo lugar, a Arábia Saudita considera que o Estado Israel não é um Estado, mas sim uma entidade que ocupa territórios dos seus Irmãos Palestínianos. Consequentemente, não aceita a existência de Israel. Contudo, ao longo da tribulada história judia no Médio Oriente, estes dois países nunca entraram em conflito aberto. Tal se deve a, caso um dos dois iniciasse um ataque ao outro, os Estados Unidos retirarem o seu apoio ao atacante. No entanto, nos últimos anos verificou-se uma aproximação entre estes dois Estados, quer em termos de partilha de inteligência, quer em termos de não condenação da mudança da capital israelita, quer em termos de possibilidade de sobrevoar os respetivos territórios.

Consequentemente, com este estudo, procura-se caracterizar as relações entre os Estados Unidos da América, a Arábia Saudita e Israel, descobrindo que alterações podem ter ocorrido no relacionamento entre estes Estados desde a administração Obama até à administração Trump, tendo em conta uma contextualização histórica das relações bilaterais desde a fundação do Reino dos Saud.

Delimitação cronológica

Realizar-se-á uma breve descrição histórica das relações bilaterais entre os Estados Unidos da América, Israel e a Arábia Saudita, desde 1932, ou seja, a formação do Reino da Arábia Saudita, até 2016. Tal se deve por se desejar realizar uma contextualização histórica dos respetivos relacionamentos para haver uma melhor compreensão do impacto de dois fatores distintos. Em primeiro lugar, da importância histórica dos Estados Unidos para os respetivos países no Médio Oriente e, de igual forma, destes para a “Superpotência”. Em segundo lugar, para compreender o impacto das respetivas alterações sistémicas na região do globo em estudo.

Contudo, este estudo delimitar-se-á cronologicamente entre 2015 e 2020. Primeiramente, por se ter em consideração as alterações que ocorreram sob a

administração Obama, que decorreu de 2009 a 2016, tendo em especial consideração o apaziguamento das relações américo-iranianas com o Acordo Nuclear Iraniano de 2015. Em segundo lugar, estudar-se-á a administração Trump, que ocorreu de 2016 até 2020. Esta administração também é de grande importância para este estudo dado não só ter havido a alteração da embaixada norte americana de Telavive para Jerusalém, como também por ter havido uma degradação do relacionamento com o Irão.

Delimitação conceptual

Para este estudo de caso, caracterizar-se-á as relações entre três Estados e como as mesmas foram impactadas pelos desenvolvimentos na região do Médio Oriente.

O termo “relações” será usado como sinónimo do conceito de “aliança” de Walt⁴. Segundo este académico, as alianças surgem por tratados formais ou por compromissos informais, mas igualmente significativos, para melhorar a segurança por garantia de dissuasão, aumentando a capacidade de defesa dos aliados, demonstrando, de igual forma, superioridade ao nível social, política e ideológica. Alianças são duradouras e conduzem à estabilidade, visto que diminuem a competição entre alianças antagónicas e diminui as rivalidades entre os Estados aliados. Das dimensões mencionadas por Walt, ter-se-á como as mais importantes a sua duração, se poderão vir a ser observadas como formais, bem como se se baseiam na componente da defesa.

Relativamente ao conceito de “política externa”, existem diferentes concepções que podemos analisar. Christopher Hill⁵ define política externa como a soma das relações externas conduzidas por um ator independente, sendo este normalmente um Estado, nas Relações Internacionais. Contudo, Derek Beach refere que, com esta concepção, existe um foco nas tendências gerais das políticas externas, não tendo em atenção as decisões individuais. De acordo com White⁶, política externa é a atividade governamental conduzida num relacionamento entre o Estado e os outros atores, particularmente Estados, no Sistema Internacional. No entanto, Beach salienta o problema de não se incluir atores coletivos que conduzem política externa, como é o caso da União Europeia. Na sua obra, Derek Beach ainda salienta as definições de Rosenau⁷ e de Brecher. No caso do primeiro, este define política externa como o

⁴ Walt, 1989, p.1.

⁵ Hill, 2003, in Beach, 2012.

⁶ White, 1989, in Beach, 2012.

⁷ Rosenau, 1971, in Beach, 2012.

comportamento externo dos Estados, enquanto que Brecher⁸ define como as decisões de política externa, não somente o comportamento. Todavia, é difícil compreender a intencionalidade do comportamento dos Estados, bem como a tomada de decisões de um aparelho de Estado é restritiva e, conseqüentemente, de difícil mensuração.

Conseqüentemente, neste trabalho usarei a concepção de política externa de Derek Beach⁹. De acordo com este autor, política externa é tanto as abrangentes tendências de comportamento, como as ações particulares de um Estado ou ator coletivos. Estas ações ou estes comportamentos são direcionados a outros Estados ou atores coletivos que funcionam no Sistema Internacional. As ações de política externa podem ser conduzidas usando uma variedade de diferentes instrumentos, sendo alguns destes as declarações, os discursos, a negociação de tratados, a concessão de ajuda econômica, a realização de atividade diplomática em conferências, bem como o uso da força militar.

Quanto ao conceito de “sistema¹⁰”, este é definido como uma assembleia de unidade, objetos ou partes, unidos por alguma interação regular. De acordo com os realistas, o sistema é anárquico, ou seja, não existe nenhuma autoridade acima do Estado, que é soberano. Assim, cada Estado tem de agir tendo como prioridade os seus interesses.

As “alterações sistêmicas”, isto é, as mudanças que sucedem dentro de um sistema, podem ser, de acordo com os realistas, de três tipos. Primeiramente, quando o número de potências se altera (de acordo com Waltz). Por exemplo, quando se passa da multipolaridade para a bipolaridade, como ocorreu no fim da Segunda Guerra Mundial, ou do último para a unipolaridade, como ocorreu com a queda do Muro de Berlim. De igual forma, quando existe uma alteração no poder relativo entre os atores. Por fim, de acordo com Robert Gilpin, quando os atores atuam para preservar os seus próprios interesses, sendo que estes desenvolvem-se de acordo com as inovações econômicas, políticas e tecnológicas.

Relativamente ao conceito “Médio Oriente”, existem diversas perspectivas acadêmicas de como definir este sistema regional.¹¹ Walt¹², na sua concepção deste sistema regional, inclui Israel e as potências extrarregionais, mas exclui o Irão, a

⁸ Brecher, 1972, in Beach, 2012.

⁹ Beach, 2012.

¹⁰ Aron, R., 1962.

¹¹ Gause III, 1999.

¹² Walt, 1987, in Gause III, 1999, p.13.

Turquia e os Estados do Norte de África. Brown¹³ segue uma concepção semelhante, mas justifica de forma oposta. Dado que no seu trabalho procura investigar como a cultura política otomana influenciou a diplomacia no Médio Oriente, inclui na concepção de sistema do Médio Oriente os países que foram parte do Império Otomano. Assim, a Turquia e Israel encontram-se parte do Médio Oriente, mas não o Irão nem Marrocos. Barnett¹⁴, como Matar e Hilal¹⁵, restringe o conceito de sistema regional do Médio Oriente a Estados Árabes, nomeadamente aos membros fundadores da Liga Árabe (Egito, Líbano, Síria, Iraque, Jordão e Arábia Saudita) e a Organização para a Libertação da Palestina, sob a justificação de terem sido estas organizações que iniciaram e definiram o debate relativamente a este sistema regional. Quanto a Matar e Hilal, por realizarem um trabalho que valoriza a concepção normativa, somente incluem na concepção de Médio Oriente os Estados Árabes, excluindo os outros Estados regionais e potências, dado que defendem que o que une um sistema árabe é o nacionalismo.

Neste trabalho, seguirei a concepção de Gause III. Este autor critica os supracitados académicos por ignorarem a variável “conflito” na concepção de sistema regional do Médio Oriente. Gause III justifica a sua crítica ao referir que Aron¹⁶ define um Sistema Internacional como sendo constituído por Estados beligerantes entre si. Da mesma forma, David Lake¹⁷ refere que os Estados têm de ser afetados por pelo menos uma ameaça local transfronteiriça à segurança. Sendo assim, Gause sublinha que é importante incluir o Irão e Israel, que explicam o comportamento de companheirismo entre os países árabes. Assim, este académico salienta a importância da geografia, autoidentificação e do contexto sócio histórico, dado que leva a existir mais envolvimento e interesse duradouro e sustentado expressos num compromisso de recursos para uma agenda comum de desafios. Consequentemente, envolve na concepção de sistema regional do Médio Oriente o Egito, o Iraque, Israel, o Irão, a Turquia, os Estados Unidos, a Rússia, a Grã-Bretanha e a França.

I.1.3. Objetivos do estudo

O objetivo principal deste estudo consiste em estudar as relações entre os Estados Unidos da América, a Arábia Saudita e Israel, desde a fundação do Reino da

¹³ Brown, 1984, in Gause III, 1999, p.13.

¹⁴ Barnett, 1998, in Gause III, 1999, p.13.

¹⁵ Matar e Hilal, 1983, in Gause III, 1999, p.13.

¹⁶ Aron, 1967, in Gause III, 1999, p.14.

¹⁷ Lake, 1997, in Gause III, 1999, p.14.

Arábia Saudita até à administração Trump, tendo em conta o impacto das alterações tanto de política externa como sistémicas no Médio Oriente. Contudo, para suprir este objetivo procurar-se-á atingir cinco objetivos particulares.

O primeiro objetivo particular consiste em caracterizar os interesses, potencialidades e vulnerabilidades do Estado de Israel e da Monarquia da Arábia Saudita. Para tal, escrutinar-se-á as razões do envolvimento da Monarquia do Golfo e do Estado Judeu ao nível geopolítico e geoestratégico, tendo em conta os fatores elaborados por Guido Fischer.

O objetivo particular seguinte consiste em descrever as ameaças que podem ter sido percecionadas tanto pela Arábia Saudita como por Israel para haver uma alteração no seu relacionamento. Primeiramente, analisando que atores externos poderão se revelar perturbadores para uma melhoria no relacionamento entre Israel e a Arábia Saudita. Em segundo lugar, analisando como é que o Irão pode ser percecionado como uma ameaça. Para compreender que atores poderão ser revelados como uma ameaça, ter-se-á em conta a teoria da balança das ameaças de Stephen Walt.

De seguida, tratar-se-á de realizar uma análise das relações bilaterais entre os Estados Unidos da América, a Arábia Saudita e Israel antes da administração Trump.

Em quarto lugar, escrutinar-se-á os atores e os acontecimentos que ocorreram pós 2015 que possam ter que alimentado a alteração das relações bilaterais do triângulo Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel.

Por fim, procurar-se-á entender qual o interesse dos Estados Unidos da América em manter uma relação próxima com Israel e a Arábia Saudita, analisando os interesses, as potencialidades e as vulnerabilidades que Israel e a Arábia Saudita, individualmente, apresentam à “Superpotência”, nesta região. Mais uma vez, seguir-se-á os fatores de Fischer, expostos anteriormente

I.2. Metodologia

I.2.1. Investigação Exploratória Descritiva¹⁸

Este estudo consiste numa conjugação de dois tipos de investigação. O primeiro tipo de investigação é a pesquisa exploratória. Este tipo de pesquisa é flexível, podendo servir para procurar compreender fenómenos que estão a ocorrer, bem como para abordar o fenómeno numa nova perspetiva. Em primeiro lugar, este tipo de investigação

¹⁸ Dinesh, J., 2019.

aplica-se a fenómenos novos, nunca antes analisados. Pode ter diversos objetivos, tais como formular perguntas mais precisamente, clarificar conceitos, angariar explicações, aprofundar o fenómeno, eliminar conceitos obtusos e formular hipóteses.

Em segundo lugar, este tipo de investigação também segue uma pesquisa descritiva. Este tipo de pesquisa tem como objeto de estudo um fenómeno particular, tendo como objetivos descrevê-lo, clarificá-lo e explicar as suas propriedades.

Dado que este estudo é uma conjugação destes dois tipos de investigação, consiste numa investigação exploratória-descritiva. Este tipo de investigação caracteriza-se por haver pouco ou nenhum conhecimento sobre o objeto de estudo. Assim, procura-se realizar uma reflexão profunda sobre o mesmo, procurando descobrir e observar os factos, criar mecanismos para o descrever classificar e interpretar. Os objetivos são formular perguntas mais precisas e desenvolver certas hipóteses.

Consequentemente, neste estudo procura-se caracterizar e descrever as relações entre a Arábia Saudita e Israel face as alterações de comportamentos dos Estados Unidos da América, entre outros atores. De igual forma, procurar-se-á classificá-lo de acordo com a teoria de base. Por fim, procura-se desenvolver perguntas mais específicas e desenvolver hipóteses, que poderão ser usadas numa pesquisa futura relativamente às relações e alterações sistémicas no Médio Oriente.

I.2.2. Estudo de Caso

Por se estudar detalhadamente relações, tendo-se como objetivos descrever sistematicamente e avaliar as mesmas, tendo em conta o quadro teórico que se irá referir, trata-se de um estudo de caso único, ou seja, debruça-se num único caso. Este trata-se do relacionamento tático entre a Arábia Saudita, Israel e os Estados Unidos da América.

Um caso, de acordo com George¹⁹, trata-se de um exemplo de uma classe de eventos que trazem interesse para o investigador. Consequentemente, para Bennett²⁰, um estudo de caso consiste na análise de um aspeto bem definido de um acontecimento histórico. Ou seja, um estudo de caso consiste no estudo intensivo de uma única unidade, ou de um pequeno número de unidades, com o objetivo de compreender um maior número de unidades similares.²¹

¹⁹ George, 1979a, in Bennett, 2002, p.28.

²⁰ Bennett, 2002, p.29.

²¹ Gerring, J. 2006, p. 20.

Os estudos de caso podem ser utilizados para diversos fins. Pode-se usar este método para gerar novas hipóteses (lógica da descoberta), testar hipóteses existentes (lógica da confirmação), para desenvolver teorias, explicar historicamente casos, bem como identificar variáveis que estejam omitidas noutros estudos.

Dos diversos tipos de métodos de estudos de caso existentes, este estudo consiste num estudo de caso único, mais especificamente um estudo idiográfico, dado que estuda um fenómeno recente com o objetivo de gerar hipóteses que serão testadas sistematicamente no futuro.

Existem duas críticas e duas limitações que se colocam a este tipo de estudo²². Em primeiro lugar, que é um estudo que não possibilita controlar o efeito perturbador de terceiras variáveis. No entanto, existem duas técnicas para controlar essas variáveis que se omitem. Primeiramente, existem testes que preveem variações dentro do caso (caso da técnica *process tracing* e o teste de congruência). A segunda técnica consiste na seleção de casos cujo objeto de estudo é excepcional por si próprio.

Em segundo lugar, acusam que os resultados obtidos por estudos de caso não podem ser generalizados a outros casos. Contudo, é nos casos únicos que a generalização dos resultados é difícil efetuar, dado que existe uma maior uniformidade das condições antecedentes, o que impede que haja paralelos entre os casos.

De igual forma, refere-se que a seleção do caso para ser estudado pode ser de forma parcial, o que leva a que a confirmação posterior esteja sob influências parciais. Finalmente, refere-se²³ existir uma potencial falta de independência dos casos. Contudo, a relevância de haver ou não independência é sujeita aos objetivos da investigação, à teoria e às hipóteses em estudo e como a comparação dos casos é estruturada.

Existem diversas vantagens inerentes ao método de estudo de caso. Em primeiro lugar, criar validade, ou seja, têm a habilidade de mensurar num caso os indicadores que melhor representam o conceito teórico que se deseja medir, permitindo uma melhor refinação dos conceitos. Tal se deve por as variáveis serem estudadas tendo em conta a sua contextualização. Contudo, esta refinação e validação dos indicadores e dos conceitos implica que a generalização só seja possível a um pequeno número de casos. Assim, há uma discrepância entre a validade interna e validade externa. Entende-se que

²² Evera, S., 1997.

²³ George, 1982, in Bennett, 2002, p.53.

a validade que se consegue inferir tendo em conta um caso pode não ser explanada para diversos casos semelhantes.²⁴

Em segundo lugar, este método permite que se gerem novas teorias, dado que heurísticamente se identificam novas variáveis e hipóteses. De igual forma, permite fazer inferência tendo em conta mecanismos causais. Tal é permitido pelo *process tracing*, que examina em detalhe as implicações observáveis de mecanismos causais hipotéticos, tendo em conta fontes de inferência. De seguida, existe a vantagem de permitir explicar historicamente casos. Tal ocorre através da aplicação de teorias a cada caso histórico para demonstrar como as variáveis tornaram-se mecanismos causais em circunstâncias históricas. Por fim, permite explicar relações causais complexas.

Pode-se apontar dois aspetos positivos neste método de estudo. Em primeiro lugar, os testes feitos em estudos de caso são de forte validade, visto que os resultados obtidos são considerados únicos a uma teoria. Em segundo lugar, é mais fácil inferir e testar as casualidades inerentes ao estudo de caso.

I.2.3. Teste da Congruência²⁵

Para realizar análise de um estudo de caso único utiliza-se o teste de congruência, teste utilizado tanto tendo em conta uma abordagem quantitativa como numa abordagem qualitativa. Este teste pode-se realizar com dois objetivos. Em primeiro lugar, para explorar a congruência ou incongruências entre os valores e/ou comportamentos observados. Em segundo lugar, para comparar os valores ou comportamentos típicos, expostos no quadro teórico, com os valores, ou comportamentos, do caso.

Consequentemente, neste estudo utilizar-se-á o Teste da Congruência para comparar os comportamentos da Teoria das Alianças com os recolhidos na análise, de forma a compreender se a teoria explica a realidade.

I.2.4. Método Qualitativo

Este estudo deseja explicar os comportamentos de Israel, da Arábia Saudita e dos Estados Unidos da América. Para tal, realizar-se-á uma contextualização histórica, descrever-se-ão tanto os Estados do Médio Oriente como as ameaças discernidas pelos mesmos para poder-se, finalmente, realizar uma relação de causalidade entre as ameaças

²⁴ Bennett, 2002, pp.51,52.

²⁵ Evera, S., 1997, Bennett, 2002, p.32.

e as relações desenvolvidas entre o Estado Judeu, a Monarquia dos Saud e os Estados Unidos da América. Consequentemente, ir-se-á utilizar uma abordagem qualitativa.

Um estudo qualitativo consiste num tipo de pesquisa que analisa e recolha informação que não seja quantitativa, ou seja, baseada em textos ou recursos audiovisuais. A informação recolhida pode ser de quatro tipos. Primeiramente, existe observação qualitativa, ou seja, o envolvimento do investigador num campo, retirando informação pela observação de comportamentos nesse campo. Em segundo lugar, existe a recolha de informação por entrevistas, não estruturadas de perguntas abertas. De igual forma, pode-se retirar informação tanto de documentos como de audiovisuais.²⁶

Esta recolha desenvolve-se ao longo do processo de pesquisa, estando o investigador permanentemente envolvido na experiência, o que pode trazer alguma parcialidade. No entanto, a parcialidade é erradicada pela informação ser baseada numa abordagem teórica. A teoria tem a capacidade de orientar o processo de pesquisa, concedendo uma forma de recolher a informação, analisá-la, bem como o que estudar.

O facto de o método qualitativo ser baseado numa abordagem teórica concede validade a esta. Uma informação, de acordo com os métodos qualitativos, é válida se se verificar veracidade nos achados de acordo com os procedimentos teóricos. Por outro lado, algumas pesquisas qualitativas são simplesmente confiáveis, ou seja, os achados coincidem com a abordagem teórica e com os projetos que seguiram essa abordagem teórica. A validação pode ser ocorrida por quatro métodos. O primeiro método consiste em triangular a informação, cruzando diferentes fontes para compreender se a mesma é viável. De igual forma, pode-se colocar a informação sob a perspetiva de um especialista, de forma a receber uma crítica a favor desta ou não. Em terceiro lugar, o investigador pode realizar uma autocrítica, de forma a depreender se foi parcial ou não na recolha e análise da informação exposta. Por fim, se não existir uma perspetiva unificadora relativamente ao assunto, pode-se apresentar a informação discrepante ou oposta aos resultados apresentados, de forma a solidificar a investigação sem parcialidades.

Uma última oposição existente entre o método quantitativo e qualitativo consiste no facto deste último não apresentar informações que possam ser generalizáveis. O método qualitativo cria estudos de descrição e particularização de acordo com os contextos. Contudo, este método permite generalizações se o objetivo for criar uma

²⁶ Creswell, J., 2014, cap. 9.

teoria, induzindo padrões de acordo com diversos casos apresentados, que partilhem de características no mesmo contexto. Consequentemente, torna-se uma generalização restrita.

A pergunta em causa tem em conta acontecimentos históricos e estudar comportamentos tendo em conta a geografia dos Estados em estudos, com base numa teoria. Por conseguinte, a recolha de dados quantitativos serve somente para comprovar os dados qualitativos assentes. Consequentemente é útil e oportuno utilizar o método qualitativo.

I.2.5. Método Histórico

Neste estudo de caso usar-se-á o método histórico, dado que se procura uma interpretação histórica através de um processo de análise sistemática com o objetivo de procurar continuidades ou ruturas históricas. Neste método usa-se mensuração qualitativa e documentos ou interpretações históricas para desenvolver ou testar hipóteses.

A História é usada nas Relações Internacionais para descrever ou explicar acontecimentos recorrendo-se a factos históricos. Estes factos estarão dependentes de uma orientação teórica implícita ou explícita. A descrição e explicação de acontecimentos é possível por se recorrerem a factos manifestos (ou seja, eventos que contemporâneos estavam cientes que ocorreram mesmo que as causas dos mesmos sejam obscuras) e a factos latentes (isto é, eventos que os contemporâneos não estavam cientes quando ocorreram) num cenário de retrospectiva.²⁷

I.2.6. Análise de Discurso

A informação recolhida para este estudo de caso único será tratada através da análise de discurso. Com este método procurar-se-á, através da compreensão do contexto histórico-social das relações, interpretar objetivos, motivações e perceções que estão subjacentes às suas ações.

Dentro das diversas tipologias de análise de discurso existentes, enveredar-se-á pela abordagem do discurso histórico (*discourse historical approach*). Este tipo de análise encontra-se inserida nas análises críticas de discurso, que procuram observar a

²⁷ Thies, C. G., 2002.

relação dialética existente entre um particular evento discursivo e a situação histórica, a instituição e estrutura sociais existentes.

A análise pela abordagem do discurso histórico é uma abordagem orientada para o problema. Tal se deve por analisar discursos dependentes de contexto, discursos esses relativos a validação de reivindicações normativas de atores sociais com pontos de vista opostos²⁸. Analisa-se o discurso como constituído primeiramente por relações de poder e estruturas sociais, tendo em conta o contexto em que o discurso é proferido e a memória histórica. Tem-se como ponto de referência o facto de que diferentes contextos históricos mediam estruturas sociais objetivas e atores sociais subjetivos.

O objetivo máximo da análise pela abordagem do discurso histórico é criar quadros teóricos e conceptuais historicamente informados através da associação da informação de todos os discurso, textos, géneros e campos de ação.

Recolha de dados

Relativamente ao método de recolha de dados, recolher-se-ão dados de bibliografia histórica relativamente às relações internacionais entre os Estados Unidos e o Médio Oriente, privilegiando os países em estudo, bem como bibliografia histórica especializada no Médio Oriente em si. Para conhecimento dos eventos da atualidade, analisar-se-ão artigos jornalísticos bem como análises em revistas e *thinktanks* políticos. De igual forma, procurar-se-á realizar entrevistas semiestruturadas aos embaixadores em Lisboa dos Estados Unidos da América, da Arábia Saudita e de Israel, procurando compreender como os mesmos entendem o papel das citadas relações nos recentes eventos políticos no Médio Oriente. Para análises geopolíticas e geoestratégicas, recolher-se-ão dados demográficos, sociais e económicos.

I.3. Enquadramento teórico

De acordo com Ryan²⁹, os diversos académicos que se debruçam no estudo das alterações sistémicas Médio Oriente raramente associam somente uma escola ou perspectiva das Relações Internacionais para compreender a política externa nesta região.

Consequentemente, este capítulo dividir-se-á em três partes. Primeiramente, referir-se-ão algumas das abordagens teóricas utilizadas por estes estudiosos para

²⁸ Glynos, Howarth, Norval, Speed, 2009, p. 18

²⁹ Ryan, 2019.

escrutinar a política externa e as relações táticas desenvolvidas no Médio Oriente. Em segundo lugar, explicar-se-á a teoria que será utilizada nesta dissertação. Por fim, explicar-se-ão as razões pelas quais a supracitada teoria foi escolhida para enquadrar esta dissertação.

I.3.1. Abordagens teóricas utilizadas para estudar o Médio Oriente

Podemos distinguir diferentes abordagens que se inserem em escolas da Teoria das Relações Internacionais. Primeiramente, aborda-se as abordagens teóricas que se inserem na Teoria Construtivista das Relações Internacionais. Consistem em quatro abordagens consideradas normativas. Em segundo lugar, compreende-se a existência de uma abordagem mais liberal que segue a Teoria Liberal das Relações Internacionais. De seguida, observamos duas abordagens teóricas que seguem a Teoria Realista das Relações Internacionais, mais especificamente a Teoria Neorrealista de Waltz.

Relativamente à abordagem normativa, identificamos as abordagens teóricas desenvolvidas por Barnett, Matar e Hilal. Estes académicos referem que o Arabismo, por ser um desafio transnacional à soberania estadual é o que distingue o sistema regional do Médio Oriente dos restantes.

Barnett³⁰ refere que as dinâmicas regionais são consequência de uma fragmentação normativa na política árabe. Esta fragmentação normativa deriva de os Estados desejarem manter a sua soberania, não desejando delegá-la a uma organização supranacional, visto que sofreram com o imperialismo³¹. Além do mais, os líderes desejam manter-se no poder, criando toda uma narrativa para assegurar a sua posição no país.³² Por fim, o próprio Arabismo causa esta fragmentação normativa. Tal se deve por o mesmo ser utilizado por estes líderes para assegurarem a sua própria legitimidade no seu país³³. Contudo, o próprio Arabismo concedia-lhes normas de como agir e como proceder, de reconciliação entre Estados inimigos. Assim, surgiram diferentes

³⁰ Barnett, 1998.

³¹ “*The mandate system and colonialism created the territorial boundaries of these states, and the anticolonial tide in these countries largely demanded immediate independence and sovereignty rather than rewriting the borders that were a gift of the West.*” Barnett, 1998, p.34.

³² “*The game involved a succession of devious transactions between players who invariably pretended to stand for nationalist ideals and principles aimed at the common good, while they strove to outwit and overturn one another, motivated by atavistic loyalties and insecurities for which the professed ideals and principles normally served as a mere cover.*” Kamal Salibi, in Barnett, 1998, p.35.

³³ “*In general, Arab leaders wanted to be associated with the norms of Arabism for reasons of self-image and self-interest.*” Barnett, 1998, p.38.

interpretações e imposição das mesmas por diversos Estados³⁴. Devido a esta fragmentação normativa, os Estados ficam constrangidos no seu relacionamento com o Ocidente e Israel.

Relativamente a esta abordagem, Gause³⁵ refere que, apesar do autor classificar bem o conceito de fragmentação normativa, a sua mensuração é difícil. De igual forma, existem diversas conceções que desafiam esta noção.

Matar e Hilal³⁶, por sua vez, procuram estudar a transformação do sistema do Médio Oriente, referindo que este deriva da junção de quatro variáveis distintas: a distribuição de poder, as capacidades estaduais, as mudanças ideológicas e a interferência dos poderes externos. Consequentemente, a transformação de um sistema consiste na “mudança fundamental nas capacidades de poder de um sistema, ou nos tipos de ideologias dominantes, especialmente na sua doutrina mais predominante, ou nas formas de alianças de tal maneira que leva a uma perturbação na balança de poder do mesmo e na formação de novos eixos de base económica ou ideológica”³⁷.

No entanto, para Gause, é difícil tanto de operacionalizar como de definir. Igualmente, nenhuma das variáveis é necessária e nenhuma é suficiente para explicar a transformação do sistema.

Brown³⁸ também segue uma abordagem normativa, baseada na importância da cultura otomana na multipolaridade de atores na região. De acordo com este autor, a cultura otomana é essencial para compreender como funciona a diplomacia no Médio Oriente, sendo esta baseada nas alterações de alianças, na penetração no sistema de grandes potências externas, na ênfase na diplomacia reativa e na prevalência da mentalidade *soma zero*. Consequentemente, há homeostasis, ou seja, nenhum ator se impõe na região por causa das reações dos restantes³⁹. Contudo, Gause refere que há dificuldade em qualificar e compreender como funciona esta diplomacia reativa. Além do mais, refere que a existência de múltiplos atores na região é mais relevante do que a cultura otomana.

³⁴ “Because this was a collective undertaking—whatever norm emerged would constrain their future freedom of action and potentially complicate their political stability—and because Arab states had divergent views of these norms, they competed to impose their interpretation of the social situation.” Barnett, 1998, p.39.

³⁵ Gause III, 1999.

³⁶ Matar e Hilal, 1983, in Gause III, 1999.

³⁷ Matar e Hilal, 1983, in Gause III, 1999, p. 17. Tradução própria.

³⁸ Brown, 1984, in Gause III, 1999.

³⁹ “the inability of a single power to achieve hegemony in the region.” Gause III, 1999, p. 17.

Seguidamente distingue-se uma abordagem mais Liberal. Esta, de acordo Barnett e Levy⁴⁰, consiste no facto de as políticas internas e económicas serem necessárias para compreender qualquer Estado, mas em especial o Médio Oriente. Tal se deve, de acordo com estes atores, por os governos não terem legitimidade, tendo de manter as suas alianças e poder sob a concessão de benefícios materiais.⁴¹ Lynch⁴², por os interesses que conduzem as políticas serem gerados internamente, de forma subjetiva e variável. Nas palavras de Ryan⁴³ a segurança nacional acaba por ser tanto contra ameaças internas, como contra ameaças externas, dado que o seu próprio conceito, no Médio Oriente, tem a economia como base. Consequentemente, Brand⁴⁴ refere que as alianças são baseadas no desejo de segurança orçamental, visto que os regimes autocráticos necessitem de riqueza para poderem manter o seu poder⁴⁵. Contudo, apesar do Médio Oriente dever ser abordado tendo em conta as políticas internas e económicas de cada Estado, as políticas não são somente geradas internamente de forma subjetiva. Ao longo da história desta região, várias nações têm percecionado diversos Estados como ameaças para as suas existências, soberania e hegemonia de forma objetiva, observando a realidade.

Por fim, distinguimos uma das abordagens baseadas na Teoria Neorrealista de Waltz, sendo esta uma abordagem sistémica. Primeiramente, temos o conceito de “*Role Theory*” de Darwich⁴⁶, que procura estudar como as alterações ao nível global modificam as dinâmicas regionais de cooperação e conflito. Esta abordagem segue uma perspetiva interacionista dado que os “papéis” surgem da interação entre os Estados e as expectativas externas.

⁴⁰ Barnett e Levy, 1991, in Ryan, 2019, p. 8

⁴¹ “(...)their rule is often maintained by a narrow base of political support and fragile coalitions that are solidified more by material benefits and less by a mobilizing ideology.” Barnett e Levy, 1991, p. 376.

⁴² Lynch, 1999, in Ryan, 2019, p. 8

⁴³ Ryan, 2002; 2009; 2015a; 2016, in Ryan, 2019, pp. 8,9

⁴⁴ Brand, 1994a; 1994b, in Ryan, 2019, p. 8

⁴⁵ “The ruling elite must ensure that it has the funds needed to direct policy and remain in control. (...) foreign policy, in general, and alliance formation, in particular, may well constitute an integral part of the state-building or regime-consolidation process. In this way, national security at its most basic may, in fact, be budget security, (...) Thus, alignment and alliance decisions may be made (...) to help balance the budget or to insulate against future potential economic challenges from abroad. Thus, state or regime behavior may be described most accurately as budget stabilizing, stability promoting, or regime ensuring.” Brand, 1994b, p. 394.

⁴⁶ Darwich, 2019.

I.3.2. Teoria das Alianças, de Stephen Walt

A segunda abordagem baseada na Teoria Neorrealista de Waltz é a Teoria das Alianças de Stephen Walt. É neste autor que encontramos o maior contributo para compreender as dinâmicas no Médio Oriente.

Stephen Walt⁴⁷ refere que é através das alianças que os Estados reagem perante uma ameaça externa, dado que a ordem mundial é por natureza anárquica. Sendo assim, o autor distingue que mais importante do que contrabalançarem-se tendo em conta o poder, é haver uma balança contra a ameaça.

De acordo com a teoria da balança da ameaça deste autor, os Estados reagem não só contra um poder superior, mas contra ameaças percecionáveis. Estados com mais poder agregado (sendo estas capacidades medidas em termos de total de população e maior inovação tecnológica e industrial), com maior proximidade geográfica, com forças militares ofensivas e intenções agressivas (Estados que se assemelham agressivos levam mais facilmente os outros a balançar contra eles) são razão de uma coligação de Estados que desejam manter o *status quo*. Contudo, Snyder⁴⁸ refere que existe uma terceira balança relevante na formação de alianças, sendo esta a balança da dependência, que se altera de acordo com as mudanças na segurança nos membros e suas avaliações e perceções.

Stephen Walt, nos seus trabalhos, distingue entre duas estratégias para formação de alianças. A primeira estratégia consiste em “aproveitamento”⁴⁹ (“*bandwagoning*”), que se trata nos Estados a aliarem-se ao Estado que se percebe mais perigoso, dado que coloca em causa do *status quo*. A política externa de uma aliança que enverede por este tipo de estratégia é descrita como sendo mais beligerante e ofensiva. Consequentemente, existe a preponderância da criação de estabelecimentos militares eficazes, bem como as rivalidades são intensas, recorrendo-se à força nas disputas internacionais. Os Estados que se aproveitam de um Estado forte agressivo revisionista são Estados fracos, que procuram apaziguar o mesmo para não serem atacados. Estes Estados, por não terem os seus aliados que realizam “balanço”⁵⁰ (“*balancing*”) disponíveis, enveredam por esta estratégia com Estados que se assemelham fortes e agressivos, com o desejo de receber os espólios da vitória no caso de uma guerra.

⁴⁷ Walt, 1985, 1989.

⁴⁸ Snyder, 1990

⁴⁹ Tradução própria.

⁵⁰ Tradução própria.

Schweller⁵¹ distingue quatro formas de realizar aproveitamento. Primeiramente identifica a “*jackal bandwanging*⁵²”, que consiste em quando um Estado revisionista mais fraco alia-se a um expansionista. De seguida distingue o *piligrón*, que é quando os Estados se aliam aos poderes de status quo procurando estabilidade e benefícios. Também refere a existência do *wave of the future*, que é quando um Estado se alia a um poder mais forte que representa novas ideologias. Por fim, diferencia a estratégia do efeito dominó ou contágio, que é quando um incidente externo conduz a um aproveitamento contínuo na região.

A segunda estratégia de formação de alianças distinguida por Walt trata-se de balanço, que consiste em aliar-se ao Estado que preserva o *status quo* em oposição à principal fonte de perigo. Os Estados procuram agregar ou criar poder internamente ou através de uma política externa. Tem-se em vista ou exercer o balanço contra o Estado agressivo, a denominada balanço negativo, ou melhorar as capacidades do próprio Estado ou aliança, ao que se denomina balanço positivo.⁵³ As capacidades estaduais que a estratégia tem em mente, quer sejam para atacar do Estado agressor que sejam para aperfeiçoar do Estado que balança, poderão ou não ser militares⁵⁴ (balanço *hard* ou *soft*, de acordo com o objetivo).⁵⁵ A política externa de uma aliança que siga esta estratégia caracteriza-se como sendo mais segura, dado que os Estados do *status quo* procuram evitar coligações de contra-ataque, utilizando, conseqüentemente, política mais defensivas. O que os motiva a conduzirem esta estratégia é o autointeresse, visto que desejam garantir a sua sobrevivência e o Estado forte deseja expandir a sua influência. Yetiv⁵⁶ refere que os Estados realizam balanço quando compreendem que o Estado que os ameaça militarmente, não sendo motivados nem por ameaças políticas nem ameaças ideológicas, não pode ser abordado de outra forma.

Walt refere que destas duas estratégias a mais enveredada na Política Internacional é precisamente esta segunda estratégia. Tal se deve por garantir a liberdade de ação do Estado. Da mesma forma, quando Estados a seguem por solidariedade ideológica, há uma defesa dos seus princípios ideológicos, existe um temor mútuo entre os Estados e legitima-se os regimes internos.

⁵¹ Schweller, 1994, in Morsy, 2019, p. 82.

⁵² “Aproveitamento de chacal” (tradução própria).

⁵³ Morgenthau e Thompson, 1950, in Bock e Henneberg, 2013, p. 8.

⁵⁴ Nexon, 2009, in Bock e Henneberg, 2013, p. 8.

⁵⁵ He, 2012, in Bock e Henneberg, 2013, p. 9.

⁵⁶ Yetiv, 2006, in Bock e Henneberg, 2013, p. 5.

Contudo, Bock e Henneberg⁵⁷ referem que a estratégia balanço é pouco fiável. Tal se deve por se percecionarem tendo em conta as nossas próprias expectativas e imaginando-se o que se deseja percecionarem.⁵⁸ Assim, causa-se um Dilema de Segurança⁵⁹, dado que, quando se realiza balanço a um Estado que se perceciona como agressor, este perceciona quem balança também como uma ameaça, acabando, de igual forma, por seguir a estratégia em causa.

Porém, Schweller⁶⁰ refere que estas duas estratégias de aliança não são opostas, como Walt refere, mas sim distinguem-se pelo facto de balanço resultar da expectativa de receber benefícios da aliança enquanto aproveitamento resulta da procura de segurança, acabando por prever custos.

No entanto, David, Christensen e Snyder identificam outras estratégias de alianças. A estratégia de *omnibalancing* é identificada por David⁶¹ consistindo esta em alinhar com um Estado tendo em conta uma ameaça interna. Christensen e Snyder⁶² identificam mais duas estratégias. A primeira consiste em um Estado não se envolver em guerra contra uma ameaça, mas esperar que outros Estados respondam por si. Denomina-se *buckpassing*, enquanto que *chain-gang* consiste em se sobrecomprometer numa aliança, envolvendo-se um Estado numa guerra contra ameaças que não o comprometem. Relativamente a este sobrecompromisso, Snyder⁶³ refere que ele deriva do dilema de segurança que existe nas alianças, entre receio de abandono da parte dos Estados da aliança e o aprisionamento derivado a esse sobrecompromisso. Contudo, este dilema, de acordo com o autor, não é um *trade off*, mas uma permanente negociação para otimizar e maximizar os valores para reduzir os riscos e os custos da aliança.

I.3.3. Teoria base para a tese

Após a exposição das supracitadas teorias, considera-se a utilização das teorias de Walt, mais especificamente a Teoria das Alianças e, dentro desta, a Teoria da Ameaça, as mais adequadas para o desenvolvimento desta dissertação.

Tal se deve por esta dissertação poder ser dividida em duas partes teóricas. Primeiramente, procurar-se-á realizar uma análise geopolítica e geoestratégica das

⁵⁷ Bock e Henneberg, 2013

⁵⁸ Heuer, 1999, in Bock e Henneberg, 2013, p.24.

⁵⁹ Herz, 1950, in Bock e Henneberg, 2013, p.24.

⁶⁰ Schweller, 2004, in Morsy, 2019, p. 81

⁶¹ David, 1991a; 1991b, in Ryan, 2019, p. 7

⁶² Christensen e Snyder, 1990, in Ryan, 2019, pp. 7,8

⁶³ Snyder, 1990

ameaças percebidas pela Arábia Saudita, por Israel e, igualmente, pelos Estados Unidos da América. Através dos fatores apresentados por Walt na Teoria da Ameaça, sendo estes o tamanho da população, a capacidade de inovação tecnológica e industrial, a proximidade geográfica, a presença de forças militares ofensivas e a percepção de agressividade, podemos discernir qual o Estado que se revela como o perturbador regional e, conseqüentemente, a maior ameaça para os supracitados Estados.

Em segundo lugar, igualmente se realizará uma análise de teor geopolítico e geoestratégico à Arábia Saudita e a Israel de forma a compreender que vulnerabilidades e potencialidades estes Estados apresentam bem como que interesses possuem. Assim, compreendendo se existem, ou não, interesses em comum, poder-se-á, através da Teoria das Alianças, discernir se os Estados em estudo estão a enveredar por algum tipo de relacionamento dos expostos por Walt. Conseqüentemente, poderemos compreender se a Arábia Saudita, Israel e, seguidamente, os Estados Unidos, perante o comportamento do perturbador regional, estão a enveredar por um relacionamento de “balanço” ou se de “aproveitamento”.

Conclusivamente, ao longo desta dissertação, e utilizando as Teorias de Walt, procurar-se-á descrever como é que os Estados em estudo, a Arábia Saudita, Israel e os Estados Unidos da América, estão a enveredar na formação de uma aliança tendo em conta as ameaças presentes no Médio Oriente.

Capítulo II: Análise Geopolítica e Geoestratégica

De forma a compreender a pertinência do Estado da Arábia Saudita e do Estado de Israel para a política externa dos Estados Unidos, em especial a geoestratégia norte-americana no Médio Oriente, iremos, numa primeira instância, realizar uma análise geopolítica e geoestratégica de ambos os Estados para compreender os seus interesses, potencialidades e vulnerabilidades.

Para guiar esta análise, este capítulo da dissertação procurará responder à seguinte pergunta derivada: *Quais os interesses, potencialidades e vulnerabilidades do Estado de Israel e da Monarquia da Arábia Saudita?*. Estes países serão estudados individualmente tendo em conta os fatores geopolíticos e geoestratégicos elaborados por Guido Fischer.

Os fatores em estudo são de três tipos. O primeiro tipo de fator é os fatores políticos, que consiste na posição, nas fronteiras, na dimensão territorial e populacional, na sua organização e cultura do Estado. O segundo tipo de fator é o económico, que trata da fertilidade do solo, da riqueza natural, da organização industrial, do nível tecnológico, do desenvolvimento do comércio, bem como a sua força financeira. O último fator trata-se do fator psicológico, que se debruça na capacidade de flexibilidade económica, na capacidade de intervenção, no sentido de preservação e de adaptação da população. De salientar que os fatores não serão explicitados ao longo do desenvolvimento deste capítulo, sendo a base para a análise geopolítica e geoestratégica.

No final de cada subcapítulo, elaborar-se-á um resumo das vulnerabilidades, das potencialidades e dos interesses do respetivo Estado em estudo.

II.1. A Arábia dos Saud⁶⁴

II.1.1. Um território aparentemente vantajoso⁶⁵

A Arábia Saudita, com uma dimensão de 2 149 690 quilómetros quadrados, tem uma localização geográfica vantajosa no continente Asiático, no Médio Oriente, na Península Arábica⁶⁶. Tal se deve por, devido à sua geografia, ser um ponto de cruzamento da África, estando a pouca distância do Egipto, do Sudão e da Eritreia, e da

⁶⁴ Tabela com fatores utilizados na análise da Arábia Saudita no Anexo 1, “Fatores de Guido Fischer para análise geopolítica e geoestratégica da Arábia Saudita”, na página i.

⁶⁵ Análise baseada da informação retirada de Central Intelligence Agency., n.d.d. e Philby, H. S. J. B., Ochsenswald, W.L., Teitelbaum, J., n.d.

⁶⁶ Conferir com mapa, no Anexo 2, “Mapa das cidades da Arábia Saudita”, na página ii.

Ásia, tendo pouca distância da Índia. Por consequência, este país foi local de fortes intercâmbios comerciais com estas duas regiões geográficas e com a Europa.

Esse favorecimento geográfico é aumentado por ter o Mar Vermelho e o Canal do Suez a oeste e o Golfo Pérsico a oriente. Consequentemente, criaram-se portos de importância extrema nestas duas costas. Al-Khobar e Al-Dammam são cidades portuárias no Golfo Pérsico, e, no Mar Vermelho, encontra-se Jidá, que é, na realidade, o maior e mais importante porto saudita.

Relativamente a fronteiras terrestres, a Arábia Saudita tem como países fronteiriços o Iraque, a Jordânia, o Kuwait, o Omã, o Qatar, os Emirados Árabes Unidos e o Iémen. Com a maioria destes vizinhos os conflitos e disputas fronteiriços encontram-se resolvidos. Este país tem uma superioridade regional que se exemplifica pela sua posição no Conselho de Cooperação dos Estados Árabes do Golfo⁶⁷, de que faz parte juntamente com o Omã, os Emirados Árabes Unidos, o Qatar, o Bahrein e o Kuwait. A sua posição é de maior destaque dado não só a organização ter sido proposta por este país e a sede estar em Riade, bem como também pela sua importância em termos religiosos, económicos, de defesa e geográficos.

No entanto, esta sua localização também tem as suas desvantagens. A fronteira com o Iraque, apesar de estar estabelecida uma Zona Neutral desde 1981, é instável, verificando-se, ocasionalmente conflitos. Com o Iémen, tendo a disputa fronteiriça sido resolvida em 2000, verifica-se a problemática deste país sofrer uma guerra civil. Tanto um Iémen fraco como Iémen forte, são uma ameaça para os Sauditas. Um Iémen forte pode desafiar a posição da Arábia Saudita no Golfo. Por sua vez, um Iémen colapsado pode significar instabilidade regional e muitos imigrantes para a Arábia Saudita. Com o Qatar, o desafio não se revela a nível fronteiriço. A sua fronteira encontra-se estabelecida desde 2001. A problemática que o Qatar representa para a Arábia Saudita consiste na sua instabilidade em termos ideológicos.

Na Arábia Saudita existe a maior área de areia contígua do mundo⁶⁸, com uma extensão de 647 500 quilómetros quadrados, denominada Rub' al-Khali. No entanto, praticamente todo o país é um conjunto de desertos ligados entre si, havendo somente uma quebra significativa, o Planalto Central, quase encostado à costa do Mar Vermelho. Ora, para além do território ser arenoso, não existem recursos aquáticos, somente águas mananciais e alguns oásis, o que torna o solo pobre.

⁶⁷Encyclopædia Britannica, 2019.

⁶⁸ Conferir com mapa topográfico, no Anexo 3, “Mapa topográfico da Arábia Saudita”, na página iii.

II.1.2. Coesão tribal assente na religião

Em 2019 existiam, aproximadamente, 34 140 milhões de pessoas na Arábia Saudita⁶⁹, sendo quase 16 pessoas por quilómetro quadrado⁷⁰. A população encontra-se em crescimento, devido aos melhores cuidados de saúde⁷¹. É uma população jovem, com uma média de idade inferior a 30 anos⁷², mas com uma esperança média de vida de 75 anos⁷³. A Arábia Saudita também está a tornar mais urbanizada, o que se explica também pela sedentarização da população beduína. Destacam-se as seguintes cidades: Meca e Medina, como centros religiosos, Riade, como capital política e administrativa, Dhahran, como centro administrativo da ARAMCO, e Jidá, como a cidade comercial e portuária mais importante.⁷⁴

Existem três pilares em que se assenta a cultura saudita: o Tribalismo beduíno, a cultura árabe, muito presente da região Najd, de onde os Al-Saud são provenientes, e, por fim, o Islamismo *Wahhabita*, da região de Hijaz.

Os Beduínos são uma tribo nómada da Península Arábica que, ainda hoje, sobrevivem, na zona do Golfo, como pescadores e agricultores e, no interior da Arábia, pela criação de camelos e comércio. Esta cultura comercial e nómada foi proveitosa militarmente, pois, em 1920, apoiaram Abd al Aziz ibn Ikhwan Saud na unificação do que hoje é a Arábia Saudita, que nasceu em 1932. Os Al-Saud são provenientes da região de Najd que, por não ter sofrido muito influências de outros países por não ser um entreposto comercial, consideravam ser possuidores da autêntica cultura árabe, puros genealogicamente e linguisticamente.⁷⁵

Ibn Saud, para ter legitimidade religiosa para iniciar a sua campanha de unificação, alinou-se a Muhammad bin Abd al-Wahhab, um intelectual muçulmano que procurou purificar o Islão Sunita. Ao unificarem a Península Arábica, unificaram a região de Hijaz, onde se situam as cidades sagradas de Meca e Medina⁷⁶.

⁶⁹ Conferir com imagem, no Anexo 4, “População da Arábia Saudita de 2007 a 2019”, na página iii.

⁷⁰ Conferir com gráfico, no Anexo 5, “Densidade Populacional na Arábia Saudita de 2008 a 2018”, na página iv.

⁷¹ Conferir com gráfico, no Anexo 6, “Taxa de mortalidade, feminina e masculina, e Taxa de Natalidade da população da Arábia Saudita entre 2007 e 2017”, na página v.

⁷² Central Intelligence Agency., n.d.d.

⁷³ Conferir com gráfico, no Anexo 7, “Esperança Média de Vida masculina e feminina na Arábia Saudita, entre 2007 e 2017”, na página v.

⁷⁴ Análise baseada da informação retirada de Central Intelligence Agency., n.d.d. e Philby, H. S. J. B., Ochsenswald, W.L., Teitelbaum, J., n.d.

⁷⁵ Análise baseada da informação retirada de Al-Kandari, A., Gaither, T.K., 2011 e Altwaiji, M., 2017.

⁷⁶ Análise baseada da informação retirada de Ayoob, M., 2004, Blanchard, C.M., 2008 e Fahmy, D., 2018 e Gilad, E., 2015.

No entanto, o facto de a Arábia Saudita ser um Estado recente com povos antigos leva a que haja uma diversidade regional não reconhecida pelo regime. Consequentemente, os Al-Saud assentam a sua legitimidade em dois fatores⁷⁷. Primeiramente, no sistema governativo, que é uma Monarquia Absoluta. Sendo o Rei Saudita o chefe de governo, chefe de estado e supremo juiz, aponta os membros para o Conselho de Ministros, que é dominado pela família real, bem como a Assembleia Consultiva (*Majlis al-Shura*), que somente tem o poder de propor rascunhos legislativos ao Rei. Não existe oportunidade de ser concedida uma opinião. Além do mais, é proibida a liberdade de organização. Mesmo não sendo uma tribo, os Al-Saud governam de forma tribal, aplacando rivalidades criando consenso, através do tradicional conselho *diwan*, e aniquilando vozes discordantes ao seu governo.

A segunda forma de legitimação é, precisamente, a religiosa. Primeiramente, tem a legitimidade religiosa de ser Rei da Arábia Saudita, onde o Islamismo nasceu e onde se encontram as duas cidades sagradas, Meca e Medina. Consequentemente, o Rei Saudita tem o título de “Guardião dos Lugares Sagrados”, ou seja, das duas grandes e mais importantes mesquitas do Islão: *Al-Masjid Al-Harām* em Meca e *Al-Masjid an-Nabawi* em Medina.

Da mesma forma, o Estado não tem uma constituição independente do Islão. A Constituição é o Corão e a Suna, a lei é a Sharia. Somente existe, por serem assuntos não tratados na Lei Islâmica, uma Lei Básica de Governo e uma Lei Administrativa constituída por Decretos-Lei.

Em segundo lugar, a sua legitimidade vem do *Wahhabismo*. A parceria iniciada entre Ibn Saud e al-Wahhab persiste até hoje. Em troca de ignorar a relação económica e de segurança que a Arábia Saudita possui com os “infieis” Estados Unidos da América, os clérigos *Wahhabitas* têm controlo sobre a educação, a cultura, a justiça e a sociedade. Assim, propagam-se os valores de devoção ao grupo inerentes ao Islamismo, nos quais está implícita não se difamar a família real, em troca de propagação, pelos diversos mecanismos governamentais e reais, o *Wahhabismo*.

Contudo, também presente no *Wahhabismo* e no Islamismo Sunita encontra-se o princípio de divisibilidade do Estado da Religião. A religião concede legitimidade ao regime, mas os Saud têm primazia ao *Wahhabismo*. Aproveitando-se deste princípio, o Príncipe Herdeiro Mohammad bin Salman (a partir de agora citado como Príncipe

⁷⁷Análise baseada da informação retirada de Hamid, S., Mandaville, P., 2018, Sawe, B.E., 2018 e Yamani, M., 2008.

MBS) tem procurado retornar ao Islão Moderado (*wasatiyya*). Esta vertente religiosa trata-se, na realidade, de uma posição política. Através da adoção desta vertente do Islão, os Estados procuram atrair financiamento para levarem a cabo diversas atividades ideológicas para confirmarem a posição antiextremista⁷⁸. Desta forma, combate dois aspetos inerentes ao Islão. Primeiramente o tradicionalismo, a resistência à mudança, em que se procura manter fiéis às regras e estruturas convencionais para prevenir a aculturação dos valores ocidentais, sendo difícil a inovação e modernização. Em segundo lugar, o patriarcalismo, que dificulta a entrada da mulher no mercado de trabalho.

Estando a afastar os clérigos do poder, limitando os poderes da polícia religiosa e diminuindo o número de recursos dedicados a instituições religiosas para a proclamação do *Wahhabismo*, o Príncipe MBS tem procurado investir no primeiro pilar da sua *2030 Vision*, “Sociedade Vibrante”, em que há uma valorização dos recursos humanos, permanecendo nos princípios islâmicos. Assim, têm estado a ser realizadas reformas culturais que permitem que as liberdades para as mulheres sejam implementadas. Algumas foram a primeira eleição de mulheres para Conselhos Municipais e a eleição da Dra. Norah Al-Fayez como Ministra para a Assembleia Consultiva. Às mulheres também têm possibilitado integrarem-se nas Forças Armadas e nos Serviços de Informação. Também estão a poder usufruir de liberdade nas formas de vestir, tendo até sido realizado o primeiro desfile de Moda da marca americana *Vogue* neste país, bem como poderem conduzir e usufruir de entretenimento.⁷⁹

No entanto, a própria religião pode ser uma debilidade estratégica para a Arábia Saudita, pois a sua estabilidade pode ser posta em causa. Perante as reformas sociais que o Príncipe Herdeiro realizou, os *Wahhabitas* podem, em sinal de desaprovação, retirar o seu apoio à Casa Real. Perante um cenário destes, ainda que remoto, os Al-Saud perderão um pilar em que se assenta a sua legitimidade, que poderá ter diversas repercussões religiosas e tribais na sua Monarquia.

⁷⁸Hamid, S., Mandaville, P., 2018.

⁷⁹ Análise baseada da informação retirada de AFP, 2018, Herdianto, H., 2019 e Lacroix, S., 2019.

Uma divergência no Islamismo que divide uma sociedade⁸⁰

Uma grande problemática existente na sociedade saudita é a discriminação entre sunitas e xiitas.

A população xiita é a maior minoria residente na Arábia Saudita, sendo à volta de 10 a 15 por cento da população.⁸¹ A maioria dos xiitas encontram-se na Província Oriental, ou seja, a província onde se encontram as maiores fontes de petróleo. 33 por cento dos residentes nesta Província são xiitas⁸². Nesta província, residem maioritariamente em cidades e aldeias em Damman, al-Hasa e Qatif. Também existem xiitas em Najran, perto da fronteira com o Iémen. Consequentemente, reconhecemos que esta minoria religiosa reside próximo de fronteiras com países cuja população xiita é predominante ou poderosa.

Esta minoria tem sido discriminada, desde a fundação da Arábia Saudita, em 1913. A discriminação é realizada em diversas esferas da sociedade.⁸³ Em termos judiciais, não recebem tratamento equitativo. De igual forma, sofrem tortura e pena de morte se realizarem, por exemplo, protestos. Em relação à prática social, existem várias restrições. Em termos de prática de profissões, os xiitas não podem exercer altas patentes na diplomacia, em termos militares, da segurança, bem como na política. De igual forma, não beneficiam da riqueza petrolífera da Província Oriental, onde residem e, maioritariamente, trabalham. Em termos religiosos, não há liberdade de prática religiosa. Os xiitas não podem construir mesquitas e o Estado não financia os clérigos xiitas. Também são proibidos de celebrar as festividades xiitas, bem como são obrigados a interpretar o Islão na variante sunita. O Estado também realiza doutrinação contra os xiitas, quer através de livros escolares, quer através da própria retórica, acusando esta minoria de ser herege. Por fim, é também proibido realizar-se casamentos entre as duas variantes do Islão.

Esta importância da doutrina Wahhabita na discriminação dos xiitas da vida pública deve-se ao facto do governo ser apoiado pelo estabelecimento religioso. Consequentemente, o anti-xiismo é importante para o cálculo político para que haja legitimidade religiosa do regime. Outras razões políticas⁸⁴ para haver discriminação e

⁸⁰ Análise baseada da informação retirada de Bar, S., 2005, Constantin, S., 2016, International Crisis Group, 2005, Jones, T., 2007, Martins, N.A., 2016, Solomon, J., 2006 e Teitelbaum, J., 2010.

⁸¹ Central Intelligence Agency., n.d.c.

⁸² Conferir com mapa, no Anexo 8, “Mapa dos Xiitas na Arábia Saudita”, na página vi.

⁸³ Constantin, S., 2016

⁸⁴ Coogle, A., 2017, Jones, T., 2007, Teitelbaum, J., 2010, p.74.

repressão deve-se, precisamente, ao facto desta minoria se situar, maioritariamente, nas regiões petrolíferas.

Podemos identificar dois polos de relacionamento entre os sunitas e os xiitas.⁸⁵ O primeiro consiste na reaproximação, ou *taqrib*. Desde 1743 que se procuram criar diversas iniciativas de reaproximação em que se reconhece o Xiismo como uma escola do pensamento islâmico. Um dos momentos de reaproximação ocorreu com a formação de um lobby para uma reforma institucional em 2003 por sunitas e xiitas sauditas. O objetivo principal foi entregar uma petição para haver maior responsabilização do governo perante o povo, acabar com a corrupção dos líderes sauditas, bem como para haver uma melhor integração dos cidadãos sauditas na estrutura governativa e maior liberdade dos xiitas. A petição foi entregue e este grupo foi recebido pelo Príncipe Herdeiro Abdallah.

No entanto, a reaproximação nunca foi totalmente aceite pela maioria sunita. Tal se deve por o Wahhabismo considerar o *taqrib* como um pacto com o paganismo, *shirk*. Consequentemente, a maioria dos acontecimentos ocorrem no segundo polo, *takfir*, ou seja, a existência de conflito e de desejo de aniquilação do lado oposto. Este relacionamento é caracterizado por acusações de traição, de heresia, de engano e de colaboração com os inimigos dos muçulmanos.

Atualmente vive-se um momento de *takfir*. Em 2017, iniciaram-se episódios de violência na Província Oriental, na cidade de Awamiya. Estes ocorreram por o regime desejar demolir um bairro histórico, chamado Al-Masoro, para realizar um centro comercial, o que levou a que 90 por cento dos residentes da cidade ou fossem expulsos ou fossem forçados a sair pelo governo. Contudo, acredita-se que o centro comercial era uma desculpa para o governo dispersar e dissolver a minoria xiita presente nesta área, bem como terminar com a sua cultura existente no bairro histórico.

As forças de segurança sauditas encontraram, em maio desse ano, resistência armada e, até 26 de julho, houve escalada de violência. As forças de segurança atacaram residentes e lojas xiitas, atirando arbitrariamente aos residentes na rua, prendendo quem saísse de casa e até quem estivesse longe da cidade. Consequentemente, houve, pelo menos 15 pessoas mortas, bem como 14 pessoas no corredor da morte.⁸⁶

⁸⁵ Bar, S., 2005.

⁸⁶Coogle, A., 2017, Hein, M. v., 2017.

II.1.3. Uma economia petrolífera à busca da diversificação⁸⁷

A grande riqueza saudita encontra-se nos seus recursos petrolíferos, que consistem em 50 por cento da riqueza natural da Arábia Saudita. Existem, de igual forma, vastos recursos de gás natural, mas estes não se comparam à riqueza petrolífera. Ghawar é o maior campo de petróleo⁸⁸, produzindo 75 mil milhões de barris de petróleo. Relacionada com esta abundância, existe a Saudi ARAMCO (*Arabian-American Oil Company*), atualmente *Saudi Arabian Oil Company*. Esta é considerada a companhia mais lucrativa do mundo, produzindo 11 mil milhões de dólares de lucro anuais⁸⁹.

Graças à produção petrolífera, deu-se o desenvolvimento de infraestruturas, tecnologias e de maquinarias. A economia petrolífera também conduz a uma atração de população de países como o Paquistão, Egito, da Palestina, Síria e Iraque, inclusivamente da Coreia do Sul e Filipinas⁹⁰. Estes imigrantes são contratados para trabalhos nas refinarias, o que permite que haja libertação de cidadãos sauditas para os setores dos serviços, da educação, da saúde, entre outros setores sociais. A riqueza petrolífera também é fonte de legitimação do governo.

Contudo, a grande dependência do petróleo revela-se prejudicial. Tal se deve por a economia depender de um setor para fonte de sustento, a exportação do petróleo, que é, aproximadamente, 77 por cento do total das exportações^{91 92 93}. Tal põe em risco a capacidade de a economia manter um certo nível de crescimento económico quando há uma quebra de produção ou exportação⁹⁴. De igual forma⁹⁵, todos os setores da economia, incluindo o setor privado, encontram-se dependentes dos gastos e dos projetos governamentais, que são orientados pela economia petrolífera.

Igualmente, a legitimidade real é posta em causa. Primeiramente, porque a Arábia Saudita tornou-se um Estado petrolífero, em que as receitas não são produzidas,

⁸⁷ Análise baseada da informação retirada de Albassam, B. A., 2015, John, S., 2019, Herdianto, H., 2019, Northam, J., 2019, Philby, H. S. J. B., Ochsenswald, W.L., Teitelbaum, J., n.d.

⁸⁸ Sobre os campos petrolíferos sauditas, conferir com o mapa, no Anexo 9, “Mapa das Infraestruturas de gás e petróleo da Arábia Saudita”, na página vii.

⁸⁹ John, S., 2019.

⁹⁰ Conferir com a imagem no Anexo 10, “População estrangeira na Arábia Saudita entre 2017 e 2018”, na página viii, e com gráfico no Anexo 11, “População estrangeira na Arábia Saudita entre 2017 e 2018”, na página ix.

⁹¹ General Authority for Statistics of the Kingdom of Saudi Arabia, 2019, p. 8.

⁹² Conferir com a imagem no Anexo 12, “O que a Arábia Saudita exportava em 2017”, na página ix.

⁹³ Sobre as importações e exportações sauditas, conferir com o gráfico, no Anexo 13 “Percentagem do PIB de Importações e de Exportações da Arábia Saudita, de 1970 a 2017”, na página x.

⁹⁴ Conferir com o gráfico, no Anexo 14 “Crescimento da economia da Arábia Saudita em comparação com a Percentagem do PIB em Petróleo de 1970 a 2017”, na página x.

⁹⁵ Albassam, B. A., 2015.

maioritariamente, internamente, mas sim externamente, pela exportação do petróleo. Consequentemente, não existe uma elevada taxaço do povo. Todavia, todo o rendimento se acumula para o Estado, ou seja, para a família real, não sendo investido na população. Assim, existe uma distribuição desigual entre as diversas províncias e, perante uma quebra das exportações ou da produção, a legitimidade estadual é posta em causa. Em segundo lugar, é o petróleo que alimenta a proclamação da doutrina *Wahhabita* para haver uma homogeneização do Estado. Desta forma, quando existe uma quebra, surgem tendências separatistas que colocam em causa a identidade nacional e a integridade territorial⁹⁶. Além do mais, as maiores e mais importantes refinarias encontram-se em províncias de maioria xiíta.⁹⁷

No entanto, tem-se verificado, ao longo dos anos, uma procura para diversificar a economia⁹⁸. Na sua *Vision 2030*, o Príncipe Herdeiro MBS criou o pilar denominado “Economia Abundante”.⁹⁹ Neste, refere que procurará diminuir mais a dependência da economia saudita do petróleo e do gás natural, procurando captar investimento. Uma das formas de busca pela diversificação consiste em desenvolver mais a produção elétrica. De igual forma, tem-se procurado fortalecer outros setores da economia.

Relativamente à agricultura, na Arábia Saudita encontra-se a maior fábrica de lacticínios do mundo, a Al-Marai, com 90 500 vacas leiteiras produzindo 1 bilhão de litros de leite por dia¹⁰⁰. Na produção agrícola, metade desta consiste em agricultura de sequeiro em Asir, dois quintos consistem em silvicultura, e o restante é agricultura de irrigação, em Riade e Al-Qasim, onde existem recursos aquíferos. Desta forma, produzem-se cereais, ovos e leite. Para melhorar a agricultura, tem-se procurado construir barragens para guardar água.

Relativamente ao setor dos serviços, a partir da segunda metade do século XXI verificou-se um aumento deste setor. Presentemente, três quartos dos trabalhadores servem na administração civil, na defesa, no comércio, na hotelaria e no turismo, o que consiste em um quarto do PIB¹⁰¹. Relativamente ao setor turístico, tem-se criado *resorts* na costa do Golfo Pérsico. Contudo, a principal fonte das receitas turísticas é o turismo religioso.

⁹⁶ Yamani, M., 2008

⁹⁷ Fahmy, D., 2018.

⁹⁸ Sobre a economia saudita, conferir com o gráfico, no Anexo 15 “Economia da Arábia Saudita em 2017”, na página xi.

⁹⁹ Herdianto, H., 2019.

¹⁰⁰ John, S., 2019.

¹⁰¹ Philby, H. S. J. B., Ochsenwald, W.L., Teitelbaum, J., 2019.

A Universidade de Ciências e Tecnologias de Jidá ajuda a passar a imagem de uma Arábia Saudita como centro científico regional.

II.1.4. Uma defesa baseada em interesses externos¹⁰²

As vantagens da localização geográfica estão presentes na presença de quatro bases¹⁰³¹⁰⁴ cuja importância é de salientar. A primeira, e menos importante, é a Base da Força Aérea presente na Vila de Eskan. Esta base militar é operacional, sendo considerada uma residência de longo termo, encontrando-se inserida numa aldeia americanizada, a 20 quilómetros da base aérea de Riade. Esta base foi utilizada em duas operações importantes. A primeira foi a *Operation Desert Shield*¹⁰⁵ e a seguinte a *Operation Desert Focus*¹⁰⁶.

A segunda base menos relevante é a Base da Força Aérea Rei Khalid em Khamis Mushayt. Esta base, inicialmente, era um aeroporto, cujos 4,2 quilómetros de pistas levaram a que este fosse transformado num dos pontos de paragem mais importantes para as forças aliadas da Primeira Guerra do Golfo. A sua proximidade da capital também torna esta base um ponto de importância. Consequentemente, a sua função civil ainda permanece, visto que é uma base utilizada para voos comerciais, civis, mas também das forças aéreas árabes.

Em terceiro lugar, temos a Base da Força Aérea Rei Abdul Aziz, na Província Oriental. Esta base é importantíssima devido à sua localização estratégica, perto do Golfo Pérsico, tendo uma distância de Riade de 500 quilómetros. Consequentemente, é utilizada com ponto de aterragem de voos entre a Ásia e outros continentes.

Por fim, a Base da Força Aérea em Riade é considerada uma das bases americanas mais importantes do mundo. Tal se deve à sua posição estratégica. Encontra-se numa zona central do Médio Oriente, concedendo oportunidade às tropas americanas de lidarem com potenciais conflitos nesta região, como foi o caso do Kuwait. Além do mais, a sua posição encontra-se entre o Irão, o principal adversário americano e saudita na região, e Meca, a cidade sagrada do Islamismo. É de salientar

¹⁰² Análise baseada da informação retirada de Atomic Heritage Foundation, 2018, Bahgat, G., 2006, Borger, J., 2014, Ferrero, C. J., 2019, Fisher, M., 2013, Israeli, O., 2015, Joshi, S., 2000, Weiss, L., 2009.

¹⁰³ Sobre as bases militares norte-americanas na Arábia Saudita, conferir com o mapa, no Anexo 16, “Mapa das bases militares americanas na Arábia Saudita”, na página xi.

¹⁰⁴ MilitaryBases.com, n.d.

¹⁰⁵ Ou seja, na Primeira Guerra do Golfo.

¹⁰⁶ Esta operação consistiu numa reformulação das forças presentes na Arábia Saudita após os ataques às Torres Khobar, onde se perderam 19 soldados americanos.

também ser um centro de interseção entre outros centros importantes do país, como os campos petrolíferos da Província Oriental, o Porto de Jidá, e as cidades sagradas. Finalmente, outra vantagem nesta base é o clima ameno no Inverno, concedendo oportunidades de treino durante todo o ano. Consequentemente, esta base também alberga bases de comandos e escritórios americanos.

II.1.5. Em resumo, quais são os interesses, potencialidades e vulnerabilidades da Monarquia de Saud? ¹⁰⁷

Após a exposição destes fatores geopolíticos e geoestratégicos podemos compreender quais são os interesses da Monarquia de Saud em perpetuar a aliança com os Estados Unidos da América.

É na religião que a Arábia Saudita encontra muitas das suas vulnerabilidades. Uma das primeiras é que as reformas para a abertura do país promovidas pelo Príncipe Herdeiro podem fazer que o Wahhabismo, isto é, o Sunismo fundamentalista, retire o seu apoio à Monarquia. Sem esta força unificadora, a Monarquia perde a sua legitimidade. Esta vulnerabilidade encontra-se interligada a uma segunda: o facto de não haver legitimidade política. A legitimidade dos Saud é o Wahhabismo. Sem este, o Reino dispersa-se em conflitos tribais e sectários. Contudo, o facto de o Wahhabismo ser um fundamento do Estado leva a que este tenha de prescindir algumas das suas competências para as forças clericais. Por conseguinte, a Lei Shari'a é a Constituição da Arábia Saudita, causando fortes restrições a liberdades e a direitos, quer das mulheres, quer outros grupos religiosos, como é o caso dos xiitas.

Pela sua posição geográfica, idiosincrasias internas e pelo quadro geoestratégico regional, a Arábia Saudita necessita do apoio dos Estados Unidos na defesa. A população xiita, que é discriminada e deseja liberdades e direitos, pode ser apoiada pelo Irão. Este apoio pode conduzir a extremismos que provoquem graves danos, visto que a maioria da população deste grupo religioso reside e trabalha Províncias petrolíferas.

De igual forma, a Arábia Saudita necessita de apoio americano para a defesa devido à guerra do Iémen, onde se encontra envolvida e onde tem gasto muitos dos seus recursos financeiros, mas também humanos, contra os rebeldes Houthis, que são apoiados pelo Irão.

¹⁰⁷ Tabela com fatores utilizados na exposição de vulnerabilidades e interesses no Anexo 17, “Fatores utilizados para análise geopolítica e geoestratégica da Arábia Saudita”, na página xii.

Esta necessidade é clarificada pelo facto de as bases militares em território saudita terem sido maioritariamente criadas por americanos. De igual forma, perante os ataques do Irão, a Monarquia não teve capacidade de contra-atacar o Regime Iraniano, tendo de pedir aos Estados Unidos pessoal e recursos militares para poder fortalecer as suas defesas¹⁰⁸.

II.2. Israel, o Estado Judeu¹⁰⁹

II.2.1. Um Estado aparentemente vulnerável¹¹⁰

Localizado no Médio Oriente, na costa oriental do Mar Mediterrâneo, encontra-se Israel.¹¹¹ Por ser de pequena dimensão, com 470 quilómetros de comprimento e 135 quilómetros de largura, bem como ter pequena expressão demográfica, cerca de 8 500 000 habitantes (o que inclui territórios anexados dos Montes Golã e Jerusalém Oriental)¹¹², é considerado um Estado potencialmente vulnerável. Encontra-se rodeado por Estados que lhe são hostis, ou com quem mantém relações distantes. A norte faz fronteira com o Líbano, com quem possui uma relação frágil; a nordeste faz fronteira com a Síria, com quem tem uma relação tensa; a este e sudeste, com a Jordânia, com a qual as relações estão amigáveis, mas distantes, tal como as relações com o Egito, com quem faz fronteira a sudoeste.

Apesar da sua pequena dimensão, Israel é um país diverso em termos topográficos¹¹³, podendo ser dividido em quatro regiões geográficas. Primeiramente, uma planície mediterrânica, de terreno arenoso, mas fértil. De seguida, temos a região norte e central montanhosa, onde se encontram as Montanhas da Galileia e o Planalto de Esdraelon, que separa este território da Cisjordânia. Seguidamente, encontra-se o Vale da Grande Fissura, onde corre o Rio Jordão, de Dã, para o Mar da Galileia, escoando, por fim, para o Mar Morto. Finalmente, temos o Deserto do Negueve, de terreno plano e árido.

Para além do Rio Jordão e do Mar da Galileia, as duas fontes de água mais importantes, Israel ainda usufrui de rios secundários, como é o caso do Yarqon, Qishon

¹⁰⁸ Análise baseada da informação retirada de Ali, I., Stewart, P., 2019, Al Jazeera, 2019, BBC News, 2019b, Neff, T.G., 2019, Saab, B. Y., 2019, Vandiver, J., 2019.

¹⁰⁹ Tabela com fatores utilizados na análise de Israel no Anexo 18, “Fatores de Guido Fischer para análise geopolítica e geoestratégica de Israel”, na página xiii.

¹¹⁰ Análise baseada da informação retirada de Central Intelligence Agency, n.d.c., e Elath, E., Ochsenwald, W.L., Sicherman, H., Stone, R.A., n.d.e.

¹¹¹ Conferir com mapa de Israel, no Anexo 19, “Mapa de Israel”, na página xiv.

¹¹² Central Intelligence Agency., n.d.a.

¹¹³ Conferir com mapa topográfico, no Anexo 20, “Mapa Topográfico de Israel”, na página xv.

e parte do Yarmuck. No entanto, a maioria da água vem de reservas criadas pela pluviosidade e pelos fluxos de águas subterrâneas. Contudo, devido ao clima seco, bem como às alterações climáticas, Israel sofre um problema de água crónico¹¹⁴. Três quartos das reservas de água vão para irrigação dos solos, sendo o restante gasto em produção industrial e para o uso doméstico¹¹⁵. Consequentemente, Israel tem procurado criar condutas para transporte de água para solos onde a irrigação seja possível, ou para abastecimento das populações, bem como tem iniciado um processo de dessalinização de água salgada.

Particularmente sensíveis para o Estado de Israel são a Faixa de Gaza e a Cisjordânia.

A Faixa de Gaza¹¹⁶ consiste num enclave de 363 quilómetros quadrados ao longo do Mar Mediterrâneo a Nordeste da Península do Sinai.¹¹⁷ A sua localização, como uma passagem litoral do Norte de África para o Médio Oriente torna este enclave de elevada importância estratégica. Esta importância consiste tanto ao nível comercial, devido às rotas comerciais que se desenvolveram nesta, como ao nível militar, dado que, com maior facilidade, se podem movimentar tropas entre continentes.

É uma planície litoral, de temperatura amena, mas com pouca pluviosidade. Esta crise de água é agravada pelo facto de não existir nenhum sistema de água suficientemente importante para alimentar os recursos hídricos subterrâneos. No entanto, o principal setor da economia nesta região é o da agricultura. Assim, três quartos da terra são de cultivo por irrigação, plantando-se cítricos, cereais e azeitonas.

É considerada uma das áreas mais densamente povoadas, havendo 1 800 000 pessoas a residir na mesma, em julho de 2018, consistindo em cerca de 5 500 pessoas por quilómetro quadrado¹¹⁸. É uma população maioritariamente muçulmana sunita, jovem, visto que 44 por cento da população tem idade inferior a 15 anos¹¹⁹, e a idade média da mesma é de 17 anos. Além de ser uma área densamente povoada, é uma área cuja população cresce muito rapidamente, a 2,25 por cento ao ano, nascendo 30 crianças

¹¹⁴ Conferir com imagem, no Anexo 21, “Classificação de países com problema de água crónico”, na página xvi.

¹¹⁵ Conferir com gráfico, no Anexo 22, “Utilização de água por cada setor em Israel, em 2016”, na página xvi.

¹¹⁶ Análise baseada da informação retirada de BBC News, 2018, Central Intelligence Agency., n.d.a., Encyclopaedia Britannica, n.d.a.

¹¹⁷ Conferir com mapa da Faixa de Gaza, no Anexo 23 “Mapa da Faixa de Gaza”, na página xvii.

¹¹⁸ Conferir com mapa, no Anexo 24, “Mapa da densidade populacional na Faixa de Gaza”, na página xvii.

¹¹⁹ Conferir com gráfico, no Anexo 25, “Pirâmide Etária da Faixa de Gaza”, na página xviii.

a cada 1 000 pessoas em contraposição a 3 mortes na mesma proporção de população. A esperança média de vida é de 74 anos. A maioria da população encontra-se concentrada na Cidade de Gaza.

Houve vários acontecimentos que causaram diversos problemas para a Faixa de Gaza. O primeiro acontecimento foi o Egito ter fechado as fronteiras em 2014 e ter encerrado os túneis de contrabando em 2013. O segundo consistiu nas sanções impostas tanto por Israel, em 2008, como pela Autoridade Palestiniana em 2018. Por fim, os frequentes conflitos consequentes das tensões entre o Hamas, que tem sede na Faixa de Gaza, e Israel.

Os problemas na Faixa de Gaza são os seguintes. O primeiro problema que se salienta é populacional. Da população residente neste enclave, cerca de 1 400 000 pessoas são consideradas refugiadas, sendo a maioria. Cerca de 45 por cento da população encontra-se desempregada, sendo o desemprego entre os jovens superior a 60 por cento, o que torna a juventude mais suscetível à radicalização. Entre as mulheres, o desemprego é de aproximadamente 75 por cento. Consequentemente, pelo menos 30 por cento da população encontra-se em risco de pobreza. Assim, 80 por cento da população recebe ajuda humanitária.¹²⁰

O segundo problema que se identifica é ao nível económico, dado que esta região se tornou mais pobre do que era nos anos 90. Em 2017 a economia cresceu somente 0,5 por cento e, em 2018, um salário anual era de 1 826 dólares, enquanto que, em 1994, o mesmo era de 2 659 dólares¹²¹. De igual forma, em 2018, a agricultura, o setor mais importante, contribuiu com 5 por cento ao PIB, enquanto que, em 1994, contribuía com 11 por cento. Para além da falta de emprego, que desacelera a economia, bem como as dificuldades acima mencionadas, outro fator que põe em causa a economia é a “Zona Tampão” criada por Israel. Esta zona foi criada pelo Estado Judeu para se proteger dos ataques do Hamas. Contudo, esta região não só prejudica espaço para habitação, havendo 29 000 pessoas sem habitação, como prejudica terra para cultivo. Esta “Zona Tampão” foi criada na melhor terra arável, havendo uma perda de produtividade ao nível de 75 000 toneladas por ano. Consequentemente, existem 1 milhão de pessoas entre moderadamente e severamente inseguras em termos alimentares.¹²²

¹²⁰ United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East, 2018.

¹²¹ BBC News, 2018.

¹²² *Idem*

De igual forma, salienta-se um problema ao nível dos serviços. Com os diversos conflitos, 547 estabelecimentos de ensino foram destruídos. Consequentemente, existem 40 alunos por turma, sendo estas em escolas que funcionam em dois sistemas, ou seja, com aulas de manhã e aulas à tarde rotativamente. Em termos de saúde, com os conflitos, passou-se de 56 estabelecimentos para 49 estabelecimentos de saúde. No entanto, a maior dificuldade em termos de saúde baseia-se nas restrições fronteiriças. Antes de 2014, 4 000 pessoas iam mensalmente ao Egito tratar-se em termos de saúde. Em 2012, havia uma taxa de 93 por cento de aprovações para ir a Israel por termos de saúde, enquanto que, em 2017, passou-se para 54 por cento.

No entanto, o problema transversal a todos os acima referidos é o da eletricidade, que provém maioritariamente de Israel. Devido à sanções, em 2017 havia entre 3 e 6 horas de eletricidade por dia, passando, em 2018, a haver 12 horas diárias. No entanto, os cortes constantes afetam a disponibilidade de serviços de água, saúde e saneamento. Assim, devido aos cortes de eletricidade, 3 hospitais e 10 clínicas de saúde suspenderam os seus serviços. Em termos de saneamento e de água, estes cortes levam a que 95 por cento da água subterrânea esteja poluída. Desta forma, 97 por cento das habitações dependem de água trazida por camiões, visto que 95 por cento das pessoas não tem a possibilidade de obter água potável.¹²³

Relativamente à Cisjordânia¹²⁴, também conhecida como Judeia e Samaria, é um território a oeste do Rio Jordão, com 5 650 quilómetros quadrados¹²⁵. É um território delimitado pela existência por dois montes, sendo estes, a norte, o Monte de Samaria, e, a sul de Jerusalém, o Monte da Judeia. Nas zonas elevadas do Norte concentra-se a maioria da pluviosidade, que diminui para sul. O município mais importante é o da Judeia.

Em termos populacionais, em 2018 havia 2 798 494 pessoas. Esta, entre 80 e 85 por cento era muçulmana sunita, 12 a 14 por cento judia e, entre 1 e 2,5 por cento, cristã. É uma população maioritariamente jovem, sendo que mais de 35 por cento da população tem menos de 15 anos¹²⁶. A idade média da população é de 21 anos, numa esperança média de vida de 75 anos. A população cresce a quase 2 por cento ao ano, dado que ocorrem 26 nascimentos por 1 000 pessoas, enquanto que falecem quase 4

¹²³ BBC News, 2018, e United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East, 2018.

¹²⁴ Análise baseada da informação retirada de BBC News, 2019a., Central Intelligence Agency., n.d.e., e Encyclopaedia Britannica, n.d.d.

¹²⁵ Conferir com mapa da Cisjordânia, no Anexo 26, “Mapa da Cisjordânia”, na página xviii.

¹²⁶ Conferir com gráfico, no Anexo 27, “Pirâmide Etária da Cisjordânia”, na página xix.

peessoas na mesma proporção de pessoas. Apesar da importância da agricultura para esta população, 75 por cento da população vive em centros urbanos.

Em termos de economia, 40 por cento das terras são utilizadas para agricultura. Esta varia de acordo com a disponibilidade de água. As zonas de terreno não irrigado, que consistem, sobretudo, na zona da Samaria, servem para pasto, que é 24 por cento da produção total, bem como servem para produção de cereais, de azeitonas e de melões. Os montes irrigados, que consistem na zona da Judeia e do Vale do Jordão, servem para cultivo intensivo de frutas e vegetais, que consistem em 11 por cento da produção total. Em termos de industrialização, esta iniciou-se em 1967, ou seja, aquando a denominada Guerra dos Seis Dias, precisamente por razões militares. Contudo, esta industrialização facilitou a entrega aos mercados, bem como facilita a entrega de produtos necessários neste enclave. No entanto, quase 30 por cento da população encontra-se desempregada, estando 18 por cento da população em risco de pobreza.

A grande problemática inerente à Cisjordânia consiste no facto de este enclave ser reclamado entre a Autoridade Palestiniana e Israel, visto que, em 1988, a Jordânia ter renunciado a sua responsabilidade administrativa para com este território. Existem 846 465 refugiados palestinianos neste território e, apesar de, em 1993, com os Acordos de Oslo, ter-se definido a transição gradual da responsabilidade deste território de Israel para a Autoridade Palestiniana, 60 por cento do território encontra-se ainda sob controlo israelita¹²⁷. Existem, aproximadamente, 391 mil colonos e 201 200 somente em Jerusalém Oriental¹²⁸. Estes israelitas encontram-se, maioritariamente, a norte da Cisjordânia e em Jerusalém Oriental, enquanto que os palestinianos se encontram na metade central e ocidental.

A razão da questão da Cisjordânia não se encontrar resolvida deve-se a três fatores. Em primeiro lugar, por Israel considerar este enclave vital para a sua segurança. Tal se deve por, através da mesma, ter maior profundidade territorial, bem como poder vigiar atividades suspeitas vindas de outros Estados. Em segundo lugar, por razões religiosas. Muitos judeus conservadores acreditam que é seu direito alienável este território, visto ter sido o território prometido por Jeová a Moisés, território do antigo Israel. Por fim, é uma questão não resolvida por haver crescente população israelita na Cisjordânia, também motivada a ir para este território devido a subsídios

¹²⁷ Conferir com mapa, no Anexo 28, “Mapa dos colonatos na Cisjordânia”, na página xix.

¹²⁸ Conferir com mapa, no Anexo 29, “Mapa dos colonatos em Jerusalém Oriental”, na página xx.

governamentais. Desta forma, Israel torna-se mais resistente a conceder uma área de que tem controlo com as suas Forças Armadas.

II.2.2. Uma população à procura da sua identidade nacional

A população israelita, além de ser extremamente qualificada, é uma população jovem, dado que um quarto da mesma tem idades inferiores aos 15 anos¹²⁹. A esperança média de vida à nascença é de 84 anos¹³⁰. As cidades mais populosas são Telavive, Haifa e Jerusalém, sendo esta agora reconhecida, embora não consensualmente, a capital do país. Apesar de, somente em Telavive e Haifa, concentrarem-se metade da população nacional, o governo israelita procurou criar cidades ao longo do país, com as diversas funções económicas necessárias, para evitar a sobre concentração. Um décimo do total da população, sendo, igualmente, um décimo da população judia, é rural, sendo 92 por cento da população urbanizada^{131 132}.

A cultura israelita encontra-se muito interligada com o movimento Sionista. Este movimento teve o seu início com Theodor Herzl, da Áustria, no século XIX, que, perante ondas de antisemitismo na Europa, apelava à criação de um Estado Judeu na Palestina¹³³. Ao longo do século XIX iniciaram-se migrações de judeus para a Palestina, que culminaram, após o Holocausto, na Independência de Israel a 14 de maio de 1948. No entanto, devido às dificuldades económicas, bem como às diversas ameaças à existência estatal, não houve disponibilidade para se criar uma identidade nacional coerente. A única identificação que estes povos, provenientes da Europa Central e de Leste (*Ashkenazi*), Médio Oriente (*Mizrahi*) e Norte de África e Sul da Europa (*Shepard*)¹³⁴, tinham era uma religião comum: o Judaísmo. Consequentemente, Israel é composta por uma cultura fragmentada e multi compartimentada, profundamente solidária com os judeus.

No entanto, existem dois problemas inerentes ao Sionismo. Primeiramente, os Judeus Ortodoxos Modernos, que elaboraram e participaram na elaboração do Estado de Israel são, consequentemente, nacionalistas. Estes foram os Judeus que impulsionaram a

¹²⁹ Conferir com gráfico, no Anexo 30, “Percentagem da população com idades entre os 0 e os 14 anos em relação com a população total de Israel, entre 1960 e 2018”, na página xx.

¹³⁰ Conferir com gráfico, no Anexo 31, “Esperança média de vida à nascença em Israel entre 1969 e 2017”, na página xxi.

¹³¹ Conferir com gráfico, no Anexo 32 “Percentagem da população urbana em Israel em relação à sua população total, de 1960 a 2018”, na página xxi.

¹³² Central Intelligence Agency, n.d.c., e Elath, E., Ochsenwald, W.L., Sichertman, H., Stone, R.A., n.d.e.

¹³³ Encyclopaedia Britannica, 2019.

¹³⁴ Lewis, R., 2019.

realização de colonatos, de forma a Israel ter o tamanho de que, de acordo com as Escrituras, havia tido no tempo do Rei Salomão. Portanto, quando os partidos que haviam apoiado os colonatos por razões estratégicas, o *Labour* e o *Likud*, decidiram que seria melhor devolver o Sinai, os Ortodoxos Modernos sentiram-se traídos. Nunca aceitaram os Acordos do Campo de David e, inclusivamente, criaram um grupo de terrorismo, o *Jewish Terror Underground*, que assassinou políticos árabes e, inclusivamente, o Primeiro Ministro Rabin.¹³⁵

O outro grande problema associado ao Sionismo é a própria existência do Estado de Israel. Muitos Estados ainda não reconhecem a existência deste Estado¹³⁶. Inclusivamente, mesmo que os governos desejem regularizar as relações de forma a serem mais amigáveis, como é o caso da Arábia Saudita, vivem no risco de sofrerem insurgências por parte das populações que apoiam as populações palestinianas.¹³⁷

No entanto, a diversidade cultura israelita não é só proveniente da diversidade existente dentro do Judaísmo. Apesar de Israel ser um Estado de maioria judia, existem quase 2 milhões de cidadãos não judeus. Entre estes, 1.2 milhões são muçulmanos árabes, que vivem em cidades no Norte de Israel, como Nazaré. Ainda existem tribos beduínas, de 250 mil pessoas, que vivem no Negueve. De igual forma, existem 123 mil cristãos árabes, tanto gregos ortodoxos, como católicos romanos, como protestantes, em Nazaré e Haifa. Existem, também, 122 mil Druze, uma comunidade religiosa separada, que se considera leal ao Estado de Israel.^{138 139}

Consequentemente, existe uma sinestesia tanto da tradição judia com as culturas árabes e cristãs, bem como com a profunda Ocidentalização. Esta sinestesia, consequentemente, torna Israel um país rico culturalmente.

No entanto, o facto de terem existido tantas influências culturais desde a sua existência proporciona a falta de uma identidade nacional coerente.¹⁴⁰ Desde a sua fundação, existe um debate sobre o que é ser judeu. Ser judeu implica uma identidade étnica, religiosa e cultural, enquanto que, ser israelita, implica pertença política, linguística e territorial. O facto de o judaísmo ser uma identidade étnica, e não haver um consenso sobre como se define um Judeu, tem suscitado diversas discriminações, como aconteceu relativamente ao *Mizrahi*, por serem provenientes do Médio Oriente e serem

¹³⁵ Wald, K.D., 1998.

¹³⁶ Conferir mapa no Anexo 33, “Mapa do estado das relações com Israel em 2016”, página xxii.

¹³⁷ Fieldman, S., Wittes, T.C., 2018.

¹³⁸ Israel Ministry of Foreign Affairs, n.d.

¹³⁹ Conferir com imagem, no Anexo 34, “Religião em Israel”, na página xxii.

¹⁴⁰ Schweid, E., 1998.

mais desfavorecidos ao nível da educação. Da mesma forma, sempre houve discriminação relativamente aos Árabes, dado os Palestínianos terem ocupado a “Terra Santa”.

A secularização piorou o processo de identidade. Atualmente, muitos jovens não têm conhecimento do Sionismo nem do Judaísmo, o que torna a pertença nacional ao Estado crítica. Por fim, o facto de existir uma minoria árabe politicamente pronunciável que é cidadã do Estado é preocupante para os judeus¹⁴¹. Na perspectiva judia, haver cidadãos árabes que são ativos politicamente pode ser uma ameaça à soberania judia sob Israel. Dado que Israel foi fundado como um “Santuário” para a minoria mundial Judia, constantemente ameaçada, o facto de haver uma minoria árabe considerável, apoiada pelos países hostis, ativa politicamente, preocupa os líderes judeus. Estes temem, caso o processo de paz obrigue a um retorno dos refugiados palestínianos, que a nação judia volte a ser uma minoria no Estado, que havia sido criado para Judeus.

Outro fator que contribui para a falta de uma identidade nacional coerente é a não existência de um Constituição. As fontes legislativas são a Declaração de Independência juntamente com Leis Básicas e outros decretos e legislações decorrentes. No entanto, em nenhuma conseguiu-se uma exposição de nacionalidade coerente ou não abrangente que pudesse detalhar no que consiste o Estado e o povo de Israel, bem como qual é o papel da religião na política. De acordo com Leis Básica, Israel é um “Estado Judeu e Democrático”¹⁴². O facto de ser democrático determina a que haja um balanço entre o Judaísmo e as restantes minorias. No entanto, o próprio Judaísmo tem sido divisivo, não só entre si, bem como para com as outras etnias existentes no país.

Os ultraortodoxos¹⁴³, *haredin*, são um grupo religioso dentro do Judaísmo que nunca aceitou a implantação do Estado de Israel, dado não ter sido executado pelo Messias, como refere a tradição judaica, bem como por não se seguir a Lei Judia *halach*. De forma a poder haver legitimidade estadual, bem como haver respeito pelas minorias, criou-se o *status quo*, ou seja, uma tentativa de separação e coexistência entre a Religião e o Estado. Assim, de acordo com o *status quo*, existem tribunais religiosos de cada comunidade religiosa bem como uma educação religiosa paralela à educação secular. No entanto, o *status quo* também determinou benefícios para os *haredin*. Os

¹⁴¹ *Idem*

¹⁴² Wald, K.D., 1998.

¹⁴³ Rabinovich, I., 2018.

jovens *haredin* se desejarem ser acadêmicos do Torá, de forma a poderem preservar a cultura judia, são isentos do serviço militar obrigatório, recebendo benefícios fiscais. As mulheres *haredin*, por sua vez, podem escolher entre o serviço militar e a escolha de um emprego secular.

Contudo, o *status quo* trouxe desvantagens para a sociedade e cultura israelita¹⁴⁴. Primeiramente, existe o monopólio da religião nos assuntos familiares e de casamento. Sendo cada pessoa casada de acordo com a tradição religiosa de cada comunidade, existem restrições que, numa sociedade em que o casamento se encontra sob autoridade estadual, não existem, como é o caso do casamento entre pessoas de crenças diferentes, o divórcio poder ser requisitado por qualquer conjugue, além do casamento homossexual. Assim, de acordo com organizações de direitos humanos, em Israel não existe liberdade religiosa em questão do direito de estabelecer uma família, além de não haver direitos igualitários, nem entre gêneros, nem entre casamentos.

Outra desvantagem inerente ao *status quo* é a isenção ao serviço militar pelos *haredin*. Tal é uma desigualdade entre a sociedade civil, dado todos, exceto médicos e outras profissões que envolvam situações de risco, serem obrigados a fazer serviço militar. Em segundo lugar, é um ultraje para muitos israelitas, dado ser uma necessidade defender-se a Pátria tão vulnerável. Por fim, quem se envolve em serviço militar obrigatório integra o mercado de trabalho mais facilmente, dado receber formação em tecnologias inovadoras. Portanto, por os *haredin* se dedicarem exclusivamente ao estudo do Torá, são uma comunidade que se encontra no limiar da pobreza.

Ora, a falta de identidade nacional, ou seja, a falta de compreensão do que é ser judeu e/ou israelita, culminou na criação da Lei para um Estado-Nação¹⁴⁵ que define que o Estado de Israel é um Estado somente para os Judeus, em que o Hebraico é a única língua oficial e que os colonatos são parte da nação. Este Lei revela um profundo populismo. Tendo em conta a definição de Mueller¹⁴⁶, estamos perante um populismo *grosso*, dado estar-se a limitar a visão nacional israelita a somente aos judeus que falam hebraico, colocando de parte todas as restantes minorias. Consequentemente, o balanço entre a Democracia e a Religião em Israel está a desaparecer.

No entanto, existem duas fontes de resiliência ao surgimento de uma nação sob autoridade populista.

¹⁴⁴ Stern, Y.D., 2017.

¹⁴⁵ *Basic Law: Israel - The Nation State of the Jewish People*. 2018.

¹⁴⁶ In Wittes, T.C., Mizrahi-Arnaud, Y., 2019.

Primeiramente, Israel tem um sistema partidário muito fragmentado e extremamente competitivo. Existem vários tipos de partidos de direita: o partido de direita militarista, o *Azul e Branco*, dois partidos fundamentalistas ultraortodoxos, *Shan* e *United Torah Judaism*, e quatro partidos de extrema direita, *Likud*, *Lieberman*, *Yisrael Beiteinu* e *Coligação de Yamina*¹⁴⁷. Esta fragmentação e o facto de os governos israelitas terem sido, historicamente, de coligação, impedem a existência de uma frente unitária. No entanto, esta grande polarização para a direita, somente existindo partidos de *esquerda* árabes ou multiétnicos de pouca importância, leva a que não exista um centro político.¹⁴⁸

A segunda fonte de resiliência ao populismo é a grande mobilização da sociedade civil, tanto para uma maior igualdade de género, como para haver direitos iguais para a comunidade LGBTQ, como contra a pobreza e desigualdade económica. Esta forte mobilização da parte da sociedade civil revela uma sociedade saudável.¹⁴⁹

II.2.3. Uma economia robusta e inovadora¹⁵⁰

Quanto à economia israelita, estamos perante uma grande vantagem deste Estado. Verifica-se um crescimento dos diversos setores da economia, bem como uma coexistência saudável da economia nos setores governamentais, privados e cooperativos. Assim, Israel tem uma economia forte, que cresce numa média de 3 por cento ao ano¹⁵¹, com uma dívida pública de 77 por cento do PIB, o que, comparativamente com os restantes países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, é saudável¹⁵².

Relativamente à agricultura, existem dois territórios em que o terreno é fértil. Primeiramente, as Planícies Mediterrânicas e, em segundo lugar, o Norte de Berseba. Estes dois territórios naturalmente férteis, juntamente com os territórios em que a irrigação é possível, têm sido utilizados para a produção agrícola bem como para pastos. Graças aos progressos tecnológicos Israel produz citrinos, algodão, amendoins,

¹⁴⁷ Conferir com imagem no Anexo 35, “Partidos Políticos em Israel (eleições de 2019)”, na página xxiii.

¹⁴⁸ Wald, K.D., 1998., e Wittes, T.C., Mizrahi-Arnaud, Y., 2019.

¹⁴⁹ Wittes, T.C., Mizrahi-Arnaud, Y., 2019.

¹⁵⁰ Análise baseada da informação retirada de Bahar, D, Eckstein, Z., 2019., Bruno, M., Chenery. H.B., 1962, Central Intelligence Agency, n.d.c., Elath, E., Ochsenwald, W.L., Sichernman, H., Stone, R.A., n.d.e., OECD Observer, 2011.

¹⁵¹ Conferir com gráfico, no Anexo 36, “Percentagem de crescimento anual da economia israelita entre 1997 e 2017”, na página xxiii.

¹⁵² Conferir com gráfico, no Anexo 37, “Comparação da percentagem da dívida pública em relação ao PIB, entre 2001 e 2017, entre Israel e a média dos países da OCDE”, na página xxiv.

vegetais, flores (como, por exemplo, tulipas) e laticínios.¹⁵³ ¹⁵⁴ Os agricultores israelitas utilizam técnicas de cultivo intensivo, bem como técnicas de diversificação produtiva em grandes quintas.

Quanto à capacidade industrial, esta destaca-se pelo elevado nível tecnológico. Para além da produção de fertilizantes e farmacêuticos, e da indústria de diamantes, Israel é conhecido e destacado pela produção de aplicações informáticas e equipamentos tecnologicamente avançados, tanto para armamento bem como para equipamentos médicos¹⁵⁵.

Toda esta capacidade de inovação tecnológica, observável na indústria e na agricultura, deve-se a três fatores. Primeiramente, à diáspora. Israel, sendo um país formado por imigrantes, recebeu judeus altamente qualificados provenientes tanto da América do Norte como da Europa, tendo sido estes uma fonte de inovação para um país recente e tão vulnerável¹⁵⁶. Em segundo lugar, Israel tem recebido, desde a sua formação, elevadas quantidades de investimento direto estrangeiro tanto dos Estados Unidos da América¹⁵⁷, como dos países europeus que incentivaram a criação do Estado. Estes investimentos têm sido aplicados em centros de investigação, bem como em universidades¹⁵⁸. Finalmente, devido ao serviço militar obrigatório nas Forças Armadas Israelitas, que são extremamente inovadoras, a população acaba por ser educada em alta tecnologia. Consequentemente, temos uma população extremamente bem qualificada, Universidades de renome, como é o caso do *Technion-Israel Institute of Technology* e o *Weizmann Institute of Science*, bem como serviços de saúde de elevada qualidade, como é o caso do *Kupat Holim Meuhedet*.

Israel possui mais dois aspetos económicos a seu favor. O primeiro tem a ver com o turismo. Dado ser um país, como observámos anteriormente, com grande variedade geográfica e lugares exóticos, como é o caso do Mar Morto, providencia atividades de lazer. Além do mais, é um território com uma rica história, ainda sendo realizadas descobertas arqueológicas. Finalmente, é em Israel que se encontra a cidade

¹⁵³ Conferir com gráfico, no Anexo 38, “Produções agrícolas em 2016”, na página xxiv.

¹⁵⁴ Elath, E., Ochsenwald, W.L., Sicherman, H., Stone, R.A., 2019.

¹⁵⁵ Conferir com imagem, no Anexo 39, “Que equipamentos de alta indústria Israel exportou em 2017”, na página xxv.

¹⁵⁶ Conferir com tabela, no Anexo 40, “População nascida no estrangeiro, de acordo com o país de origem. em Israel, de 2006 a 2018”, na página xxv.

¹⁵⁷ Conferir com tabela, no Anexo 41, “Ajuda Americana a Israel, de 1946 a 2019”, na página xxvi.

¹⁵⁸ Conferir com gráfico, no Anexo 42, “Comparação da percentagem do PIB gasto em Investigação e Desenvolvimento, entre 1991 e 2017, entre Israel e os países da OCDE”, na página xvi.

das três religiões do livro, Jerusalém. Toda esta sua riqueza concede um elevado crescimento do turismo.

Em segundo lugar, apesar de ter poucos depósitos de petróleo¹⁵⁹, o oposto da Arábia Saudita, recentemente descobriram-se ricas fontes de gás natural¹⁶⁰, o que tem feito que o país se torne energeticamente autossuficiente, bem como que realize acordos de energia que lhe sejam favoráveis, como iremos constatar de seguida.

Outro aspeto relativamente à sua economia é a mesma, de acordo com a OCDE¹⁶¹, ser caracterizada como sendo uma economia “insular”. Tal se deve a três aspetos. Em primeiro lugar, por a maioria do seu comércio, e a maioria do investimento recebido, ser proveniente de países externos à região onde se encontra inserido¹⁶². Em segundo lugar, por ser de fracas proporções o comércio que realiza com países vizinhos. Em terceiro lugar, por esses mesmos países ainda realizarem bloqueios económicos tanto aos produtos israelitas como ao seu transporte aéreo e terrestre. Consequentemente, o transporte de produtos comerciais é maioritariamente realizado por meio marítimo, sendo os três portos de águas profundas mais importantes para Israel Haifa, Ashdod e Eilat.

Esta forte economia e capacidade de inovação torna Israel também um Estado com capacidade de intervenção na esfera internacional, estando integrado na Organização Mundial do Comércio e na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico.

II.2.4. Um Estado pequeno com grande poder de dissuasão¹⁶³

Israel gasta aproximadamente 4 por cento do seu PIB em Defesa^{164 165}, dada a vulnerabilidade que sofre no meio de Estados e atores que lhe são hostis. Esta vulnerabilidade foi uma das razões para que o Presidente Ben Gurion tivesse desejo de criar um arsenal nuclear em 1948¹⁶⁶.

¹⁵⁹ Conferir com mapa, no Anexo 43, “Mapa da localização de depósitos de gás e de petróleo”, na página xvii.

¹⁶⁰ Conferir com mapa, no Anexo 44, “Mapa da localização dos campos de gás natural”, na página xxvii.

¹⁶¹ OECD Observer, 2011

¹⁶² Conferir com imagem, no Anexo 45, “De que países Israel importava em 2017?”, na página xviii.

¹⁶³ Análise baseada da informação retirada de Atomic Heritage Foundation, 2018, Bahgat, G., 2006, Borger, J., 2014, Ferrero, C. J., 2019, Fisher, M., 2013, Israeli, O., 2015, Joshi, S., 2000, Weiss, L., 2009.

¹⁶⁴ Wenkert, A., 2019.

¹⁶⁵ Conferir com gráfico, no Anexo 46, “Percentagem do PIB gasto no Orçamento Militar em Israel, de 1960 a 2018”, na página xxviii.

¹⁶⁶ Atomic Heritage Foundation, 2018.

A criação de um arsenal nuclear teve como base cinco pressuposições. A primeira consistiu num comprometimento com o Sionismo, isto é, uma forma de evitar um novo Auschwitz. Adicionalmente, tratou-se de persuadir os países árabes a aceitarem a nação de Israel, criando, conseqüentemente, uma maior paz e estabilidade na região. De igual forma, procurou-se que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia fosse uma contraposição aos limites naturais israelitas, em termos de tamanho tanto de população como de território. A quarta razão foi procurar criar armas de caráter defensivo, em caso de um ataque massivo, quer por armas convencionais, quer por armas não convencionais, por parte dos países que são hostis a esta nação. Finalmente, pressupôs-se criar uma arma de último recurso, podendo acionar a “Opção Sansão”, que consiste numa retaliação nuclear massiva contra os inimigos, totalmente destrutiva, em caso de um ataque nuclear, químico ou biológico pelos Estados inimigos.¹⁶⁷

A pesquisa para o desenvolvimento de um programa nuclear iniciou-se a partir de 1955 com o Presidente Peres. Contudo, este desenvolvimento teve o auxílio de diversos países terceiros. Apesar dos Estados Unidos terem concedido um pequeno reator nuclear dentro do programa “Átomos para a Paz”, foi a França que mais facultou a Israel material e infraestruturas para o desenvolvimento do programa. Mais recentemente, entre 2000 e 2004, Israel adquiriu submarinos alemães com capacidade de nuclearizar.¹⁶⁸

Os Estados Unidos não apoiaram o desenvolvimento nuclear israelita e, após o encontro entre Presidente Nixon e a Primeira Ministra Meir, em 1969, Israel iniciou a política de *animut*, palavra hebraica que significa “opacidade”, “ambigüidade”, de forma a evitar uma alteração no balanço regional do Médio Oriente.¹⁶⁹

Existem diversas vantagens inerentes à política de *animut* que têm permitido a Israel preservar o monopólio nuclear no Médio Oriente. Devido a não ser evidente a existência de armas nucleares por Israel, países hostis a este Estado sentem-se dissuadidos a realizar ataques, quer sejam convencionais, quer não convencionais. Esta ambigüidade obrigou os Estados árabes a reconhecerem a existência do Estado de Israel, sendo persuadidos a realizarem negociações com o Estado Judeu. Em termos internacionais, a política de *animut* permitiu a manutenção de relações com os Estados

¹⁶⁷ Bahgat, G., 2006.

¹⁶⁸ Borger, J., 2014.

¹⁶⁹ Ferrero, C. J., 2019., Israeli, O., 2015.

Unidos da América, bem como com diversos países ocidentais que condenam a proliferação nuclear. De igual forma, o Estado não sofre sanções e inspeções, visto que não assinou nenhum acordo relativo à não proliferação e não desenvolvimento desta espécie de armas.

Relativamente às desvantagens da política de *animut*, podemos apontar três. Em primeiro lugar, esta política é incompatível com as normas e os valores da democracia liberal, dado não existirem nem freios nem contrapesos relativamente à nuclearização. Em segundo lugar, houve não só proliferação de armas convencionais de forma a haver um contrabalanço árabe a um possível Estado Judeu Nuclear. Finalmente, esta é uma política que pode pôr em causa a credibilidade de parceiros estratégicos de Israel, como é o caso dos Estados Unidos da América, dado o acordo que os dois realizaram nos anos 70, que é incoerente com a posição que a potência americana toma relativamente à nuclearização do Irão.

Ocorreram diversos benefícios com a nuclearização israelita.¹⁷⁰ Israel tornou-se autossuficiente em garantir a segurança da sua soberania, tornando-se menos dependente de terceiros Estados. Relativamente ao grande aliado israelita, os Estados Unidos da América, o facto de se ter tornado um Estado nuclear tornou este aspeto como uma forma de negociação. Igualmente, o desenvolvimento nuclear providenciou o desenvolvimento das ciências e das tecnologias em Israel. Similarmente, o facto de ser um Estado nuclear torna Israel superior em relação aos seus potenciais adversários, dado conseguir dissuadir um ataque, quer convencional, quer não convencional. Consequentemente, a nuclearização israelita concedeu maior paz e estabilidade a esta região do mundo. Finalmente, o desenvolvimento nuclear levou a um alívio de gastos em armas convencionais, além das armas nucleares serem armas eficazes de último recurso.

Em termos de custos que advieram da nuclearização, podemos distinguir cinco categorias de custos.¹⁷¹ A primeira categoria consiste nos custos políticos. Relativamente a estes, a nuclearização causa tensão com os Estados Unidos da América. Torna-se difícil criar do Médio Oriente, uma região com tantas tensões e hostilidades, uma Zona Livre de Armas Nucleares. Além do mais, existem diversos riscos em termos democráticos. Um desses consiste no risco de as armas nucleares serem usadas de forma irracional por líderes igualmente irracionais. Por ser um assunto secreto, não há

¹⁷⁰ Joshi, S., 2000.

¹⁷¹ *Idem*

responsabilização por parte dos líderes políticos perante os cidadãos relativamente à forma de utilização do poder nuclear. Por fim, dado ser um assunto nunca debatido e secreto, há censura militar perante algum anúncio de Israel ser um Estado Nuclear.

Também existem custos regionais. Tal se deve ao facto de os Estados Árabes terem-se sentido persuadidos a desenvolverem armas não convencionais perante um Israel Nuclear. Este desenvolvimento de armas não convencionais pode culminar, em último recurso, num verdadeiro uso do poder nuclear.

De igual forma, existem custos militares, dado que, apesar do perigo vindo de países hostis, Israel sofrer uma guerra diária por parte de organizações não estatais, o que invalida a utilização de armas nucleares.

Igualmente, existem custos ambientais. Tal se deve não só por o desenvolvimento de armas nucleares ser bastante poluidor, mas também por as reparações das infraestruturas nucleares serem prejudiciais para a saúde dos técnicos. Por fim, um pequeno acidente pode-se revelar bastante prejudicial para toda a população israelita, dada a pequena dimensão territorial de Israel.

Finalmente, existem diversos custos económicos. Estes custos são agravados pelo facto de o programa nuclear ser um projeto secreto. Consequentemente, tem de se camuflar as infraestruturas, bem como realizar exportações ilegais para continuar com o programa nuclear.

Hoje, Israel tem diversos desafios em termos de nuclearização. O grande desafio atual consiste no programa nuclear Iraniano, dado Israel observar o Irão como um governo teocrático comprometido a destruir este Estado. De igual forma, o desenvolvimento nuclear iraniano pode pôr em causa a personalidade judia de Israel, visto que motivaria uma maior emigração do que imigração para Israel, devido aos perigos para a segurança.

A política de *animut* é um outro desafio para Israel, havendo uma ponderação se se deveria ou não abandonar esta política. Relativamente às vantagens em abandonar, podemos apontar duas. A primeira consiste no facto de, se Israel abandonasse a política de animut, poderia ganhar reconhecimento e legitimidade internacionais, podendo ser um dos Estados reconhecidos do campo estratégico nuclear. A segunda vantagem consiste no facto de Israel ter a capacidade explícita de dissuadir o Irão e outros países armados nuclearmente, que desejam atacar este Estado.

Contudo, reconhecem-se mais desvantagens num abandono da política de *animut*. Os Estados hostis poderiam ser encorajados a atacar Israel, dado reconhecerem

a existência do poder nuclear. O facto de Israel ser um Estado nuclear poderia levar a Jordânia e o Egito a terminarem os seus acordos de paz com o Estado Judeu, dado terem sido desmotivados a desenvolverem-se nuclearmente. De igual forma, a Síria poderia ocupar definitivamente os Montes Golã, dado o argumento destes montes serem essenciais para a segurança israelita estar anulado com o facto de Israel ter a vantagem nuclear sobre os restantes Estados árabes. Em termos internacionais, Israel teria de submeter as centrais de Dimona e Nahal Sarek¹⁷² a inspeção e a controlo pela Agência Internacional de Energia Atómica. Finalmente, dado ser imprevisível haver tanto uma proliferação como uma não proliferação nuclear nesta região do planeta tão hostil, haveria pressão para Israel se desnuclearizar.

A desnuclearização é precisamente o último desafio de Israel. Existem diversos aspetos que motivam uma desnuclearização. Uma motivação é o facto de as forças convencionais israelitas serem mais fortes e desenvolvidas que as forças convencionais de todos os países vizinhos juntos. Outro equipamento que Israel tem é um dos melhores defesas antimíssil, dado sofrer uma guerra diária com o Hamas e o Hezbollah, que atacam permanentemente com mísseis. Além do mais, o Estado Judeu tem um programa aeroespacial extremamente bem desenvolvido, que concede duas grandes vantagens estratégicas. A primeira é Israel ter *drones* que realizam operações de vigilância a estabelecimentos de países hostis para detetar armas não convencionais com laser, deteção de calor, bem como equipados com munições. De igual modo tem um programa de satélite através do qual consegue obter informações com imagens de alta resolução, mesmo sendo equipamentos ou estabelecimentos camuflados. Outro aspeto que motiva à desnuclearização é o facto da maioria dos países vizinhos terem feito as pazes com Israel, com exceção da Síria.

As vantagens que surgiriam da desnuclearização de Israel seria o facto de se criar um Médio Oriente sem Armas Nucleares, bem como haver uma revitalização do Tratado de Não Proliferação Nuclear, que, com a questão do Irão e dos Estados Unidos da América, tem sido colocado em descrédito.

No entanto, reconhece-se que é provável que Israel só se venha a desnuclearizar quando houver paz regional, reconhecimento por todos os Estado tanto do seu direito a existir bem como das suas fronteiras.

¹⁷² Conferir com mapa, no Anexo 47, “Mapa das Infraestruturas Nucleares de Israel”, na página xxix

II.2.5. Atores não estatais hostis

Israel não sofre ataques de atores estatais, mas sim maioritariamente de atores não estatais. Relativamente a Organizações Terroristas externas que atacam Israel, podemos distinguir três.

A Irmandade Muçulmana¹⁷³ consiste num ator não estatal político de ideologia islâmica sunita, de caráter jihadista pan-islâmico. Esta organização foi fundada no Egito em 1928. Esta organização concede serviços sociais no Egito, mas também no Médio Oriente e em África, a partir dos quais forma afiliados para o ativismo social e para as suas atividades terroristas. O seu objetivo consiste em implementar a *sharia* num califado global, tendo de erradicar a presença judia na Palestina, bem como eliminar muçulmanos seculares ou moderados. No Médio Oriente, tem uma forte presença na Jordânia, no Iraque, no Qatar, na Arábia Saudita, na Síria, bem como no Iémen.

Como também já foi constatado, as relações entre o Líbano e Israel permanecem frágeis. Tal se deve, entre outras razões, à forte intervenção do Hezbollah¹⁷⁴ ao Estado Judeu. Realiza ataques a cidades no norte de Israel a partir da fronteira libanesa, recusando-se a realizar cessar-fogo, acordos de paz, bem como tratados, visto que observa como uma necessidade nacional a resistência enquanto persistirem ameaças e aspirações israelitas¹⁷⁵, ou seja, enquanto o Estado de Israel existir.

A organização iraniana Quds também se encontra comprometida com as forças extremistas palestinianas contra Israel, concedendo apoio e financiamento às mesmas, em especial às que se encontram na Faixa de Gaza.¹⁷⁶

Apesar de haver uma melhoria do relacionamento entre Israel e o Egito, foi a partir de uma organização egípcia que se fundaram as duas grandes organizações terroristas palestinianas.

O Movimento da Jihad Islâmica¹⁷⁷ na Palestina é um ator não estatal terrorista violento de cariz tanto islâmico sunita jihadista como nacionalista palestiniano. O seu objetivo consiste em libertar a Palestina de Israel através da jihad, estabelecendo um Estado Palestino Islâmico Autónomo em Israel, na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. A sua devoção à jihad deve-se por considerarem a Palestina território consagrado ao

¹⁷³ Counter Extremism Project, n.d.d

¹⁷⁴ Análise baseada da informação retirada de Counter Extremism Project, n.d.b. e The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, n.d.c.

¹⁷⁵ “*The Resistance role is a national necessity as long as the ‘Israeli’ threats and aspirations persist.*” Hezbollah, 2009, in Counter Extremism Project, n.d.b, p. 4

¹⁷⁶ Nasserí, L., 2017.

¹⁷⁷ Análise baseada da informação retirada de Counter Extremism Project, n.d.e, Jewish Virtual Library, n.d.d, e The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, n.d.e.

Islamismo. Assim, a reconquista de Israel é uma tarefa santa e o conflito não tem conotações somente territoriais, mas também religiosas. Como consequência, rejeitam qualquer compromisso acordo ou tratado com Israel, bem como qualquer solução pacífica, inclusivamente a solução de dois Estados. De igual forma, ao contrário de outras organizações, não tem nenhum papel ou braço político ou de apoio social. Portanto, operam realizando ataques terroristas e suicidas a alvos israelitas.

No entanto, a mais importante organização terrorista palestina a operar em Israel é o Hamas.

II.2.5.O Hamas e os seus inimigos¹⁷⁸

Hamas é tanto um acrónimo de *Harakat al-Muqawanach al-Islāmiyyah* (Movimento de Resistência Islâmico) como é a palavra árabe para *zelo*. Consiste numa organização muçulmana sunita fundamentalista que foi fundada na Faixa de Gaza, em 1987, por uma célula da Irmandade Muçulmana. O Hamas opera na Faixa de Gaza, na Cisjordânia e ataca Israel no seu todo. O seu objetivo consiste em estabelecer um Estado Islâmico, baseado na lei *sharia*, do Mar Mediterrâneo ao Rio Jordão, ou seja, em todo o território que é agora Israel. Consequentemente, não reconhece o direito de Israel existir bem como os acordos desenvolvidos com a Organização pela Libertação da Palestina.

O Hamas tem dois ramos. Existe um braço militar, que administra de facto a Faixa de Gaza, denominado *Brigada Izz al-Din al-Qassam*. Também possui um centro político, que se encontra, para além da Faixa de Gaza, em Samaria e na Judeia. Além destas duas componentes, a armada e a política, o Hamas também trabalha concedendo serviços de ação social.

Para se financiar, realiza contrabando de alimentos e de armas através de túneis subterrâneos entre o Egito e a Faixa de Gaza. Através destes túneis também ocorre infiltração de terroristas. Após o financiamento ter sido cortado por o Hamas ter-se pronunciado a favor dos rebeldes sírios, em 2017 o Irão regressou ao financiamento desta organização, enquanto que as ligações com a Irmandade Muçulmana esmoreceram, ao ponto de se terem destruído os túneis que unem o Egito à Faixa de Gaza. Assim, em 2018, verificou-se uma melhoria das capacidades militares do Hamas

¹⁷⁸ Análise baseada da informação retirada de Counter Extremism Project, n.d.a, Encyclopaedia Britannica, n.d.b, Jewish Virtual Library, n.d.b, The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, n.d.b.

e a retoma dos treinos pela Guarda Revolucionária Iraniana. É de salientar que o Hamas também recebe financiamento do Qatar.

Esta organização terrorista tem dificuldade em se relacionar com outras organizações palestinas. O grupo terrorista Hamas, após a Segunda Intifada, onde houve um escalar da violência, procurou moderar as suas visões relativamente a um processo de paz com o Estado Judeu, dado ter concordado com o cessar fogo estipulado entre o Presidente da Autoridade Palestina Abbas e o Primeiro Ministro Sharon em 2005. Este acordo estipulava o fim das hostilidades da parte palestina em troca do retirar israelita dos territórios palestinos.

Em 2006 verificaram-se eleições legislativas palestinas, nas quais o Hamas ganhou a maioria, tendo sido criado um governo de coligação entre o Fatah e o Hamas. Contudo, rapidamente escalaram conflitos entre os dois partidos, respetivas milícias e forças de segurança, resultando, em 2007, na tomada do poder pela força do Hamas e respetiva expulsão do Fatah da Faixa de Gaza, encontrando-se este partido a administrar a Cisjordânia. Perante este cenário de violência e anarquia, o Presidente Abbas dissolveu o governo da Autoridade Palestina e declarou Estado de Emergência, governando o próprio por decreto presidencial.

Perante esta tomada de posse do governo por uma entidade que considera terrorista, o Estado Judeu aprovou sanções à Faixa de Gaza, como é o caso de cortes de energia, restrição de importações, restrição e fecho da fronteira a norte, em Erez.

Por sua vez, o Hamas, em vez de ter procurado cumprir a sua promessa de melhorar as condições de vida à população palestina na Faixa de Gaza, aproveitou a localização estratégica deste território, a sul de Israel, para atacar localidades israelitas através do lançamento de mísseis, muitos de alta tecnologia, fornecidos pelo Hezbollah.¹⁷⁹ Entre tentativas de tréguas e de cessar fogos, ocorreram três guerras entre esta entidade terrorista e o Estado Judeu. A primeira ocorreu entre 2007 e 2008, após a tomada de controlo sobre Gaza, início de lançamento de mísseis a Israel, o que levou a retaliação pelo Estado Judeu, com o ataque aéreo mais violento que este país realizou. A segunda guerra ocorreu em 2012, quando houve uma escalada pelo Hamas do número de lançamento de granadas a Israel. Por fim, em 2014, após o desaparecimento de três adolescentes da Cisjordânia e novos lançamentos de mísseis a Israel, este país inicia

¹⁷⁹ Abrams, E., 2018.

uma ofensiva aérea e terrestre. Ocorreram já diversos cessar-fogos, que foram violados pelo Hamas e, de seguida, por Israel.

A última ocasião de violência mais extremada ocorreu entre dia 30 de março e 15 de maio de 2018, ocasião do 70.º aniversário da independência israelita e do *Nakba* (ou seja, do êxodo palestino), altura em que ocorreu a transferência da embaixada americana para Jerusalém. Durante esses dias, os protestantes incendiaram papagaios de papel e balões para o lado israelita. O dia 14 de maio foi o dia mais tenso, com 40 mil protestantes, que procuravam entrar no lado israelita. Entre os protestantes haviam militantes do Hamas armados, cujo objetivo era entrar, destruir e matar israelitas. Israel, que nos dias anteriores havia respondido de forma menos violenta, abriu fogo, causando 60 mortos e 2700 feridos. Houve uma escalada de violência, culminada com lançamento de mísseis por parte do Hamas e ataques aéreos em represália da parte de Israel em outubro, novembro e março, com dificuldade em realizar tréguas e cessar fogo entre ambas as partes.¹⁸⁰

Perante este cenário de constante violência, ocorreram retrocessos de condições de vida na Faixa de Gaza, condições estas expostas anteriormente.

Relativamente ao relacionamento do Hamas com a Autoridade Palestiniana, este poder ser caracterizado como volátil. Desde a declaração de Estado de Emergência pelo Presidente Abbas que se procurou uma reconciliação entre o Fatah e o Hamas, mas a violência sempre emergiu. A maior tentativa de reconciliação ocorreu em outubro de 2017, com o Primeiro Ministro Ramdallah. Nesta, procurou-se retomar a criação de um governo unitário, pelo que o Hamas e o Fatah acordaram a recuperação pela Autoridade Palestiniana da Faixa de Gaza. A Autoridade Palestiniana de facto retomou algumas funções governativas, mas o Hamas permaneceu no Comité Administrativo.

Desta falta de coerência da parte do Hamas, resultaram três consequências. Em primeiro lugar, em 2018 a Autoridade Palestiniana começou a cortar o orçamento dedicado à Faixa de Gaza. Consequentemente, as más condições de vida neste território pioraram. Em segundo lugar, dificultou a criação de um Estado Palestino, devido à oposição existente entre as condições de vida na Cisjordânia e as condições de vida na Faixa de Gaza, visto que são territórios sob diferentes administrações. Por fim, e a pior consequência, dificultou a reconciliação definitiva entre o Hamas e a Fatah, como partido principal da Autoridade Palestiniana.¹⁸¹

¹⁸⁰ Council on Foreign Relations, 2019.

¹⁸¹ Wermebol, G., 2019.

O Hamas também tem, com a sua permanente violência, prejudicado o seu relacionamento com países árabes, dos quais se salientam dois. Em primeiro lugar, tem prejudicado o seu relacionamento com o Egito. Em 2008, com o Presidente Mubarak do Egito, havia liberdade de cruzar a fronteira de forma a adquirir comida e combustível. Contudo, tudo se alterou com o Presidente Morsi, em 2013. Este líder da Irmandade Muçulmana era hostil ao Hamas, pelo que colocou novas restrições à passagem da fronteira de Rafá e destruiu os túneis de contrabando nesta fronteira. As fronteiras foram efetivamente fechadas em 2014. Desta forma, as dificuldades em Gaza agravaram-se, havendo dificuldade da parte do Hamas em pagar os salários da função pública. Em 2019, o Egito voltou a limitar o movimento.

O outro país que tem dificuldades em relacionamento com o Hamas é a Arábia Saudita.¹⁸² Este país nunca financiou a organização terrorista de forma direta, mas permitia que houvesse angariação de fundos no seu território. No entanto, desde que, no início dos anos 2000, o Hamas tornou-se próximo do Irão, o relacionamento com a Monarquia Saud piorou. A crise de relacionamento entre a Arábia Saudita e o Hamas evidenciou-se desde 2016. Desde que o Presidente Trump se opôs totalmente ao Irão e afirmou que desejava a paz entre palestinianos e israelitas, a Arábia Saudita, sob a orientação do Príncipe Herdeiro, tem pressionado a Autoridade Palestiniana a chegar a um acordo com Israel, quer realizando ameaças, quer oferecendo apoio financeiro. De igual forma, a Monarquia Wahhabita tem condenado o Hamas. Esta condenação tem sido efetivada de diversas formas. Por um lado, pressionando política e economicamente os países árabes para que considerem o Hamas uma organização terrorista. Por outro lado, prendendo apoiantes desta organização, torturando-os, deportando-os e vigiando as suas transferências financeiras.

No entanto, o Hamas também prejudica o processo de paz entre Israel e a Autoridade Palestiniana. Por um lado, porque atualmente Israel receia que o Hamas também tome controlo da Cisjordânia, caso se retire totalmente deste território. Por outro lado, Israel denuncia qualquer acordo entre o Fatah e o Hamas, afirmando que tal prejudicaria um acordo de paz com Israel.

¹⁸² Amer, A. A., 2019.

II.2.6. Sobre as aspirações palestinas a um Estado¹⁸³

Nas palavras do Sub-Secretário Geral da Organização das Nações Unidas¹⁸⁴, há uma paralisia no processo das negociações de paz entre Israel e a Palestina, o que alimenta não só o extremismo como exacerba as tensões e faz que haja perda de esperança. Consequentemente, têm surgido ações unilaterais, como se pode depreender nos colonatos. Muitos bairros e infraestruturas palestinas têm sido destruídos tanto em Jerusalém Oriental como na Cisjordânia, de forma a aumentar os colonatos israelitas. Outra iminente ação unilateral é a razão pela qual estas infraestruturas e habitações palestinas têm sido destruídas: a anexação da Cisjordânia por Israel.

De igual forma, têm surgido diversos tipos de tensões que podem vir a ser exacerbadas. Perante esta iminente anexação da Cisjordânia por Israel, corre-se o risco de haver uma transferência forçada de muitos palestinos tanto da Cisjordânia como de Jerusalém Oriental.

Outra tensão que se verifica consiste no facto de Israel ter cortado o financiamento à Autoridade Palestiniana. Tal se deve por 7 por cento do valor concedido pelo Estado Judeu ter sido investido, pela Autoridade Palestiniana, em apoio a palestinos nas prisões ou à famílias de palestinos que haviam sido mortos pelas Forças de Defesa Israelitas. Ou seja, Israel considerava que o dinheiro havia sido investido não no setor público, nas forças de segurança ou na economia da Cisjordânia, mas sim financiava os que haviam cometido atentados terroristas ao próprio Estado Judeu. A Organização para a Libertação da Palestina também ameaça acabar com a coordenação de segurança com Israel.

Por fim, verifica-se um profundo desânimo palestino. Por um lado, não acreditam numa solução de dois Estados. Tal se deve por terem perdido a confiança nos seus líderes. O Fatah havia perdido as eleições em 2006 por ser acusado de corrupção e de profunda ineficácia a lidar com os problemas na Palestina. No entanto, o Hamas aproveitou-se do poder para continuamente atacar Israel através da Faixa de Gaza. Por outro lado, os palestinos não acreditam numa solução que os integre no Estado de Israel, dado que tal significaria a negação tanto do seu nacionalismo como das suas aspirações estatais.

¹⁸³ Análise baseada da informação retirada de Al-Omari, O., Indyk, M.S., Singer, J., 2018, Conselho de Segurança, 2019, Council on Foreign Relations, 2019, Encyclopaedia Britannica, n.d.c, My Jewish Learning, n.d, Wermelbol, G., 2019.

¹⁸⁴ Conselho de Segurança, 2019.

II.2.7. Em resumo, quais são os interesses, potencialidades e vulnerabilidades do Estado Judeu? ¹⁸⁵

Após a exposição destes fatores geopolíticos e geoestratégicos podemos compreender que o verdadeiro e principal interesse do Estado Judeu para a realização de uma aliança formal com os Estados Unidos da América é legitimidade.

Permanecendo os Estados Unidos a conceder apoio à causa israelita este país terá o seu reconhecimento garantido não só a nível regional, bem como à escala internacional. Depreende-se este aspeto pelo facto da Arábia Saudita, desejando que a potência norte-americana permaneça com a sua aliança, tem procurado criar uma “Iniciativa de Paz Árabe” com Israel, tem pressionado a Autoridade Palestiniana a criarem um acordo com o Estado Judeu, bem como tem realizado troca de informações com este Estado único no Médio Oriente. Outro aspeto que revela a influência americana na legitimidade israelita é o facto de, perante a mudança da embaixada americana para Jerusalém e consequente instauração desta cidade como capital do Estado Judeu, nenhum país árabe aliado dos Estados Unidos ter, publicamente, condenado esta ação unilateral americana.

Podemos, por conseguinte, subentender que Israel depende dos Estados Unidos para reforçar a sua legitimidade a nível internacional.

II.3. Quais os interesses, potencialidades e vulnerabilidades do Estado de Israel e da Monarquia da Arábia Saudita?

Após esta exposição, podemos resumir os interesses, potencialidades e vulnerabilidades dos Estados em estudo na seguinte forma.

Relativamente a Israel, a sua grande potencialidade é a sua forte economia, em especial relativamente a inovação tecnológica, que se concretizou em Forças Armadas extremamente avançadas e fortes, para um Estado de tão pouca expressão demográfica e geográfica.

No entanto, é um país que ainda combate para ter legitimidade no mundo, dado a sempre presente questão das aspirações palestinianas em ter um Estado. Semelhantemente, o facto de ter sido criado num estado de permanente insegurança

¹⁸⁵ Tabela com fatores utilizados na análise de Israel no Anexo 48, “Fatores utilizados para análise geopolítica e geoestratégica de Israel”, na página xxix.

tornou a criação de uma identidade nacional coesa uma segunda prioridade, que ainda não foi totalmente concretizada.

Quanto às potencialidades da Arábia Saudita, estas debruçam-se em três aspetos. Primeiramente, o facto de ser a Guardiã dos Lugares Sagrados, o que lhe concede forte legitimidade religiosa, sendo considerada a Líder do Mundo Islâmico. De igual forma, as suas abundantes fontes de petróleo concedem-lhe um grande poder a nível da economia mundial. Por fim, neste momento encontra-se a ser *de facto* governada pelo Príncipe Herdeiro MBS, que, por sua vez, encontra-se a realizar reformas políticas e económicas que têm não só procurado diversificar a economia, como têm concedido maior legitimidade desta Monarquia aos olhos do mundo Ocidental.

Contudo, tem como grande vulnerabilidade o facto de ter Forças Armadas extremamente pouco desenvolvidas, dependendo dos Estados Unidos relativamente à sua proteção e segurança.

Por fim, observamos que os interesses destes Estados acabam por se complementar. Israel anseia por ter o seu Estado seguro no Médio Oriente de forma a poder concretizar a sua identidade nacional, quando, por sua vez, a Arábia Saudita anseia pela criação de melhores Forças Armadas que reforcem a sua posição de líder no Médio Oriente. Concedendo Israel treino e informações à Arábia Saudita, esta poderá criar uma coligação de Estados Árabes a favor de Israel, como se tem revelado com a “Iniciativa de Paz Árabe”.

II.4. O Perturbador Regional

Compreendemos, no capítulo anterior, que os interesses sauditas e israelitas se complementam. Consequentemente, com uma parceria, as suas vulnerabilidades seriam colmatadas, sendo a de Israel o desejo de ter segurança ao nível da sua legitimidade estadual, enquanto que a Arábia Saudita colmataria a sua insuficiência ao nível das Forças Armadas.

Contudo, entendemos que, para estes Estados tomarem esta posição de um relacionamento tático, terão de ser percecionadas ameaças mútuas. Consequentemente, este capítulo tem como objetivo responder à seguinte pergunta: *De acordo com a teoria de Stephen Walt, que tipo de ameaças podem ter sido percecionadas tanto pela Arábia Saudita como por Israel para haver uma alteração no seu relacionamento?*

Este capítulo dividir-se-á em dois subcapítulos. O primeiro procurará responder à pergunta: *Que atores externos poderão se revelar perturbadores para uma melhoria no relacionamento entre Israel e a Arábia Saudita?*. O segundo subcapítulo terá como título: *Como é que o Irão pode ser percecionado como uma ameaça?*.

No final realizar-se-á uma síntese em que se responderá à pergunta que guiará este capítulo no seu todo.

II.4.1. Que atores externos poderão se revelar perturbadores para uma melhoria no relacionamento entre Israel e a Arábia Saudita?¹⁸⁶

Relativamente a atores externos à região do Médio Oriente que se poderiam revelar perturbadores para uma possível aliança entre Israel e a Arábia Saudita apontam-se três.

Primeiramente, a União Europeia, dado a sua convicção para com os valores democráticos, sendo oposta à Monarquia Absoluta que é a Arábia Saudita. De igual forma, apesar de reconhecer o Estado de Israel, revela-se ambígua relativamente a este, dado o assunto da independência palestina.

No entanto, a União Europeia tem sofrido a ascensão do nacionalismo e do populismo. Este retorno ao passado deve-se ao facto de a Guerra do Terror ter levado à ascensão do Estado Islâmico que, por sua vez, cometeu atrocidades, além de se ter aproveitado das novas tecnologias para propagar a sua mensagem radical até entre refugiados e naturais islâmicos no Ocidente. Consequentemente, no Ocidente surgiu um forte sentimento anti-islâmico, que fez com que a União Europeia tenha estado a desinvestir nas soluções de segurança para o Médio Oriente.

Por sua vez, a Rússia tem-se afirmado como uma potência ressurgente, procurando poder após uma década de prostração. Desde a eleição de 2016 que os jovens árabes veem a Rússia como um aliado e os Estados Unidos como um adversário. Esta observou esta oportunidade e aproveitou-a, tendo-se esforçado para ganhar influência no Médio Oriente. Os seus objetivos não são somente expandir as fissuras da arquitetura estratégica norte-americana no Médio Oriente, como também deseja pacificar a sua fronteira sul.

A Rússia expandiu a sua influência no Médio Oriente com o vazio que a administração Obama criou ao diminuir a influência norte-americana nesta região¹⁸⁷. A

¹⁸⁶ Análise baseada da informação retirada de Byman, D. L., 2018, Krasna, J. S., 2019, Özbey, F., 2019, Zanotti, J., 2019b.

sua estratégia tem passado por aproximar-se dos tradicionais aliados norte-americanos, bem como por convencer estes de que não existe uma nova ordem mundial nem uma “Superpotência”, tendo de cada um cuidar dos seus interesses.

Os aliados tradicionais norte-americanos vêem a Rússia como uma forma de retrain a impetuosidade iraniana, garantir a estabilidade síria e de manter as suas esferas de influência. Para além da influência que o gigante russo tem na Síria e na Turquia, também tem influência na Arábia Saudita. Dado que a Rússia, apesar de ter somente o estatuto de Observador junto da OPEC, tem surgido como um país exportador de petróleo de importância, conseguido criar aliados entre outros países que não são parte da OPEC, a Arábia Saudita procurou este país para ajudar a equilibrar o preço do petróleo.

A presença iraniana na Síria, através de grupos como Hezbollah, tem criado uma ameaça à segurança israelita ainda maior. Assim, Israel tem procurado interceder mais junto da Rússia, dado que este país coopera com o Irão e com a Síria.

Todavia, observamos que a Rússia não tem uma política unificadora sendo, antes, um agente de coligações negativas. Ao ser um ator que favorece o Irão e a Síria, não pode apoiar e ajudar incondicionalmente estes dois Estados em estudo, que têm o Irão e a Síria como inimigos.

Relativamente à China, esta tem a sua Iniciativa da Nova Rota da Seda, que passa pelo Médio Oriente. A China não se encontra inserida nas sanções contra o Irão, pelo que se tornou o maior importador e exportador no Regime Iraniano.¹⁸⁸ Contudo, esta somente se apresenta como um grande apoiante económico ao inimigo visceral tanto de Israel como da Arábia Saudita.

No entanto, apesar do Príncipe MBS estar disposto a criar tratados de defesa com a China, a Rússia e a Índia, nenhum destes tem a capacidade de garantir a segurança ao Golfo como os Estados Unidos. Consequentemente, não se consegue reduzir a dependência saudita da potência americana.

¹⁸⁷ “The Russians were able to use a military presence there to gain outsized influence across the region precisely because of its military engagement at a time when the United States is withdrawing militarily” Martin Indyk, 2019, p. 13.

¹⁸⁸ “China is now the largest consumer of oil from the Middle East, has huge stakes in the flow of oil from the region, and has begun to invest in instruments that can over time build influence in the region.” Bruce Jones, 2019, p.7.

Desta forma, entendemos que nenhum destes atores é, em si, uma ameaça ou agente que perturbe este possível relacionamento tático. Todavia, são atores que têm relacionamentos fortes com o grande perturbador regional, o Irão.

II.4.2. Como é que o Irão pode ser percecionado como uma ameaça?

*Um Estado Revolucionário distinto*¹⁸⁹

O Irão começou a ser percecionado como uma ameaça após 1979, com a Revolução Islâmica, em que surgiu como uma potência revisionista, sendo que podemos salientar o seu carácter revolucionário em dois aspetos.

Primeiramente, tornou-se uma potência revisionista em termos religiosos. Ao contrário da maioria dos Estados do Golfo, o Irão não é um Estado Árabe, mas de etnia Persa. Ou seja, já tem uma história antiga de poder e cultura próprios. Em segundo lugar, a maioria religiosa no seu país é seguidora do Islamismo Xiita. Com a Revolução Islâmica de 1979, deu-se o fortalecimento político da *ulama*, bem como impôs-se a doutrina teocrática, sendo um governo dirigido pelos clérigos, pela Jurisprudência Islâmica (*velayat-e faqih*). Consequentemente, o Regime Iraniano denominou-se o detentor da “Custódia dos Clérigos” (“*Vilayat-e Faqih*”). Também se reestabeleceu a autoridade legal e religiosa dos xiitas, bem como a autoridade política do jurista xiita, *faqih*, cujo papel transcende a organização tradicional de comando e obediência do Xiismo.

Em segundo lugar, o Irão é um Estado Revisionista Revolucionário, em que procura que os povos se libertem da opressão do imperialismo revelado na figura dos Estados Unidos da América, o denominado “Grande Satã”. Apesar de ser um Estado teocrático, o Irão tem conseguido seduzir muitos Estados para a sua esfera de influência através do seu *soft power*. Aliás, tem conseguido abordar comunidades, públicos e sociedades civis pelas lentes da religião, mas também através de narrativas de resistência e de nacionalismo. Consequentemente, tem sido capaz de chegar às minorias que seguem a sua corrente religiosa e criar das mesmas grupos *proxy* com objetivos políticos que vão contra o *status quo* dominante no Médio Oriente: países ou regimes maioritariamente sunitas sob a influência americana. Assim, mesmo dentro de meios sunitas, Islâmicos viam o Irão como um aliado potencial contra os seus regimes repressivos.

¹⁸⁹ Análise baseada da informação retirada de Abdolmohammadi, P., Mezran, K., n.d., Grumet, T. R., 2015, Hamid, S., Mandaville, P., 2018.

O Regime Islâmico tem seguido as políticas de Khomeinistas, ou seja, aqueles que seguem as políticas revolucionárias de Khomeini. São um grupo composto por clérigos ultraconservadores e elites pasdaran e basij. Desejam intensificar o apoio a oponentes internos de monarquias conservadoras, de forma a haver mais tensão nestes países e fortalecer-se e manter-se a estabilidade de uma frente política-ideológica xiita na região. Consequentemente, existe o foco numa política externa de fortalecimento do triângulo xiita.

*Árabes versus Persas*¹⁹⁰

Desde a Revolução Islâmica que as relações entre o Irão e a Arábia Saudita têm sido tensas. Em primeiro lugar, é uma rivalidade baseada na religião, sendo o Irão, como referido anteriormente, xiita, e a Arábia Saudita ser maioritariamente sunita, em especial Wahhabita.

O Islão Sunita assenta no Corão, na Suna, que é a compilação do comportamento do Profeta, e no Consenso, ou seja, acreditam que forma preferida de Maomé de escolher o Califa é pelo consenso na comunidade. No entanto, o *Wahhabismo* é a forma mais conservadora do Sunismo, dado não aceitar nenhuma tradição ou acrescento ao Islamismo após o século terceiro da era islâmica.

Em termos religiosos¹⁹¹, a doutrina Wahhabita aponta sete razões para se condenar o Xiismo. Em primeiro lugar, porque a crença xiita em Ali concede-lhe um estatuto divino, o que contradiz a principal doutrina Islâmica, que Alá é único. Consequentemente, torna o Xiismo politeísta. Em segundo lugar, o Xiismo deve ser condenado por a sua doutrina pregar a infalibilidade dos Imãs. Tal leva a que o Profeta Maomé não seja o “selo dos Profetas”, mas somente mais um profeta. Os Wahhabitas também acusam os xiitas de distorcerem o Corão de forma a justificarem as suas doutrinas de Ali ter o direito à sucessão de Maomé. Em quarto lugar, os Wahhabitas condenam os xiitas de serem devassos, dado permitirem casamentos por prazer para determinados períodos de tempo.

De igual forma, condenam a dissimulação que os xiitas praticam, o que leva a que seja impossível confiar nesta minoria nas tentativas de reaproximação e reconciliação. Da mesma forma, acusam o Xiismo de ser uma invenção tanto por Judeus

¹⁹⁰ Análise baseada da informação retirada de Adami, A., Pouresmaeili, N., 2013., Ahmadian, H., 2018, Bar, S., 2005.

¹⁹¹ Bar, S., 2005, pp. 4,5.

como por praticantes do Zoroastrismo. Finalmente, referem que a doutrina xiita permite o assassinio de sunitas.

Em segundo lugar, a rivalidade é baseada em hostilidades políticas. A Arábia Saudita observa o Islão Político como uma ameaça. Relativamente às razões políticas, os clérigos Wahhabitas também apontam duas razões¹⁹². Em primeiro lugar, acusam os xiitas de serem agentes do Irão para influenciar o mundo árabe. Em segundo lugar, de terem o plano de derrubar o Sunismo Islâmico para conquistarem os Lugares Sagrados em Hijaz. Por o Irão, com a Revolução Islâmica, proclamar o fim de regimes repressivos, há o receio saudita de que esta influência desperte as populações xiitas nos países sunitas contra os seus regimes.

Em terceiro lugar, existe uma hostilidade étnica. O Irão não é um país árabe, mas persa. É uma etnia antiga, que remonta para os tempos bíblicos, neste caso à queda da Babilónia para o Império Persa, tendo sido, inclusivamente, um dos maiores Impérios da Antiguidade. Por sua vez, a Arábia Saudita é árabe, reclamando a sua importância em fundamentos religiosos. Neste caso, a Monarquia dos Saud revela a sua importância no facto de Alá se ter revelado a Maomé, um árabe, nos lugares sagrados que se encontram no seu país. Consequentemente, existe uma rivalidade entre uma etnia antiga e real e uma etnia religiosa que prolifera na região.

Consequentemente, e por fim, existe uma grande rivalidade geopolítica. Ambos os Estados procuram estatuto e hegemonia na região. O Irão observa a Monarquia Saudita como um regime opressivo, dado que o Profeta Maomé condena as Monarquias, tendo de ser instituído um regime teocrático. De igual forma, devido à aliança americana que a Arábia Saudita tem, esta Monarquia é imperialista. Assim, deve ser destituída, para se criar uma comunidade mundial islâmica, uma unidade política, económica e cultural.

A Arábia Saudita, por sua vez, é a líder do bloco do *status quo*. A segurança que esta Monarquia exerce nos restantes países, e a sua consequente influência na região permite que haja estabilidade na região. A Arábia Saudita balança a região contra qualquer influência que possa causar instabilidade na zona. Assim, este Estado procura preservar a região contra as influências revolucionárias iranianas.¹⁹³

¹⁹² Bar, S., 2005, p. 6.

¹⁹³ "It becomes clear that Saudi Arabia's security and influence in the region is the function of the existence of stability and balance in the region and it reacts to every factor bringing about instability in the region and tries to preserve the regional balance and its resulting stability. As a result, the top

*Possíveis aliados naturais tornam-se rivais naturais*¹⁹⁴

Em termos de geografia política, não existe suscetibilidade de haver rivalidade e hostilidade entre o Irão e Israel, dado que não partilham fronteiras, não existem terras para reclamar. Além do mais, em termos geopolíticos, os dois são dois Estados distintos num mar de Estados árabes e sunitas. Irão, ao ser persa e xiita, com uma posição boa estratégica, bem como Israel ser um Estado Judeu, eram aliados naturais. Por fim, nunca ocorreu um conflito direto entre estes dois países.

No entanto, em 1979, com a Revolução Islâmica, o tema central da política revolucionária iraniana tornou-se “Morte a Israel”. A principal razão deve-se por o Irão ter o desejo de criar um mundo islâmico único e coerente, sendo um Estado Judeu um “parasita” neste seu desejo hegemónico. Contudo, o Regime Islâmico também revela outras razões para desprezar Israel. Em primeiro lugar, desprezou as reivindicações históricas judias, revelando que estas não existem. De igual forma, revela que o Holocausto não é um bom argumento, dado que houve colaboração entre os Sionistas e a Alemanha Nazi, sendo os números do grande genocídio fabricados. Consequentemente, o Sionismo é uma ideologia racista, que despreza os árabes e os persas, achando os judeus superiores e, igualmente, Israel é imperialista, explorando e suprimindo muçulmanos para seu proveito. Por fim, o Irão revela que há uma congruência entre os interesses americanos e israelitas. O Regime refere que os Estados Unidos nunca aceitaram a legitimidade do Regime Islâmico. Consequentemente, existe inimizade entre o Estado Americano e o Estado Iraniano. Por Israel ser um aliado americano no Médio Oriente, inimizade entre os Estados Unidos e o Irão leva a haver, por consequência, inimizade entre Israel e o Irão.¹⁹⁵

Portanto, o Irão começou a propagar o conflito israelo-árabe como uma cruzada religiosa, islamizando o conflito, observando-o na dicotomia bem-mal, salientando a obrigação muçulmana para com os Palestínianos terem libertação. Assim, houve o término das relações diplomáticas entre Israel e o Irão, em 1979.

priority of Saudi Arabia in the Middle East is preserving the balance of power and stability.” Adami, A., Poursmaeili, N., 2013, p. 160.

¹⁹⁴ Análise baseada da informação retirada de Kasserm D. D., Nader, A., Roshan, P., 2011, Menashri, D., 2006.

¹⁹⁵ “They believe that Israeli and U.S. objectives are fundamentally the same and that U.S. hostility toward Iran is due to Israel’s strategic interests, therefore dictating any U.S. action.” Kasserm D. D., Nader, A., Roshan, P., 2011, p. 60.

*O início de um desequilíbrio regional*¹⁹⁶

Vários acontecimentos ocorreram que mudaram geopolítica e geoestrategicamente o relacionamento entre os países em estudo e constituíram o Irão como uma ameaça.

Nos anos 90, o Irão caracterizava-se por ser um centro antiamericano, que se opõe as políticas de paz americanas que legitimam Israel. Contudo, após a queda da URSS houve um favorecimento de Israel. A queda da URSS levou a que muitos judeus russos imigrassem para Israel, o que aumentou a demografia israelita. De igual forma, levou a que o Irão deixasse de ter um aliado que lhe fornecesse armas bem como salvaguarda nuclear. Em 1991, os Palestínios começaram a desejar a paz, culminando com os Acordos de Paz de 1993. Consequentemente os Palestínios começaram a organizar-se em órgãos governativos de forma a criarem um Estado Independente em partes de Israel.

Podemos compreender, portanto, que o Irão começou a perder predominância política no Médio Oriente, deixando, inclusivamente, sucumbir os Palestínios à esfera americana. Contudo, todo o cenário alterou-se no início do segundo milénio.

Com a guerra contra o terror levada a cabo pela administração Bush e consequente destituição de Saddam Hussein, em 2003, o quadro geopolítico no Médio Oriente alterou-se. Saddam Hussein era uma figura sunita, que suprimia a maioria xiita constituinte do Iraque para haver um favorecimento sunita, o que favorecia a balança de poder no Médio Oriente. Os Estados Unidos, com a sua invasão ao Iraque, alteraram duas balanças de poder: a do Iraque e a do Médio Oriente. Com a colocação de um governo maioritariamente xiita no Iraque pelos Estados Unidos, iniciou-se uma exploração da identidade religiosa iraquiana pelo Irão, de forma a se fortalecer¹⁹⁷. A partir deste momento, o Médio Oriente começou a sofrer uma guerra ideológica.

A Arábia Saudita, ao compreender que a balança de poder estava a sucumbir para o seu adversário, procurou mobilizar forças anti-xiitas, de forma a manter o *status quo ante*. Por sua vez, o Irão utilizou o exemplo do Iraque como forma de países de

¹⁹⁶Análise baseada da informação retirada de Abdolmohammadi, P., Mezran, K., n.d, Adami, A., Poursmaeili, N., 2013, Ahmadian, H., 2018, Grumet, T. R., 2015, Kasserm D. D., Nader, A., Roshan, P., 2011, Menashri, D., 2006.

¹⁹⁷“Sectarianism is as much a product of time and place as it is an exploitation of identity. When attempting to understand the Sunni-Shi’ite divide, it is important to note that sectarianism is being used as a form of ethno-religious political mobilization since religion is a key factor of one’s identity within the Muslim world.” Nader Hashemi, 2011, in Grumet, T. R., 2015, p. 83.

minorias xiitas pudessem sentir-se motivados a revolucionarem-se contra os seus regimes repressivos imperialistas, repressivos, sob a influência do Grande Satã.

Um Crescente Primavera

A mudança de regime iraquiano foi o início do denominado Crescente Xiita. O Crescente Xiita é constituído por países que se encontram sob a influência do Irão.

A Síria e o Irão sempre foram aliados estratégicos. Têm como objetivos aumentar a autonomia de cada um, bem como diluir o poder e a influência estrangeira, em especial a americana. Contudo, o Irão também utiliza esta país como forma de observar os seus inimigos, em especial Israel, e para desenvolver a sua esfera de influência, dado que a Síria serve, também, como centro de refúgio de muitos dos seus *proxies*.¹⁹⁸

O Hezbollah¹⁹⁹ é uma organização não estatal de cariz jihadista xiita foi fundada em 1982 no Líbano. É um ator não estatal que possui dupla identidade. Em primeiro lugar, é um partido político libanês, tal como o seu nome indica (“partido de Alá”). Após a retirada das Forças de Defesa Israelitas no fim da Primeira Guerra do Líbano, o Hezbollah tornou-se a força dominante não só no sul do Líbano, como também para toda a população xiita deste país. Em segundo lugar, é uma organização terrorista, tendo como objetivo lutar pela libertação dos territórios ocupados, expulsando as forças militares israelitas.

No entanto, mesmo sendo uma organização libanesa, é considerado como um instrumento do regime iraniano.²⁰⁰ É do Irão que o Hezbollah adquire armas, treino e financiamento para as suas atividades. Além do mais, foi a partir do Exército dos Guardiões da Revolução Islâmica, mais conhecidos como Guarda Revolucionária Iraniana, que o Hezbollah foi formado.

A Guarda Revolucionária Iraniana²⁰¹ formou-se após a Revolução Islâmica de 1979 para preservar o Irão e os ideais da evolução. Esta Guarda em sido o principal instrumento do Irão para exportar a ideologia da Revolução regionalmente.

¹⁹⁸ “*maximising their autonomy, keeping their local adversaries in check, diluting foreign (particularly US) power and influence in the Middle East and asserting themselves in their respective spheres of influence*” Jubin Goodarzi, 2007, in Ahmadian, H., 2018, p. 136.

¹⁹⁹ “[*Hezbollah is*] *the most formidable of all the Iranian proxies in the Middle East*” Nicholas Blanford, 2020, in Noack, R., Parker, C., 2020.

²⁰⁰ “*Hezbollah is first and foremost an instrument of the Iranian regime.*”, Counter Extremism Project, n.d.b, p. 3

²⁰¹ Counter Extremism Project, n.d.c.

Conseqüentemente, tem agido no Líbano (através do Hezbollah), mas também na Síria. A Guarda Revolucionária Iraniana é constituída por dois braços. Em primeiro lugar, temos a milícia Basij, que é uma organização paramilitar que concede treino militar defensivo para se suprimir atividade interna antirregime. Em segundo lugar, temos as forças Quds. É através desta força que a exportação dos ideais do regime, bem como a concessão de treino e armas a grupos como o Hezbollah, ocorre.

O Movimento da Jihad Islâmica gerou-se no Egito em 1979 a partir da Irmandade Muçulmana. Saiu desta organização por a considerar moderada, partindo para a Faixa de Gaza. Em 1988 foram expulsos para o Líbano, onde tomaram contacto tanto com o Hezbollah como com a Guarda Revolucionária Iraniana. É uma organização próxima do Irão, recebendo extensivo apoio por este país, tanto em financiamento como em treino e em concessão de armas à sua força militar as Brigadas al-Quds. Também tem bases em Damasco, Síria, operando, conseqüentemente, neste país.

Com a Primavera Árabe, o Irão rapidamente ganhou um novo papel estratégico, dado que teve a oportunidade histórica de influenciar dissidentes xiitas, aumentando a instabilidade política na região.²⁰² Vários regimes sunitas “irmãos” da Arábia Saudita, como foi o caso do Egito sob o Presidente de Hosni Mubarak e o Iémen sob o Presidente Abdullah Saleh, a sofrerem dissidências causadas por revoluções e a serem depostos para regimes políticos antagonistas à Monarquia dos Saud.

Assim, com a Primavera Árabe, a rivalidade passou a confrontação.²⁰³ Israel viu-se rodeada de países mais hostis ainda à sua existência. Agora, o Irão tinha o Iraque sob a sua influência, que poderia desestabilizar o seu grande rival regional, a Arábia Saudita, que, por sua vez, havia compreendido que a balança de poder se havia alterado contra si

Assim, tinha de tomar medidas que enfraqueçam estas minorias de forma a não terem a predominância que conduza a uma utilização das mesmas pelo Irão. A questão da geopolítica regional é motivadora para haver discriminação. A diminuição do sunismo no Iraque, a ressurgência do Irão, a resiliência do Hezbollah, o crescimento das minorias xiitas no Kuwait, no Iémen, na Turquia, no Afeganistão, no Paquistão e na Índia levam a que a Arábia Saudita se sinta insegura regionalmente. O receio de que o aumento da influência iraniana provoque uma alteração da balança regional do poder a

²⁰²Abdolmohammadi, P., Mezran, K., n.d.

²⁰³Ahmadian, H., 2018.

favor do Irão, dado o aumento deste Crescente Xiita, faz com que a Arábia Saudita perca a sua posição de Hégemon regional. De igual forma, o sunismo pode deixar de ser a principal variante do Islamismo. Assim, a Monarquia Al-Saud tomou medidas como o seu envolvimento da Guerra do Iémen, de forma a combater a minoria xiita, conhecida como Houthis, enquanto discriminava a sua minoria no seu território.

O nosso melhor amigo tornou-se amigo do nosso inimigo

Com a a Primavera Árabe e as posições da administração Obama, a Arábia Saudita ficou sob pressão. Em primeiro lugar, pelo apoio americano concedido a rebeldes de países aliados, em segundo lugar, pela forma como os Estados Unidos abordaram diplomaticamente o Irão, o que revelava uma alteração da abordagem regional habitual, e, por fim, a estratégia de Obama para haver um balanço entre poderes do Médio Oriente ter colocado em causa o tratamento preferencial para com aliados. Esta estratégia foi formalizada pelo Acordo JCPOA de 2015.²⁰⁴

A 14 de julho de 2015, os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha, a França, a Rússia, a China e a Alemanha negociaram um acordo nuclear com o Irão. Este referia que deseja criar reatores nucleares para efeitos pacíficos e internos, dado que era forma de dissuadir os seus países hostis, mas também para fortalecer a sua economia. Contudo, a Arábia Saudita não ficou agradada com esta forma de agir americana, apesar de não ter referido publicamente. Os Estados Unidos sempre referiram que apoiariam a Monarquia Saudita contra qualquer ataque.²⁰⁵ No entanto, a verdade é que, tanto Israel como a Arábia Saudita se sentiam cada vez mais desamparados pelo seu grande aliado, os Estados Unidos, percecionando o crescimento de uma ameaça iraniana.

Guerra fria no Médio Oriente?

Guerra por peões²⁰⁶

Perante um cenário de corrida pelo poder no Médio Oriente, podemos perspetivar uma guerra fria. Tal se deve por nenhum dos Estados acima descritos ter-se envolvido numa guerra direta.

²⁰⁴ *Idem*

²⁰⁵ “The United States and Saudi Arabia... face a common enemy [Iran]...cooperation is essential to keeping both of our countries safe...the United States would pledge to defend its friends and allies in the region from Iranian aggression.” Hillary Clinton, 2010, in Grumet, T. R., 2015, p. 96.

²⁰⁶ Análise baseada da informação retirada de Adami, A., Pouresmaeli, N., 2013, Ahmadian, H., 2018, Byman, D. L., 2018, Grumet, T. R., 2015, Hazbun, W., 2019, Noack, R., Parker, C., 2020, Panaite, A. C., 2017, Tabatabai, A., 2019.

A rivalidade Saudi-iraniana manifestou-se nos conflitos internos que alteraram a região. Formaram-se alianças tendo em conta o jogo soma zero por terra, recursos, armas e influência. Na competição por hegemonia, os rivais ideológicos e políticos exploraram os conflitos do Levante ao Golfo, apoiando os partidos políticos opostos, financiando militares inimigos e apoiando ação militar através dos seus *proxies*. Estes inimigos aproveitam-se dos vazios do poder nos Estados fracos para alimentar a sua influência na política interna, de forma a manter as suas esferas de influência.

Relativamente ao Irão, este não deseja uma guerra quente. A sua economia encontra-se vulnerável não só devido à imposição das sanções, mas também devido à corrupção existente no sistema político. De igual forma, é difícil o Irão obter investimento direto. Consequentemente, existe a dificuldade de criar uma força convencional forte.

No entanto, o Irão é um país caracterizado por se sentir inseguro geograficamente, dado a hostilidade contra o seu Regime teocrático. Portanto, a sua doutrina militar refere a necessidade de haver limites na sua força militar e de solidão estratégica, devido aos embargos militares, tendo uma indústria inferior aos países vizinhos e inimigos.

No entanto, o Regime Iraniano tem como objetivo projetar poder no Médio Oriente de forma a contra-atacar a influência americana, saudita e israelita. Para tal, tem procurado criar novas normas de forma a ter legitimidade e institucionalizar o seu poder com o objetivo de criar uma nova ordem regional em detrimento dos Estados Unidos e de Israel. A sua influência tem-se expandido, o que tem criado, como já foi referido, insegurança nos Estados do Golfo.

O sucesso da sua ideologia é a sua capacidade de se capitalizar em vácuos de poder no Médio Oriente, como são os casos do Iémen e da Síria. Tem sido bem-sucedido pois, as forças Qud da Guarda Revolucionária organizam e treinam instrutores de milícias armadas, concedem armas e criam alianças económicas. Os Houthis do Iémen têm contra-atacado a Arábia Saudita desde que esta se envolveu no conflito com o apoio americano. O Hezbollah tem sido mobilizado pelo Irão na Guerra Civil Síria.

Consequentemente, tem desenvolvido uma política de dissuasão, ao criar um programa de criação de mísseis balísticos, e de guerra assimétrica, através do uso frequente a *proxies*. Assim, é capaz de atacar capitais e infraestruturas americanas, bem como lutar contra os seus inimigos de uma forma que as suas Forças Armadas não

conseguiriam. Tudo numa atitude defensiva, para preservar a sua integridade territorial e estabilidade política.

Quanto à Arábia Saudita, esta iniciou uma política de restauro do equilíbrio, apoiando grupos anti-xiitas. Esta política baseia-se em dois grandes pilares.

O primeiro consiste em cooperar a nível militar e de segurança com poderes conservadores e extrarregionais. A Arábia Saudita e os Emiratos Árabes Unidos, ambos aliados dos Estados Unidos da América, tendo o “guarda-chuva” nuclear deste último, têm procurado organizar a região tanto através de intervenções militares e diplomáticas agressivas bem como através de concessão de apoio financeiro a aliados e *proxies*. Contudo, estes têm falhado em contrabalançar eficazmente o Regime Iraniano. Na Síria, a Arábia Saudita adotou uma abordagem árabe-ocidental, promovendo a mudança de regime na Síria, consultando políticos americanos, turcos e árabes e financiando a oposição síria, o que foi observado como uma política anti-iraniana.

O segundo pilar consiste em opor-se a ideias revolucionárias no mundo árabe e islâmico pretendendo ser o líder conservador que deseja balançar a região de forma a prevenir a dispersão de ideias revolucionárias em países conservadores. A sua principal arma é a exportação do Wahhabismo, de forma a criar alianças.

Contudo, esta política de dispersão de ideias revolucionárias em países conservadores inclui o seu próprio país. Em 2017, a Monarquia dos Saud executou o proeminente clérigo xiita Nimr al-Nimr, revelando-se como uma ameaça aos Xiitas na Província Oriental.

No entanto, o Regime Islâmico considera que esta execução foi para seu benefício para que o Reino seja observado como um regime criminoso brutal, que não devia, por consequência, deter os lugares sagrados do Islão. Ocorreram protestos devido a esta execução em Teerão, o que levou a que parte da embaixada saudita fosse queimada, ocorrendo, consequentemente, o corte das relações diplomáticas, económicas e de transportes.

É de notar que a Arábia Saudita mantém relações diplomáticas com o Iraque para o influenciar a distanciar-se do Irão.

Observamos, com tudo acima exposto, que, no Médio Oriente vive-se uma autêntica guerra fria, de condenações diplomáticas, ataques através de terceiros atores e corrida por alianças.

Relativamente a Israel, este, por ser aliado dos Estados Unidos, sofre constantes ataques, como observado em capítulos anteriores, por parte de atores financiados pelo

Irão. Este Regime Islâmico, além de todas as razões ideológicas que tem contra o Estado Judeu, percebe-o como uma fonte de instabilidade interna, que fomenta oposição, supondo que financia grupos anti-revolucionários no Irão, como é o caso do *Green Movement* e *Mujapedin Kholq Organization*.

Corrida ao armamento?²⁰⁷

Desde que o acordo JCPOA tem sido ameaçado, o Irão tem procurado criar a sua própria capacidade nuclear. Esta é determinada pelo desejo do Regime de sobreviver e de expandir o seu poder regional de forma a contra-atacar capacidades militares nucleares e convencionais. De igual forma, é uma maneira de revelar que não depende de poderes externos, em especial dos Estados Unidos, tecnologicamente, mesmo sofrendo sanções económicas.

Contudo, com o enriquecimento de urânio por parte do Irão para criar a sua capacidade de nuclear, iniciou-se um receio de proliferação nuclear. O facto do Irão ser um estado com ideais revolucionários, ameaça os restantes Estados, que lhe são hostis, como é o facto da Arábia Saudita, a procurarem obter armas nucleares, com receio pela sua existência e poder estratégico.²⁰⁸

Isto já é observável com a Arábia Saudita. Por esta estar sob acordos de cooperação nuclear para fins pacíficos, o Reino não pode enriquecer urânio ou mudar a data final do acordo. No entanto, tem realizado diversos acordos de armas para fortalecer-se militarmente, sendo capaz de enfrentar o Irão. Igualmente, vai procurar produzir 16 infraestruturas atómicas até 2030, mas com o auxílio chinês.²⁰⁹ Tudo porque afirma que, se o Irão obtiver armas nucleares, o Reino também as produzirá.²¹⁰

²⁰⁷ Análise baseada da informação retirada de Adami, A., Pouresmaeili, N., 2013, Blanchard, C.M., 2019, Kasserm D. D., Nader, A., Roshan, P., 2011.

²⁰⁸ “*Although the world has been able to enjoy an era of nuclear peace as a result of the military strategy of deterrence, unfortunately there are those who fear that new global developments are shifting the international system to experience state and non-state actors who challenge the assumptions of the deterrence theory. As nuclear proliferation occurs, the international system is once again experiencing nuclear states with radical revolutionary global objectives. These objectives will first threaten their regional enemies and thus, proliferation may come in hostile pairs, which can set off a chain reaction of other neighbors fearing for their existence or strategic power position in their region.*” Grumet, T. R., 2015, p. 94.

²⁰⁹ “*(...)Saudi Arabia, as the biggest oil exporting country in the world, is seeking to build 16 atomic power plants by 2030 (...). In February 2012, during the Chinese prime minister’s visit to Riyadh, he declared that China has come to agreement with Saudi Arabia for building two nuclear power plants.*” Adami, A., Pouresmaeili, N., 2013, p. 170.

²¹⁰ “*Saudi Arabia does not want to acquire any nuclear bomb, but without a doubt if Iran developed a nuclear bomb, we will follow suit as soon as possible*” Príncipe Herdeiro Mohammed bin Salman, 2018, in Blanchard, C.M., 2019, p. 34.

II.4.3 De acordo com a teoria de Stephen Walt, que tipo de ameaças podem ter sido percebidas tanto pela Arábia Saudita como por Israel para haver uma alteração no seu relacionamento?

Depreendemos, após esta exposição, que a Arábia Saudita e Israel percebem como uma ameaça o Irão.

Tendo em conta a teoria de Stephen Walt da balança da ameaça²¹¹, o Irão preenche quase todos os indicadores que revelam este como uma ameaça pelos Estados em estudo. Relativamente ao poder agregado²¹², que se revela na expressão demográfica e nas capacidades industriais e militares, este é um fator em que este Regime revela ser preponderante. Relativamente à extensão territorial, este país é relativamente que a Arábia Saudita (tendo 1 648 195 quilómetros quadrados). No entanto, tem uma dimensão demográfica muito superior à dos países em estudo (quase 85 000 000 de habitantes). Apesar de não possuir um poder convencional equivalente ao de Israel, a sua Guarda Revolucionária é muito poderosa, treinando, pelas Forças *Qud*, outros atores hostis a Israel.

Quanto à proximidade geográfica²¹³, este país encontra-se extremamente próximo da Arábia Saudita. A sua fronteira sul encontra-se separada da Província Oriental saudita somente pelo Golfo Pérsico. A preocupação da proximidade geográfica é exacerbada pela Arábia Saudita ao reconhecer que a Província Oriental, como citado anteriormente, é fortemente habitada por sauditas xiitas, que poderão ser influenciados pelo Irão. Relativamente a Israel, estes países não têm nenhuma proximidade geográfica. Contudo, este fator é colmatado pela extensão da rede *proxy* do Irão, bem como pelos Estados que se encontram influenciados por este Regime, como é o caso da Síria e do Líbano²¹⁴.

Relativamente às forças militares ofensivas, a Guarda Revolucionária Iraniana é uma força muito poderosa neste Estado. Contudo, o que se salienta no Irão é a elevada extensão da sua rede de *proxies*²¹⁵. A Arábia Saudita tem como o *proxy* mais perigoso os Houthis na sua fronteira sul. Quanto a Israel, este tem como *proxies* a atacar o Hezbollah, através do Líbano, mas também o Hamas, sendo este o *proxy* iraniano que

²¹¹ Walt, 1985, 1989.

²¹² Central Intelligence Agency., n.d.b.

²¹³ Conferir com mapa, no Anexo 49, “Mapa do Irão”, na página xxxi.

²¹⁴ Conferir com mapa, no Anexo 50, “Mapa dos aliados do Irão no Médio Oriente”, na página xxxi.

²¹⁵ Conferir com mapa, no Anexo 51, “Mapa da rede *proxies* do Irão”, na página xxxii.

mais prejudica o Estado Judeu. Estes *proxies*, como referido anteriormente, são fornecidos pelo Irão com treino, mísseis, drones, entre outras armas.

Finalmente, tanto a Arábia Saudita como Israel observam intenções agressivas no Regime Islâmico. Quanto à Arábia Saudita, esta observa o Irão como uma ameaça política, dado que o Regime Islâmico considera a Monarquia anti-islâmica. A Monarquia dos Saud observa este estado como uma ameaça religiosa, dado que se considera como o Protetor dos Xiitas, sendo estes considerados uma minoria perigosa para os sunitas. De igual forma, a Arábia Saudita considera o Regime Islâmico Iraniano como uma ameaça regional, visto que o Irão procura ser o Estado Hegemónico regional ao reformular as identidades políticas e religiosas. Quanto a Israel, este considera o Irão como uma ameaça à sua existência. O Irão nunca reconheceu a existência do Estado Judeu, tendo como uma constante da sua ideologia o extermínio deste do Médio Oriente. Por fim, ambos os Estados consideram o Irão como uma ameaça, dado que procura a criação de armas nucleares. Para a Arábia Saudita, um Irão nuclear desequilibraria o balanço do poder no Médio Oriente, visto que a Arábia Saudita não é detentora de armas nucleares. Relativamente a Israel, a aquisição de armas nucleares pelo Irão seria observada como uma possível sentença de morte.

Concluindo, o Irão, sendo percecionado como uma ameaça tanto por Israel como pela Arábia Saudita, é o ponto de ligação para haver um relacionamento tático entre estes países.

Capítulo III: Os Estados Unidos no Médio Oriente

III.1. História das Relações Bilaterais

Este capítulo da dissertação procurará estabelecer um quadro histórico de forma a compreender o desenvolvimento das diversas relações bilaterais no triângulo Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel. O objetivo final será estabelecer um ponto de ligação entre os países em estudo para se entender as alterações regionais que ocorreram no Médio Oriente.

A pergunta de partida que guiará este capítulo, e que se responderá no fim deste, é a seguinte: *Como se caracterizavam as relações bilaterais do triângulo Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel antes da administração Trump?*

III.1.1. A Arábia dos Saud e os Estados Unidos²¹⁶

O relacionamento entre a Arábia Saudita e os Estados Unidos tem perdurado ao longo de sete décadas. O que distingue este relacionamento de outros deve-se ao facto de ter sido iniciado por contactos empresariais devido a necessidades de ambos os atores, sendo, posteriormente, estabelecidos contactos políticos²¹⁷.

Início

Após o Reino ter sido fundado em 1932, o Rei ibn Saud procurou criar contactos com os Estados Unidos, sob o pretexto de exploração exclusiva dos recursos petrolíferos do seu país. Estes contactos deviam-se a três preocupações sauditas. Em primeiro lugar, receava-se um ataque iminente das monarquias Hashemitas da Jordânia e do Iraque pelas cidades sagradas de Meca e Medina. Em segundo lugar, o recém-nascido Reino da Arábia Saudita tinha receio das tendências imperialistas dos países europeus. Como tinha conhecimento que os Estados Unidos praticavam uma política isolacionista, nunca tendo tido mandatos imperialistas em parte nenhuma do mundo, preferia que os Estados Unidos lhe concedessem proteção. Em terceiro lugar, a Arábia

²¹⁶Análise baseada da informação retirada de Aghamohammadi, Z., Omid, A., 2018, Blanchard, C.M., 2019, Bureau of Near Eastern Affairs, 2019, Chughtai, A., 2017, Council on Foreign Relations, 2018, Czerniawski, M., 2010, Dockery, W., 2018, Freeman Jr., C.W., 2003, Gause III, F. G., 2009, Looney, R., 2006, Lucic, A., Pustelnik, D., 2009, Ottaway, D., 2009, Özbey, F., 2019, Pollack, J., 2002, Reuters, 2008.

²¹⁷Czerniawski, M., 2010, Lucic, A., Pustelnik, D., 2009.

Saudita sofria com a Grande Depressão dos anos 30, em especial devido à fraca afluência de peregrinos às cidades sagradas.²¹⁸

Os Estados Unidos não possuíam verdadeiro interesse em envolverem-se no Médio Oriente, dado que 60 por cento da produção petrolífera provinha do seu país.²¹⁹ No entanto, acedeu e realizaram-se negociações com a *Standard Oil of California* em 1933.²²⁰ Contudo, rapidamente os interesses modificaram-se. Em 1937, descobriram-se vastos recursos de petróleo e, no ano seguinte, os Estados Unidos descobriram que os seus depósitos petrolíferos, devido à produção em massa de automóveis, à industrialização acelerada, bem como à eletrificação, seriam insuficientes em 1941 para suprir as necessidades internas, sendo necessários recursos extraterritoriais²²¹. Apesar dos recursos sauditas explorados por americanos somente produzirem 1 por cento da produção mundial, a Arábia Saudita revelava-se um país simpatizante com os ocidentais, bem como tendo uma localização geoestratégica fundamental, de ligação entre três continentes.^{222 223} Assim, em 1939 os Estados Unidos estabelecem relações diplomáticas formais com a ²²⁴ Arábia Saudita, criando um consulado em Jidá.

Em 1943, desejando os Estados Unidos ter controlo sobre os depósitos petrolíferos no estrangeiro, de forma também a ter uma salvaguarda em caso da Segunda Guerra Mundial se prolongar, criou-se a Corporação das Reservas de Petróleo, que se tornaria, fundindo-se com a empresa americana já presente no terreno, a *Arabian-American Oil Company* (ARAMCO). Esta empresa tornou-se uma fonte de modernização do país. Em 1948, descobriram-se os vastos campos petrolíferos em Ghawar. É deste campo que sai a maioria do petróleo saudita, que consiste no triplo da produção das reservas americanas²²⁵.

Apesar destes contactos e destes desenvolvimentos entre os dois países, somente em 1950 é que ocorreu o encontro entre o Presidente Roosevelt e o Rei ibn Saud que forjou a aliança que vigora até os dias de hoje. Esta consiste na proteção do Reino pelos

²¹⁸Ottaway, D., 2009

²¹⁹ Lucic, A., Pustelnik, D., 2009

²²⁰Ottaway, D., 2009

²²¹“accelerated industrialization, the mass production of automobiles, and electrification of households (...) had propelled the demand for petroleum in the United States well beyond its production capacity.” Oren, 2007, in Czerniawski, M., 2010, p. 7.

²²²Bureau of Near Eastern Affairs, 2019

²²³“I hereby find that the defense of Saudi Arabia is vital to the defense of the United States.”, Presidente Roosevelt, 1943, in Lucic, A., Pustelnik, D., 2009, p. 30.

²²⁴“to provide for acquisition of oil resources outside the limits of the United States for the safety and security of the country.” Secretário da Marinha William Knox, 1944, in Ottaway, D., 2009, p. 2.

²²⁵Ottaway, D., 2009.

Estados Unidos, através da concessão de armas americanas e usufruto da base aérea de Damman pelos americanos, em troca de produção excessiva de petróleo e venda a custos baixos, bem como moderação dos picos do preço do mesmo, pela Arábia Saudita.

Guerra Fria

O encontro que estabeleceu a aliança entre o Rei Ibn Saud e o Presidente Roosevelt em 1950 revelou um ponto de tensão: a criação do Estado de Israel. O Monarca de imediato assumiu que rejeitaria qualquer argumento de os judeus terem direito a território na Palestina. Tal se devia de, para este, Israel servir como ponto de entrada de ideias e influências comunistas para o Médio Oriente, dado muitos judeus soviéticos emigrarem para o Estado Judeu. O Comunismo era receado pelo Rei saudita por ameaçar os interesses económicos sauditas, a soberania do seu estado, bem como a sua religião, visto que esta ideologia, por natureza, é ateia.²²⁶

O Presidente Roosevelt, que já sofria a competição entre os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, apaziguou o possível desmantelamento da recém-nascida aliança afirmando que não apoiaria Israel se este Estado causasse prejuízo a árabes, que sempre defenderia a Arábia Saudita bem como a liberdade e a independência de outros Estados no Médio Oriente.

Desta forma, iniciou-se uma aliança baseada, primeiramente, em interesses económicos e, em segundo lugar, num inimigo comum, o Comunismo. Contudo, este início caloroso não representava a inexistência de tensões entre os dois países em estudo. Podemos apontar quatro pontos de tensão. Primeiramente, logo em 1955 os Estados Unidos assinaram o Pacto de Bagdade com a Grã-Bretanha, o Iraque, o Irão, a Turquia e o Paquistão, um pacto de defesa mútua contra avanços soviéticos no Médio Oriente. Por estarem presentes países que eram inimigos do Reino, a Arábia Saudita não entrou. Um desses países consistia no Egito sob Nasser, que foi, precisamente, o segundo ponto de tensão entre os Estados Unidos e a Monarquia.²²⁷

O Nasserismo, com a sua ideologia nacionalista secularista procurava unir os países árabes, indo contra o desejo saudita de soberania, bem como o seu estabelecimento religioso, um dos pilares da Monarquia. Mesmo perante ataques aéreos no sul do território saudita, em 1962, através de bases no Iémen, o Presidente Kennedy

²²⁶Czerniawski, M., 2010

²²⁷Pollack, J., 2002

propôs simplesmente reformas internas. Somente em 1963 os Estados Unidos enviaram aviões militares e expandiram a missão de treino para Jidá, mantendo forças em Dharan, retirando-se, logo, em 1964. Esta forma de agir americana revelou que, na realidade, não se interessavam pela segurança interna saudita, mas sim pela segurança dos campos de petróleo.²²⁸

Foi compreendendo a importância do petróleo saudita para os Estados Unidos que o ponto de tensão seguinte ocorreu, centrado em Israel. A tensão entre a Arábia Saudita e os Estados Unidos em Israel ocorreu em duas datas distintas. A primeira ocorreu entre 1966 e 1967, quando ocorriam conflitos entre o Egito, a Síria, a Jordânia e Israel, que culminaram na Guerra dos Seis Dias. A Arábia Saudita não se envolveu diretamente no conflito, mas mobilizou forças pela Jordânia. Quando Nasser acusou os Estados Unidos da América de apoiarem Israel, ocorreram ataques de sauditas a americanos, culminando no Embargo de Petróleo em 1967. O ponto de tensão seguinte ocorreu na década de 70. Em 1970 a autossuficiência americana estava a terminar, e, em 1973, após a Guerra de Yom Kippur, Arábia Saudita liderou um embargo aos países ocidentais que apoiassem Israel, em especial aos Estados Unidos, que haviam concedido armas ao Estado Judeu na guerra²²⁹.

No entanto, podemos salientar momentos favoráveis desta aliança no período da Guerra Fria. Estes deveram-se à Revolução Islâmica. Durante muitos anos os Estados Unidos dependiam do Shah do Irão para estabilizar o Médio Oriente. A Monarquia tornou-se hegemónica na região. Em 1973, com a queda de Nasser no Egito, o nacionalismo foi ultrapassado pelo fundamentalismo religioso. Com a Revolução Islâmica, a Arábia Saudita tornou-se o principal aliado na região. Consequentemente, a Arábia Saudita iniciou um grande período de doutrinação e extremismo no país e na região.²³⁰

Dois momentos se salientam. O primeiro consiste na invasão do Afeganistão pelos Soviéticos através do Irão. Utilizando a ânsia anticomunista e anti-xiita, os Estados Unidos uniram-se à Arábia Saudita e ao Paquistão, usando grupos moderados e grupos extremistas, os *jihadistas*, maioritariamente financiados pelos sauditas para espalhar a

²²⁸*Idem*

²²⁹Czerniawski, M., 2010, Ottaway, D., 2009, Pollack, J., 2002

²³⁰Czerniawski, M., 2010

doutrina Wahhabita. Com esta guerra procurou-se combater tanto o Irão como a União Soviética de forma a manter a supremacia americana e saudita.²³¹

O segundo grande momento de coligação foi a Primeira Guerra do Golfo, em 1991, durante a invasão do Kuwait pelo Iraque. O grande apogeu e vitória foi a presença de 500 mil soldados em bases no território saudita. Contudo, o resultado foi o aumento de acordos de armas entre a Arábia Saudita e os Estados Unidos da América, o conseqüente aumento da dívida saudita aos americanos, uma maior doutrinação do povo bem como o crescimento do sentimento de antiamericanismo.²³²

Deterioração

Com a queda da União Soviética e conseqüente fim da Guerra Fria, o relacionamento entre a Arábia Saudita e os Estados Unidos sofreu um arrefecimento. Este arrefecimento foi causado por duas forças motivadoras.

A primeira força motivadora consiste precisamente na presença americana no Médio Oriente. Esta sofreu um aumento a partir dos anos 90, com o fim da Primeira Guerra do Iraque. Os Estados Unidos prolongaram o tempo de presença das suas tropas na Arábia Saudita sob o pretexto de conter o Irão e o Iraque. Contudo, o facto de a Arábia Saudita ter motivado o desenvolvimento do fundamentalismo religioso Wahhabita, mais conhecido no exterior como Salafismo, para combater as forças xiitas e comunistas durante o período da Guerra Fria, levou a que o espírito *jihadista* se prolongasse, mas tendo, agora, como base o antiamericanismo. Conseqüentemente, nos anos 90 ocorreram quatro ataques pela al-Qaeda, que havia sido desenvolvida por Osama bin Laden, terrorista saudita. O primeiro foi em Riade, em 1995; o segundo foram os ataques às Torres Khobar, em 1996, que matou 19 americanos; os últimos foram os ataques às embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia.²³³

Dois desenvolvimentos importantes de antiamericanismo foram provocados pela forte presença americana no Médio Oriente. O primeiro foi o ataque às Torres Gémeas a 11 de setembro de 2001, em que 15 dos 19 atacantes eram sauditas²³⁴. Os dois governos, apesar de terem continuado a defender o valor do relacionamento, tiveram de lidar com opiniões públicas hostis. Os Estados Unidos vilificaram a Arábia Saudita, condenando a Monarquia Absoluta de irracionalidade e de cumplicidade com a al-

²³¹*Idem*

²³²Council on Foreign Relations, 2018, Czerniawski, M., 2010.

²³³Pollack, J., 2002.

²³⁴Freeman Jr., C.W., 2003.

Qaeda, dado ter promovido o braço fundamentalista sunita, o Salafismo. Além do mais, visto que muitos dos que perpetuaram os ataques eram cidadãos sauditas, pressionaram a Arábia Saudita a fechar organizações não governamentais, sob cariz humanitário, que financiavam terroristas²³⁵. Por sua vez, no povo saudita surgiram sentimentos de ressentimento e hostilidade contra os Estados Unidos. Estes sentimentos deviam-se, maioritariamente, ao facto de os americanos apoiarem o povo judeu em detrimento do Iraque, bem como por condenarem o Islão.

O segundo desenvolvimento prejudicial para o relacionamento consistiu na invasão do Iraque de 2003. Apesar do caos político que existia neste país, a Arábia Saudita considerava o mesmo como um “país irmão”. Consequentemente, condenou os ataques americanos ao Iraque, bem como não ofereceu as suas bases militares para as tropas norte americanas estacionarem. O facto de os Estados Unidos terem instalado um governo xiita pró-iraniano ainda mais esfriamento causou ao relacionamento entre os dois países, tendo, agora, a Arábia Saudita uma fonte de insegurança como seu vizinho. Por conseguinte, a Monarquia árabe expulsou a Força Aérea americana das suas bases e iniciou negociações com companhias petrolíferas europeias, chinesas e russas. De igual forma, procurou comprar aviões europeus.²³⁶

Contudo, não foi somente a forte presença americana que causou um esfriamento da relação. Na verdade, com o fim da Guerra Fria houve uma alteração da base da aliança. Esta passou de ter uma base de segurança, contra o comunismo, para ter uma base ideológica. E o cerne da base ideológica é, precisamente, Israel, sendo este a segunda força motivadora para a deterioração da aliança. Bill Clinton, no avanço das negociações de paz entre Israel, a Síria e a Palestina, não puniu o Estado Judeu. Além do mais, não aproveitou a oportunidade para cortar com a influência iraniana na Síria e isolar o Hezbollah. De igual forma, o seu sucessor, Bush Jr. apesar de ter sido apresentado na campanha eleitoral como um candidato a favor dos Árabes, dado ser empresário de uma companhia petrolífera e ser filho de Bush Sr., que confrontou Israel sobre os colonatos na Cisjordânia, este pouco interesse revelou na questão israelo-árabe. Pelo contrário, na Segunda Intifada, apesar de ter enviado ajuda externa à Autoridade Palestiniana, recebeu o Primeiro Ministro israelita, Sharon, na Casa Branca.²³⁷

²³⁵Dockery, W., 2018.

²³⁶Ottaway, D., 2009.

²³⁷Aghamohammadi, Z., Omid, A., 2018

Obama

O relacionamento entre a Arábia Saudita e os Estados Unidos sob a administração Obama pode ser caracterizada como tendo sido flutuante. Considerava-se que o Médio Oriente estava a perder a sua importância na política global americana. Consequentemente, a administração Obama criou a estratégia do pivot asiático. Esta consistia na concentração da atenção da administração americana nos países na Ásia. Tal se devia não somente pelo inegável crescimento da economia asiática, em especial da China, como também uma forma de contrabalançar o poder desta citada potência em desenvolvimento. Assim, os Estados Unidos não só procuraram estabelecer maiores contactos comerciais com os Estados asiáticos, como desenvolveram uma política de maior ação diplomática, através de organizações como a US-ASEAN, como através do desenvolvimento de mais bases militares ao longo do Oceano Índico²³⁸.

Contudo, no início, os Estados Unidos procuraram conceder primazia à Arábia Saudita na sua diplomacia, iniciando conversações de paz com a Monarquia para colmatar a deterioração do relacionamento, como foi acima exposto. De igual forma, pressionou-se Israel devido aos colonatos na Cisjordânia.²³⁹

Todavia, ocorreram diversos momentos de divergência com a Arábia Saudita. Um dos pontos de divergência foi a Primavera Árabe. A revolução egípcia criou receio no regime saudita de ocorrer uma revolução no seu próprio país. Além do mais, criou tensão entre os dois países na aliança, dado que a administração Obama apoiou os revolucionários egípcios. O relacionamento entre Estados Unidos e Arábia Saudita ainda mais esfriou visto que esta revolução social pelo Médio Oriente e Norte de África fez que Riade fosse pressionada pelo então Presidente dos Estados Unidos para tomar diversos passos para se democratizar. Entre estes teve-se em conta o facto de o regime saudita violar diversos Direitos Humanos, entre os quais discriminação da comunidade xiita e a existência de diversas restrições aos direitos e liberdades das mulheres.

Outro ponto de divergência entre o estado árabe e o estado norte-americano foram as medidas contraterroristas implementadas pelos Estados Unidos. A medida que mais polémica causou foi o *Justice Against Sponsors of Terrorism Act*. Este ato permite que os cidadãos norte-americanos tivessem a oportunidade de processar países estrangeiros de danos, mortes ou ferimentos causados por atos terroristas. Dado que cidadãos sauditas, como foi exposto anteriormente, fazem parte da al-Qaeda, e dado

²³⁸ Moreira, B. B., 2015.

²³⁹ Ottaway, D., 2009.

que, também supracitado, os Estados Unidos pressionaram o regime saudita de fechar organizações que lucrassem para grupos terroristas, aumentou-se a tensão entre os dois países.²⁴⁰

Mais um ponto que levou a Arábia Saudita a divergir dos Estados Unidos foi a Guerra Civil no Iémen. Quando a ofensiva se iniciou em 2015 com o Príncipe Herdeiro Mohammed bin Salman, com uma postura mais agressiva, os Estados Unidos concederam armas, informação, bem como reabastecimento aéreo. No entanto, quando se verificaram mortes de civis, suspendeu-se este apoio, bem como o Presidente Obama começou a criticar a presença saudita nesta guerra civil.²⁴¹

Finalmente, o ponto que mais divergência causou entre a Arábia Saudita e os Estados Unidos da América foi a atitude tomada por Obama de reaproximação ao Irão. O facto de a administração Obama ter criado o *Joint Comprehensive Plan of Action* com o seu inimigo visceral, eliminando as sanções económicas, foi, para a Arábia Saudita, uma atitude de traição. Tal se deve por, apesar do país persa não poder desenvolver armas nucleares, tem permissão, e mais meios económicos, para desenvolver armas convencionais e apoiar os seus afiliados não estatais. Consequentemente, o Irão podia tornar-se o Estado hegemónico na região.²⁴²

III.1.2. O Estado Judeu e os Estados Unidos²⁴³

O relacionamento entre os Estados Unidos da América e Israel é considerado especial. Contudo, apesar do constante apoio das Presidências ao Estado Judeu, não existe nenhum tratado formal que enquadre este relacionamento. No entanto, mesmo sendo este relacionamento considerado como único, não implica que não seja uma aliança com uma história complexa.²⁴⁴

²⁴⁰Freeman Jr., C.W., 2003.

²⁴¹Council on Foreign Relations, 2018

²⁴²Blanchard, C.M., 2019.

²⁴³ Análise baseada da informação retirada de Bar-Siman-Tov, Y., 1998, Friedman, G., 2015, Hummel, D. G., 2019, Lewis, S. W., 1999, Lipson, C., 1996, Ministry of Foreign Affairs, 2008, Reuters, 2010, Zanotti, J., 2018, 2019.

²⁴⁴“We have a special relationship with Israel. It's absolutely crucial that no one in our country or around the world ever doubt that our number one commitment in the Middle East is to protect the right of Israel to exist, to exist permanently, and to exist in peace.” Presidente Jimmy Carter, 1977, in Bar-Siman-Tov, Y., 1998, p. 231.

Evitar Israel

Até à fundação do Estado de Israel, os Estados Unidos, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, consideravam tanto a problemática da Palestina como o conflito israelo-árabe, derivado à imigração judia para este território, de responsabilidade britânica²⁴⁵. Apesar de, em 1948, o Presidente Truman ter sido o primeiro líder mundial a reconhecer o Estado de Israel²⁴⁶, este reconhecimento não foi realizado de ânimo leve. Aliás, até 1967, os Estados Unidos procuravam evitar relacionamentos com o Estado Judeu. Tal se devia a diversos fatores. Primeiramente, a administração americana receava que a demonstração de apoio à causa judia poderia conduzir a um embargo de petróleo árabe ao Ocidente. De igual forma, esta demonstração de apoio poderia pôr em causa vários relacionamentos. Um desses seria o relacionamento tendo em conta o petróleo entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita, sendo o outro o relacionamento dos aliados da NATO com os seus aliados árabes, por conseguinte, inimigos de Israel. Finalmente, demonstração de apoio americano e ocidental a Israel poderia conduzir esses mesmos Estados Árabes a sucumbirem à influência soviética.²⁴⁷

Todavia, Israel desejava estabelecer um relacionamento de patronagem. Israel via um relacionamento com os Estados Unidos como uma oportunidade de obter armas de qualidade, salvaguardando não só a sua segurança, como também sendo uma forma de neutralizar a ameaça soviética, perpetuando a balança regional entre a URSS e os Estados Unidos.²⁴⁸

Contudo, este período foi caracterizado por muita tensão entre estes dois países. Por diversas vezes, os Estados Unidos negaram tanto a concessão de armas a Israel, como ofertas de infraestruturas militares no território judeu. De igual forma, não só impediram a entrada de Israel em iniciativas de alianças regionais, como proibiram a concessão de apoio financeiro a este estado. O pior momento de tensão entre ambos ocorreu na Crise do Canal do Suez entre 1956 e 1957. Perante a captura dos territórios da Península do Sinai e da Faixa de Gaza, o Presidente Eisenhower não só impôs sanções económicas, como ameaçou retirar Israel da ONU e retirar a ajuda financeira americana a Israel se este não se retirasse dos territórios supracitados.²⁴⁹

²⁴⁵Ministry of Foreign Affairs, 2008.

²⁴⁶Reuters, 2010.

²⁴⁷Lewis, S. W., 1999

²⁴⁸Bar-Siman-Tov, Y., 1998.

²⁴⁹Bar-Siman-Tov, Y., 1998, Hummel, D. G., 2019, Ministry of Foreign Affairs, 2008, Reuters, 2010.

Início de um relacionamento

Foi a partir da década de 60, com a administração de Kennedy, que os Estados Unidos começam a procurar estabelecer um relacionamento com Israel.²⁵⁰ Tal se deveu por a Síria e o Iraque sucumbirem a golpes pró-soviéticos, compreendendo os Estados Unidos que era necessário criar um cerco de mísseis desde a Arábia Saudita à Jordânia, incluindo Israel.²⁵¹

Kennedy reconheceu a insegurança israelita como sendo genuína. Consequentemente, além de fazer uma declaração de, perante um ataque a Israel, os Estados Unidos apoiarem o Estado Judeu, concedeu mísseis ao Estado. Contudo, estabeleceu condições, de forma a evitar proliferação de armas nucleares, entre as quais referia que não realizaria acordo formal de concessão de armas. De igual forma, estabeleceu um acordo que seria a base deste relacionamento especial até aos dias de hoje: que os Estados Unidos concederiam assistência militar limitada, de forma a que Israel tivesse paridade militar com os restantes Estados da região, em troca do Estado Judeu reconhecer os interesses americanos regionais na sua política interna, procurar moderar-se em termos de ataques ou contra-ataques, bem como dissuadir de realizar uma política nuclear.²⁵²

O ponto de viragem do relacionamento israelo-americano foi a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Esta guerra iniciou-se com a confrontação entre Israel e o Egipto pelo Estreito de Tirã e pelo Sinai. O Presidente Johnson ameaçou Israel de não se responsabilizar com as ações não ponderada israelitas. Contudo, após Israel conseguir um ataque rápido e bem-sucedido, os Estados Unidos deram apoio ao Estado Judeu, de forma a evitar uma intervenção soviética. Esta guerra solidificou a posição de Israel como um poder regional, anexando a Península do Sinai, os Montes Golã, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia, bem como Jerusalém Oriental.²⁵³

Estabelecimento de um relacionamento especial

Após a Guerra dos Seis Dias, os Estados Unidos compreenderam quatro aspetos essenciais relativamente a Israel e ao seu relacionamento com o Médio Oriente²⁵⁴. Em

²⁵⁰“*The United States has a special relationship with Israel in the Middle East, really comparable only to that which it has with Britain over a wide range of world affairs.*” Presidente Kennedy, 1962, in Bar-Siman-Tov, Y., 1998, p. 231.

²⁵¹Friedman, G., 2015.

²⁵²Bar-Siman-Tov, Y., 1998, Hummel, D. G., 2019.

²⁵³ Friedman, G., 2015, Hummel, D. G., 2019, Reuters, 2010.

²⁵⁴Bar-Siman-Tov, Y., 1998, Lipson, C., 1996.

primeiro lugar, uma política de distanciamento de Israel, de apaziguamento dos soviéticos e de contestação destes não funcionava. De igual forma, a proximidade com Israel não poria em causa relacionamento com outros Estados Árabes, dado estes terem as suas razões para procurar ter um relacionamento com os Estados Unidos. Por fim, armar militarmente Israel e Estados Árabes conservadores diminuiria a dependência destes e a presença americana na região, bem como providenciava *proxies* na região, impedindo a proliferação da influência soviética. Consequentemente, inicia-se um relacionamento especial de maior concessão de assistência militar e económica, compreendendo-se a importância geoestratégica de Israel na região.

O relacionamento tornou-se ainda mais forte e especial após setembro de 1970, quando Israel cooperou militarmente com os Estados Unidos da América na Guerra Civil da Jordânia, reconhecendo que os interesses globais e regionais dos Estados Unidos são importantes para o Estado. Consequentemente, houve um aumento significativo de ajuda económica e militar da potência americana para o Estado Judeu, bem como começou-se a apoiar o *status quo* israelita em relação ao seu território e política, nomeadamente de colonatos e de ocupação de território estrangeiro.^{255 256}

Contudo, a Guerra de Yom Kippur enfraqueceu o relacionamento temporariamente, dado que Israel presumia que tinha uma proteção especial americana, ponderando que o retraimento traria apoio americano. Contudo, os Estados Unidos observaram esta atitude israelita como sendo de vulnerabilidade e tremenda dependência aos Estados Unidos da América. De forma evitar a intervenção soviética, os Estados Unidos apoiaram Israel, mas concederam poucas armas.²⁵⁷

Esta guerra, no entanto, concedeu diversas vantagens aos Estados Unidos²⁵⁸. Primeiramente, permitiu que os Estados Árabes compreendessem que, através dos Estados Unidos, poderiam diminuir o conflito e iniciar um processo de paz. Consequentemente, houve uma diminuição da influência soviética, terminou-se com o embargo do petróleo que havia iniciado, restaurando-se, em última instância, a primazia americana. Contudo, este melhor relacionamento com os Estados Árabes significou, para Israel, uma perda da sua importância estratégica. Para os Estados Unidos, a

²⁵⁵Bar-Siman-Tov, Y., 1998.

²⁵⁶“[T]he President will never forget Israel's role in preventing the deterioration in Jordan and in blocking the attempt to overturn the regime there. . . . [T]he United States is fortunate in having an ally like Israel in the Middle East. These events will be taken into account in future developments.” Kissinger, 1970, in Bar-Siman-Tov, Y., 1998, p. 245.

²⁵⁷Bar-Siman-Tov, Y., 1998.

²⁵⁸*Idem*.

importância de Israel residia somente nos territórios que ocupava, visto que estes serviriam para realizar concessões para terminar com o conflito e, por fim, os Estados Unidos dominarem a região.

O principal objetivo do Presidente Carter era pacificar a região, estabilizando o Médio Oriente, salvaguardando o fornecimento do petróleo e, conseqüentemente, estabilizando os preços do mesmo. Assim, a importância de Israel residia, mais uma vez, nos territórios que ocupava. Após diversas recusas em realizar-se tratados de paz com o Egito e outros países, bem como haver mais contestação política nos Estados Unidos e em Israel por receio do Islão, o Estado Judeu acabou por ceder à potência americana, revelando tal através da visita do Presidente Sadat do Egito ao Estado israelita. Por fim, celebrou-se o Tratado de Paz entre o Egito e Israel e os Acordos Campo David. Apesar de ser um marco no desenvolvimento do processo de paz entre Israel e os Estados Árabes, bem como entre Israel e a Palestina, este Acordo simbolizou a diminuição da importância estratégica de Israel. Houve um aumento da importância do Egito com estes acordos. Compreende-se que a Doutrina Carter salientava a importância do Golfo Pérsico. Conseqüentemente, em troca de maior ajuda económica e militar americana, garantias de segurança e acordos de pesquisa e desenvolvimento, houve condenação pelos colonatos²⁵⁹.

Com Reagan²⁶⁰, houve um alívio no relacionamento israelo-americano. Reagan observava Israel como sendo o único aliado viável no Médio Oriente. Tal se devia à sua lealdade demonstrada ao longo das décadas acima estudadas, ao seu poder militar, bem como aos seus valores democráticos, num mar de Estados Árabes hostis, alguns destes aliados à URSS. Conseqüentemente, assinou-se o *Memorandum of Understanding on Strategic Cooperation* (a partir deste momento, escrito como MoU), em que se definia o desenvolvimento de um relacionamento militar com Israel, através da elaboração de exercícios conjuntos, de partilha de informação, planeamento de ações militares conjuntas, cooperação em pesquisa e desenvolvimento, de forma a dissuadir a URSS e as forças controladas por esta. Este foi o primeiro acordo público que expressa o estatuto especial israelita. Apesar de momentos de tensão, como foi a condenação da Guerra do Líbano iniciada por Israel em 1982, contida pelos Estados Unidos, bem como a condenação do ataque ao reator nuclear de Osirak, no Iraque, em 1981, este foi um

²⁵⁹Bar-Siman-Tov, Y., 1998, Lewis, S. W., 1999, Ministry of Foreign Affairs, 2008, Reuters, 2010.

²⁶⁰Bar-Siman-Tov, Y., 1998.

momento positivo no relacionamento israelo-americano²⁶¹. Tal pode ser observado na Guerra do Golfo em 1991, em que se comprovou que se pode seguir uma aliança estratégica aberta com Israel, bem como, simultaneamente, desenvolver relacionamentos estratégicos com países árabes conservadores.²⁶²

Pós-Guerra Fria

O colapso da URSS pôs em causa o fundamento estratégico da relação entre Israel e os Estados Unidos da América. Consequentemente, ocorreu uma divergência de interesses. Com a Síria e o Iraque sem patronos, o Egito a ser equipado militarmente pelos Estados Unidos e a Jordânia em paz e a ser aliada do Estado Judeu, este ficou sem a ameaça de um ataque iminente. Relativamente aos Estados Unidos, estes diminuíram o seu orçamento de defesa, dado já não ser necessária uma presença militar efetiva no Médio Oriente. Por conseguinte, houve uma diminuição da ajuda económica americana para Israel. Contudo, a economia israelita também se havia desenvolvido, tendo a importância do apoio americano no PIB israelita diminuído. Assim, o relacionamento entre estes dois Estados tornou-se mais livre, mais independente.²⁶³

No entanto, tal não significa que não ocorreram tensões. George H.W. Bush pressionou Israel a não se integrar na coligação maioritariamente constituída por países árabes conservadores para a Primeira Guerra do Golfo, com receio que esta se desintegrasse. De igual forma, perante a imigração russa para Israel, devido à queda da URSS, cortou com os empréstimos. Este presidente observava a problemática israelo-árabe como um compromisso de segurança e cooperação militar, o que desagradava a Israel, criando tensão entre ambos os Estados. Contudo, houve uma revitalização do relacionamento com o Primeiro-Ministro Rabin e o progresso realizado na Conferência de Madrid de 1991, relativamente ao processo de paz israelo-árabe.²⁶⁴

Entre 1993 e 1996, com a administração Clinton, ocorreu o apogeu do relacionamento bilateral. Tal se deveu a três aspetos. O primeiro consiste no facto dos líderes, ou seja, Clinton, Rabin e Peres, terem os seus interesses sincronizados. Clinton seguiu a estratégia de Rabin, procurando trabalhar em proximidade com estes e com Peres, de forma a minimizar os riscos para Israel de um acordo de paz. De igual forma, havia interesses exteriores em comum, sendo estes o crescimento do fundamentalismo

²⁶¹Lewis, S. W., 1999, Reuters, 2010.

²⁶²Lewis, S. W., 1999.

²⁶³Friedman, G., 2015, Lipson, C., 1996.

²⁶⁴Bar-Siman-Tov, Y., 1998, Lewis, S. W., 1999, Ministry of Foreign Affairs, 2008, Reuters, 2010.

islâmico, o maior apoio iraniano a grupos de terroristas, bem como a proliferação de armas de destruição maciça. Consequentemente, e por fim, houve maior disponibilidade entre Israel e os Estados Unidos para se desenvolverem estratégias sincronizadas tendo em vista um processo de paz entre Israel e os Estados Árabes.

Por conseguinte, podemos encontrar diversos acordos celebrados nesta administração americana de elevada importância. O que se mais salienta é o Acordo de Oslo que teve como consequência o encontro em Washington D .C. entre Arafat e Rabin, em que se delineou a Declaração dos Princípios para a concretização de um autogoverno palestino²⁶⁵. De igual forma, salienta-se a mediação do Acordo de Paz entre Israel e a Jordânia em 1994. Igualmente, também se celebraram diversos memorandos entre Israel e os Estados Unidos, tendo estes em vista a cooperação de segurança contra ameaças terroristas.²⁶⁶

Relativamente à administração de George W. Bush, o relacionamento pouco evoluiu. No entanto, para o mesmo a relação israelo-americana era de extrema importância por serem países unidos por mais do que um tratado; estavam unidos pelos valores bíblicos. Contudo, após o 11 de setembro é que o relacionamento teve mais importância, na luta contra o terrorismo islâmico, iniciando-se mais cooperação na área das informações. Contudo, esta troca de informações também se concretizou com países árabes, sendo estes hostis ao Estado Judeu. Em 2003, este Presidente iniciou o plano de paz denominado *road map*, após a II Intifada, com o objetivo de terminar com esta violência e iniciar negociações para a concretização de um Estado Palestino coexistir com o Estado de Israel.²⁶⁷

A administração Obama, por ter como objetivo, no Médio Oriente, melhorar as relações com os Estados Árabes, revelou-se hostil para com o Estado Judeu. Duas foram as ações que se salientam que revelam a supracitada hostilidade. Uma destas foi a criação do JCPOA com o Irão. Para os Estados Unidos, não se revela como viável realizar uma campanha militar contra as infraestruturas nucleares iranianas. Portanto, deve-se procurar negociar com o Regime Islâmico de forma a que este seja induzido a reduzir o seu programa. Contudo, para Israel, o Irão é uma ameaça iminente não só devido ao seu programa nuclear, mas também por, através do comércio, este país poder

²⁶⁵ Relativamente ao relacionamento entre Israel e a Autoridade Palestina, conferir o Anexo 52, “A Aspiração Palestina a um Estado e o Estado Judeu”, na página xxxii.

²⁶⁶ *Idem*.

²⁶⁷ Friedman, G., 2015, Reuters, 2010.

desenvolver armas convencionais que, de igual forma, tenham como objetivo destruir o Estado Judeu, o que a sua ideologia reivindica.

O segundo aspeto que revelou a hostilidade entre Israel e os Estados Unidos sob a administração Obama foi a condenção, em 2010, dos colonatos em Jerusalém, referindo-os como um “insulto”, bem como tendo procurado congelar esta atividade. Igualmente, em 2016, a administração Obama absteve-se de uma resolução do Conselho de Segurança da ONU que tinha como objetivo caracterizar os colonatos israelitas como ilegais.²⁶⁸

III.1.3. A Arábia dos Saud e o Estado Judeu²⁶⁹

A animosidade entre Israel e a Arábia Saudita está fundada num conflito religioso e histórico forte. Contudo, o Irão é o inimigo comum que os une.

Hostilidade diplomática

No início o relacionamento entre a Arábia Saudita e Israel era claramente hostil. A Arábia Saudita revelou de imediato a sua hostilidade ao ser o primeiro país a opor-se à formação do Estado de Israel, votando contra o Plano de Partilha da Palestina da ONU, em 1947. Apesar de não se ter envolvido diretamente na guerra, um milhar de soldados participou na Guerra da Independência, em 1948, sob comando egípcio. De igual forma, contribuiu para a Guerra de Yom Kippur, em 1973, com 2000 soldados a auxiliarem as forças árabes na Síria.²⁷⁰

Contudo, como podemos observar, a Monarquia dos Saud nunca atuou muito numa forma militar. Pelo contrário, Riade procurou usar outros métodos hostis, como métodos económicos, como foi o caso de liderar o boicote árabe a Israel, métodos financeiros, através do auxílio financeiro aos palestinianos e outros Estados Árabes, bem como métodos diplomáticos, como se revelou por diversas vezes no seu voto contra o Estado Judeu na ONU e noutras Organizações Internacionais. Igualmente, a Arábia Saudita criou um lobby nos países ocidentais (em especial nos Estados Unidos) de forma a que estes pressionassem Israel a realizar concessões.²⁷¹

²⁶⁸Friedman, G., 2015, Hummel, D. G., 2019, Reuters, 2010, Zanotti, J., 2018.

²⁶⁹ Análise baseada da informação retirada de Abadi, J., 2019, Bar-Siman-Tov, Y., 1998, Friedman, G., 2015, Hazbun, W., 2019, Hummel, D. G., 2019, Lewis, S. W., 1999, Lipson, C., 1996, Ministry of Foreign Affairs, 2008, Reuters, 2010, Zanotti, J., 2018, 2019.

²⁷⁰Kotler, T., 2019.

²⁷¹ Bahgat, G., 2009.

As consecutivas derrotas pelos árabes e pelos palestinos, bem como a anexação por parte de Israel de Jerusalém e respectivos lugares sagrados muçulmanos, criaram um maior ressentimento saudita. Contudo, esta anexação da Cidade Sagrada levou a que os sauditas alterassem a sua atitude perante o conflito israelo-árabe, procurando adquirir um papel de líder no desenvolvimento de uma estratégia de paz²⁷².

*Líder na procura da paz*²⁷³

O primeiro plano desenvolvido pelo Reino Saudita foi o *Plano Fahd*, em 1981. Este plano foi desenvolvido numa altura de divisões inter-árabes resultantes da ação unilateral do Egito em normalizar as suas relações com Israel com os Acordos do Campo David. Consequentemente, o Rei Fahd procurou criar um plano em que incentivasse a solidariedade árabe e a cooperação entre todos os Estados, de forma a se chegar a uma paz compreensiva. De igual forma, este plano servia de prevenção de infiltração soviética em Estados com tendências mais radicais, o que não só traria mais tensão e, consequentemente, resultaria numa atitude mais ofensiva israelita, como poria em causa as exportações de petróleo sauditas ao Ocidente. Outro objetivo do Monarca saudita era cooperar mais com os Estados Unidos da América. Esta cooperação não só traria concessões de armas mais avançadas tecnologicamente, como colocaria maior influência sob Israel, de forma a assegurar a cooperação do país judeu no processo de paz.

Este plano dividia-se em oito pontos que se resumiam no seguinte. Israel retirar-se-ia do território árabe ocupado em 1967 e, consequentemente, destruiria os colonatos, de forma a criar-se um Estado Palestino com Jerusalém como capital. O Estado Judeu também garantiria o direito de os refugiados palestinos retornarem às suas casas, ou serem recompensados. Tudo seria tudo supervisionado pela ONU. Em troca, os Estados Árabes concederiam o direito de Israel existir em paz.

Podemos observar que havia um implícito reconhecimento por parte da Arábia Saudita de Israel, ao confirmar que todos os Estados na região têm o direito de viver em paz. Contudo, Israel, apesar de aceitar este reconhecimento, rejeita o plano, por ser difícil retirar-se dos territórios que lhe concedem segurança, por não desejar abandonar Jerusalém para ser capital de um país, bem como ser extremamente prejudicial para a sua política interna acolher milhares de refugiados palestinos.

²⁷²*Idem*

²⁷³Bahgat, G., 2009, Kostiner, J., 2009.

O segundo plano apresentado pelo Reino Saudita consistiu no *Plano Abdullah*, em 2002. O contexto da apresentação deste plano era conturbado. Havia escalada de violência entre palestinos e israelitas devido à Intifada de 2000. De igual forma, a Arábia Saudita havia sido vilificada com a existência de sauditas envolvidos no ataque do 11 de setembro de 2001²⁷⁴. Além do mais, no mundo árabe havia cada vez mais apoio à causa palestina. Este apoio resultava numa alimentação da oposição aos governos dos Estados Árabes, em especial os moderados, dado que estes tinham boas relações com o Ocidente, que, por sua vez, apoiava a causa israelita. Consequentemente, havia uma necessidade de mostrar aos palestinos que a Arábia Saudita lutava pelo estabelecimento de um Estado Independente.

O *Plano Abdullah* era semelhante ao Plano do seu antecessor. Contudo, havia mais reivindicações para Israel e mais garantias a este país. Israel teria de se retirar dos territórios ocupados desde 1967, incluindo os Montes Golã e partes do sul do Líbano. O Estado Palestino seria estabelecido na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, tendo Jerusalém como a sua capital. Os refugiados, tal como no Plano anteriormente referido, teriam o direito de regressar. Contudo, em troca, em vez de somente o direito de Israel existir em paz, a Arábia Saudita oferecia paz total, normalização das relações políticas, económicas e culturais, ou seja, Israel teria completa integração na região.

Apesar do plano ter sido, numa primeira fase, revelado como aliciante²⁷⁵, os israelitas rejeitaram, dado retirar dos Montes Golã e outros territórios ter fortes implicações na sua segurança.

*Início de uma cooperação ocultada*²⁷⁶

O grande receio saudita é uma alteração das dinâmicas regionais. A região tem falta de uma entidade de segurança coletiva, havendo um vácuo desta. A ascensão geopolítica do Irão, a destruição do Regime Baath, em 2003, e substituição por um governo pró-iraniano, a luta entre o Hezbollah e Israel, em 2006 bem como a Primavera Árabe, em 2011, foram acontecimentos que motivaram uma aproximação entre Israel e a Arábia Saudita²⁷⁷.

²⁷⁴“terrorism and criminality are the enemies of every religion and every civilization” Rei Abdullah da Arábia Saudita, 2007, in Bahgat, G., 2009, p. 180.

²⁷⁵“serious opening for real progress in Middle East peace” Presidente Israelita Serez, 2007, in Bahgat, G., 2009, p. 180.

²⁷⁶Bahgat, G., 2009, Kostiner, J., 2009.

²⁷⁷Cafiero, G., Carrieri, L., 2019.

Apesar das rejeições israelitas, iniciou-se uma cooperação camuflada. Pode-se apontar como data de início 2006, no conflito de 84 dias entre Israel e Hezbollah. As autoridades sauditas condenaram o ataque da organização não estatal, referindo como um ataque terrorista que não foi provocado, resultando na morte de cinco israelitas e na captura de dois ²⁷⁸. Dois meses depois, o Primeiro-Ministro Olmert viajou à Jordânia para se encontrar com o Príncipe Bandar bin Sultan, sendo este Conselheiro de Segurança, de forma a se discutir a iniciativa de paz saudita e como conter o Irão. Contudo, quando este encontro foi tornado público, a Monarquia do Golfo ficou receosa que houvesse um desequilíbrio nos seus relacionamentos. Receava que uma aproximação de Israel conduzisse ao isolamento de outros Estados Árabes.²⁷⁹

Com a administração Obama, o relacionamento entre estes dois países desenvolveu-se²⁸⁰. Em 2011, a Arábia Saudita e os Emiratos Árabes Unidos ficaram furiosos com Obama quando este abandonou o Presidente Mubarak bem como quando iniciou o apoio aos rebeldes na Síria²⁸¹. Estas mudanças de atitudes também alarmaram Israel. Para Israel é mais fácil relacionar-se com regimes pró-americanos que mantêm os países estável, do que colaborar com sociedades árabes que podem eleger governos pró-palestinos. De igual forma, ambos os países percecionavam que o Acordo Nuclear publicitado por Obama não era o suficiente para conter o Regime Iraniano.

Assim, em 2015 houve um encontro entre um Major-General Reformado das Forças Armadas sauditas e um ex-embaixador israelita em que debateram os respetivos relacionamentos com os Estados Unidos da América e a necessidade de discutirem problemas que tenham em comum.²⁸² Desenvolveu-se uma cooperação militar. O poder tecnológico israelita motivou a Monarquia dos Saud a terem Israel como aliado. Portanto, através de *offshores* e companhias europeias, americanas e sul-africanas, técnicos israelitas apoiam esta Monarquia do Golfo em segurança cibernética, na

²⁷⁸ “*illegitimate resistance involved in miscalculated adventure*”, Autoridade Saudita, 2006, in Quitaz, S., 2019.

²⁷⁹Kotler, T., 2019.

²⁸⁰“*The Obama administration was hated by Saudi Arabia and Israel because it shunned them both.*” Anciã Saudita in Black, I., 2019b, p.2.

“*There was a sense that we were looking at an American ’s administration that wasn’t as committed to America’s traditional friends. We had to make common cause because there was a sense of being left to fend for ourselves. Unwittingly, Obama contributed very significantly to the buildup of relations between us and the UAE and the Saudis.*” Veterano Israelita in Black, I., 2019b, p.2.

²⁸¹Black, I., 2019b.

²⁸²Posey, M. H., 2018.

vigilância, na proteção de infraestruturas, bem como até no processo de dessalinização.²⁸³

Além do mais, o relacionamento entre a Arábia Saudita e os palestinos está a piorar. Tal se deve ao receio da Monarquia Sunita de uma proliferação da influência iraniana a estes, em especial ao Hamas em Gaza. Assim, uma Palestina independente seria causadora de uma maior instabilidade regional, bem como um fortalecimento do Irão.²⁸⁴

III.1.4. Como se caracterizavam as relações bilaterais do triângulo Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel antes da administração Trump?

Após o quadro traçado anteriormente, compreendemos que o relacionamento entre os países em estudo caracterizava-se por ser *sui generis*. Em primeiro lugar, havia o início de uma relação amigável entre dois países historicamente conflituosos, a Arábia Saudita e Israel. Em segundo lugar, por estes dois países, simultaneamente, se terem afastado dos Estados Unidos da América.

Compreendemos, com esta resenha histórica, que o quadro regional do Médio Oriente se encontrava a sofrer uma alteração sistémica. Em primeiro lugar, surgiu o Crescente Xiita, com o Iraque a ser governado por xiitas após 2003, o Líbano a sofrer grande influência do Hezbollah, bem como a Síria. Consequentemente, observa-se a grande ascensão do Irão, o autodenominado Protetor dos Xiitas. Desta forma, compreende-se que surge um clima de tensão no Médio Oriente, entre aqueles que são Sunitas, Conservadores, bem como aliados dos Estados Unidos, que são a favor do *status quo*, e os Xiitas, radicais, antiamericanos, sob o Irão.

Contudo, outra grande alteração sistémica que podemos observar com este quadro histórico foi o afastamento dos Estados Unidos do Médio Oriente com a administração Obama. Tal se deve, como foi referido, ao desejo deste Presidente de procurar elaborar uma política externa com maior ênfase no Sudeste Asiático. No entanto, o que mais afetou este quadro regional foi, efetivamente, o afastamento da administração Obama dos seus maiores aliados, sendo estes os países em estudo, para procurar uma política de maior amigabilidade com a ameaça para estes, o Irão. A política com Obama que podemos salientar que caracteriza este afastamento é, precisamente, o JCPOA.

²⁸³Quitaz, S., 2019.

²⁸⁴Kotler, T., 2019.

Em conclusão, podemos constatar que, antes da administração Trump, verificou-se uma alteração na balança de poder no Médio Oriente, com o surgimento de uma ameaça, o Irão, que levou Israel e a Arábia Saudita a iniciarem uma aliança de balanço (*balancing*, no termo de Walt).

III.2. Médio Oriente sob mudança²⁸⁵

Compreendemos, até agora, que a Arábia Saudita e Israel, devido à insurgência do Irão no quadro regional, têm praticado comportamentos distintos daqueles que prosseguiam. Outro fator que levou a uma alteração de comportamentos foi, de igual forma, o desinteresse manifesto por administrações anteriores, em especial a de Obama, por estes aliados tradicionais.

Contudo, outros atores têm surgido que têm alimentado este comportamento *sui generis* em análise. Consequentemente, pergunta-se: *Que atores surgiram e acontecimentos ocorreram que alimentaram a alteração das relações bilaterais do triângulo Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel?*

III.2.1. Que atores surgiram que alimentaram a alteração das relações bilaterais do triângulo Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel?

Um ator de salientar é o Príncipe Mohammed bin Salman. Este ascendeu ao poder em 2015, quando recebeu do Rei, seu pai, as pastas da Defesa, da Economia, da Religião e do Petróleo. Nessa altura, o preço do petróleo encontrava-se baixo, o que causava dificuldades ao nível da economia nacional. Assim, havia uma alta percentagem de desemprego jovem, o que motivava a maior radicalização destes. Consequentemente, o Reino era mais vezes atacado por Jihadistas. Além do mais, esse foi o ano em que a administração Obama assinou o JCPOA com um Irão em expansão, além de ter sido assinado o *Justice Against Sponsors of Terrorism Act*. Por conseguinte, observava-se o Reino abandonado e os Estados Unidos como traidores. Em 2017, o Rei nomeou este Príncipe como Príncipe Herdeiro, sendo, na realidade, o CEO e o de facto governador do Reino.

²⁸⁵ Análise baseada da informação retirada de Ahmadi, A., 2019, Alsaafin, L., 2017, Bennis, P., 2019, Black, I., 2019a, Black, I., 2019b, Blanchard, C.M., 2019, Guzansky, Y., Shapiro, D. B., 2019, Herland Report, 2019, Hubbard, B., 2020, Indyk, M. S., 2018, Kotler, T., 2019, Marcus, J., 2018, Musmar, F., 2019, Posey, M. H., 2018, Quitaz, S., 2019, Riedel, B., 2019, Saab, B. Y., 2019, The New Arab, 2019.

Desde então, o Príncipe tem realizado diversas políticas, muitas já mencionadas, como é o caso da diversificação da economia e da concessão de mais Direitos às mulheres. Contudo, o que mais se distingue é o facto de este estar a procurar abrir o Reino do Islamismo Hiperconservador, regressando ao Islão Moderado e equilibrado, aberto ao mundo.

Contudo, um grande ator que se salienta é o Presidente Donald J. Trump. Este tem se orientado pela denominada “Doutrina Trump para o Médio Oriente”²⁸⁶. De acordo com a mesma, os Estados Unidos da América não podem agir perante todos os atos de tirania do mundo e a presença americana não pode produzir paz e segurança permanente no Médio Oriente.²⁸⁷ Consequentemente, os Estados Unidos utilizam as suas forças militares somente para dissuadir o uso de armas não convencionais, por a região ser do interesse vital para a segurança norte americana. Contudo, o futuro da região encontra-se nas mãos dos respetivos países²⁸⁸. Ou seja, os aliados regionais dos Estados Unidos da América têm a grande responsabilidade de proteger a região da proliferação das influências iranianas.²⁸⁹ No entanto, os Estados Unidos da América continuam a apoiar os seus aliados, vendendo armas.²⁹⁰

III.2.2. Que acontecimentos ocorreram que alimentaram a alteração das relações bilaterais do triângulo Estados Unidos da América, Arábia Saudita e Israel?

Contudo, os Estados Unidos têm mantido uma relação de forte afinidade com Israel. Aliás, o poder de Netanyahu²⁹¹ encontra-se relacionado com a aliança pessoal com Donald Trump, que se verifica em diversos aspetos. Primeiramente, a saída unilateral do acordo JCPOA era um pedido israelita de longa duração. O “Plano de Paz” de Kutcher tem condições duras para com os Palestinos. Além do mais, a administração Trump terminou com o apoio à agência da ONU que concede apoio aos refugiados Palestinos. De igual forma, deu-se o reconhecimento de Jerusalém como capital

²⁸⁶Indyk, M. S., 2018.

²⁸⁷“*We cannot purge the world of evil or act everywhere there is tyranny (...) No amount of American blood or treasure can produce lasting peace and security in the Middle East. It’s a troubled place.*” Presidente Donald Trump in Indyk, M. S., 2018.

²⁸⁸“(…) *the fate of the region lies in the hands of its own people.*” Presidente Donald Trump in Indyk, M. S., 2018.

²⁸⁹“*[to] ensure that Iran does not prot from the eradication of ISIS, we have asked our partners to take greater responsibility for securing their home region.*” Presidente Donald Trump in Indyk, M. S., 2018.

²⁹⁰“*[Trump] will embrace America’s Middle East partners, autocrats and democrats alike, and sell them all the arms they can afford. But it’s their job to assume the burdens of dealing with this troubled place, not his.*” Indyk, M. S., 2018.

²⁹¹Bennis, P., 2019.

israelita unificada e consequente mudança da embaixada pelos Estados Unidos para esta cidade. Por fim, a administração Trump já concedeu 3.8 mil milhões de dólares às Forças Armadas israelitas.

No entanto, os Estados do Golfo tiveram de tomar em conta várias precauções. Ora, para o Príncipe Herdeiro realizar as profundas mudanças na Arábia Saudita, é necessário que a região esteja em paz, tendo as rivalidades desaparecido. Portanto, quando ascendeu a este cargo, prometeu combater o Irão e procurar mais abertura com Israel. Este seu projeto permitiu que Israel procura-se colaborar de forma a haver normalização das relações, conduzindo a paz e prosperidade das relações.²⁹²

Por mais impressionante que seja, académicos seniores da sociedade saudita e comunidade muçulmana aprovaram uma reconciliação com os judeus de acordo com os requisitos do Príncipe Herdeiro, o que lhe concede autoridade legítima. Não há, consequentemente, objeções em estabelecer relações diplomáticas, económicas e culturais com Israel.

Esta mudança de perspetiva também se revela na *Warsaw MidEast Summit*, de 2019. Nesta, a Arábia Saudita, o Bahrain e os Emiratos Árabes Unidos defenderam os direitos israelitas tanto para existir como para se defender, sob o pretexto de que o confronto contra o Irão é mais importante que resolver o conflito israelo-palestiniano.²⁹³ Tal se deve por Israel conceder informação bem como de melhores sistemas de defesa e armas, em troca desta melhoria de relações.²⁹⁴

Consequentemente, a Arábia Saudita tem procurado criar uma *pipeline* para Eilat para importar gás natural, e, também, explorar o seu próprio gás natural. De igual forma, têm procurado exportar pelo porto de Haifa para a Europa e restante Ocidente de uma forma mais segura, rápida e melhor que o Mar Vermelho.

Israel observa as ligações com os Estados do Golfo como uma forma de demonstrar o seu valor a Washington D.C. De igual forma, este melhoramento das relações tem-se revelado como uma forma de diminuir a importância do assunto palestiniano. Assim, perante o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi, Israel lamentou a morte, mas

²⁹²“There are a lot of interests we share with Israel and if there is peace, there would be a lot of interest between Israel and the GCC”, Príncipe Herdeiro Mohammed bin Salman, 2018, in Quitaz, S., 2019.

²⁹³“Giving birth to a visible Saudi-Israeli alliance that will deter Iran ... is in many ways the very rationale for advancing Israeli-Palestinian peace in Washington and Riyadh” Analista Ofer Zalzburg, 2017, in Alsaafin, L., 2017.

²⁹⁴“They don't see Israel any longer as their enemy, but as their indispensable ally in standing up to Iranian aggression and even, I would say, beyond that, to joining to achieve technological progress in their respective countries” Primeiro Ministro Netanyahu, 2019, in The New Arab, 2019.

afirmou que é necessário que a Arábia Saudita esteja estável para a região permanecer estável.

No entanto, os palestinos já se encontram preocupados com os sinais de uma *entente* israelita-sunita. De facto, o relacionamento entre a Arábia Saudita e os palestinos encontra-se a piorar, devido ao receio de influência iraniana nestes, em especial ao Hamas em Gaza.

Contudo, estes países melhoraram exponencialmente os seus relacionamentos com os Estados Unidos sob a administração Trump. Quando este se tornou Presidente, o Príncipe Herdeiro procurou melhorar o relacionamento com este. Assim, Kushner, cunhado de Trump que tem a responsabilidade de procurar criar um “Plano de Paz” para a Palestina, discutiu com o MBS as implicações deste. Consequentemente, o Príncipe Herdeiro tem pressionado os Palestinos a aceitarem a mudança da embaixada a Jerusalém²⁹⁵. De igual forma, a Arábia Saudita não se pronunciou sobre a mudança da embaixada e os Estados Unidos abafaram a problemática decorrente do assassinato do Jornalista Khashoggi.

Todavia, perante o ataque em 2019 às infraestruturas petrolíferas de Abqaiq, compreendeu-se que a capacidade iraniana assimétrica e de dissuasão é mais letal que se pensava²⁹⁶, que houve um desenvolvimento da capacidade de retaliação do Irão e, consequentemente, um aumento da vulnerabilidade da economia saudita. De igual forma, foi com este ataque que se constatou a ambiguidade da política americana no Médio Oriente.

Apesar da existência de diversas bases americanas na Monarquia dos Saud, o ataque iraniano às infraestruturas petrolíferas sauditas revelaram duas fraquezas americanas. Em primeiro lugar, compreendeu-se que a simples presença de arsenal e bases militares americanas não dissuade o Irão. Em segundo lugar, compreendeu-se que contra-ataques americanos somente ocorrem perante a morte ou a um alvo americano de elevada importância.

²⁹⁵ “*The Saudis are much less obliged to the Palestinians than before and are willing to agree to an interim agreement - which is my interpretation of the US initiative*” Académico Kobi Michael, 2017, in Alsaafin, L., 2017.

²⁹⁶ “*carriers could not survive long in the Persian Gulf due to stealth mini-submarines, mines and proximity to Iranian missile batteries. We would be forced to operate from the open sea, slowing down our operations.*” Vice-Almirante aposentado Joe Sestak, in Ahmadi, A., 2019.

Assim, os Estados Unidos alteraram a sua posição relativa a este país.²⁹⁷ Tendo como argumento²⁹⁸ que a Arábia Saudita é um parceiro de segurança de longa data, por motivação do Presidente norte-americano e a pedido do Príncipe Herdeiro, colocaram-se, no total, 3000 soldados americanos e duas unidades de *Air Expeditionary Wing*. De igual forma, entregou-se à Arábia Saudita dois sistemas de mísseis *Patriot*, um sistema de Defesa Terminal de Área de Alta Altitude, um sistema de radar e mísseis e dois esquadrões aéreos.

Os objetivos por detrás desta colocação de força no país árabe consistem em assegurar os aliados, deter comportamento provocativo iraniano e aumentar as capacidades defensivas regionais²⁹⁹. Contudo, compreende-se que o objetivo é também demonstrar que se mantém o compromisso com os parceiros regionais, dado que os Estados Unidos não contra-atacaram, bem como que há preocupação com a segurança e estabilidade do Médio Oriente³⁰⁰, nem que seja pelos interesses geopolíticos e pela manutenção da posição hegemónica a nível mundial.

No entanto, este mesmo ataque reforçou o relacionamento entre a Arábia Saudita e Israel, dado que este último revelou que estaria pronto a atacar o Irão com a Arábia Saudita.

III.3. As âncoras da política externa americana no Médio Oriente

Após termos observado a diminuição da importância concedida ao Médio Oriente, com este capítulo perguntamo-nos: *Qual o interesse dos Estados Unidos da América em manter uma relação próxima com Israel e a Arábia Saudita?*

Responderemos a esta pergunta ao analisar os interesses, as potencialidades e as vulnerabilidades que Israel e a Arábia Saudita, individualmente, apresentam à “Superpotência”, nesta região. Estes seguirão os fatores de Fischer, expostos anteriormente.

²⁹⁷ Análise baseada da informação retirada de Ali, I., Stewart, P., 2019, Al Jazeera, 2019, BBC News, 2019b, Neff, T.G., 2019, Saab, B. Y., 2019, Vandiver, J., 2019.

²⁹⁸ “*Saudi Arabia is a longstanding security partner in the Middle East and has asked for addition support to supplement their own defences and defend the international rules-based order.*”, Secretário da Defesa dos EUA Mark Esper in BBC News, 2019

²⁹⁹ “*assure our partners, deter further Iranian provocative behavior, and bolster regional defensive capabilities*”, Presidente dos Estados Unidos Donald J. Trump in Vandiver, J., 2019.

³⁰⁰ “*It is important to note these steps are a demonstration of our commitment to regional partners, and the security and stability in the Middle East*”, Porta-Voz do Pentágono Jonathan Hoffman in Neff, T.G., 2019.

III.3.1. Relativamente à Monarquia dos Saud³⁰¹

Os Estados Unidos da América encontraram na Arábia Saudita o parceiro ideal para a sua estratégia no Médio Oriente. A sua posição territorial nesta região, na Península Arábica, rodeada pelo Mar Vermelho e pelo Golfo Pérsico, permite que, rapidamente, possa se aceder à Ásia Oriental, a África, em especial ao Norte, bem como, inclusivamente, à Europa. Em caso de divergência das relações com a Turquia, onde os Estados Unidos possuem os seus mísseis intercontinentais, encontram na Arábia Saudita um país com dimensões consideráveis e com uma *heartland* desértica. De igual forma, a partir deste país consegue-se aceder facilmente, como exposto anteriormente, a diversos países. Assim, possibilita-se a colocação dos mísseis, bem como a realização de testes a outros equipamentos.

Relativamente a relacionamentos regionais, como foi referido no subcapítulo anterior, este país tem uma superioridade regional que se exemplifica pela sua posição no Conselho de Cooperação dos Estados Árabes do Golfo³⁰², de que faz parte juntamente com o Omã, os Emirados Árabes Unidos, o Qatar, o Bahrein e o Kuwait. Consequentemente, existe um relacionamento pacífico e estável com a maioria dos países do Golfo.

Quanto ao que os Estados Unidos beneficiam em termos económicos deste país é, obviamente, o petróleo e o gás natural. Enquanto que os Estados Unidos concedem armas, tecnologia e proteção, recebem petróleo e a aliança da parte da Arábia Saudita nesta zona tão problemática do planeta³⁰³. Com esta relação, também beneficiam dos grandes e importantes portos, como é o caso de Jidá, e de um melhor acesso ao canal do Suez, o que facilita as rotas comerciais na troca de produtos entre os dois países, em especial, do petróleo. O maior benefício acaba por ser a ARAMCO, que não só emprega mão de obra americana na Arábia Saudita como nas companhias subsidiárias, havendo, assim, um grande benefício tanto para os Estados Unidos como para o país dono da companhia, que recebe avaliação económica e política aos produtos em troca do transporte do petróleo, tanto refinado como em crude³⁰⁴. Por fim, os Estados Unidos

³⁰¹ Análise baseada da informação retirada de Al-Kandari, A., Gaither, T.K., 2011, Ayoob, M., 2004, Blanchard, C.M., 2008, Czerniawski, M., 2010, Encyclopædia Britannica, 2019, Esposito, J. L., ed., n.d, Fahmy, D., 2018, Hamid, S., Mandaville, P., 2018, Herdianto, H., 2019, Martins, N.A., 2016, Philby, H. S. J. B., Ochsenwald, W.L., Teitelbaum, J., n.d. e Yamani, M., 2008.

³⁰² Encyclopædia Britannica, 2019.

³⁰³ Conferir com imagens, no Anexo 54, “O que a Arábia Saudita importava dos EUA em 2017”, na página xxxvi, e no Anexo 55, “O que a Arábia Saudita exportava para os Estados Unidos em 2017”, na página xxxvi.

³⁰⁴ Saudi Aramco, n.d.

também beneficiam de outros recursos naturais, como é o caso do cobre, ferro, entre outros produtos que estão a ser explorados para diversificar a economia³⁰⁵.

Outra grande vantagem estratégica americana na Arábia Saudita é a sua estabilidade política. Essa estabilidade é devida a dois fatores. Primeiramente, devido ao sistema político ser uma Monarquia Absoluta, o que faz com que não haja rotatividade partidária que possa ser prejudicial para os Estados Unidos, bem como que haja estabilidade tribal, visto que os Al-Saud governam com braço de ferro.

O segundo fator para a existência de estabilidade política concerne à parceria existente entre os clérigos *Wahhabitas* e a família real, que permite que a colaboração entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita económica e de defesa sejam ignoradas pelos clérigos. Tal também se deve a um fator inerente no Sunismo. Dado este ramo do Islamismo defender a divisão entre o Estado e o Islamismo, faz com que não haja uma submissão da família real ao *Wahhabismo*, mas sim que a família real tenha supremacia em relação à religião. Assim, há possibilidade de haver colaboração entre a família real saudita e os Estados Unidos.

Esta vantagem inerente ao Sunismo foi aumentada pela nomeação de Mohammed bin Salman como o Príncipe Herdeiro. O facto deste Príncipe ter proclamado o retorno ao Islão Moderado facilitou a legitimação pelos Estados Unidos do relacionamento com esta Monarquia. Igualmente, as reformas realizadas por MBS facilitam este relacionamento, dado que os Estados Unidos não podem ser condenados por ser uma democracia a pactuar com um país que viola normas dos Direitos Humanos.

Por fim, o Príncipe tem procurado a modernização, inovação e diversificação económica do seu país. Para tal tem sido importante o intercâmbio de estudantes universitários com os Estados Unidos, bem como o emprego de trabalhadores americanos nas empresas sauditas, dado terem sido instrumentos para a aprendizagem deste processo. Além do mais, os Estados Unidos ganham mais importância para a família real como conselheiros nesta caminhada para a modernização.

Por último, uma grande vantagem existente na Arábia Saudita para os Estados Unidos é, precisamente, o Irão. Esta vantagem encontra-se presente em cinco aspetos.

Primeiramente, a Arábia Saudita é próxima territorialmente deste Estado Islâmico, o que permite uma rápida mobilização de tropas americanas e sauditas em

³⁰⁵ Conferir com tabela, no Anexo 56, “Minerais que a Arábia Saudita produz para diversificar a economia”, na página xxxvii.

caso de ataque, bem como uma melhor vigilância deste Estado em termos de Informações, de forma a prevenir esses mesmos ataques.

Em segundo lugar, a Arábia Saudita, ao ser sunita, é intrinsecamente uma inimiga do Irão. O terceiro aspeto é também religioso. Tal se deve por a Arábia Saudita ter maior legitimidade religiosa que o Irão, pois este somente afirma ter a “Custódia dos Clérigos”.³⁰⁶

Em quarto lugar, as reformas económicas que o Príncipe Herdeiro se encontra a realizar permitirão que a Arábia Saudita se torne ainda mais poderosa economicamente em comparação com outros países do Médio Oriente. Por fim, todos estes aspetos, bem como o facto de a Arábia Saudita encontrar-se mais envolvida em Organizações e Tratados Internacionais tornam-na um ator diplomático forte, ao contrário do Irão.

No entanto, também existem problemas geoestratégicos que a Arábia Saudita traz ao Estados Unidos da América. Primeiramente, alguns advêm da própria heterogeneidade da população. O facto de esta ser tribal, regional e sectorial leva a que, com as reformas sociais, qualquer maior liberdade que seja concedida, possa levar a revoltas e movimentos que ponham em causa a estabilidade Saudita. Num cenário destes, os Estados Unidos podem ficar divididos em apoiar um regime que lhes seja aliado e movimentos rebeldes que solicitem apoio em nome da Democracia e dos Direitos Humanos. Os Estados Unidos, ideologicamente, não podem apoiar a Monarquia Absoluta Autoritária Saudita, por serem uma República Democrática, cuja legitimidade de “Superpotência” encontra-se intrinsecamente ligada à democracia e à propagação de Direitos Humanos. Consequentemente, perante um cenário de enfraquecimento da monarquia Saudita, não era legítimo para os Estados Unidos apoiarem o Regime.³⁰⁷

Mesmo sem este cenário de enfraquecimento, o facto de os Estados Unidos apoiarem a Arábia Saudita, uma Monarquia Absoluta, quando o Qatar, o Kuwait e o Bahrein são Monarquias Constitucionais, é bastante criticado. Adicionalmente, existem sempre os casos de violações de Direitos Humanos que põem em causa esta aliança entre estes dois países, a legitimidade americana e a legitimidade do Regime Saudita, que é baseada na família real e na religião.

Além do mais, dentro destas divisões existam populações Xiitas, as quais, como já foi referido, encontram-se localizadas nas cidades petrolíferas mais importantes.

³⁰⁶ Martins, N.A., 2016.

³⁰⁷ Czerniawski, M., 2010, p.47.

Qualquer apoio mais significativo que o Irão conceda a estas populações perante um enfraquecimento do regime Saudita pode conduzir a maiores problemáticas em termos de produção petrolífera.

Relativamente a desvantagens económicas, salienta-se o facto da Arábia Saudita ser um dos maiores fornecedores de petróleo aos Estados Unidos³⁰⁸. Esta desvantagem não é somente em termos de consumo, mas também em termos de empregados nas empresas petrolíferas, entre outras, na Arábia Saudita. A desvantagem económica agrava-se perante as reformas económicas que o Príncipe Herdeiro tem levado avante. Apesar da reforma económica, de uma forma positiva, se traduzir num menor fardo para os Estados Unidos em termos de despesas militares, por exemplo, também representa que a Arábia Saudita se tornará independente nos fatores que os Estados Unidos fornecem em troca do petróleo: apoio militar, tecnologias e serviços.

A religião da Arábia Saudita também pode ser considerada um entrave geoestratégico para os Estados Unidos da América. Primeiramente, porque, de acordo com o Islamismo, os Estados Unidos são o “Grande Satã”, que espalham uma cultura de promiscuidade. Consequentemente, torna-se difícil implementar qualquer modernização que possa “democratizar”, ou apenas “criar abertura política”, na Arábia Saudita. No entanto, sem os *Wahhabitas*, a Arábia Saudita tornar-se-á um estado fraco e consequente fraco aliado para os Estados Unidos.³⁰⁹

Por fim, existe a problemática Iraniana³¹⁰. De forma a combater as influências desestabilizadoras iranianas, a Arábia Saudita tem-se envolvido em guerras, como foi o caso do Iraque em 2003, atualmente a Síria e, de igual forma, e mais preocupante, o Iémen. Nessas guerras, tem concedido apoio a forças sunitas ou, no caso do Iémen, ao governo, quer seja auxílio militar, de informação ou económico. Contudo, estas guerras *proxy* com o Irão têm sido alvo de muitas críticas. Em especial tem-se salientado a guerra do Iémen, considerado uma das maiores crises humanitárias do mundo³¹¹. Contudo, por os Estados Unidos apoiarem e fornecerem a Arábia Saudita, são também criticados, em especial por deixarem que estas duas potências regionais persistam numa guerra que tem prejudicado tanto a população local.

³⁰⁸ Conferir com gráfico, no Anexo 57, “Países Fornecedores de Petróleo aos Estados Unidos, entre setembro de 2018 e setembro de 2019”, na página xxxvii.

³⁰⁹ Al-Kandari, A., Gaither, T.K., 2011

³¹⁰ Fahmy, D., 2018, Hamid, S., Mandaville, P., 2018, Yamani, M., 2008.

³¹¹ “Humanitarian crisis in Yemen remains the worst in the world, warns UN”, UN News, 2019.

III.3.2. Relativamente ao Estado Judeu³¹²

Israel apresenta, na sua localização e topografia, vantagens e desvantagens geoestratégicas para os Estados Unidos da América. Primeiramente, encontra-se inserido numa localização vantajosa na Ásia Ocidental. O seu território ocupa um ponto de interseção da Ásia, da Europa e do Norte de África. De igual forma, localiza-se na costa oriental do Mar Mediterrânico, que lhe concede acesso ao Oceano Atlântico, bem como é delineado pelo Mar Vermelho, tendo acesso ao Canal do Suez, que liga o território ao Oceano Índico. Dado Israel somente, até ao momento, realizar as suas trocas comerciais via marítima, dado o boicote árabe ao intercâmbio deste país por terra e aéreo, esta sua localização geográfica é a única forma dos Estados Unidos e Israel poderem realizar as suas importantes trocas comerciais³¹³, nomeadamente em termos de material de defesa e material tecnologicamente inovador.

No entanto, a dependência de Israel à sua força naval traz vulnerabilidades em termos económicos, visto que, por ser um modo de transporte mais vulnerável, está mais suscetível a ataques por países que lhe são hostis.

Em segundo lugar, a sua localização e própria topografia revela várias vantagens para os Estados Unidos. As Montanhas da Galileia concedem um bom ponto geoestratégico para observação da movimentação de organizações não estatais hostis, como é o caso do Hezbollah. Da mesma forma, são uma forma de conhecer e recolher informações de Estados que tanto lhe são hostis como casa de organizações não estatais. Alguns desses Estados são o Líbano, apesar de ser um Estado Falhado, o Irão e a Síria.

No entanto, Israel é, por si próprio, um Estado com diversas vulnerabilidades. Tendo pouca dimensão, bem como pouca população, estando rodeado por Estados e organizações hostis, torna o Estado uma constante preocupação para os Estados Unidos. Adquirindo o Irão arsenal nuclear, bem como havendo algum ataque químico proveniente da Síria, causar-se-ia não só uma ameaça à integridade estatal de Israel, bem como uma ameaça à posição norte americana no Médio Oriente.

Relativamente ao interesse norte-americano para com Israel, este possui, entre as já explicitadas, um valor simbólico. Sendo os Estados Unidos maioritariamente cristãos,

³¹² Análise baseada da informação retirada de Central Intelligence Agency, n.d.b., Elath, E., Ochsenwald, W.L., Sicherman, H., Stone, R.A., n.d.e, Fieldman, S., Wittes, T.C., 2018, Freedman, R.O., Sandler, S., Telhami, S., 1999, Human Rights Watch, 2019, Kelner, S., 2003, Mittelman, S., 2019, OECD Observer, 2011, The White House, 2019, Zanotti, J., 2019b.

³¹³ Sobre as trocas comerciais entre os Estados Unidos da América e Israel, conferir com imagens nos Anexo 58, “O que Israel exportava para os EUA em 2017?”, na página xxxvii, e Anexo 59, “O que Israel importava dos EUA em 2017?”, na página xxxviii.

sendo estes, na maioria, evangélicos ou outro ramo dentro do protestantismo, existe um valor simbólico em Israel. Tal se deve por Israel ser, de acordo com o Velho Testamento, a Terra Santa, a Terra Prometida por Deus a Abraão, de quem descendem os Judeus. E, de acordo com as profecias do Velho Testamento, e todo o Novo Testamento, Jesus nasceu da linhagem de Abraão, do rei David, e viveu na Palestina. Sendo assim, o povo norte-americano sente uma grande paixão pela terra onde esteve o seu Messias.

No entanto, nos Estados Unidos também existe um número significativo de Judeus, cujo *lobby* é bastante poderoso. Foram estes judeus residentes nos Estados Unidos, que são Ortodoxos Modernos, que deram legitimidade ao Sionismo. Na sua perspectiva, a dispersão dos judeus foi vontade de Deus, mas os sionistas seculares, que eram contra a tradição, estavam a ser usados por Jeová para o povo regressar à Terra Prometida.

Assim, nas palavras de Louis Brandein³¹⁴, “Lealdade à América exige que cada Judeu se torne sionista.” O mais patriótico que se poderia realizar para com os Estados Unidos era apoiar e criar o Estado de Israel. E este foi formado à sua imagem e semelhança: numa democracia liberal. Para os Estados Unidos, Israel era uma luz de liberalismo e progresso no Médio Oriente.³¹⁵

Além de ter sido um dos países que mais apoiou e ajudou Israel na sua formação e consolidação, também é dos países que mais intercâmbio realiza. Além dos intercâmbios laborais, estudantis e académicos, existem intercâmbios com o objetivo de que os restantes judeus da diáspora conheçam Israel, a Terra Prometida, as raízes da sua religião, cultura e tradição, além de conhecerem as pessoas.

Destas diversas formas, ou seja, desde a sua implementação até aos intercâmbios até hoje realizados, para além da influência do entretenimento, Israel é um país ocidentalizado, o que facilita a sua interação ao nível das diversas relações, quer económicas, quer estratégicas, quer de política internacional.

Outro aspeto cultural que muito facilita as relações norte-americanas com Israel é o facto de, ao nível da população árabe, além da minoria cristã, a maioria é sunita. Ou seja, é o ramo dentro do islamismo que aceita a separação do Estado da Religião. Além do mais, é ramo a quem a Arábia Saudita apoia, sendo um setor do Islamismo hostil ao Irão.

³¹⁴ In Kelner, S., 2003.

³¹⁵ Kelner, S., 2003.

Contudo, o Sionismo pode deslegitimar o relacionamento dos Estados Unidos com Israel, quer seja pelo surgimento de organizações terroristas, quer seja por os colonatos serem uma violação do Direito Internacional, quer seja por pôr em causa o relacionamento com aliados Árabes poderosos que equilibram a balança regional no Médio Oriente, como é o caso da Arábia Saudita.

Outra problemática para os Estados Unidos é o facto do Judaísmo em si próprio envolver uma identidade territorial, religiosa, cultural e étnica, que não está exposta nos documentos legislativos.

Com a nova Lei para um Estado-Nação, os Estados Unidos terão mais dificuldade em legitimar o seu relacionado com Israel, dado haver não só o surgimento do populismo, bem como por estar a despertar diversas violações de Direitos e Liberdades Humanas, bem como do Direito Internacional.³¹⁶

A grande vantagem de Israel para os Estados Unidos consiste na sua forte economia, em especial a sua capacidade de inovação económica. Além do investimento direto estrangeiro norte-americano para o Estado de Israel, em especial em termos de defesa, existe intercâmbio entre os dois países de trabalhadores, estudantes³¹⁷, académicos e investigadores, o que beneficia ambos os Estados³¹⁸.

Os Estados Unidos, de igual forma, beneficiam da descoberta de gás natural por Israel. Tal pode permitir que os Estados Unidos diversifiquem os seus fornecedores deste recurso natural.

Outra vantagem que a economia israelita trouxe para os Estados Unidos foi o facto de ter havido um melhoramento das relações entre o Estado Judeu e os países árabes. Esta melhora deveu-se a dois fatores da economia israelita. Em primeiro lugar, por Israel ter um setor de investigação e desenvolvimento de excelência, o que causou uma interdependência de entre Israel e os países do Golfo. Em troca de uma excelente tecnologia de vigilância, os países do Golfo partilham informações com o Estado de Israel. Esta troca foi ainda mais favorecida pelo renascimento do Irão como ameaça regional, o que criou uma agenda unificadora entre os países do Médio Oriente.

O segundo fator foi a descoberta do gás natural, que tornou Israel um estado exportador deste recurso energético, o que, por sua vez, proporcionou uma revolução

³¹⁶Human Rights Watch, 2019.

³¹⁷ Conferir número de estudantes americanos em Israel com gráfico no Anexo 60, “Proporção de estudantes americanos em Israel entre 2010 e 2012”, na página xxxix.

³¹⁸ Conferir imigração Americana para Israel com tabela no Anexo 61, “Percentagem de imigrantes de acordo com país de origem para Israel”, na página xxxix.

energética regional. Israel criou um acordo com o Egito no valor de 15 mil milhões de dólares durante dez anos, em que o Estado Judeu exporta gás natural para o Egito, que o liquidifica e reexporta. Desta forma, criou-se um *hub* de energia regional e interdependência económica entre dois antigos inimigos.³¹⁹

Contudo, mesmo estando a ocorrer uma melhoria nas relações entre Israel e os Estados Árabes aliados dos Estados Unidos, ainda existe dificuldade em conciliar as diversas necessidades de defesa entre estes Estados. Dado os Estados Unidos também fornecerem material de defesa a diversos Estados Árabes, Israel receia que estes Estados consigam capacidade convencional que possibilite uma confrontação aberta contra o seu Estado. Consequentemente, Israel ainda interfere nos negócios americanos para com estes países do Médio Oriente.

O facto de Israel estar integrado em organizações internacionais, como é o caso da na Organização Mundial do Comércio, de igual modo concede legitimidade aos Estados Unidos para cooperarem com este Estado.

No entanto, existe sempre a problemática do caso israelo-palestiniano. Têm-se exacerbado tensões entre a Autoridade Palestiniana e os Estados Unidos da América, o aliado de Israel³²⁰. Após o Presidente Trump ter reconhecido Jerusalém como capital de Israel em dezembro de 2017, a Autoridade Palestiniana cortou os contactos com os Estados Unidos. Uma das formas de corte com a potência americana foi a rejeição de 50 mil milhões de dólares concedidos à Autoridade Palestiniana na Conferência Internacional em Bahrein. De acordo com o Plano Americano³²¹, este dinheiro seria para investir na saúde, na educação, nas infraestruturas, duplicar o PIB palestiniano, criar postos de trabalho, reduzir a pobreza, bem como dividir o restante do dinheiro pelos refugiados em diversos países árabes. Consequentemente, o Presidente norte-americano diminuiu a ajuda bilateral à Cisjordânia, à Faixa de Gaza, ao apoio a refugiados palestinianos bem como fechou o escritório do representante da Organização para a Libertação da Palestina em Washington D.C.³²².

³¹⁹ Fieldman, S., Wittes, T.C., 2018.

³²⁰ Mittelman, S., 2019.

³²¹The White House, 2019.

³²²Zanotti, J., 2019b.

III.3.3. Qual o interesse dos Estados Unidos da América em manter uma relação próxima com Israel e a Arábia Saudita?

Após a exposição das vulnerabilidades e forças de cada um dos Estados do Médio Oriente em estudo para os Estados Unidos, compreende-se que, nesta região do mundo, a potência norte-americana depara-se com um quadro complexo.

Tanto a Arábia Saudita como Israel são países com uma posição geoestratégica relevante, sendo um ponto de ligação entre continentes e oceanos, neste caso Oceano Atlântico e Oceano Índico. Desta forma, os Estados Unidos têm maior facilidade em movimentar as suas tropas na região, como foi o caso da Primeira Guerra do Golfo. É por essa razão que o país norte-americano tem quatro importantes bases na Arábia Saudita. Estes pontos de ligação também permitem maior facilidade de exportação de materiais pela via marítima, quer seja petróleo saudita, através do Canal do Suez, quer seja gás natural e outros produtos inovadores israelitas, pelo Mar Mediterrâneo.

Estes países são também economias muito relevantes no Médio Oriente e a nível internacional. A Arábia Saudita é importantíssima em termos de petróleo. Contudo, de forma a diminuir a sua dependência petrolífera, bem como a poder estabilizar a sua economia em caso de quebra de produção ou de exportação, o Príncipe MBS tem tomado a iniciativa de diversificar a economia. Sendo assim, encontramos a economia saudita a crescer na agricultura, na produção de eletricidade, bem como na exploração de outros recursos minerais. Desta forma, os Estados Unidos também fornecem formação nas empresas para inovar as mesmas e a auxiliar nesta transição.

Relativamente a Israel, este país tem exportado gás natural, tendo criado um *hub* regional deste recurso natural, promovendo melhor relacionamento com os seus Estados vizinhos, como é o caso do Egipto. Contudo, a sua maior força, bem como o maior interesse dos Estados Unidos, é a sua economia inovadora, em especial em material de defesa e farmacêuticos. Esta sua capacidade industrial e tecnológica tem capacitado o Estado Judeu em melhorar os seus relacionamentos com os Estados do Golfo, utilizando, especialmente, troca de informações.

Outra fonte de interesse dos Estados Unidos no Médio Oriente é o facto de a Arábia Saudita ser um país estável. Infelizmente, essa estabilidade vem do facto de ser uma Monarquia Absoluta que reprime os interesses tribais e sectários do país. Contudo, observamos que o país, sob a liderança do Príncipe Herdeiro, tem procurado realizar reformas que têm proporcionado maiores liberdades às mulheres.

Relativamente a Israel, este Estado sempre se revelou um Estado Judeu e Democrático, havendo uma forte ocidentalização nas suas instituições políticas. De igual forma, é um Estado fragmentado politicamente e com forte responsabilidade política, o que permite que não haja propagação de populismo.

Relativamente à religião, a Arábia Saudita é o país do Médio Oriente com maior legitimidade religiosa. Primeiramente, é na Arábia Saudita que se encontram as mesquitas *Al-Masjid Al-Harām* em Meca e *Al-Masjid an-Nabawi* em Medina. Consequentemente, existe uma forte legitimidade religiosa para os Estados Unidos permanecerem em aliança com este Estado. De igual forma, a Arábia Saudita, como referido também anteriormente, segue o Sunismo. Esta forma de Islamismo, também referido anteriormente, promove a separação entre o Estado e a Religião. Perante uma divergência entre a opinião clerical e a opinião política, o governo tem supremacia à religião. Consequentemente, o governo saudita tem a liberdade de seguir uma política externa e regional que favoreça os Estados Unidos, bem como tem liberdade de implementar as reformas económicas e políticas que o Príncipe MBS se encontra a promover, de forma a ser um país mais cativante para que os Estados Unidos permaneçam em aliança.

Relativamente a Israel, este é a Terra Sagrada do Judaísmo, Cristianismo e do Islamismo. É neste país que se encontra Jerusalém, cidade Sagrada das religiões do Livro. De igual forma, é um país que serve como santuário de um grupo religioso que havia sido quase exterminado durante um dos maiores flagelos da Humanidade, o Holocausto. Por fim, os Islâmicos presentes neste Estado seguem o Sunismo, que, como supracitado, é o setor do Religião Muçulmana que permite a divisibilidade entre Estado e Religião.

Por fim, quanto à defesa, compreendemos que Israel não necessita de um “guarda-chuva” de segurança americano. A sua defesa é extremamente avançada e inovadora, ao ponto de os Estados Unidos terem, com a administração Nixon, realizado um acordo com a primeira-ministra israelita, de forma a não ser revelado o seu programa nuclear, dando início à política de *animut*. No entanto, a Arábia Saudita encontra-se extremamente vulnerável nesta área, como se pode constatar com os ataques por *proxies* iranianos às infraestruturas petrolíferas. Contudo, esta vulnerabilidade permite os Estados Unidos terem legitimidade em perpetuarem e aumentarem a sua presença militar nas bases que se encontram tão bem localizadas

geoestrategicamente na Monarquia dos Saud, podendo, assim, vigiar o Némesis comum entre a Monarquia Islâmica e a República Americana: o Irão.

Conclusão

Esta dissertação procura responder à seguinte pergunta: *Como se caracterizam as relações entre os Estados Unidos da América, a Arábia Saudita e Israel, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até à administração Trump, tendo em conta o impacto das alterações tanto de política externa como sistémicas no Médio Oriente?*

Numa primeira instância, procurou-se compreender a razão pela qual a Arábia Saudita e Israel são Estados tão importantes para os Estados Unidos na região do Médio Oriente. Podemos distinguir três fatores de Guido Fischer.

Primeiramente, em termos políticos, são países com uma posição geoestratégica relevante, sendo um ponto de ligação entre continentes e oceanos, neste caso Oceano Atlântico e Oceano Índico. Consequentemente, os Estados Unidos têm maior facilidade em movimentar as suas tropas na região bem como a exportar materiais por via marítima, quer seja petróleo saudita, através do Canal do Suez, quer seja gás natural e outros produtos inovadores israelitas, pelo Mar Mediterrâneo.

Relativamente ao fator económico, são duas economias muito relevantes no Médio Oriente e a nível internacional. A Arábia Saudita é importantíssima em termos de petróleo. No entanto, dado que o Príncipe MBS tem tomado a iniciativa de diversificar a economia, encontramos a economia saudita a crescer na agricultura, na produção de eletricidade, bem como na exploração de outros recursos minerais. Relativamente a Israel, é um Estado exportador de gás natural, que criou um *hub* regional deste recurso. Contudo, o que mais se salienta em termos económicos do Estado Judeu, é o facto de ser uma economia inovadora, especialmente em material de defesa e farmacêuticos.

Quanto aos fatores psicológicos, podemos discernir duas subdivisões. Relativamente à estabilidade, estes são dois Estados considerados estáveis. Relativamente à religião, a Arábia Saudita é o país do Médio Oriente com maior legitimidade religiosa, não só por ser o país que alberga as mesquitas *Al-Masjid Al-Harām* em Meca e *Al-Masjid an-Nabawi* em Medina, como por ter enveredado pelo Sunismo, que promove a separação entre o Estado e a Religião. Quanto a Israel, a sua legitimidade é transreligiosa, dado ser a Terra Sagrada do Judaísmo, Cristianismo e do Islamismo bem como por albergar Jerusalém, a cidade Sagrada das religiões do Livro. Além do mais, Israel tem legitimidade ideológica, visto que é observado como o país que serve como santuário de um grupo religioso que havia sido quase exterminado.

Apesar de ambos os Estados e os Estados Unidos sempre terem procurado manter as suas relações, estas não se encontram plasmadas num tratado³²³.

De seguida, teve de se entender, entre os diversos Estados que podem se revelar ameaças a estes Estados em estudo, qual o maior perturbador regional. Tendo em conta a teoria de Stephen Walt da balança das ameaças³²⁴, compreende-se que este perturbador é o Irão. Primeiramente, por o Irão ser um país com forte expressão demográfica e geográfica, encontrando-se próximo da Arábia Saudita, tendo, conseqüentemente, tanto capacidade para atacar como para influenciar as populações da Província Oriental, maioritariamente xiitas.

Em segundo lugar, apesar de não ser um país com fortes capacidades convencionais, a sua Guarda Revolucionária é muito poderosa, concedendo treino a outros atores, através das Forças *Qud*. Estes atores são *proxies*, que formam o chamado Crescente Xiita, que foi despoletado com a invasão americana ao Iraque em 2003.

Além do mais, é um país que é observado como tendo intenções agressivas. A agressividade para com a Arábia Saudita revela-se na procura por hegemonia regional. O Irão considera a Monarquia dos Saud como uma forma de governo anti-islâmico. De igual forma, o facto de ser um país maioritariamente xiita é uma fonte de perigo para a Arábia dos Saud. As intenções agressivas iranianas para com Israel revelam-se constante da sua ideologia ter sido “Morte a Israel”, ou seja, o não reconhecimento da legitimidade do Estado Judeu.

Após a exposição da importância de ambos os Estados para os Estados Unidos da América, bem como da razão de considerarem o Irão um Estado tão perigoso, pode-se compreender a razão das alterações a nível regional e de política externa americana.

Relativamente às alterações a nível regionais, podemos compreender que a grande mudança que ocorreu foi a ascensão geopolítica do Irão, a partir de 1990. Esta foi a grande mudança que uniu as perspectivas entre a Arábia Saudita e Israel, dado que ambos são considerados ilegítimos para o Irão.

Outra grande alteração a nível regional foi a Primavera Árabe, em 2011³²⁵. A Arábia Saudita receava que ocorresse uma revolução no seu próprio país. Para Israel é mais fácil relacionar-se com regimes pró-americanos que mantém os países estável, do que colaborar com sociedades árabes que podem eleger governos pró-palestinianos.

³²³Riedel, B., 2019.

³²⁴Walt, 1985, 1989.

³²⁵Cafiero, G., Carrieri, L., 2019.

Relativamente, a pontos de tensão entre os Estados Unidos de América e a Arábia Saudita, podemos distinguir o 11 de setembro, dado que a maioria dos terroristas tinham cidadania saudita. Além do impacto do acontecimento, o relacionamento entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita esfriou mais com o *Justice Against Sponsors of Terrorism Act* implantado na administração Obama. Este ato obrigou o regime saudita de fechar organizações que lucrassem para grupos terroristas, aumentou-se a tensão entre os dois países.³²⁶ Um outro ponto de tensão foi a destruição do Regime Baath, em 2003, e substituição por um governo pró-iraniano. Finalmente, a Guerra Civil no Iémen dificultou o relacionamento entre a administração Obama e a Monarquia Saudita.³²⁷

Relativamente aos pontos de tensão entre Israel e a administração Obama, o maior ponto de tensão foi o facto de, em 2010, ter-se condenado os colonatos em Jerusalém, referindo-os como um “insulto”, abstendo-se na resolução do Conselho de Segurança da ONU que tinha como objetivo caracterizar os colonatos israelitas como ilegais.³²⁸

Um ponto de tensão entre os Estados Unidos e Israel e a Arábia Saudita foi a elaboração do JCPOA, que significava não só uma aproximação do Irão,³²⁹ mas também a hegemonia deste no Médio Oriente e um maior perigo de beligerância³³⁰.

Foi neste contexto, de divergência entre os Estados Unidos da América e estes dois Estados do Médio Oriente que se iniciou uma cooperação camuflada. Primeiramente, as autoridades sauditas condenaram o ataque do Hezbollah em 2006 a Israel, referindo o mesmo como um ataque terrorista que não foi provocado. Após a Primavera Árabe, em 2015, desenvolveu-se uma cooperação militar, em que Israel concedia poder tecnológico à Monarquia dos Saud, em termos de segurança cibernética, na vigilância, na proteção de infraestruturas, bem como até no processo de dessalinização.³³¹

O grande motivador desta cooperação camuflada foi o Príncipe Mohammed bin Salman. Este ascendeu ao poder em 2015, quando a administração Obama assinou o JCPOA com um Irão em expansão e o *Justice Against Sponsors of Terrorism Act*. Por conseguinte, observava-se o Reino abandonado e os Estados Unidos como traidores.

³²⁶Freeman Jr., C.W., 2003.

³²⁷Council on Foreign Relations, 2018

³²⁸Friedman, G., 2015, Hummel, D. G., 2019, Reuters, 2010, Zanotti, J., 2018.

³²⁹Blanchard, C.M., 2019.

³³⁰Black, I., 2019b.

³³¹Quitaz, S., 2019.

Além do mais, este Príncipe procurou abrir o Reino do Islamismo Hiperconservador, regressando ao Islão Moderado e equilibrado, aberto ao mundo.

Consequentemente, quando ascendeu a este cargo, o Príncipe MBS prometeu combater o Irão e procurar mais abertura com Israel. Este seu projeto permitiu que Israel procura-se colaborar de forma a haver normalização das relações, conduzindo a paz e prosperidade das relações. Para ele, o confronto contra o Irão é mais importante que resolver o conflito israelo-palestiniano.

Relativamente a Israel, este revelou o seu apressado e consideração pelas medidas de MBS ao, perante o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi, em outubro de 2018, não condenar o mesmo, mas afirmar que é necessário que a Arábia Saudita esteja estável para a região permanecer estável. Israel, ao estabelecer ligações com os Estados do Golfo, procuram demonstrar o seu valor a Washington D.C.

O facto do relacionamento entre a Arábia Saudita e Israel ter melhorado fez com que o relacionamento entre os sauditas e os palestinianos esteja a piorar. Outro fator que levou à deterioração do relacionamento entre estes dois povos foi influência iraniana em especial no Hamas em Gaza. Uma Palestina influenciada pelo Irão independente seria causadora de uma maior instabilidade regional, bem como um fortalecimento do Estado Persa.³³²

No entanto, o relacionamento entre os Estados Unidos, a Arábia Saudita e Israel melhorou consideravelmente com o Presidente Donald J. Trump. De acordo com a “Doutrina Trump para o Médio Oriente”³³³, os Estados Unidos utilizam as suas forças militares somente para dissuadir o uso de armas não convencionais, por a região ser do interesse vital para a segurança norte americana. Assim, o futuro da região encontra-se nas mãos dos respetivos países, em especial a responsabilidade de proteger a região da proliferação das influências iranianas. No entanto, os Estados Unidos da América continuam a apoiar os seus aliados, vendendo armas.

Os Estados Unidos têm mantido uma relação de forte afinidade com Israel. Os Estados Unidos da América saíram unilateralmente do acordo JCPOA, um grande desejo israelita de longa duração. De igual forma, abafaram a problemática decorrente do assassinato do Jornalista Khashoggi. Igualmente, concederam 3.8 mil milhões de dólares às Forças Armadas israelitas.

³³²Kotler, T., 2019.

³³³Indyk, M. S., 2018.

Relativamente ao relacionamento entre os Estados Unidos e os Palestinos, este tem vindo a deteriorar-se. O “Plano de Paz” de Kutcher tem condições duras para com os Palestinos. Também, os Estados Unidos terminaram de apoiar a agência da ONU que concede apoio aos refugiados Palestinos.

Os pontos altos da melhoria do relacionamento entre os Estados Unidos e Israel foi o reconhecimento de Jerusalém como capital israelita unificada e consequente mudança da embaixada pelos Estados Unidos para esta cidade, como o reconhecimento dos Montes Golã para a segurança nacional israelita.

Pode-se, portanto, concluir que a Arábia Saudita, Israel e os Estados Unidos da América encontram-se, durante a administração Trump, a realizar uma política, de acordo com Walt, de *balanço*. Neste caso, a Arábia Saudita é o Estado que procura preservar o *status quo* na região, opondo-se visceralmente contra o Irão, encontrando-se os Estados Unidos da América e Israel a aliarem-se à Monarquia dos Saud contra o Regime Iraniano. A Arábia Saudita anda a procurar diversificar a sua economia bem como realizando reformas políticas para o país seguir o Islamismo Moderado, sendo mais cativante para os Estados Ocidentais. De igual forma, Israel continua a ser um país tecnologicamente avançado e inovador, concedendo informações, armas, treino e tecnologias à Arábia Saudita. No entanto, encontra-se a realizar políticas que fortalecem a sua identidade nacional, como é o caso da Lei Estado-Nação, mas com a aprovação norte-americana e sem a condenação saudita.³³⁴ Consequentemente, observamos nos encontramos perante o denominado *balanço positivo*³³⁵.

O relacionamento entre os Estados Unidos, Israel e a Arábia Saudita é sólido, visto que há um interesse comum. Contudo, os americanos encontram-se cansados de guerras no Médio Oriente. Acrescenta-se que o forte entendimento entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita tem diminuído. Primeiramente, a potência americana tem conseguido diminuir a sua dependência do petróleo saudita. Em segundo lugar, o crescente cansaço de envolvimento nesta região do mundo das populações americanas leva a que haja um apelo para se cortar no financiamento e apoio à Força Aérea saudita.

Uma saída dos Estados Unidos da região pode reduzir o poder da coligação. Os Estados Unidos somente aplicam e sugerem sanções contra o Irão, sendo que os outros

³³⁴ Nexon, 2009, in Bock e Henneberg, 2013, p. 8; He, 2012, in Bock e Henneberg, 2013, p. 9.

³³⁵ Morgenthau e Thompson, 1950, in Bock e Henneberg, 2013, p. 8.

Estados têm de agir por si próprios³³⁶. A Arábia Saudita e Israel conseguem ter capacidade na região, mas limitada. Israel tem capacidade militar e do serviço de informações, enquanto que a Arábia Saudita tem *soft power* e o dinheiro. Além do mais, a *détente* entre a Arábia Saudita e Israel pode ser limitada, dado que os seus interesses somente convergem no desejo de conter o Irão e o seus *proxies*.

Contudo, Israel encontra-se criticamente dependente dos Estados Unidos da América³³⁷, o que pode pôr em causa a sua habilidade de sobreviver sem a “Superpotência” americana. Além de se aconselhar a Israel aumentar e diversificar os seus relacionamentos, aconselha-se que procure vincular-se num tratado com a “Superpotência” norte-americana. Um tratado pode cimentar o relacionamento para o futuro, não por si própria, mas pelas suas garantias. Garantindo a segurança de Israel através desta vinculação, a população deste estado poderia consentir com algumas concessões para se encaminhar a um tratado de Paz. Esta garantia de segurança poderia, assim, permitir a retirada dos Montes Golã, território de maioria palestina, dado que a proteção americana de ameaças externas diminuiria a importância deste ponto estratégico. De igual forma, Israel teria maior liberdade para fortalecer ainda mais a sua defesa de forma autónoma, diminuindo a sua dependência dos Estados Unidos.

Todavia, Israel preocupou-se com o retraimento americano, ponderando o que este significará para a sua segurança. Assim, tem estudado como o Irão poderá atacar Israel. O ataque pode ser desenvolvido através do Hezbollah, que tem aumentado o *stock* de armas financiado pelo Regime Iraniano, bem como melhorado a qualidade das mesmas. Israel tem fechado, conseqüentemente, os túneis na fronteira com o Líbano. O Irão também poderá desejar atacar Israel através da Síria e do Iraque. Portanto, Israel tem aumentado a ação militar regional, impedindo a construção de indústrias iranianas na Síria e destruído armazéns de armas de milícias xiitas no Iraque.³³⁸ Relativamente à Palestina, prevê-se a continuação da tensão e de maior confrontação armada. Quanto ao Iémen, espera-se mais tensão e conflito.³³⁹

Relativamente à Arábia Saudita³⁴⁰, o relacionamento com esta encontra-se dependente da administração que se encontra em vigor. Poderá ocorrer um declínio das relações estratégicas, levando a um boicote americano à Monarquia dos Saud. Uma

³³⁶Feltman, J., Gross, S., Indyk, M., Kirişci, K., Maloney, S., Riedel, B., Sachs, R., Sloat, A., Stent, A., Wittes, T. C., 2019.

³³⁷Freilich, C. D., 2018.

³³⁸Zanotti, J., 2019a.

³³⁹Saadani, H., 2017.

³⁴⁰Aghamohammadi, Z., Omid, A., 2018.

futura administração poderá revelar que a continuação de um bom relacionamento e uma diplomacia nos bastidores iriam contra os princípios e valores americanos, nomeadamente de liberdade de expressão, tendo em conta o assassinato de Khashoggi. Este boicote levaria a que o Príncipe Herdeiro afastasse o seu Reino dos Estados Unidos, aproximando-se de outros atores internacionais, como, por exemplo, de Israel, por terem interesses mútuos. Contudo, dificilmente poderiam estabelecer relações diplomáticas diretas.

No entanto, caso a administração Trump permaneça para um segundo mandato ou caso uma administração distinta deseje permanecer nesta não inferência nos assuntos internos dos seus Estados, o relacionamento com a Arábia Saudita poderia permanecer como se caracteriza. Tal significaria que existe uma crença que o Príncipe Herdeiro é um elemento principal para a estabilidade no Médio Oriente, nomeadamente para conter o expansionismo iraniano, na cooperação para o processo de paz israelo-palestiniano, bem como por ser um aliado vital dos Estados Unidos, como se compreende pela elevada compra de armas norte americanas. De igual forma, seria uma fonte para a criação de uma “NATO” árabe, entre os Estados Unidos, os Emiratos Árabes Unidos, a Arábia Saudita, a Jordânia e o Egito.

Todavia, dado os contínuos casos de aprisionamento de membros proeminentes da sociedade saudita, poderia haver uma remoção do Príncipe Herdeiro do poder, quer por assassínio, quer por enfraquecimento do seu poder, nomeando outras figuras para cargos que detenha, quer por retirar o título. No entanto, esta remoção do MBS poderia pôr em causa a sustentabilidade da monarquia.

Visto que as Relações Internacionais e o Médio Oriente são campos em contínua mudança, entende-se que estas são hipóteses que poderão alterar o relacionamento tão interessante entre os Estados Unidos da América, a Arábia Saudita e Israel. Contudo, dado o quadro presente, depreende-se que um relacionamento tático entre estes três Estados permanecerá, mesmo que em oculto.

Antes de terminar esta dissertação, gostaria de referir algumas limitações da mesma. Primeiramente, encontra-se em estudo uma região do mundo que está em constante mudança. Por exemplo, Israel teve três eleições entre 2019 e 2020, prevendo-se a realização de mais uma eleição durante a elaboração desta dissertação. De igual forma, o Primeiro Ministro Netanyahu encontra-se em julgamento por crimes de corrupção, entre outros. De igual forma, os Estados Unidos da América encontram-se em eleições, só se sabendo o resultado das mesmas no final deste presente ano. Por

consequente, esta tese encontra-se sempre em constante atualização de acordo com o surgimento dos acontecimentos. No entanto, alguma alteração após a submissão da mesma pode pôr em causa alguns cenários prospetivos realizados na Conclusão desta dissertação. Em segundo lugar, teve de se aceder a artigos jornalísticos e científicos em inglês, dado que não sabe nem hebraico nem árabe. Em terceiro lugar, pode haver limitações devido a parcialidade. A tentou realizar a tese da forma mais imparcial que conseguia. Realizou triangulação da informação de forma a esta poder ser legítima. Contudo, qualquer dado pode ter sofrido de parcialidade por parte de algum artigo que tenha lido. Como não se encontrava presente durante os acontecimentos, todos os dados tiveram de ser retirados por fontes.

Bibliografia

Abadi, J., 2019. Saudi Arabia's rapprochement with Israel: the national security imperatives. *Middle Eastern Studies*, 55 (3), pp. 433-449. DOI: 10.1080/00263206.2018.1509853

Abdolmohammadi, P., Mezran, K., n.d. *A New Iran for a New Middle East*. [Comentário] Washington D.C.: Middle East Policy Council. Disponível em: <https://mepc.org/commentary/new-iran-new-middle-east> [Acedido a 24 de fevereiro de 2020].

Abrams, E., 2017. The Saudis and Israel. *Pressure Points*, [Blog] 17 de novembro. Disponível em: <https://www.cfr.org/blog/saudis-and-israel-1> [Acedido a 4 de fevereiro de 2020].

Abrams, E., 2018. Gaza and Hamas. *Pressure Points*, [Blog] 16 de maio. Disponível em: <https://www.cfr.org/blog/gaza-and-hamas-1> [Acedido a 19 de novembro de 2019].

Adami, A., Pouresmaeili, N., 2013. Saudi Arabia and Iran: The Islamic Awakening Case. *Iranian Review of Foreign Affairs*, 3 (4), pp. 153-178. Disponível em: <https://www.sid.ir/en/Journal/ViewPaper.aspx?ID=296671> [Acedido a 24 de fevereiro de 2020].

AFP, 2018. Saudi Arabia: A year of change with a new crown prince. *The Times of Israel*, 21 de junho. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/saudi-arabia-a-year-of-change-with-a-new-crown-prince/> [Acedido a 26 de setembro de 2019].

Aghamohammadi, Z., Omid, A., 2018. The Prospect of the United States and Saudi Arabia's Relations In Light of the Khashoggi Murder. *Journal of World Sociopolitical Studies*, 2 (4), pp. 605-632. DOI: 10.22059/wsps.2019.256100.1054

Ahmadi, A., 2019. Danger in the Gulf: What the Attack on Saudi Arabian Oil Means for America. *Middle East Watch*, [Blog] 17 de setembro. Disponível em:

<https://nationalinterest.org/blog/middle-east-watch/danger-gulf-what-attack-saudi-arabian-oil-means-america-81286> [Acedido a 25 de março de 2020].

Ahmadian, H., 2018. Iran and Saudi Arabia in the Age of Trump. *Survival*, 60 (2), pp. 133-150. <https://doi.org/10.1080/00396338.2018.1448579>

Albassam, B. A., 2015. Economic diversification in Saudi Arabia: Myth or reality?. *Resources Policy*, 44, pp. 112-117. <https://doi.org/10.1016/j.resourpol.2015.02.005>.

Al-Kandari, A., Gaither, T.K., 2011. Arabs, the west and public relations: A critical/cultural study of Arab cultural values. *Public Relations Review* [e-journal], 37 (3), pp. 266-273. <https://doi.org/10.1016/j.pubrev.2011.04.002> [Acedido a 23 de setembro de 2019].

Ali, I., Stewart, P., 2019. U.S. says deploying more forces to Saudi Arabia to counter Iran threat. *Reuters*, 11 de outubro. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-saudi-aramco-attacks-exclusive/u-s-says-deploying-more-forces-to-saudi-arabia-to-counter-iran-threat-idUSKBN1WQ21Z> [Acedido a 5 de dezembro de 2019].

Al Jazeera, 2019. US to deploy 3,000 additional troops to Saudi Arabia. *Al Jazeera*, 11 de outubro. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2019/10/deploy-large-number-forces-saudi-arabia-report-191011160852019.html> [Acedido a 10 de dezembro de 2019].

Al-Omari, O., Indyk, M.S., Singer, J., 2018. *Twenty-Five Years After the Oslo Accords*. Mediado por Richard N. Haass [vídeo e transcrição] Council on Foreign Relations, 2 de outubro.

Alsaafin, L., 2017. What is behind the covert Israeli-Saudi relations?. *Al Jazeera*, 21 de janeiro. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2017/11/covert-israeli-saudi-arabia-relations-171120142229835.html> [Acedido a 5 de fevereiro de 2020].

Altwaiji, M., 2017. History of Saudi Folklore and Factors that Shaped It. *TRAMES*, 21(71/66), pp. 161–171. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/317154282_History_of_Saudi_folklore_and_f_actors_that_shaped_it [Acedido a 23 de setembro de 2019].

Amer, A. A., 2019. What is behind the Saudi campaign against Hamas?. *Al Jazeera*, 23 de setembro. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/saudi-campaign-hamas-190922221256740.html> [Acedido a 20 de novembro de 2019].

Analyzing Foreign Policy In: Beach, D., Pedersen, R. 2012. 2ª edição. *Analyzing Foreign Policy*. n.l.: Red Globe Press.

ARABIA-SAUDITA.ORG, n.d.. *Mapa e Localização geográfica da Arábia Saudita*. Disponível em: <https://www.arabia-saudita.org/mapa-arabia-saudita/> [Acedido a 30 de setembro de 2019].

Aron, R., 1962. *Peace and War: A Theory of International Relations*. Nova Jersey: Transaction Publishers

Atomic Heritage Foundation, 2018. *Israeli Nuclear Program*. (15 de agosto) Disponível em: <https://www.atomicheritage.org/history/israeli-nuclear-program> [Acedido a 22 de novembro de 2019].

Ayoob, M., 2004. Political Islam: Image and Reality. *World Policy Journal*, 21(3), pp. 1-14. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40210231> [Acedido a 25 de setembro de 2019].

Bahar, D., Eckstein, Z., 2019. Israeli Voters Don't Care About the Economy. They Should. *Foreign Policy*, 12 de setembro. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/09/12/israeli-voters-dont-care-about-the-economy-they-should-netanyahu-gantz-lieberman/> [Acedido a 7 de outubro de 2019].

Bahgat, G., 2006. Israel And Nuclear Proliferation In The Middle East. *Middle East Policy*, 13 (2), pp. 113-133. <https://doi.org/10.1111/j.1475-4967.2006.00253.x>

Bahgat, G., 2009. Saudi Arabia and the Arab–Israeli Conflict in the Last Years of the Bush Presidency. *Israel Affairs*, 15 (2), pp. 180-189. <https://doi.org/10.1080/13537120902734442>

Bar, S., 2005. *Sunnis and Shiites: Between Rapprochement and Conflict*. Washington, D.C.: Hudson Institute. Disponível em https://www.hudson.org/content/researchattachments/attachment/1370/bar_vol2.pdf [Acedido a 11 de dezembro de 2019].

Bar-Siman-Tov, Y., 1998. The United States and Israel since 1948: A “Special Relationship”? *Diplomatic History*, 22 (2), pp. 231-262. Disponível em: www.jstor.org/stable/24913659 [Acedido a 24 de janeiro de 2020].

Barnett, M. N., 1998. *Dialogues in Arab Politics: Negotiations in Regional Order*. Columbia: Columbia University Press. Disponível em: https://www.academia.edu/24032485/Dialogues_in_Arab_Politics_Negotiations_in_Regional_Order_A_Narrative_of_Arab_Politics_Which_Dialogues_Among_Which_Arab_States [Acedido a 1 de abril de 2020].

Barnett, M. N., Levy, J. S., 1991. Domestic Sources of Alliances and Alignments: The Case of Egypt, 1962-73. *International Organization*, 41 (3), pp. 369-395. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/2706736> [Acedido a 1 de abril de 2020].

Basic Law: Israel - The Nation State of the Jewish People. 2018. Jerusalem: The Knesset.

BBC News, 2018. Israel-Palestinian conflict: Life in the Gaza Strip. *BBC News*, 15 de maio. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-20415675> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

BBC News, 2019a. Israel and the Palestinians: Can the settlement issue be solved?. *BBC News*, 18 de novembro. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-38458884> [Acedido a 22 de novembro de 2019].

BBC News, 2019b. Saudi Arabia oil attacks: US to deploy thousands of extra troops. *BBC News*, 11 de outubro. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-50021138> [Acedido a 10 de dezembro de 2019].

Bennett, A., 2002. Case Study Methods: Design, Use, and Comparative Advantages In: D.F., Sprinz, Y. Wolinsky eds. Revisito em 2002. *Cases, Numbers, Models: International Relations Research Methods*. Michigan: University of Michigan Press.

Bennis, Phyllis, 2019. *Trump's Embrace of Netanyahu Will Haunt the Middle East for Years*. (15 de abril). Disponível em: <https://fpif.org/trumps-embrace-of-netanyahu-will-haunt-the-middle-east-for-years/> [Acedido a 24 de março de 2020].

Black, I., 2019a. *Just Below the Surface: Israel, the Arab Gulf States and the Limits of Cooperation*. Londres: London School of Economics and Political Science Middle East Centre. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/100313/7/JustBelowtheSurface.pdf> [Acedido a 3 de julho de 2019].

Black, I., 2019b. Why Israel is quietly cosyng up to Gulf monarchies. *The Guardian*, 19 de março. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2019/mar/19/why-israel-quietly-cosying-up-to-gulf-monarchies-saudi-arabia-uae> [Acedido a 5 de fevereiro de 2020].

Blanchard, C.M., 2008. *Report for Congress: The Islamic Traditions of Wahhabism and Salafiyya* (RS21695). Washington D.C.: Congressional Research Service.

Blanchard, C.M., 2019. *Saudi Arabia: Background and U.S. Relations* (RL33533). Washington D.C.: Congressional Research Service.

Bock, A. M., Henneberg, I., 2013. Why Balancing Fails: Theoretical reflections on Stephan M. Walt's "Balance of Threat" Theory. *AIPA*, Vol. 2. ISSN: 1611-0072. [Acedido a 12 de julho de 2019].

Borger, J., 2014. The truth about Israel's secret nuclear arsenal. *The Guardian*, 15 de janeiro. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/jan/15/truth-israels-secret-nuclear-arsenal> [Acedido a 22 de novembro de 2019].

Brand, L. A., 1994. Economics and Shifting Alliances: Jordan's Relations with Syria and Iraq, 1975-81. *International Journal of Middle East Studies*, 26 (3), pp. 393-413. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/163695> [Acedido a 1 de abril de 2020].

Bruno, M., Chenery. H.B., 1962. Development Alternatives in an Open Economy: The Case of Israel. *The Economic Journal*, 72 (285), pp. 79-103. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2228618> [Acedido a 7 de outubro de 2019].

Bureau of Near Eastern Affairs, 2019. *U.S. Relations with Saudi Arabia*. (26 de novembro) Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-relations-with-saudi-arabia/>[Acedido a 18 de dezembro de 2019].

Byman, D. L., 2018. Iran's foreign policy weaknesses, and opportunities to exploit them. *Markaz*, [Blog] 3 de janeiro. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/markaz/2018/01/03/irans-foreign-policy-weaknesses-and-opportunities-to-exploit-them/> [Acedido a 20 de fevereiro de 2020].

Byman, D. L., 2018. Pushing back Russia in the Middle East: A thought experiment. *Order from Chaos*, [Blog] 13 de abril. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2018/04/13/pushing-back-russia-in-the-middle-east-a-thought-experiment/> [Acedido a 19 de março de 2020].

Cafiero, G., Carrieri, L., 2019. The Real Saudi-Israeli Relations. *Consortium News*, 30 de setembro. Disponível em: <https://consortiumnews.com/2019/09/30/the-real-saudi-israeli-relations/#> [Acedido a 5 de fevereiro de 2020].

Cammarota, K., 2019. Living Problems in West Bank and Gaza. *The Borgen Project Blog*, [Blog] 10 de março. Disponível em: <https://borgenproject.org/living-problems-in-west-bank-and-gaza/>[Acedido a 21 de novembro de 2019].

Central Intelligence Agency., n.d.a. *The World Factbook – Middle East :: Gaza Strip*. (Atualizado a 19 de novembro de 2019) Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gz.html> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

Central Intelligence Agency., n.d.b. *The World Factbook – Middle East :: Iran*. (Atualizado a 15 de março de 2020) Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/ir.html> [Acedido a 20 de março de 2020].

Central Intelligence Agency., n.d.c. *The World Factbook – Middle East :: Israel*. (Atualizado a 7 de outubro de 2019) Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/is.html> [Acedido a 6 de outubro de 2019].

Central Intelligence Agency., n.d.d. *The World Factbook – Middle East :: Saudi Arabia*. (Atualizado a 2 de outubro de 2019) Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sa.html> [Acedido a 23 de setembro de 2019].

Central Intelligence Agency., n.d.e. *The World Factbook – Middle East :: West Bank*. (Atualizado a 19 de novembro de 2019) Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/we.html> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

Chughtai, A., 2017. US-Saudi relations: A timeline. *Al-Jazeera*, 18 de maio. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/indepth/interactive/2017/05/saudi-relations-timeline-170518112421011.html>[Acedido a 18 de dezembro de 2019].

Cliff, R., Johnson, D., Markel, M., Moroney, J., Smallman, L., Spirtas, M., 2009. Israel In: *Preparing and Training for the Full Spectrum of Military Challenges: Insights from the Experiences of China, France, the United Kingdom, India, and Israel*. Santa Monica, CA; Arlington, VA; Pittsburgh, PA: RAND Corporation. pp. 197-232. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.7249/mg836osd.14>

Cline, A., 2018. *Origins and Doctrines of Wahhabism, Islam's Extremist Sect*. (Atualizado a 24 de março) Disponível em: <https://www.learnreligions.com/wahhabism-and-wahhabi-islam-250235> [Acedido a 25 de setembro de 2019].

Conselho de Segurança, 2019. *Israeli-Palestinian Conflict 'Locked in a Dangerous Paralysis', Under-Secretary-General Warns Security Council, Urging Political Will, Leadership to Change Course*. [cobertura de reuniões] Nova Iorque: United Nations: Meetings Coverage & Press Releases. Disponível em: <https://www.un.org/press/en/2019/sc13895.doc.htm> [Acedido a 18 de novembro de 2019]

Constantin, S., 2016. Shia in Saudi Arabia: A History of Discrimination, Oppression. *Alternatives International*, 1 de agosto. Disponível em: <https://www.alterinter.org/?Shia-in-Saudi-Arabia-A-History-of-Discrimination-Oppression> [Acedido a 10 de dezembro de 2019].

Coogler, A., 2017. Saudi Arabia's 'War on Terror' Is Now Targeting Saudi Shiites. *Foreign Policy*, 23 de agosto. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2017/08/23/saudi-arabias-war-on-terror-is-now-targeting-saudi-shia/>[Acedido a 10 de dezembro de 2019].

Cook, J., 2019. *The real divide in Israeli politics is between religious and secular ultra-nationalism*. 25 de setembro. Disponível em: <https://mondoweiss.net/2019/09/politics-religious-nationalism> [Acedido a 9 de outubro de 2019].

Council on Foreign Relations, 2018. *U.S.-Saudi Arabia Relations*. (7 de dezembro) Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounders/us-saudi-arabia-relations>[Acedido a 18 de dezembro de 2019].

Council on Foreign Relations, 2019. Israeli-Palestinian Conflict. *Global Conflict Tracker*, [Blog] 3 de dezembro. Disponível em: <https://www.cfr.org/interactive/global-conflict-tracker/conflict/israeli-palestinian-conflict> [Acedido a 19 de novembro de 2019]

Counter Extremism Project, n.d.a. *Hamas*. n.l.: Counter Extremism Project. Disponível em: <https://www.counterextremism.com/threat/hamas> [Acedido a 15 de novembro de 2019]

Counter Extremism Project, n.d.b. *Hezbollah*. n.l.: Counter Extremism Project. Disponível em: <https://www.counterextremism.com/threat/hezbollah> [Acedido a 15 de novembro de 2019]

Counter Extremism Project, n.d.c. *Islamic Revolutionary Guard Corps (IRGC)*. n.l.: Counter Extremism Project. Disponível em: <https://www.counterextremism.com/threat/islamic-revolutionary-guard-corps-irgc> [Acedido a 15 de novembro de 2019]

Counter Extremism Project, n.d.d. *Muslim Brotherhood*. n.l.: Counter Extremism Project. Disponível em: <https://www.counterextremism.com/threat/muslim-brotherhood> [Acedido a 15 de novembro de 2019]

Counter Extremism Project, n.d.e. *Palestinian Islamic Jihad*. n.l.: Counter Extremism Project. Disponível em: <https://www.counterextremism.com/threat/palestinian-islamic-jihad> [Acedido a 15 de novembro de 2019]

Creswell, J., 2014. *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. 4.^a ed. s.l.: SAGE Publications.

Czerniawski, M., 2010. *Blood in the Wells: The Troubled Past and Perilous Future of US-Saudi Relations*. Senior Honors Theses. Eastern Michigan University. Disponível em: <http://commons.emich.edu/honors/223>[Acedido a 7 de janeiro de 2020].

Darwich, M., 2019. Great and regional problems in the Middle East: the evolution of role conceptions. *POMEPS Studies*, Vol. 34 (March), pp. 23-27. Disponível em: <https://pomeps.org/pomeps-studies-34-shifting-global-politics-and-the-middle-east> [Acedido a 13 de junho de 2019].

Dinesh, J., 2019. *A study of buying decision process in Malls*. University of Devi Ahilya Vishwavidyalaya.

Dockery, W., 2018. How did September 11 affect US-Saudi Arabia relations? *Deutsche Welle*, 11 de setembro. Disponível em: <https://p.dw.com/p/34ge8> [Acedido a 18 de dezembro de 2019].

Elath, E., Ochsenwald, W.L., Sicherman, H., Stone, R.A., n.d. *Israel*. (Atualizado a 9 de outubro de 2019) Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Israel> [Acedido a 7 de outubro de 2019].

Encyclopædia Britannica, 2019. *Gulf Cooperation Council*. (Atualizado a 15 de junho de 2019) Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Gulf-Cooperation-Council> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

Encyclopaedia Britannica, n.d.a. *Gaza Strip*. (Atualizado a 27 de março de 2019) Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Gaza-Strip> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

Encyclopaedia Britannica, n.d.b. *Hamas*. (Atualizado a 15 de janeiro de 2019) Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Hamas> [Acedido a 20 de novembro de 2019].

Encyclopaedia Britannica, n.d.c. *Palestinian Authority*. (Atualizado a 27 de março de 2019) Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Palestinian-Authority> [Acedido a 19 de novembro de 2019].

Encyclopaedia Britannica, n.d.d. *West Bank*. (Atualizado a 30 de janeiro de 2019) Disponível em: <https://www.britannica.com/place/West-Bank> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

Encyclopaedia Britannica, n.d.e. *Zionism*. (Atualizado a 30 de janeiro de 2019) Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Zionism> [Acedido a 14 de outubro de 2019].

Esposito, J. L., ed., n.d. "Sunni Islam." In *The Oxford Dictionary of Islam*. Disponível através de: Oxford Islamic Studies Online <<http://www.oxfordislamicstudies.com/article/opr/t125/e2280>> [Acedido a 25 de setembro de 2019].

Fahmy, D., 2018. *5 facts about religion in Saudi Arabia*. (Atualizado a 12 de abril) Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/04/12/5-facts-about-religion-in-saudi-arabia/> [Acedido a 25 de setembro de 2019].

Feltman, J., Gross, S., Indyk, M., Kirişci, K., Maloney, S., Riedel, B., Sachs, R., Sloat, A., Stent, A., Wittes, T. C., 2019. *The New Geopolitics of the Middle East: America's role in a changing region*. Entrevistado por Bruce Jones. Brookings, Janeiro. Disponível em: <https://www.brookings.edu/research/the-new-geopolitics-of-the-middle-east-americas-role-in-a-changing-region/> [Acedido a 24 de março de 2020].

Ferrero, C. J., 2019. Israel's strategic interest in nuclear disarmament. *Comparative Strategy*, 38 (3), pp. 167-181. <https://doi.org/10.1080/01495933.2019.1606658>

Fieldman, S., Wittes, T.C., 2018. Why everyone loves Israel now. *Order from Chaos*, [Blog] 26 de março. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2018/03/26/why-everyone-loves-israel-now/> [Acedido a 23 de setembro de 2019].

Fischer, G., 1936. *Wehrwirtschaft: Ihre Grundlagen und Theorien*. Leipzig: Quelle & Meyer.

Fisher, M., 2013. Why is the U.S. okay with Israel having nuclear weapons but not Iran?. *The Washington Post*, 2 de dezembro. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2013/12/02/why-is-the-u-s-okay-with-israel-having-nuclear-weapons-but-not-iran/> [Acedido a 22 de novembro de 2019].

Freedman, R.O., Sandler, S., Telhami, S., 1999. The Religious-Secular Divide in Israeli Politics. *Middle East Policy*, VI (4), pp. 137-145. <https://doi.org/10.1111/j.1475-4967.1999.tb00358.x>

Freeman Jr., C. W., 2003. *A Relationship in Transition - And Then 9/11*. Entrevistado por Saudi-American Forum [website] Middle East Policy Council, 4 de setembro de 2003. Disponível em: <https://mepc.org/commentary/relationship-transition-and-then-911>[Acedido a 17 de dezembro de 2019].

Freilich, C. D., 2018. My Reasons for Recommending a Defense Treaty between the U.S. and Israel. *Mosaic*, 26 de fevereiro. Disponível em: <https://mosaicmagazine.com/response/israel-zionism/2018/02/my-reasons-for-recommending-a-defense-treaty-between-the-u-s-and-israel/>[Acedido a 25 de março de 2020].

Friedman, G., 2015. The Complex History of the U.S.-Israel Relationship. *Real Clear World*, 4 de março. Disponível em: https://www.realclearworld.com/articles/2015/03/04/the_complex_history_of_the_us-israel_relationship_111012.html [Acedido a 21 de janeiro de 2020].

Gause III, F. G., 1999. Systemic Approaches to Middle East International Relations. *International Studies Review*, Vol. 1 (1/Spring), pp. 11-31. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3186364> [Acedido a 12 de junho de 2019].

Gause III, F. G., 2009. Saudi-American Relations. *Middle East Institute*, Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/saudi-american-relations> [Acedido a 18 de dezembro de 2019].

General Authority for Statistics of the Kingdom of Saudi Arabia, 2019. *Merchandise Exports and Imports of The Kingdom of Saudi Arabia*. Disponível em: [Acedido a 17 de outubro de 2019].

Gerring, J. 2006. *Case Study Research: Principles and Practices*. Cambridge: Cambridge University Press.

Gilad, E., 2015. The House of Saud: A Brief History of the Family That Owns Saudi Arabia. *Haaretz*, 27 de janeiro. Disponível em: <https://www.haaretz.com/.premium-the-history-of-the-house-of-saud-1.5365900> [Acedido a 24 de setembro de 2019].

Glynos, J., Howarth, D., Norval, A., Speed, E., 2009. *Discourse Analysis: Varieties and Methods*, Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/279668539> [Acedido a 25 de outubro de 2019]

GlobalSecurity.org, n.d. *Operation Desert Focus*. Disponível em: https://www.globalsecurity.org/military/ops/desert_focus.htm [Acedido a 12 de dezembro de 2019].

Grumet, T. R., 2015. New Middle East Cold War: Saudi Arabia and Iran's Rivalry. Master of Arts. Universidade de Denver. Disponível em: https://digitalcommons.du.edu/etd/1028/?utm_source=digitalcommons.du.edu%2Fetd%2F1028&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages [Acedido a 26 de fevereiro de 2020].

Guzansky, Y., Shapiro, D. B., 2019. Friends With Caveats. *Foreign Affairs*, [website] Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/israel/2019-08-05/friends-caveats> [Acedido a 4 de fevereiro de 2020].

Hamid, S., Mandaville, P., 2018. *Islam as statecraft: How governments use religion in foreign policy*. Brookings. Disponível em: <https://www.brookings.edu/research/islam-as-statecraft-how-governments-use-religion-in-foreign-policy/> [Acedido a 23 de setembro de 2019].

Hazbun, W., 2019. In America's Wake: Turbulence and Insecurity in the Middle East. *POMEPS Studies*, Vol. 34 (March), pp. 23-27. Disponível em: <https://pomeps.org/pomeps-studies-34-shifting-global-politics-and-the-middle-east> [Acedido a 13 de junho de 2019].

Hein, M. v., 2017. Is Saudi Arabia waging war on its Shiite minority?. *Deutsche Welle*, 10 de agosto. Disponível em: <https://www.dw.com/en/is-saudi-arabia-waging-war-on-its-shiite-minority/a-40045513> [Acedido a 10 de dezembro de 2019].

Herdianto, H., 2019. Openness Political System and Democratization need in the Kingdom of Saudi Arabia. *Saudi's Regime Policy Delivers Political Openness*, Disponível em: <http://repository.umy.ac.id/bitstream/handle/123456789/28076/7.%20CHAPTER%20III.pdf?sequence=6&isAllowed=y> [Acedido a 26 de setembro de 2019].

Herland Report, 2019. The Love Story of Saudi Arabia and Israel. *Herland Report*, 14 de dezembro. Disponível em: <https://www.hannenabintuherland.com/mideast/the-love-story-of-saudi-arabia-and-israel/> [Acedido a 4 de fevereiro de 2020].

Hubbard, B., 2020. MBS: The Rise of a Saudi Prince. *The New York Times*, 21 de março. Disponível em: <https://www.brookings.edu/research/the-new-geopolitics-of-the-middle-east-americas-role-in-a-changing-region/> [Acedido a 25 de março de 2020].

Human Rights Watch, 2019. *World Report 2019*. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/israel/palestine> [Acedido a 13 de janeiro de 2020].

Hummel, D. G., 2019. Foreign Policy and Religion: U.S. Foreign Policy Toward Israel. *Oxford Research Encyclopedia of Politics*, Disponível em: [10.1093/acrefore/9780190228637.013.988](https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190228637.013.988) [Acedido a 23 de janeiro de 2020].

Indyk, M. S., 2018. A Trump doctrine for the Middle East. *Order from Chaos*, [Blog] 16 de abril. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2018/04/16/a-trump-doctrine-for-the-middle-east/> [Acedido a 24 de março de 2020].

International Crisis Group, 2005. *The Shiite Question in Saudi Arabia*. Disponível em <https://d2071andvip0wj.cloudfront.net/45-the-shiite-question-in-saudi-arabia.pdf> [Acedido a 12 de dezembro de 2019].

Israel Ministry of Foreign Affairs, n.d. *PEOPLE: Minority Communities*. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/people/pages/society-%20minority%20communities.aspx> [Acedido a 14 de outubro de 2019]

Israeli, O., 2015. Israel's nuclear amimut policy and its consequences. *Israel Affairs*, 21 (4), pp. 541–558. <http://dx.doi.org/10.1080/13537121.2015.1076185>

Jewish Virtual Library, n.d.a. *Fatah: History & Overview*. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/fatah-history-and-overview> [Acedido a 15 de novembro de 2019]

Jewish Virtual Library, n.d.b. *Hamas: Background & Overview*. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/background-and-overview-of-hamas> [Acedido a 15 de novembro de 2019]

Jewish Virtual Library, n.d.c. *Palestine Liberation Organization (PLO): History & Overview*. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/history-and-overview-plo> [Acedido a 15 de novembro de 2019]

Jewish Virtual Library, n.d.d. *Palestinian Terror Groups: Palestine Islamic Jihad*. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/palestine-islamic-jihad> [Acedido a 15 de novembro de 2019]

John, S., 2019. *12 mind-blowing facts about Saudi Arabia's economy*. (Atualizado a 2 de maio) Disponível em: <https://markets.businessinsider.com/news/stocks/saudi-arabia-economy-facts-2019-5-1028161696> [Acedido a 25 de setembro de 2019].

Jones, T., 2007. Saudi Arabia's Not so New Anti-Shi'ism. *Middle East Report*, 242, pp. 29-32. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/25164776?seq=1> [Acedido a 10 de dezembro de 2019].

Joshi, S., 2000. Israel's nuclear policy: A cost -benefit analysis. *Strategic Analysis*, 23 (12), pp. 2089-2110. <https://doi.org/10.1080/09700160008455182>

Kasserm D. D., Nader, A., Roshan, P., 2011. Iranian Perceptions of and Policies Toward Israel In: *Israel and Iran: A Dangerous Rivalry*. Santa Monica, CA; Arlington, VA; Pittsburgh, PA: RAND Corporation. pp. 55-80. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.7249/mg1143osd.9>

Kelner, S., 2003. The Impact of Israel Experience Programs on Israel's Symbolic Meaning. *Contemporary Jewry*, 24 (1), pp. 124-155. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23455248> [Acedido a 23 de setembro de 2019].

Kostiner, J., 2009. Saudi Arabia and the Arab–Israeli Peace Process: The Fluctuation of Regional Coordination. *British Journal of Middle Eastern Studies*, 36 (3), pp. 417-429. <https://doi.org/10.1080/13530190903338946>

Kotler, T., 2019. *Israel-Saudi Arabia Relations in Focus*. (16 de junho) Disponível em: <https://honestreporting.com/israel-saudi-arabia-relations/> [Acedido a 5 de fevereiro de 2020].

Krasna, J. S., 2019. It's Complicated: Geopolitical and Strategic Dynamics in the Contemporary Middle East. *Orbis*, 63 (1), pp. 64 - 79. <https://doi.org/10.1016/j.orbis.2018.12.007>

Lacroix, S., 2019. Saudi Arabia and the Limits of Religious Reform. *The Review of Faith & International Affairs*, 17 (2), pp. 97-101. <https://doi.org/10.1080/15570274.2019.1608650>

Lawson, F. H., 2011. Keys to the Kingdom: Current Scholarship on Saudi Arabia. *International Journal of Middle East Studies*, 43 (4), pp. 737–747. <https://doi.org/10.1017/S0020743811000985>

Lewis, R., 2017. *Things to Know About Israel's Local Culture*. (Atualizado a 29 de dezembro) Disponível em: <https://theculturetrip.com/middle-east/israel/articles/things-to-know-about-israels-local-culture/> [Acedido a 7 de outubro de 2019].

Lewis, R., 2019. *The Histories, Origins and Cultures of Israel's Jewish Community*. (Atualizado a 6 de maio) Disponível em: <https://theculturetrip.com/middle-east/israel/articles/the-histories-origins-and-cultures-of-israels-jewish-community/>[Acedido a 7 de outubro de 2019].

Lewis, S. W., 1999. The United States and Israel: Evolution of an Unwritten Alliance. *Middle East Journal*, 53 (3), pp. 364–378. Disponível em: www.jstor.org/stable/4329351 [Acedido a 22 de janeiro de 2020].

Lipson, C., 1996. American support for Israel: History, sources, limits. *Israel Affairs*, 2 (3-4), pp. 128-146. DOI: [10.1080/13537129608719397](https://doi.org/10.1080/13537129608719397)

London, H., 2018. A secret Middle East alliance. *The Washington Times*, 15 de janeiro. Disponível em: <https://www.washingtontimes.com/news/2018/jan/15/israel-and-saudi-arabia-find-common-cause-in-keepi/> [Acedido a 5 de fevereiro de 2020].

Looney, R., 2006. “Thicker Than Oil: America’s Uneasy Partnership with Saudi Arabia”. Recensão de *Thicker Than Oil: America’s Uneasy Partnership with Saudi Arabia*, por Rachel Bronson. *Gulf Research Center*. Disponível em: <https://calhoun.nps.edu/handle/10945/40874>[Acedido a 17 de dezembro de 2019].

Lucic, A., Pustelnik, D., 2009. American Relations with Saudi Arabia: An Assessment of Shifting Policies. *National Security and the Future*, 1 (10), pp.11-63. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/59141>[Acedido a 21 de dezembro de 2019].

Marcus, J., 2018. Israel and Saudi Arabia: The relationship emerging into the open. *BBC News*, 3 de abril. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-43632905> [Acedido a 4 de fevereiro de 2020].

Martins, N.A., 2016. Xiitas e sunitas. Catorze séculos da grande divisão do Islão. *Observador*, 9 de janeiro. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/xiitas-sunitas-grande-divisao-do-islao-dura-ha-14-seculos/> [Acedido a 24 de setembro de 2019].

Menashri, D., 2006. Iran, Israel and the Middle East Conflict. *Israel Affairs*, 12 (1), pp. 107-122. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13537120500381901>

MilitaryBases.com, n.d. *US Military Bases in Saudi Arabia*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/jan/15/truth-israels-secret-nuclear-arsenal> [Acedido a 5 de dezembro de 2019].

Ministry of Foreign Affairs, 2008. *Israel and the United States: The Special Bond Between Two Nations and Two Peoples*. Tel-Aviv: Ministry of Foreign Affairs. Disponível em: https://mfa.gov.il/MFA_Graphics/MFA%20Gallery/Israel60/ch10.pdf [Acedido a 23 de janeiro de 2020].

Mittelman, S., 2019. *The Palestinian Authority needs to get its priorities straight*. (31 de julho) Disponível em: <https://www.aspistrategist.org.au/the-palestinian-authority-needs-to-get-its-priorities-straight/> [Acedido a 19 de novembro de 2019]

Moreira, B. B., 2015. *Estados Unidos, Rússia, China e seus pivots asiáticos*. (17 de setembro) Disponível em: <https://neai-unesp.org/estados-unidos-russia-china-e-seus-pivots-asiaticos/> [Acedido a 14 de maio de 2020].

Morsy, A., 2019. Alliances and threats in the Middle East: Neoclassical realism and the balance of interest. *POMEPS Studies*, Vol. 34 (March), pp. 81-85. Disponível em: <https://pomeps.org/pomeps-studies-34-shifting-global-politics-and-the-middle-east> [Acedido a 13 de junho de 2019].

Musmar, F., 2019. Saudi Arabia and Israel: Who Needs Whom?. *Perspectives Papers*, Disponível em: <https://besacenter.org/perspectives-papers/saudi-arabia-israel-overtures/> [Acedido a 4 de fevereiro de 2020].

My Jewish Learning, n.d. *Palestinian-Israeli Relations*. Disponível em: <https://www.myjewishlearning.com/article/palestinian-israeli-relations/> [Acedido a 18 de novembro de 2019]

Nasseri, L., 2017. Soleimani Says Iran Is Ready to Back Palestinian Forces. *Bloomberg*, 12 de dezembro. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2017-12-12/iran-guards-commander-says-ready-to-back-palestinian-forces> [Acedido a 28 de novembro de 2019]

Neff, T.G., 2019. New U.S. Aid to Saudi Arabia Will Include 200 Troops. *New York Times*, 26 de setembro. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/09/26/world/middleeast/troops-defense-saudi-pentagon.html> [Acedido a 10 de dezembro de 2019].

Noack, R., Parker, C., 2020. Iran has invested in allies and proxies across the Middle East. Here's where they stand after Soleimani's death. *The Washington Post*, 3 de janeiro. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/2020/01/03/iran-has-invested-allies-proxies-across-middle-east-heres-where-they-stand-after-soleimanis-death/> [Acedido a 24 de fevereiro de 2020].

Northam, J., 2019. *What Saudi Arabia's Energy Shake-Up Says About Its Oil Plans*. (Atualizado a 10 de setembro) Disponível em: <https://www.npr.org/2019/09/10/758387915/what-saudi-arabias-energy-shake-up-says-about-its-oil-plans> [Acedido a 25 de setembro de 2019].

OECD Observer, 2011. A profile of the Israeli economy. *OECD Observer*, Disponível em: http://oecdoobserver.org/news/fullstory.php/aid/3544/A_profile_of_the_Israeli_economy.html [Acedido a 7 de outubro de 2019].

Okruhlik, G., 1999. Rentier Wealth, Unruly Law, and the Rise of Opposition: The Political Economy of Oil States. *Comparative Politics*, 31 (3/April), pp. 295-315. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/422341> [Acedido a 25 de setembro de 2019].

Ottaway, D., 2009. The U.S. and Saudi Arabia since the 1930's. *FootNotes*, 14 (21), pp.1-4. Disponível em: <https://www.fpri.org/article/2009/08/the-u-s-and-saudi-arabia-since-the-1930s/> [Acedido a 18 de dezembro de 2019].

Özbey, F., 2019. ANALYSIS - The problematic nature of Saudi-US relations. *Anadolu Agency*, 5 de julho. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/en/analysis/analysis-the-problematic-nature-of-saudi-us-relations/1523961> [Acedido a 17 de dezembro de 2019].

Panaite, A. C., 2017. Cold War in the Middle East: Iran and Saudi Arabia. Master of Arts. Universidade de Miami. Disponível em: https://scholarlyrepository.miami.edu/oa_theses/697/?utm_source=scholarlyrepository.miami.edu%2Foa_theses%2F697&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages [Acedido a 26 de fevereiro de 2020].

Philby, H. S. J. B., Ochsenswald, W.L., Teitelbaum, J., n.d. *Saudi Arabia*. (Atualizado a 28 de setembro) Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Saudi-Arabia> [Acedido a 25 de setembro de 2019].

Pollack, J., 2002. Saudi Arabia and the United States, 1931-2002. *Middle East Review of International Affairs*, 6 (3), pp.77-102. Disponível em: <http://www-personal.umich.edu/~twod/oil-ns/articles/research-07/research-saudi/pollack.pdf> [Acedido a 20 de dezembro de 2019].

Posey, M. H., 2018. *Israel and Saudi Arabia: New Odd Couple of Middle East Peace*. [Website] (23 de fevereiro) Disponível em: <https://www.heritage.org/middle-east/commentary/israel-and-saudi-arabia-new-odd-couple-middle-east-peace> [Acedido a 4 de fevereiro de 2020].

Quitaz, S., 2019. Saudi-Israeli relations: The emergence of a new alliance. *The New Arab*, 14 de agosto. Disponível em: <https://www.alaraby.co.uk/english/indepth/2019/8/14/saudi-israeli-relations-the-emergence-of-a-new-alliance> [Acedido a 4 de fevereiro de 2020].

Rabinovich, I., 2018. Religion and Politics In Israel. *The Caravan*, Disponível em: <https://www.hoover.org/research/religion-and-politics-israel> [Acedido a 9 de outubro de 2019].

Reuters, 2008. Timeline: U.S.-Saudi relations since 9/11. *Reuters*, 16 de maio. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-saudi-relations-idUSL1686464320080516>[Acedido a 18 de dezembro de 2019].

Reuters, 2010. Timeline: U.S.-Israeli relations since 1948. *Reuters*, 15 de março. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-palestinians-israel-usa-timeline/timeline-u-s-israeli-relations-since-1948-idUSTRE62E45Z20100315> [Acedido a 21 de janeiro de 2020].

Riedel, B., 2017. Why the Saudis would cheer the de-certification of the Iran deal. Markaz, [Blog] 11 de outubro. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/markaz/2017/10/11/why-the-saudis-would-cheer-the-de-certification-of-the-iran-deal/> (Acedido a 20 de fevereiro de 2020).

Riedel, B., 2019. Congress: Respect Jamal Khashoggi's legacy by ending support for the Saudi war in Yemen. *Order from Chaos*, [Blog] 27 de setembro. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2019/09/27/congress-respect-jamal-khashoggis-legacy-by-ending-support-for-the-saudi-war-in-yemen/> [Acedido a 25 de março de 2020].

Ryan, C. R., 2019. Shifting alliances and shifting theories in the Middle East. *POMEPS Studies*, Vol. 34 (March), pp. 7-13. Disponível em: <https://pomeps.org/pomeps-studies-34-shifting-global-politics-and-the-middle-east> [Acedido a 13 de junho de 2019].

Saab, B. Y., 2019. Trump Is Sending More Troops to Saudi Arabia. *Foreign Policy*, 16 de outubro. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/10/16/trump-deployment-troops-saudi-arabia-abandoning-syria-iran-attacks/> [Acedido a 5 de dezembro de 2019].

Saadani, H., 2017. How Iran views its role in the Middle East. *Al Jazeera*, 18 de maio. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/05/iran-views-role-middle-east-170518075004878.html>[Acedido a 25 de fevereiro de 2020].

Saudi Aramco, n.d.. *Who we are – Global Presence*. Disponível em: <https://www.saudiaramco.com/en/who-we-are/overview/global-presence> [Acedido a 17 de outubro de 2019].

Sawe, B.E., 2018. *What Type Of Government Does Saudi Arabia Have?*(Atualizado a 30 de julho). Disponível em <https://www.worldatlas.com/articles/what-type-of-government-does-saudi-arabia-have.html> [Acedido a 25 de setembro de 2019].

Schweid, E., 1998. Judaism in Israeli culture. *Israel Affairs*, 4 (3/4), pp. 9-28. <https://doi.org/10.1080/13537129808719478>

Snyder, G. H., 1990. Alliance Theory: A Neorealist First Cut. *Journal of International Affairs*, Vol. 44 (1/Spring/Summer), pp. 103-123. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24357226>.

Solomon, J., 2006. Saudi Arabia's Shiites and Their Effect on the Kingdom's Stability. *Global Terrorism Monitor*, 4 (15), pp. 5-8. Disponível em https://www.worldcheck.com/media/d/content_pressarticle_reference/Global_Terrorism_Analysis_Saudi_Arabia.pdf [Acedido a 10 de dezembro de 2019].

Stern, Y.D., 2017. *Religion, state, and the Jewish identity crisis in Israel*. Washington D.C.: Brookings Institution. Disponível em: <https://www.brookings.edu/research/religion-state-and-the-jewish-identity-crisis-in-israel/> [Acedido a 9 de outubro de 2019].

Tamar, K., 1995. Touring the Land: Trips and Hiking as Secular Pilgrimages in Israeli Culture. *Jewish Folklore and Ethnology Review*, 17, pp. 6-13. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288991559_Touring_the_Land_Trips_and_Hiking_as_Secular_Pilgrimages_in_Israeli_Culture[Acedido a 7 de outubro de 2019].

Tabatabai, A., 2019. *Iran in the Middle East: The Notion of "Strategic Loneliness"*. [Comentário] Milão: Istituto per gli Studi di Politica Internazionale. Disponível em: <https://www.ispionline.it/it/pubblicazione/iran-middle-east-notion-strategic-loneliness-22246>[Acedido a 25 de fevereiro de 2020].

Teitelbaum, J., 2010. The Shiites of Saudi Arabia. *Current Trends in Islamist Ideology*, 10, pp. 73-85. Disponível em <http://www.hudson.org/content/researchattachments/attachment/1288/teitelbaum.pdf> [Acedido a 11 de dezembro de 2019].

The Embassy of the Kingdom of Saudi Arabia, Washington, D.C., n.d.. *About Saudi Arabia – Culture & Art*. Disponível em: <https://www.saudiembassy.net/culture-art> [Acedido a 23 de setembro de 2019].

The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, n.d.a. *Fatah*. Disponível em: <https://www.terrorism-info.org.il/en/c/fatah/> [Acedido a 6 de novembro de 2019]

The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, n.d.b. *Hamas*. Disponível em: <https://www.terrorism-info.org.il/en/c/hamas/> [Acedido a 6 de novembro de 2019]

The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, n.d.c. *Hezbollah*. Disponível em: <https://www.terrorism-info.org.il/en/c/hezbollah/> [Acedido a 6 de novembro de 2019]

The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, n.d.d. *The Palestinian Authority*. Disponível em: <https://www.terrorism-info.org.il/en/c/the-palestinian-authority-pa/> [Acedido a 6 de novembro de 2019]

The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, n.d.e. *The Palestinian Islamic Jihad*. Disponível em: <https://www.terrorism-info.org.il/en/c/the-palestinian-islamic-jihad/> [Acedido a 6 de novembro de 2019]

The New Arab, 2019. Netanyahu says Israel 'no longer the enemy' for Gulf states. *The New Arab*, 4 de junho. Disponível em: <https://www.alaraby.co.uk/english/news/2019/6/4/netanyahu-israel-no-longer-the-enemy-for-gulf-states> [Acedido a 4 de fevereiro de 2020].

The White House, 2019. *Peace To Prosperity*. Washington D.C.: The White House. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/peacetoprosperty/> [Acedido a 15 de janeiro de 2020].

Thies, C. G., 2002. A Pragmatic Guide to Qualitative Historical Analysis in the Study of International Relations. *International Studies Perspectives*, 3, pp. 351-372. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1528-3577.t01-1-00099> [Acedido a 30 de outubro de 2019]

United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees in the Near East, 2018. *Where we work: Gaza Strip*. (Atualizado a 1 de janeiro) Disponível em: <https://www.unrwa.org/where-we-work/gaza-strip> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

UN News, 2019. Humanitarian crisis in Yemen remains the worst in the world, warns UN. *UN News*, 14 de fevereiro. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2019/02/1032811> [Acedido a 30 de novembro de 2019].

Vandiver, J., 2019. US continues building troop presence in Saudi Arabia. *Stars and Stripes*, 20 de novembro. Disponível em: <https://www.stripes.com/news/middle-east/us-continues-building-troop-presence-in-saudi-arabia-1.607950> [Acedido a 5 de dezembro de 2019].

Van Evera, S., 1997. *Guide to Methods for Students of Political Science*. Ithaca: Cornell University Press.

Wald, K.D., 1998. The Religious Dimension Of Israeli Political Life. In: T. Jelen, C. Wilcox, eds. 2002. *Religion and Politics in Comparative Perspective: The One, The Few, and The Many*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 97-122. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511814402.006>

Walt, S. M., 1985. Alliance Formation and the Balance of World Power. *International Security*, Vol. 9 (4/Spring), pp. 3-43 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2538540> [Acedido a 11 de julho de 2019].

Walt, S. M., 1989. Alliances in Theory and Practice: What Lies Ahead?. *Journal of International Affairs*, Vol. 43 (1/Summer/Fall), pp. 1-17. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24357162>.

Weill, A., n.d.. *Israeli Arts, Culture & Literature: Culture in Israel*. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/culture-in-israel> [Acedido a 7 de outubro de 2019].

Weiss, L., 2009. Israel's Future and Iran's Nuclear Program. *Middle East Policy*, 16 (3), pp. 79-88. <https://doi.org/10.1111/j.1475-4967.2009.00405.x>

Wenkert, A., 2019. Report: Israel's Military Expenditure Among Highest in the World. *CTech*, 30 de abril. Disponível em: <https://www.calcalistech.com/ctech/articles/0,7340,L-3761278,00.html> [Acedido a 14 de outubro de 2019]

Wermenbol, G., 2019. Risking it all: The Palestinian Authority faces mounting challenges. *MENASource*, [Blog] 6 de maio. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/menasource/risking-it-all-the-palestinian-authority-faces-mounting-challenges/> [Acedido a 19 de novembro de 2019]

Wittes, T.C., Mizrahi-Arnaud, Y., 2019. *Is Israel in democratic decline?*. Washington D.C.: Brookings Institution. Disponível em: <https://www.brookings.edu/research/israel-in-democratic-decline/> [Acedido a 23 de setembro de 2019].

Yamani, M., 2008. The Two Faces of Saudi Arabia. *Survival*, 50 (1), pp. 143-156. <https://doi.org/10.1080/00396330801899488>.

Zanotti, J., 2018. *Israel: Background and U.S. Relations*. Washington D.C.: Congressional Research Service. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/mideast/R44245.pdf> [Acedido a 29 de janeiro de 2020].

Zanotti, J., 2019a. *Israel: Background and U.S. Relations in Brief*. Washington D.C.: Congressional Research Service. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/mideast/R44245.pdf> [Acedido a 22 de janeiro de 2020].

Zanotti, J., 2019b. *The Palestinians: Overview and Key Issues for U.S. Policy*. Washington D.C.: Congressional Research Service. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/mideast/IF10644.pdf> [Acedido a 19 de novembro de 2019].

Fontes dos mapas

Artishok, 2017. *Saudi Arabia and Israel Surrounded by pro-Iranian Shiite Militias*, não há escala identificada. DEBKAFfile. Disponível através de: https://s3-us-west-2.amazonaws.com/debka/wp-content/uploads/2017/11/09191833/777_2_800.jpg [Acedido a 20 de março de 2020].

B'Tselem, n.d.a. *Jerusalem*, 1: 200000. BBC News. Disponível através de: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-38458884> [Acedido a 7 de novembro de 2019].

B'Tselem, n.d.b. *West Bank Settlements*, 1: 1000000. BBC News. Disponível através de: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-38458884> [Acedido a 7 de novembro de 2019].

Business Insider, 2020. *Countries where Quds Forces partners operate in the region*, não há escala identificada. Business Insider. Disponível através de: <https://i.insider.com/5e0f993d855cc20aae2c9b66?width=700&format=jpeg&auto=webp> [Acedido a 20 de março de 2020].

Charter for Compassion, n.d. *Iran and the Middle East*, 1: 22000000. Charter for Compassion. Disponível através de: <https://charterforcompassion.org/maps-of-iran/iran-and-the-middle-east> [Acedido a 20 de março de 2020].

Encyclopaedia Britannica, n.d. *West Bank*, não há escala identificada. Encyclopaedia Britannica. Disponível através de: <https://www.britannica.com/place/West-Bank> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

Fanack, 2018. *Israel's nuclear installations*, não há escala identificada. Fanack. Disponível através de <https://fanack.com/nuclear-programs/israel/>[Acedido 9 de dezembro de 2019].

Guia Geográfico, n.d.. *Mapa de Israel*, 1: 2000000. Guia Geográfico - Atlas da Ásia. Disponível através de: <http://www.guiageo.com/asia/imagens/mapa-israel.jpg> [Acedido a 7 de novembro de 2019].

Graphic News, 2016. *Novo campo de gás em águas israelitas*, 1:10000000. GN Graphic News. Disponível através de: https://www.graphicnews.com/pt/pages/33852/ISRAEL-Natural-gas-discovery_infographic [Acedido a 7 de novembro de 2019].

Israel and Stuff.com, 2016. *Areas A, B, C map of West Bank*, 1:10000000. Israel and Stuff.com. Disponível através de: <https://www.israelandstuff.com/wp-content/uploads/2016/03/Areas-A-B-C-map-of-West-Bank.png> [Acedido a 3 de dezembro de 2019].

Israel Ministry of Foreign Affairs, 2016. *Israel's Diplomatic Missions Abroad: Status of relations*, não há escala identificada. Israel Civil Service Commission. Disponível através de: <https://mfa.gov.il/MFA/AboutTheMinistry/Pages/Israel-s%20Diplomatic%20Missions%20Abroad.aspx> [Acedido a 14 de novembro de 2019].

GlobalSecurity.org, n.d. *Saudi Arabia Airbase Map*, 1: 1000000. GlobalSecurity.org. Disponível através de: <https://www.globalsecurity.org/jhtml/jframe.html#https://www.globalsecurity.org/military/world/gulf/images/saudi-airbase.gif||Saudi%20Arabia%20Airbase%20Map>[Acedido a 13 de dezembro de 2019].

Maphill, 2011. *Physical Panoramic Map of Israel*, 1: 10000000. Maphill. Disponível através de: <http://www.maphill.com/israel/panoramic-maps/physical-map/> [Acedido a 7 de novembro de 2019].

Mapsland, n.d. *Large relief map of Saudi Arabia*, não há escala identificada. Mapsland. Disponível através de <https://www.mapsland.com/asia/saudi-arabia/large-relief-map-of-saudi-arabia>[Acedido 10 de dezembro de 2019].

Nations Online Project, n.d. *Political Map of the Arabian Peninsula*, 1: 10000000. Nations Online Project. Disponível através de <https://www.nationsonline.org/oneworld/map/Arabia-Map.htm>[Acedido 29 de novembro de 2019].

S&P Global Platts, 2019. *Saudi Arabia's Key Oil and Gas Infrastructure*, não há escala identificada. S&P Global Platts , EIA. Disponível através de: https://www.spglobal.com/platts/plattscontent/assets/images/latest-news/20190916_saudi_arabia_abqaiq_large.jpg [Acedido a 13 de dezembro de 2019].

Stratfor Worldview, 2013. *Saudi Arabia's Critical Oil Regions*, não há escala identificada. Stratfor Worldview. Disponível através de <https://worldview.stratfor.com/article/saudi-arabias-critical-oil-regions>[Acedido 29 de novembro de 2019].

UN OCHA, n.d.a. *Gaza Strip*, 1: 1000000. BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-20415675> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

UN OCHA, n.d.b. *Population Density*, 1: 1000000. BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-20415675> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

U.S. Geological Survey, 2010. *Location of the three assessment units (AU) in the Levant Basin Province in the Eastern Mediterranean. The boundaries of the Levant Sub-Salt AU and the Plio-Pleistocene Reservoirs AU are coincident*, 1:10000000.

World Petroleum Resources Project. Disponível através de: <https://pubs.usgs.gov/fs/2010/3014/> [Acedido a 9 de novembro de 2019].

Fontes dos gráficos

Central Bureau of Statistics, 2017. *Agricultural Output – Value, by Industry*. [Gráfico em PDF] in: Central Bureau of Statistics, 2016. *Agriculture in Israel: The Industry Account Price Indices of Output and Input 2015-2016*. Disponível em:

https://old.cbs.gov.il/webpub/pub/text_page_eng.html?publ=21&CYear=2016&CMonth=1 [Acedido a 8 de novembro de 2019]

Central Intelligence Agency., n.d.a. *Population Pyramid - Gaza Strip - 2018*. [Gráfico online] in: Central Intelligence Agency., n.d.c. *The World Factbook – Middle East :: Gaza Strip*. (Atualizado a 19 de novembro de 2019) Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gz.html> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

Central Intelligence Agency., n.d.b. *Population Pyramid – West Bank - 2018*. [Gráfico online] in: Central Intelligence Agency., n.d.d. *The World Factbook – Middle East :: Gaza Strip*. (Atualizado a 19 de novembro de 2019) Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gz.html> [Acedido a 21 de novembro de 2019].

Fanack, 2015. *Water use in Israel by sector for 2013*. [Gráfico online] in: Fanack Water, 2015. *Israel: Water Use*. [website] (Atualizado 21 de novembro de 2016). Disponível em: <http://water.fanack.com/wp-content/uploads/2015/09/Israel-Water-Use-Figure-6-Water-use-in-Israel-by-sector-for-2013-Fanack-based-on-Israel-Water-Authority.jpg> [Acedido a 9 de novembro de 2019]

Ministry of Labour, Saudi Arabia, 2015. *Figure 5: Inflows of foreign workers to Saudi Arabia by occupation category of labour permit (2005-2015)*. [Gráfico em PDF] in: Gulf Labour Markets, Migration and Population, 2018. *Demography, Migration and Labour Market in Saudi Arabia*. Disponível em:

http://gulfmigration.org/media/pubs/exno/GLMM_EN_2018_05.pdf [Acedido a 29 de novembro de 2019]

OECD National Accounts Statistics: National Accounts at a Glance, 2015. *General government debt*. [Gráfico online] in: OECD Data, 2015. *General government debt*. [website]. Disponível em: <https://data.oecd.org/gga/general-government-debt.htm> [Acedido a 9 de novembro de 2019]

OECD Productivity Statistics: GDP per capita and productivity growth, 2017. *Annual growth rate*. [Gráfico online] in: OECD Data, 2018. *Labour compensation per hour worked*. [website]. Disponível em: <https://data.oecd.org/lprdy/labour-compensation-per-hour-worked.htm> [Acedido a 9 de novembro de 2019]

OECD Science, Technology e R&D Statistics: Main Science and Technology Indicators, 2018. *Gross domestic spending on R&D*. [Gráfico online] in: OECD Data, 2018. *Gross domestic spending on R&D*. [website]. Disponível em: <https://data.oecd.org/rd/gross-domestic-spending-on-r-d.htm> [Acedido a 9 de novembro de 2019]

OECD.Stat, n.d. *Foreign / international students enrolled* [Data by Theme > Education and Training > Education at a Glance > Archive database (ISCED 1997 data: 2000-2012) > Foreign / international students enrolled > Customise selection: Country: Israel; Foreign or international category: Non-citizen students of reporting country; Country of Origin: United States of America] [Data Source] in: OECD.Stat, n.d. *Foreign / international students enrolled* [website] Disponível em: <https://stats.oecd.org/Index.aspx?DataSetCode=RFOREIGN#> [Acedido a 23 de setembro de 2019].

Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), 2018. *Yearbook: Armaments, Disarmament and International Security*. [Gráfico online] in: The World Bank Data, 2018. *Military expenditure (% of GDP) - Israel*. [website]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/MS.MIL.XPND.GD.ZS?contextual=region&end=2018&locations=IL&start=2018&view=bar> [Acedido a 9 de novembro de 2019]

The World Bank, n.d.a. *Imports of goods and services (% of GDP), Exports of goods and services (% of GDP)* [DataBank > Database: World Development Indicators > Country: Saudi Arabia > Series: Imports of goods and services (% of GDP), Exports of goods and services (% of GDP)> Time: 1970, 1977, 1980, 1987, 1990, 1997, 2000, 2007, 2010, 2017] [Data Source] in: The World Bank, n.d. *Data Bank / World Development Indicators.* [website] Disponível em: <https://databank.worldbank.org/reports.aspx?source=2&country=SAU#> [Acedido a 29 de novembro de 2019].

The World Bank, n.d.b. *Life expectancy at birth, male (years), Life expectancy at birth, female (years)* [DataBank > Database: World Development Indicators > Country: Saudi Arabia > Series: Life expectancy at birth, male (years), Life expectancy at birth, female (years)> Time: 2007-2017] [Data Source] in: The World Bank, n.d. *Data Bank / World Development Indicators.* [website] Disponível em: <https://databank.worldbank.org/reports.aspx?source=2&country=SAU#> [Acedido a 30 de novembro de 2019].

The World Bank, n.d.c. *Mortality rate, adult, female (per 1,000 female adults), Mortality rate, adult, male (per 1,000 male adults), Birth rate, crude (per 1,000 people)* [DataBank > Database: World Development Indicators > Country: Saudi Arabia > Series: Mortality rate, adult, female (per 1,000 female adults), Mortality rate, adult, male (per 1,000 male adults), Birth rate, crude (per 1,000 people)> Time: 2007-2017] [Data Source] in: The World Bank, n.d. *Data Bank / World Development Indicators.* [website] Disponível em: <https://databank.worldbank.org/reports.aspx?source=2&country=SAU#> [Acedido a 30 de novembro de 2019].

The World Bank, n.d.d. *Oil Rents (% of GDP), GDP growth (annual %)* [DataBank > Database: World Development Indicators > Country: Saudi Arabia > Series: Oil Rents (% of GDP), GDP Growth (annual %) > Time: 1967, 1977, 1987, 1997, 2007, 2017] [Data Source] in: The World Bank, n.d. *Data Bank / World Development Indicators.* [website] Disponível em: <https://databank.worldbank.org/reports.aspx?source=2&series=NY.GDP.PETR.RT.ZS&country=SAU#> [Acedido a 29 de novembro de 2019].

The World Bank, n.d.e. *Population Density* [DataBank > Database: World Development Indicators > Country: Saudi Arabia >Series: Population density (people per sq. km of land area)> Time: 2008-2018] [Data Source] in: The World Bank, n.d. *Data Bank / World Development Indicators*. [website] Disponível em: <https://databank.worldbank.org/reports.aspx?source=2&series=EN.POP.DNST&country=> [Acedido a 23 de setembro de 2019].

The World Bank, n.d.f. *Services, value added (% of GDP), Industry, value added (% of GDP), Agriculture, value added (% of GDP)* [DataBank > Database: World Development Indicators > Country: Saudi Arabia >Series: Services, value added (% of GDP), Industry, value added (% of GDP), Agriculture, value added (% of GDP) > Time: 2017] [Data Source] in: The World Bank, n.d. *Data Bank / World Development Indicators*. [website] Disponível em: <https://databank.worldbank.org/reports.aspx?source=2&country=SAU#> [Acedido a 30 de novembro de 2019].

United Nations Population Division, 2018. *World Urbanization Prospects: 2018 Revision*. [Gráfico online] in: The World Bank Data, 2018. *Urban population (% of total population) - Israel*. [website]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/SP.URB.TOTL.IN.ZS?locations=IL> [Acedido a 12 de novembro de 2019]

United Nations Population Division, 2019a. *United Nations Population Division's World Population Prospects: 2019 Revision*. [Gráfico online] in: The World Bank Data, 2018. *Population ages 0-14 (% of total population)*. [website]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/SP.POP.0014.TO.ZS> [Acedido a 12 de novembro de 2019]

United Nations Population Division, 2019b. *2019 Revision, or derived from male and female life expectancy at birth*. [Gráfico online] in: The World Bank Data, 2017. *Life expectancy at birth, total (years) - Israel*. [website]. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/SP.DYN.LE00.IN?locations=IL&view=chart> [Acedido a 12 de novembro de 2019]

U.S. Energy Information Administration, 2019. *U.S. Imports by Country of Origin* [All Countries, Persian Gulf, OPEC, Saudi Arabia, Iraq, Non OPEC, Canada, Mexico] [Data Source] in: U.S. Energy Information Administration, 2019. *U.S. Imports by Country of Origin*. [website] Disponível em: https://www.eia.gov/dnav/pet/pet_move_impcus_a2_nus_ep00_im0_mbb1pd_a.htm [Acedido 2 de dezembro de 2019].

Fontes das tabelas

Export.gov, 2018. *Saudi Arabia - Mining and Minerals*. [Tabela online] in: Export.gov, 2018. *Saudi Arabia - Mining and Minerals*. Disponível em: <https://www.export.gov/article?id=Saudi-Arabia-Mining-and-Minerals> [Acedido a 30 de novembro de 2019]

OECD, 2019a. *Table B.4. Stocks of foreign-born population by country of birth – Israel* [Tabela online] in: OECD, 2019. *International Migration Outlook 2019*. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org//sites/8e22f2ff-en/index.html?itemId=/content/component/8e22f2ff-en#tablegrp-d1e142018> [Acedido a 13 de novembro de 2019]

OECD, 2019b. *Table B.1. Inflows of foreign population by nationality – Israel* [Tabela online] in: OECD, 2019. *International Migration Outlook 2019*. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org//sites/8e22f2ff-en/index.html?itemId=/content/component/8e22f2ff-en#tablegrp-d1e64644> [Acedido a 13 de novembro de 2019]

U.S. Overseas Loans and Grants (Greenbook), the U.S. State Department, and the Missile Defense Agency, 2019. *Total U.S. Foreign Aid Obligations to Israel: 1946-2019 and the 2020 Request current, or non-inflation-adjusted, dollars in millions* [Tabela em PDF] in: Sharp, J.M., 2019. *U.S. Foreign Aid to Israel*. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/mideast/RL33222.pdf> [Acedido a 9 de novembro de 2019]

U.S. State Department e USAID, 2019. *U.S. Bilateral Assistance to the Palestinians* [Tabela em PDF] In: Zanotti, J., 2019. *The Palestinians: Overview and Key Issues for U.S. Policy* (IF10644). Washington D.C.: Congressional Research Service.

Fontes das imagens

Global Media Insight, 2019a. *Expatriate Population of Saudi Arabia (Data as of 2017-18)*. [Imagem online] Disponível em: <https://www.globalmediainsight.com/blog/wp-content/uploads/2018/07/expatriate-population-stats-of-KSA-in-2018.jpg> [Acedido a 29 de novembro de 2019]

Global Media Insight, 2019b. *Saudi Arabia Population by Year*. [Imagem online] Disponível em: <https://www.globalmediainsight.com/blog/wp-content/uploads/Saudi-Arabia-Population-by-Year.jpg> [Acedido a 29 de novembro de 2019]

Graphic News, 2019. *Quem é quem nas eleições de Israel*. [Imagem online] Disponível em: https://www.graphicnews.com/pt/pages/39514/POLITICS-Israel-political-parties_infographic [Acedido a 14 de novembro de 2019]

Pew Research Center: Religion & Public Life, 2016. *Israel's diverse religious landscape*. [Imagem online] Disponível em: https://www.pewforum.org/2016/03/08/israels-religiously-divided-society/pf_2016-03-08_israel-01-01/ [Acedido a 13 de novembro de 2019]

OECD, 2017a. *What does Israel export? (2017)* [TREE MAP: Country - Exports > COUNTRY: Israel > Year: 2017 > Category: Precious Metals; Chemicals Products; Instruments; Machines] OECD. [Narrativa visual] Disponível em: https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/export/isr/all/show/2017/ [Acedido a 14 de novembro de 2019]

OECD, 2017b. *Where does Israel import from? (2017)* [TREE MAP: Country – Import origins > COUNTRY: Israel > Year: 2017] OECD. [Narrativa visual] Disponível em: https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/import/isr/show/all/2017/ [Acedido a 13 de novembro de 2019]

OECD, 2017c. *What does Israel export to the United States? (2017)* [TREE MAP: Bilateral – Exports to Destination > COUNTRY: Israel > PARTNER: United States > Year: 2017 > Category: Precious Metals; Chemicals Products; Instruments; Machines; Transportation; Plastic and Rubbers] OECD. [Narrativa visual] Disponível em: https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/export/isr/usa/show/2017/ [Acedido a 13 de novembro de 2019]

OECD, 2017d. *What does Israel import from the United States? (2017)* [TREE MAP: Bilateral – Imports from Origin > COUNTRY: Israel > PARTNER: United States > Year: 2017 > Category: Precious Metals; Chemicals Products; Instruments; Machines; Transportation; Plastic and Rubbers; Metals; Textiles; Vegetable Products; Foodstuffs] OECD. [Narrativa visual] Disponível em: https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/import/isr/usa/show/2017/ [Acedido a 13 de novembro de 2019]

OECD, 2017e. *What does Saudi Arabia export? (2017)* [TREE MAP: Country – Exports > COUNTRY: Saudi Arabia > PARTNER: All > Year: 2017 > Category: Chemicals Products; Metals; Mineral Products] OECD. [Narrativa visual] Disponível em: https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/export/sau/all/show/2017/ [Acedido a 29 de novembro de 2019]

OECD, 2017e. *What does Saudi Arabia export to the United States? (2017)* [TREE MAP: Bilateral – Exports to Destination > COUNTRY: Saudi Arabia > PARTNER: United States > Year: 2017 > Category: Chemicals Products; Metals; Mineral Products] OECD. [Narrativa visual] Disponível em: https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/export/sau/usa/show/2017/ [Acedido a 30 de novembro de 2019]

OECD, 2017f. *What does Saudi Arabia import from the United States? (2017)* [TREE MAP: Bilateral – Imports from Origin > COUNTRY: Saudi Arabia > PARTNER: United States > Year: 2017 > Category: Animal and Vegetable Bi-Products; Chemical Products; Foodstuffs; Instruments; Machines; Metals; Paper Goods; Transportation; Vegetable Products; Weapons] OECD. [Narrativa visual] Disponível

em:https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/import/sau/usa/show/2017/ [Acedido a 30 de novembro de 2019]

Water Resources Institute, 2019. *National Water Stress Rankings*. [Imagem online]
Disponível em: <https://www.wri.org/blog/2019/08/17-countries-home-one-quarter-world-population-face-extremely-high-water-stress> [Acedido a 8 de novembro de 2019]



Anexos

Anexo 1 – Fatores de Guido Fischer para análise geopolítica e geoestratégica da Arábia Saudita

Políticos					
Posição	Dimensões	População	Organização	Cultura	Fronteiras
Oeste Asiático Médio Oriente Península Arábica	2,149,690 Km2	33,699,947 15.7 pessoas por km2 (2018)	Beduínos nómadas. Crescentemente urbanizada. Meca, Medina, Riade, Jiddah, Dhahran.	Beduína Árabe Islâmica Tribal Wahhabi Al Saud	Mar Árabe, Golfo Pérsico, Mar Vermelho; Iraque, Jordânia, Kuwait, Omã, Qatar, Emiratos Árabes Unidos, Iémen

Económicos					
Fertilidade Solo	Riqueza Natural	Organização industrial	Nível tecnológico	Desenvolvimento comércio	Força financeira
Água quase inexistente. Solo pobre	Petróleo Gás natural Eletricidade Cobre, prata, fosfato	Petroquímicas Ferro Químicos	Químicos Elétrico	Petróleo, gás, eletricidade, minerais, comércio, turismo	Lei Islâmica impede bancos, etc.

Psicológico			
Flexibilidade económica	Capacidade intervenção	Sentido preservação	Adaptação
Reformas MBS	Petróleo Posição regional	Trade off entre modernização e tradicionalismo	Resistência intrínseca ao Islão

Anexo 2 – “Mapa das cidades da Arábia Saudita”³⁴¹

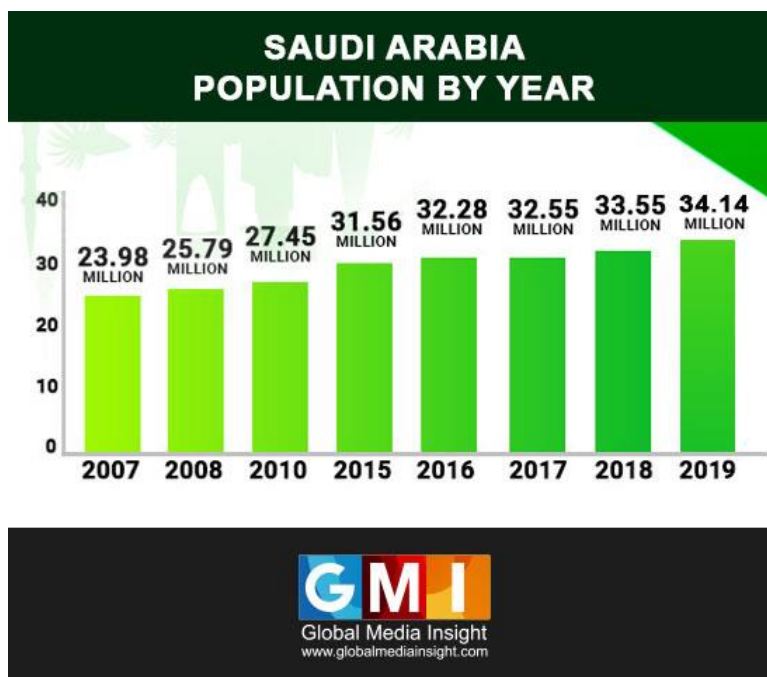


³⁴¹ Fonte: Nations Online Project, n.d.

Anexo 3 – “Mapa topográfico da Arábia Saudita”³⁴²



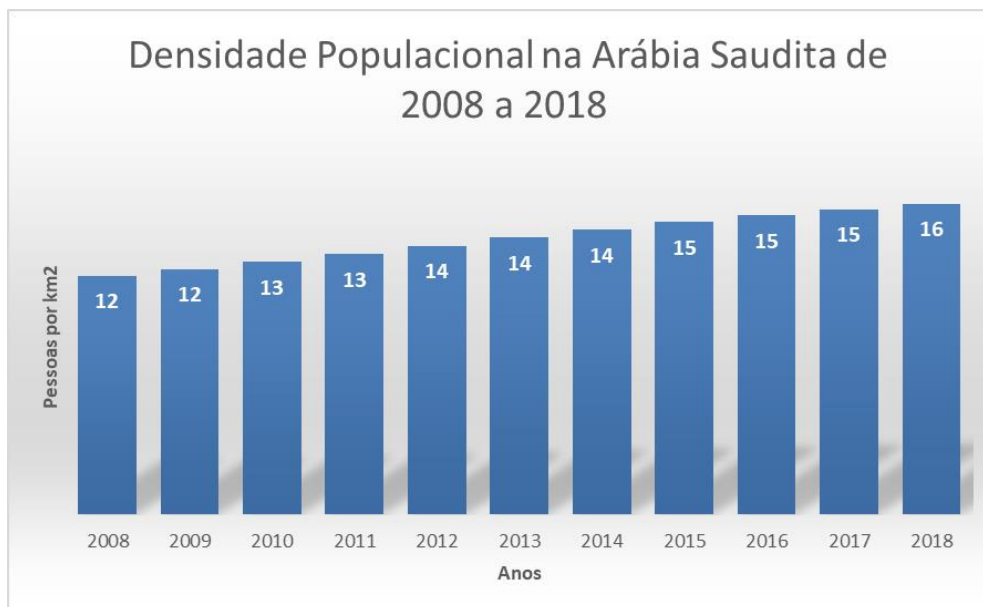
Anexo 4 – “População da Arábia Saudita de 2007 a 2019”³⁴³



³⁴² Fonte: Mapsland, n.d.

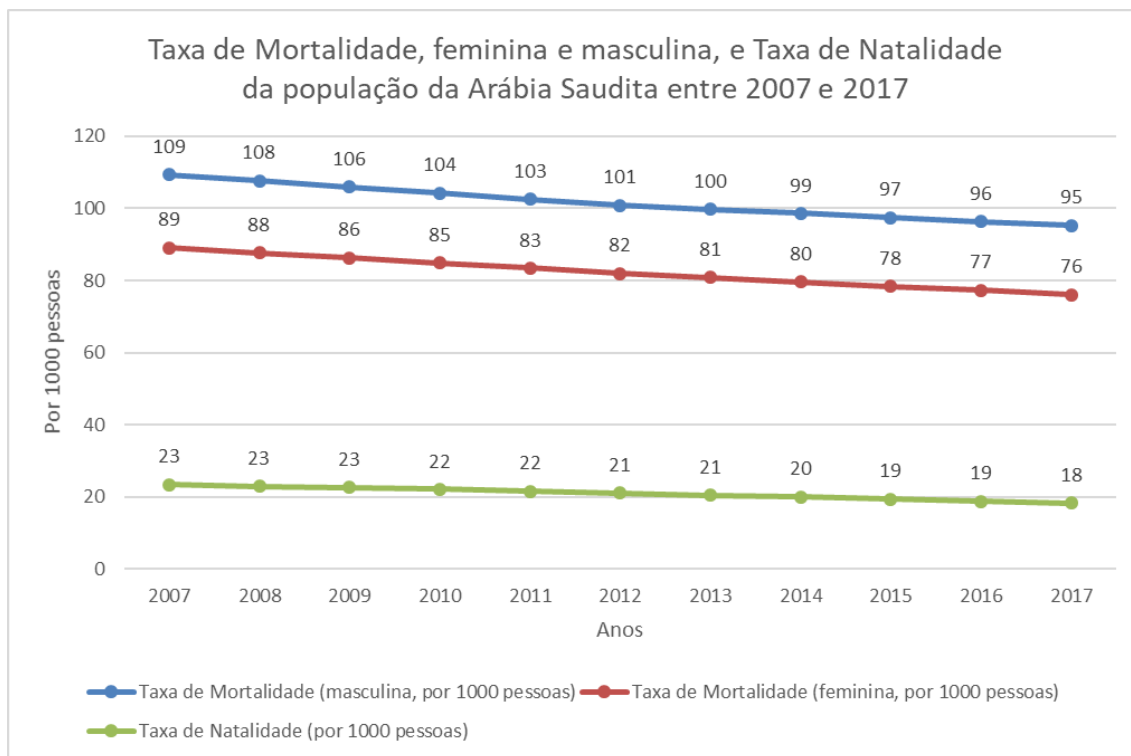
³⁴³ Fonte: Global Media Insight, 2019b.

Anexo 5 – “Densidade Populacional na Arábia Saudita de 2008 a 2018”³⁴⁴

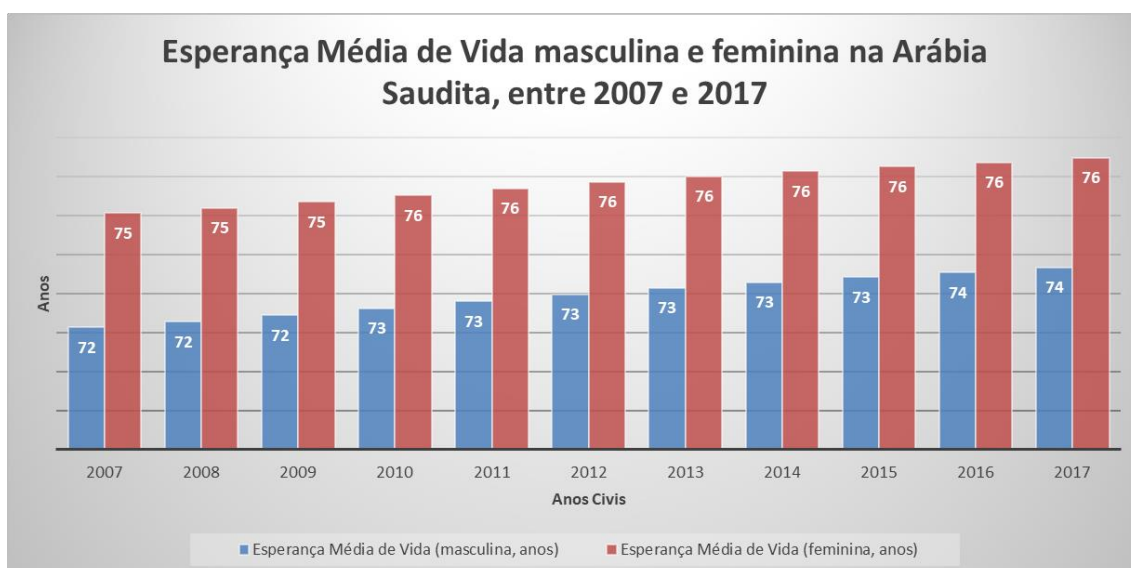


³⁴⁴ Fonte: The World Bank, n.d.e. Realização própria.

Anexo 6 – “Taxa de mortalidade, feminina e masculina, e Taxa de Natalidade da população da Arábia Saudita entre 2007 e 2017”³⁴⁵



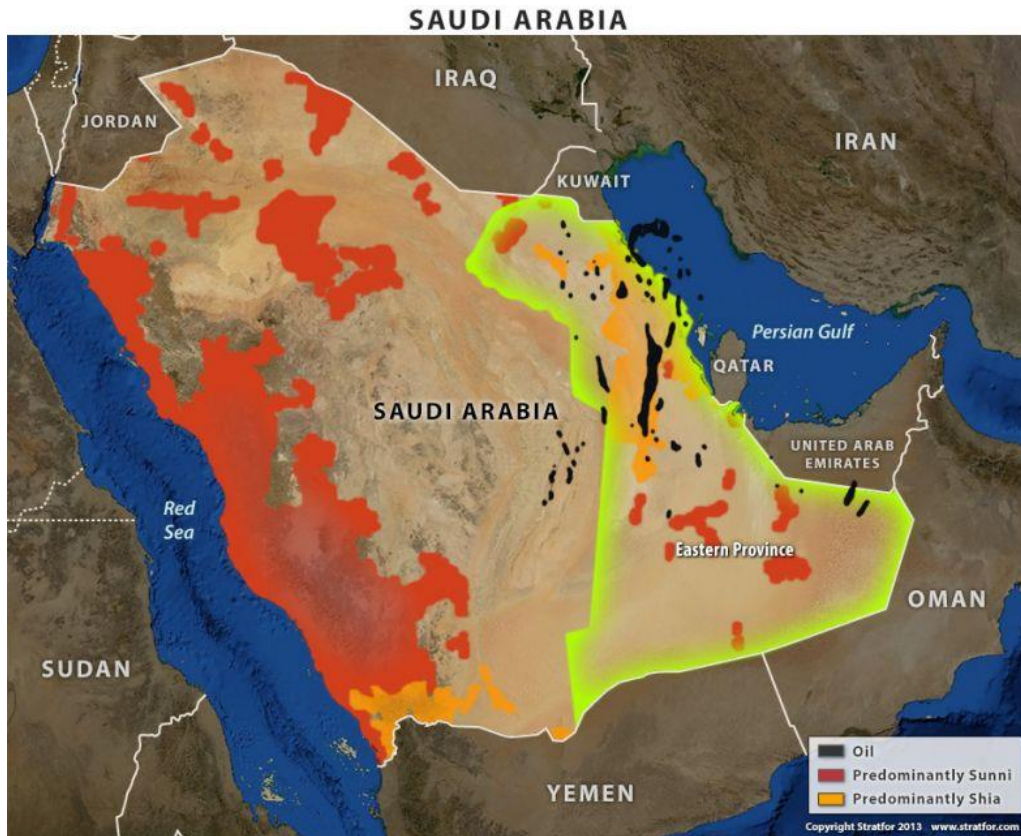
Anexo 7 – “Esperança Média de Vida masculina e feminina na Arábia Saudita, entre 2007 e 2017”³⁴⁶



³⁴⁵ Fonte: The World Bank, n.d.c. Realização própria.

³⁴⁶ Fonte: The World Bank, n.d.b. Realização própria.

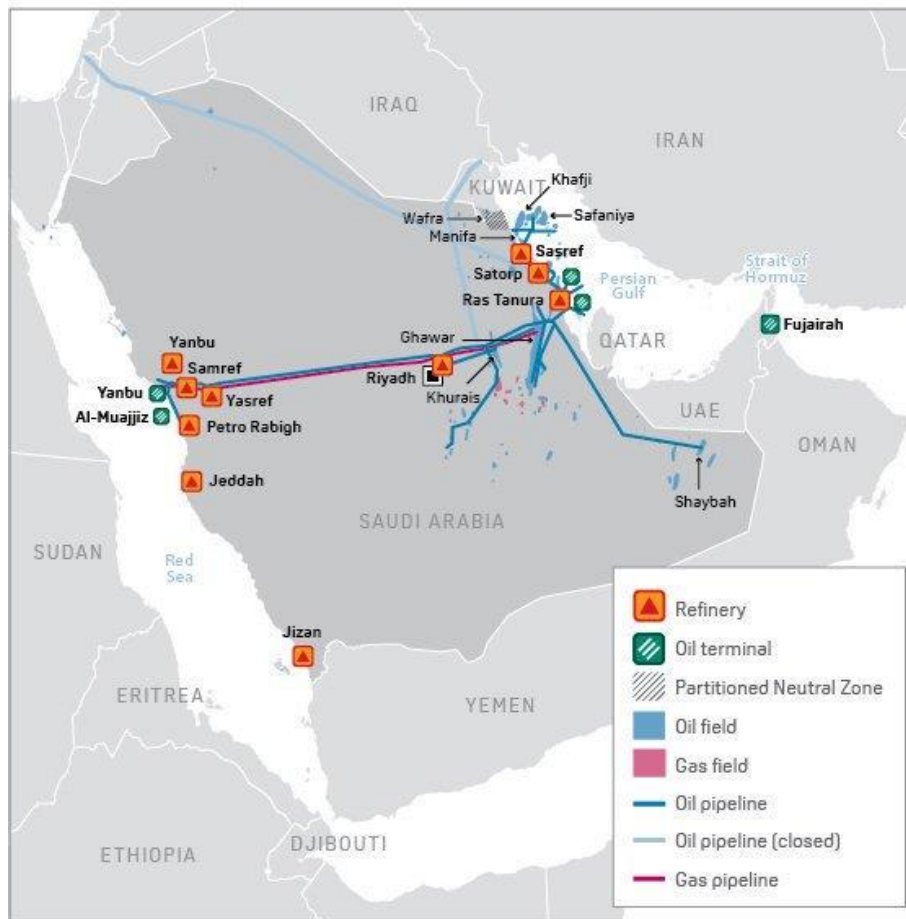
Anexo 8 – “Mapa dos Xiitas na Arábia Saudita”³⁴⁷



³⁴⁷ Fonte: Stratfor Worldview, 2013.

Anexo 9 – “Mapa das Infraestruturas de gás e petróleo da Arábia Saudita”³⁴⁸

SAUDI ARABIA'S KEY OIL AND GAS INFRASTRUCTURE

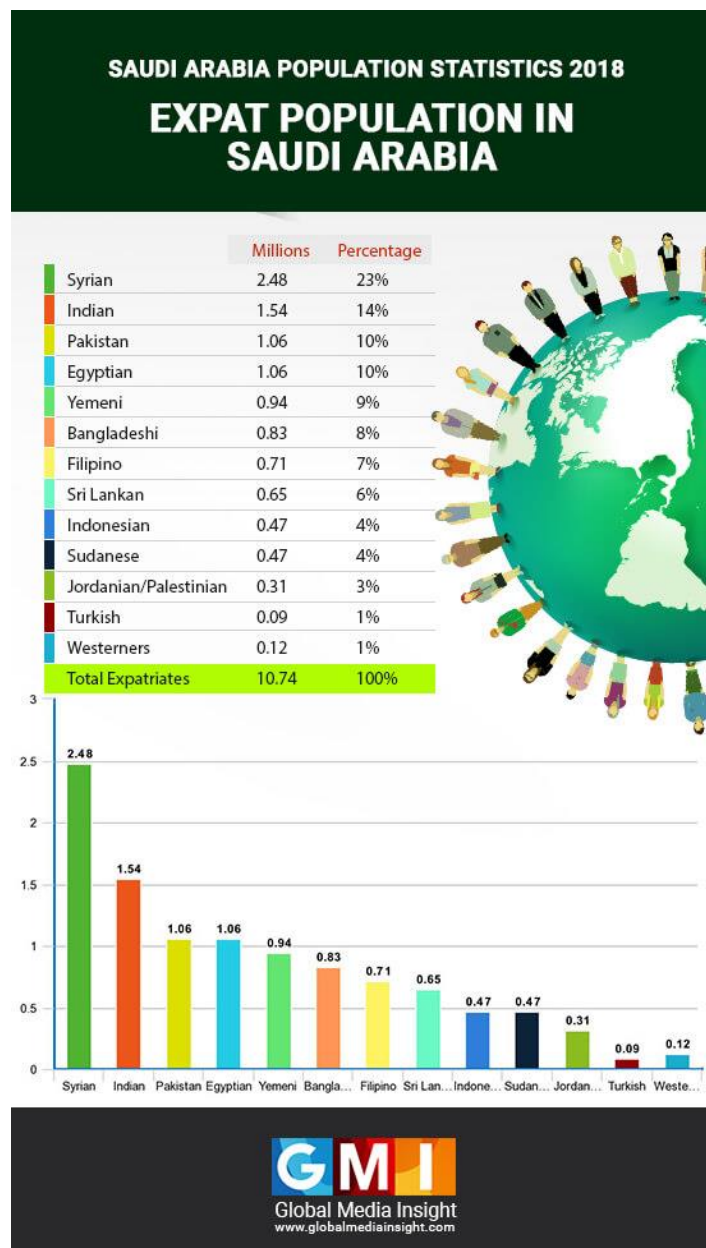


Source: S&P Global Platts, EIA

³⁴⁸ Fonte: S&P Global Platts, 2019.

Anexo 10 – “População estrangeira na Arábia Saudita entre 2017 e

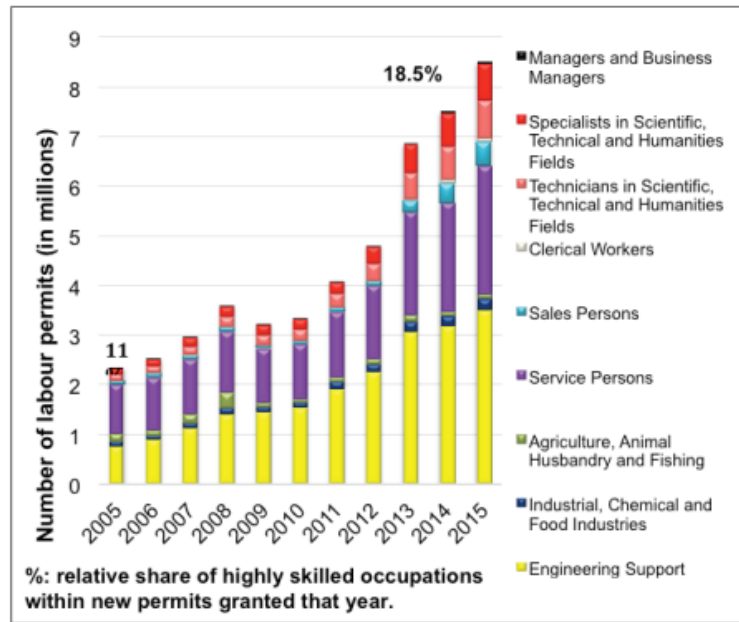
2018”³⁴⁹



³⁴⁹ Fonte: Global Media Insight, 2019a.

Anexo 11 – “População estrangeira na Arábia Saudita entre 2017 e 2018”³⁵⁰

Figure 5: Inflows of foreign workers to Saudi Arabia by occupation category of labour permit (2005-2015)



Source: Ministry of Labour, Saudi Arabia.

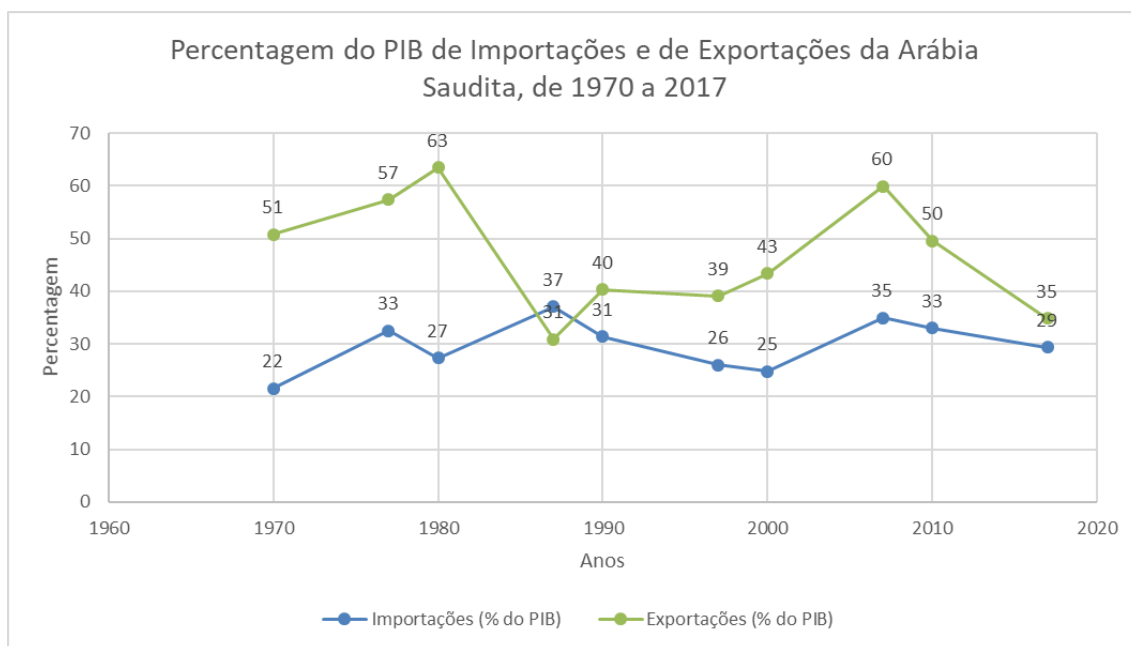
Anexo 12 – “O que a Arábia Saudita exportava em 2017”³⁵¹



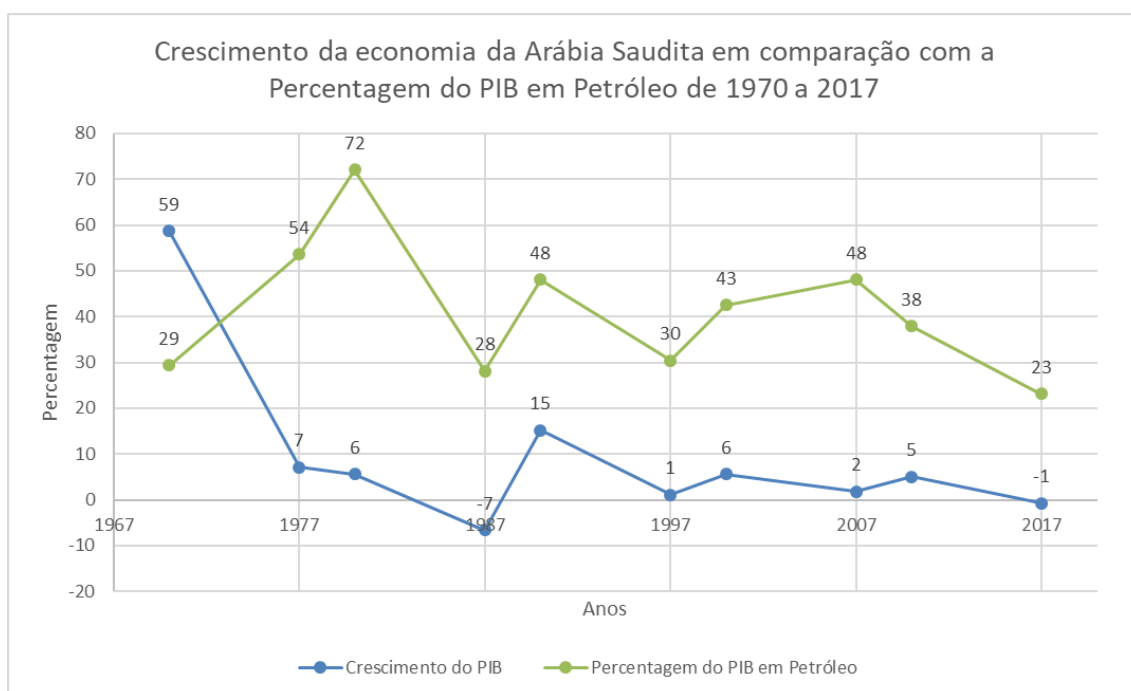
³⁵⁰ Fonte: Ministry of Labour, Saudi Arabia, 2015.

³⁵¹ Fonte: OEC, 2017e.

Anexo 13 – “Percentagem do PIB de Importações e de Exportações da Arábia Saudita, de 1970 a 2017”³⁵²



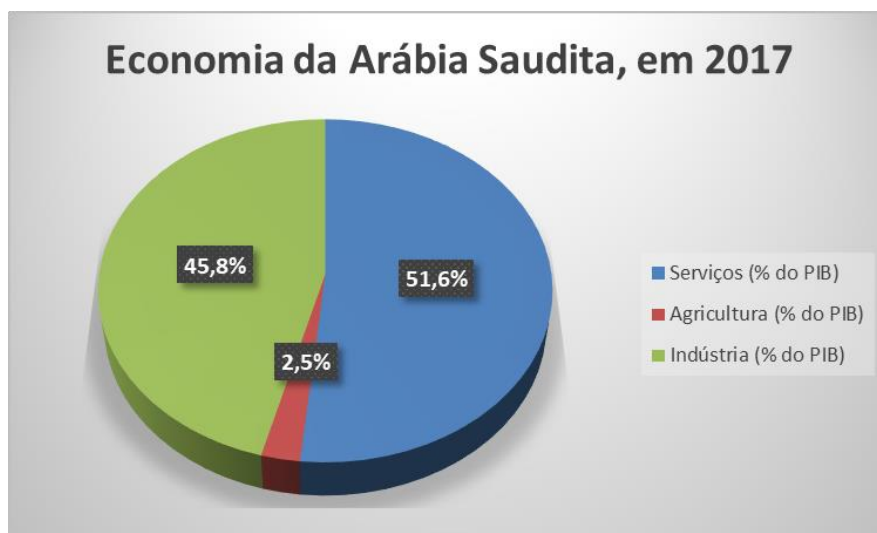
Anexo 14 – “Crescimento da economia da Arábia Saudita em comparação com a Percentagem do PIB em Petróleo de 1970 a 2017”³⁵³



³⁵² Fonte: The World Bank, n.d.d. Realização própria.

³⁵³ Fonte: The World Bank, n.d.d. Realização própria.

Anexo 15 – “Economia da Arábia Saudita em 2017”³⁵⁴



Anexo 16 – “Mapa das bases militares americanas na Arábia Saudita”³⁵⁵



³⁵⁴ Fonte: The World Bank, n.d.a. Realização própria.

³⁵⁵ Fonte: GlobalSecurity.org, n.d.

Anexo 17– Fatores utilizados para análise geopolítica e geoestratégica da Arábia Saudita

Geopolítica	
Forças	Fraquezas
Berço do Islamismo Riqueza natural Orgulho árabe Wahhabismo Fronteiras estáveis (maioria) Imigração Inovação e crescimento de outros setores Boa demografia Urbanização Inserção territorial/Portos Atores fracos	Tribal, sectorial, regional. Território árido, sem fontes de água externas Forte influência clerical Resistência à mudança Dependência do petróleo Legitimidade volátil Atores fracos

Geoestratégia	
Forças	Fraquezas
Inserção territorial Sunismo (divisão do Estado da religião) MBS Riquezas naturais Forte ator diplomático Desejo de modernização económica Centros comerciais Portos ARAMCOM Estável Proximidade do Irão	Wahhabismo Petróleo Resistência à diferença/ocidente Autoritarismo/Monarquia Absoluta Proximidade do Irão Reformas tornam Arábia Saudita independente dos EUA

Anexo 18– Fatores de Guido Fischer para análise geopolítica e geoestratégica de Israel

Políticos					
Posição	Dimensões	População	Organização	Cultura	Fronteiras
Ásia Ocidental Médio Oriente	21,937 Km ²	8,424,904 (que inclui territórios anexados dos Montes Golã e Jerusalém Oriental) (2018)	92% da população urbana. Telavive, Mar da Galileia, Costa do Golfo de Aqaba. Telavive, Haifa, Jerusalém	Secularização (ocidentalização) Influência culturas onde os judeus são provenientes Judaísmo Ultraortodoxos Sionismo Nacionalismo Árabes e cristãos	Mar Mediterrâneo Mar Vermelho Mar Morto Egito Faixa de Gaza Jordânia Líbano Síria Cisjordânia

Económicos					
Fertilidade Solo	Riqueza Natural	Organização industrial	Nível tecnológico	Desenvolvimento comércio	Força financeira
Planície marítima, arenosa, mas fértil onde há irrigação Problema de falta de água	Gás natural, magnésio, cobre, fosfato, Petróleo, Eletricidade, Carvão. Nuclear	Farmacêuticos Produtos químicos Corte de diamantes Manufatura (têxteis, sapatos) Construção	Alta tecnologia Equipamentos de aviação, computação, comunicações, eletrónica.	Produtos de alta tecnologia Farmacêuticos Gás natural Corte de diamantes	Crescimento 4% ao ano Dívida pública/PIB 75%

Psicológico			
Flexibilidade económica	Capacidade intervenção	Sentido preservação	Adaptação
Desenvolvimento de Investigação e Desenvolvimento Indústria	EUA, UE, OMC Melhoria com Estados Árabes	Vulnerabilidade: territorial, único Estado Judeu. Preservação de identidade	Devido à hostilidade regional Problema dos ultraortodoxos e

<p>Agricultura</p> <p>Turismo</p>		<p>judia.</p> <p>Crescimento de Forças Armadas</p> <p>Organizações Terroristas</p>	<p>ortodoxos modernos (sionismo)</p>
-----------------------------------	--	--	--------------------------------------

Anexo 19 – “Mapa de Israel”³⁵⁶



³⁵⁶ Fonte: Guia Geográfico, n.d..

Anexo 20 – “Mapa Topográfico de Israel”³⁵⁷

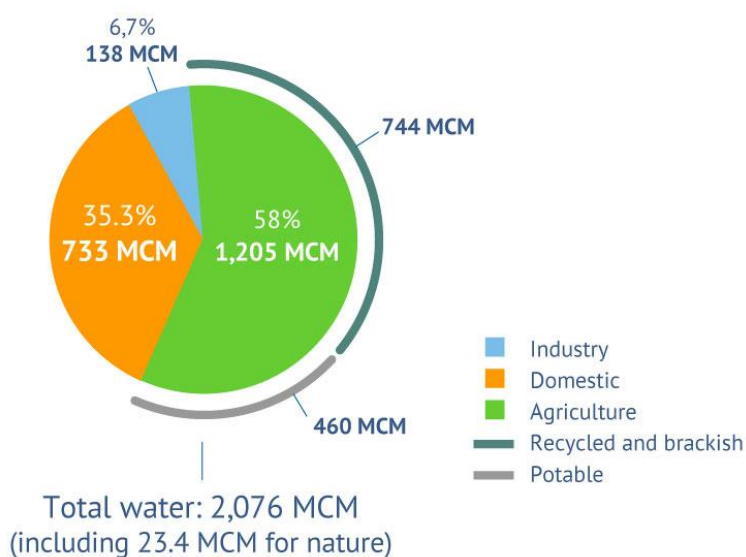


³⁵⁷ Fonte: Maphill, 2011.

Anexo 21 – “Classificação de países com problema de água crônico”³⁵⁸



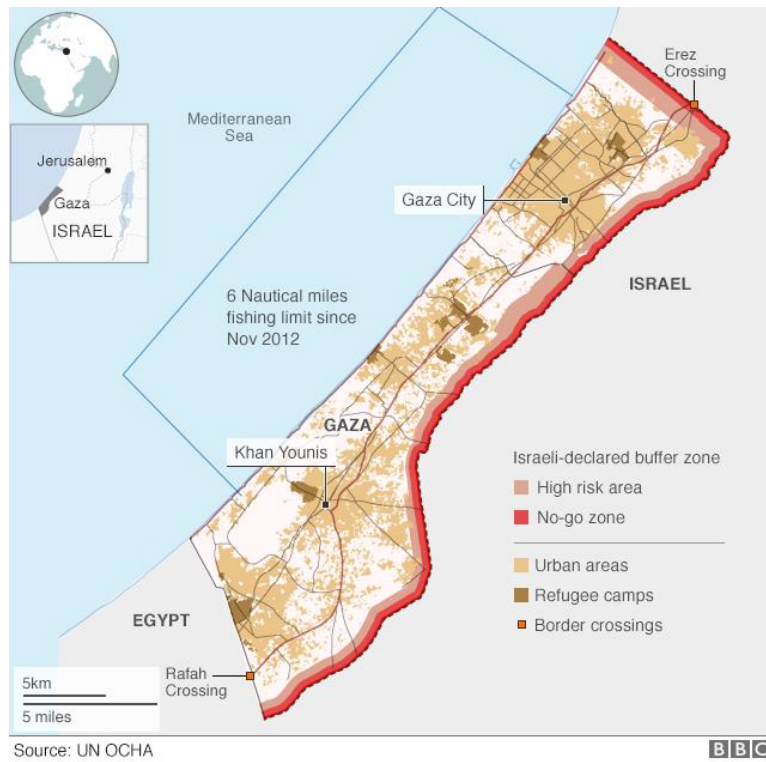
Anexo 22 – “Utilização de água por cada setor em Israel, em 2016”³⁵⁹



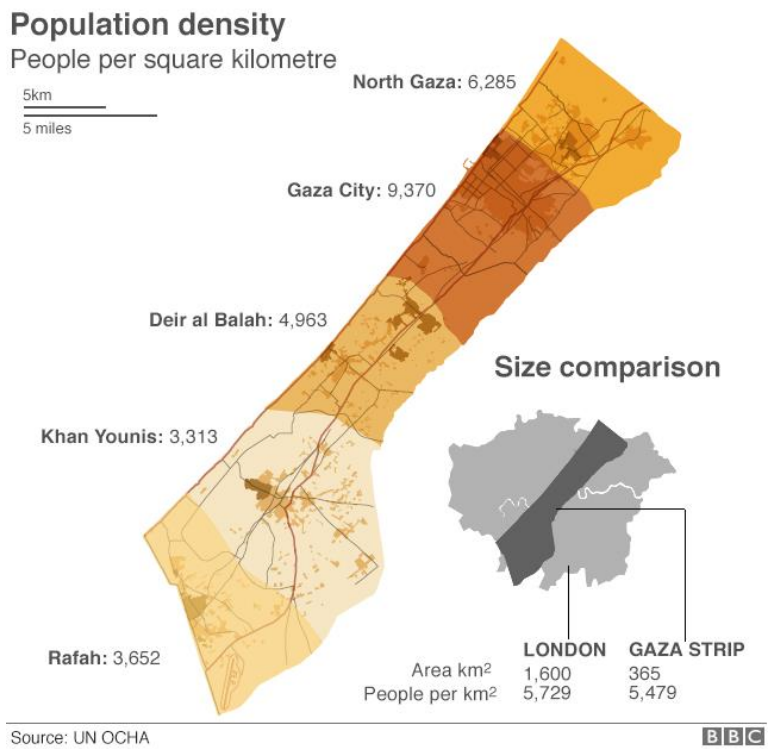
³⁵⁸ Fonte: Water Resources Institute, 2019.

³⁵⁹ Fonte: Fanack, 2015.

Anexo 23 – “Mapa da Faixa de Gaza”³⁶⁰



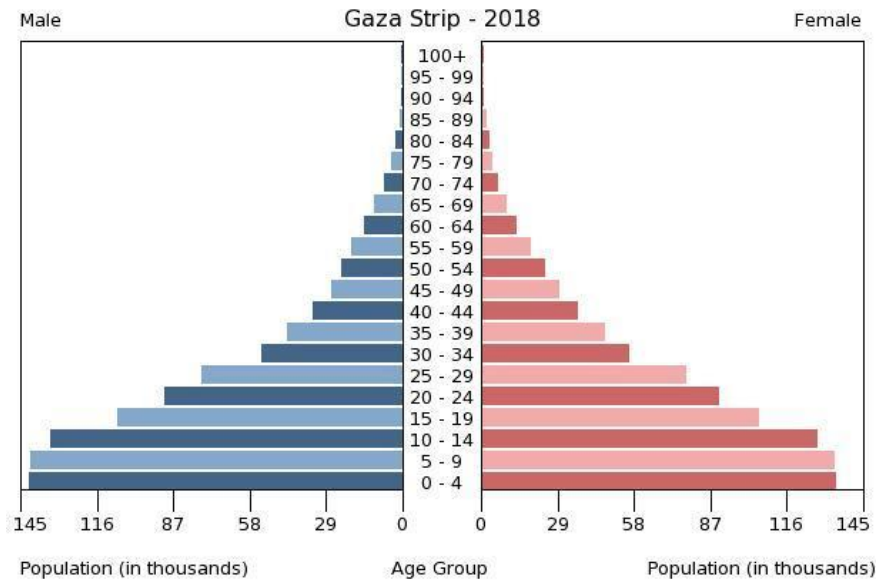
Anexo 24 – “Mapa da densidade populacional na Faixa de Gaza”³⁶¹



³⁶⁰ Fonte: UN OCHA, n.d.a.

³⁶¹ Fonte: UN OCHA, n.d.b.

Anexo 25 – “Pirâmide Etária da Faixa de Gaza”³⁶²



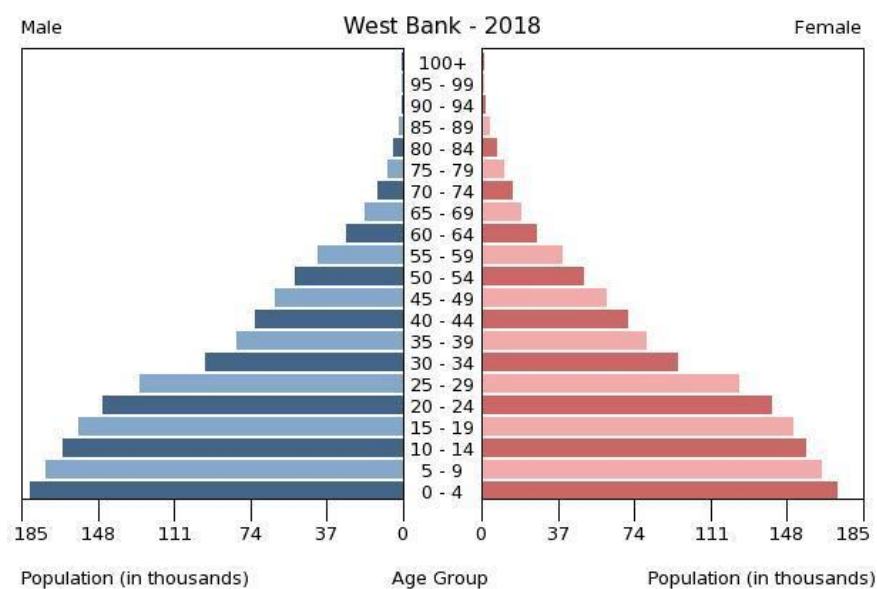
Anexo 26 – “Mapa da Cisjordânia”³⁶³



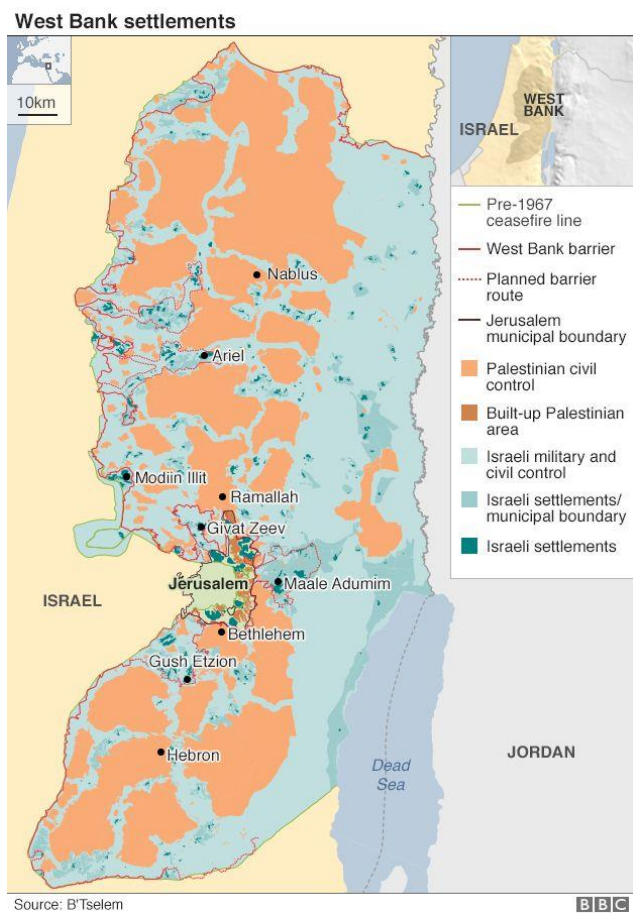
³⁶² Fonte: Central Intelligence Agency., n.d.a.

³⁶³ Fonte: Encyclopaedia Britannica, n.d.

Anexo 27 – “Pirâmide Etária da Cisjordânia”³⁶⁴



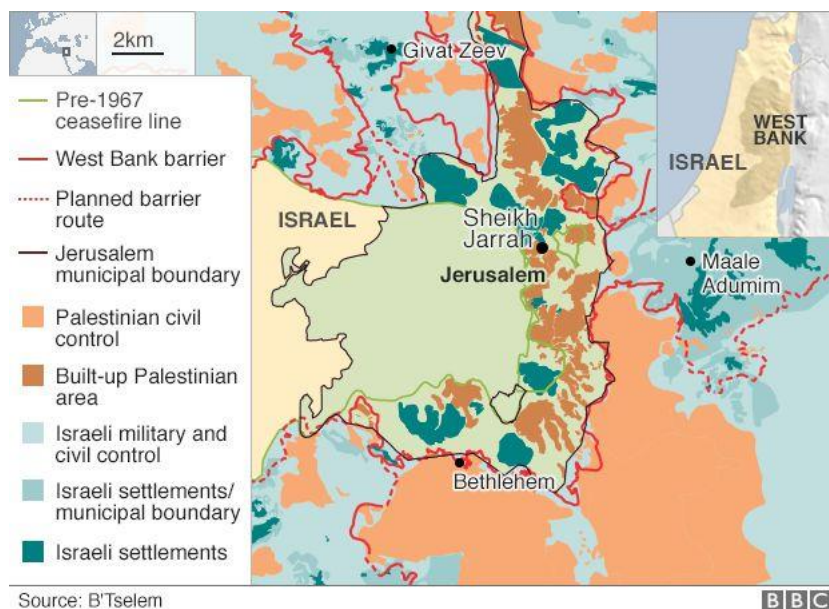
Anexo 28 – “Mapa dos colonatos na Cisjordânia”³⁶⁵



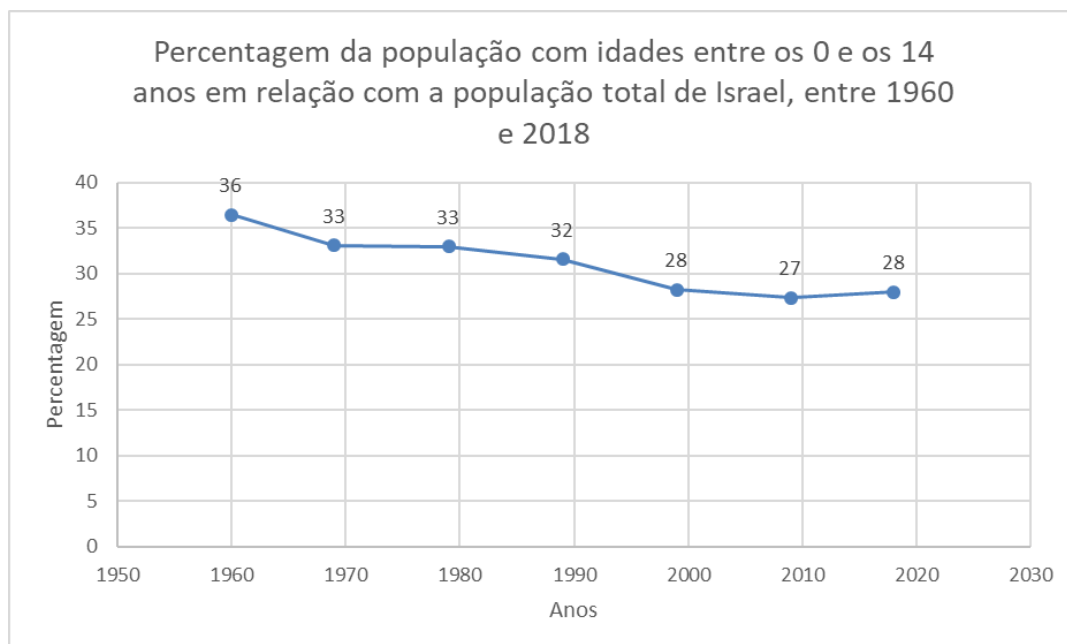
³⁶⁴ Fonte: Central Intelligence Agency., n.d.b.

³⁶⁵ Fonte: B'Tselem, n.d.b.

Anexo 29 – “Mapa dos colonatos na Jerusalém”³⁶⁶



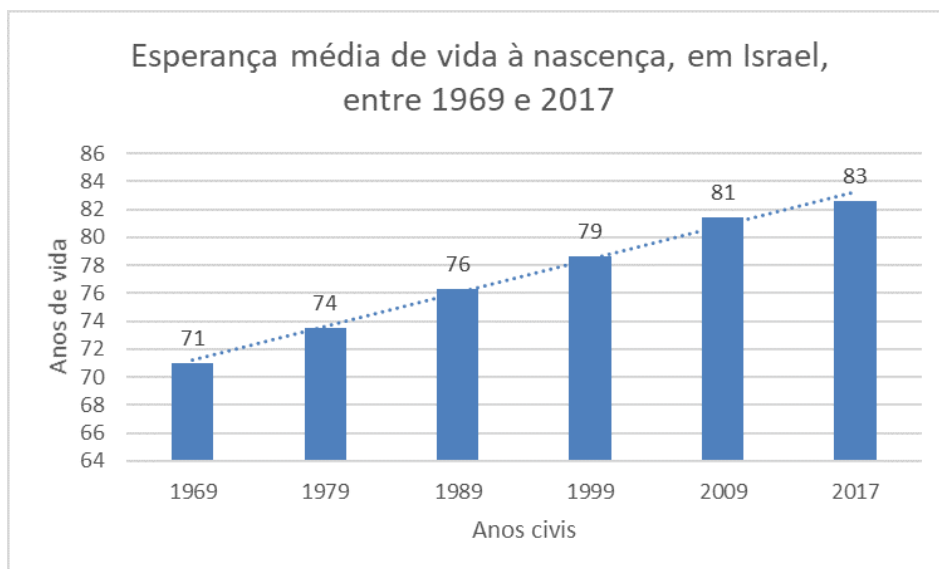
Anexo 30 – “Percentagem da população com idades entre os 0 e os 14 anos em relação com a população total de Israel, entre 1960 e 2018”³⁶⁷



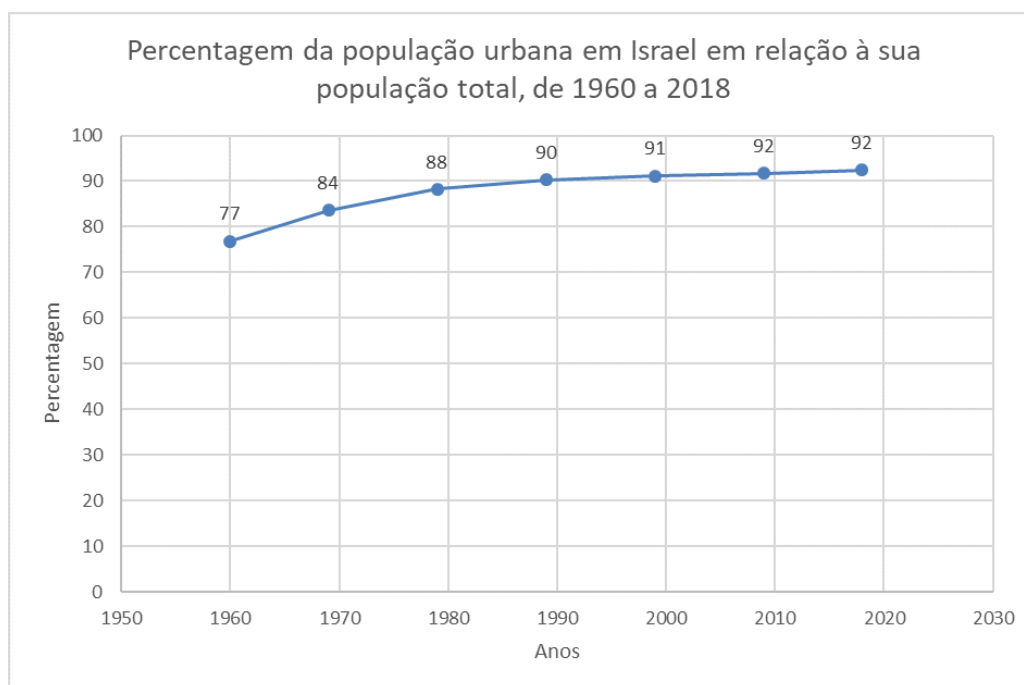
³⁶⁶ Fonte: B'Tselem, n.d.a.

³⁶⁷ Fonte: United Nations Population Division, 2019a. Realização própria.

Anexo 31 – “Esperança média de vida à nascença em Israel entre 1969 e 2017”³⁶⁸



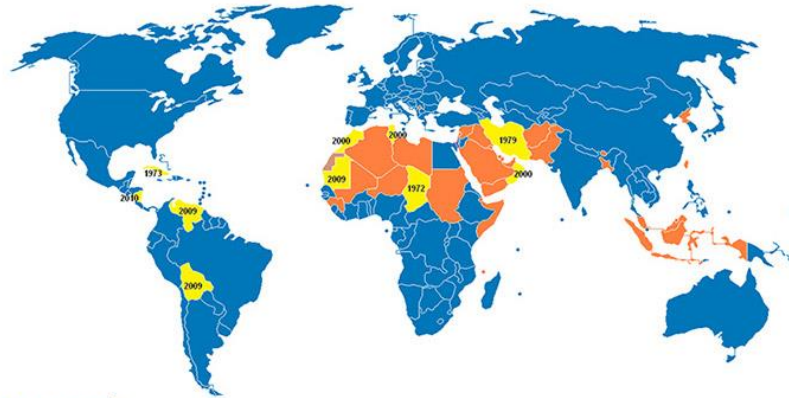
Anexo 32 – “Percentagem da população urbana em Israel em relação à sua população total, de 1960 a 2018”³⁶⁹



³⁶⁸ Fonte: United Nations Population Division, 2019b. Realização própria.

³⁶⁹ Fonte: United Nations Population Division, 2018. Realização própria.

Anexo 33 – “Mapa do estado das relações com Israel em 2016”



Legend:

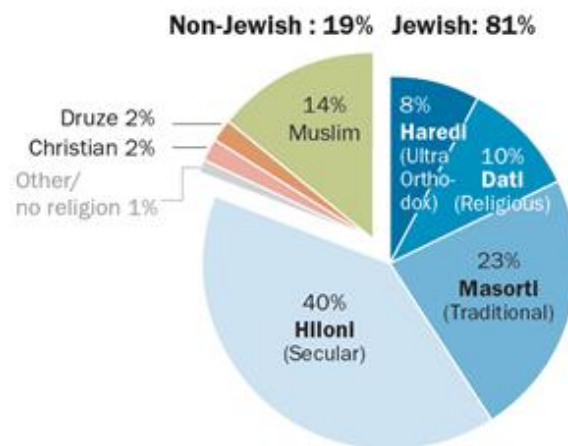
- Countries which maintain diplomatic relations with Israel
- Countries which have never had diplomatic relations with Israel
- Countries which maintained relations with Israel in the past but have severed relations

Source: Israel Civil Service Commission (March 2016)

Anexo 34 – “Religião em Israel”³⁷⁰

Israel's diverse religious landscape

% of Israeli adults who identify as ...



Source: Survey conducted October 2014-May 2015. A small proportion of Jewish respondents (<0.5%) did not specify their subgroup.

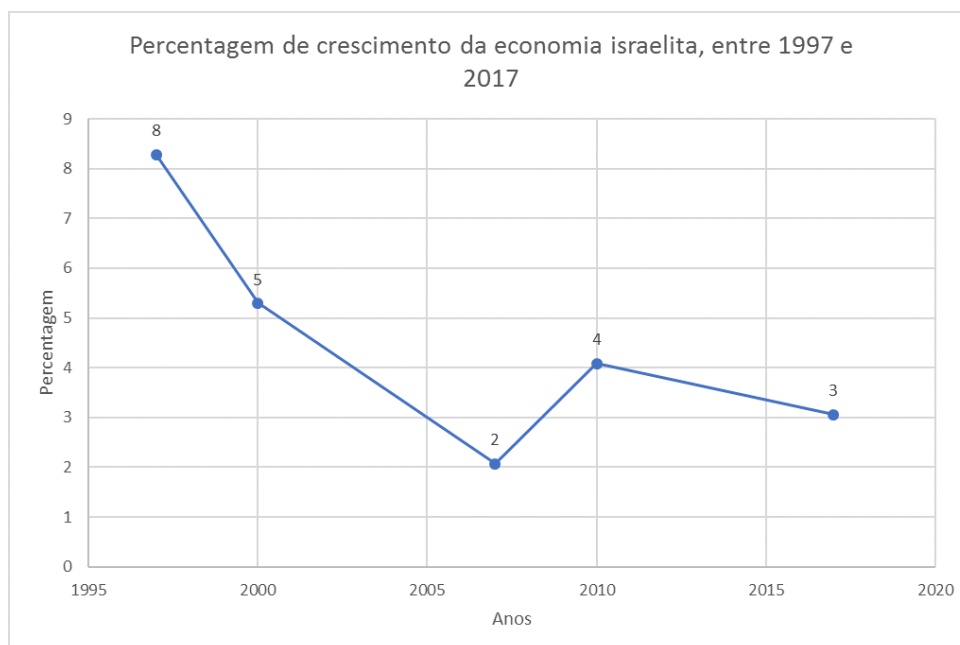
PEW RESEARCH CENTER

³⁷⁰ Fonte: Pew Research Center: Religion & Public Life, 2016.

Anexo 35– “Partidos Políticos em Israel (eleições de 2019)”³⁷¹



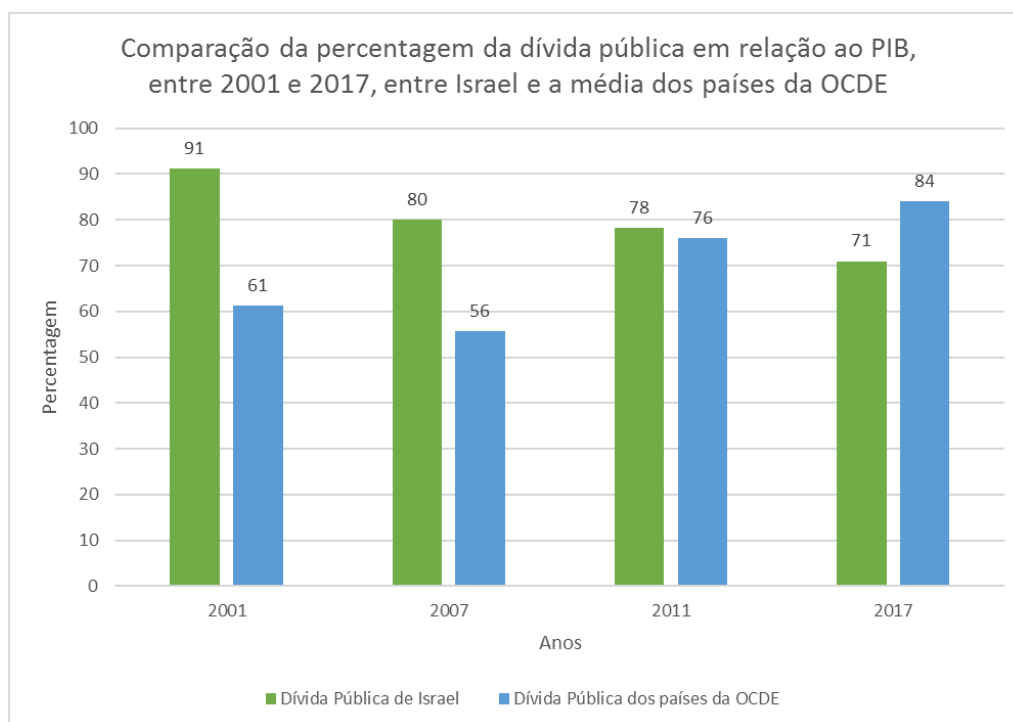
Anexo 36 – “Percentagem de crescimento anual da economia israelita entre 1997 e 2017”³⁷²



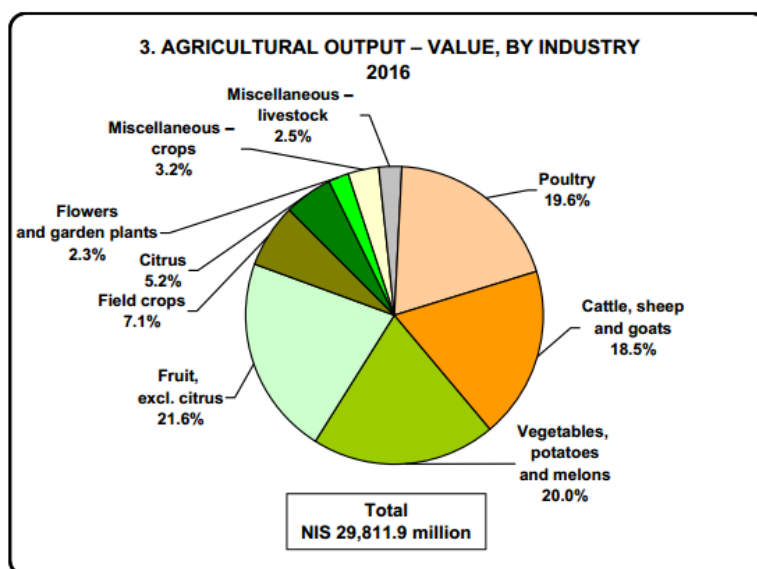
³⁷¹ Fonte: Graphic News, 2019.

³⁷² Fonte: OECD Productivity Statistics: GDP per capita and productivity growth, 2017. Realização própria.

Anexo 37 – “Comparação da percentagem da dívida pública em relação ao PIB, entre 2001 e 2017, entre Israel e a média dos países da OCDE”³⁷³



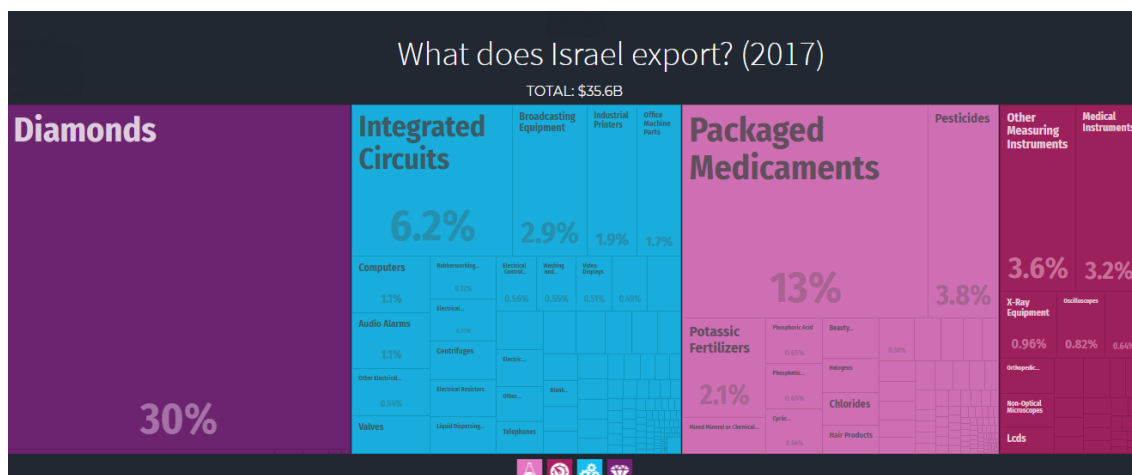
Anexo 38 – “Produções agrícolas em 2016”³⁷⁴



³⁷³ Fonte: OECD National Accounts Statistics: National Accounts at a Glance, 2015. Realização própria.

³⁷⁴ Fonte: Central Bureau of Statistics, 2017.

Anexo 39– “Que equipamentos de alta indústria Israel exportou em 2017”³⁷⁵



Anexo 40 – “População nascida no estrangeiro, de acordo com o país de origem, em Israel, de 2006 a 2018”³⁷⁶

Table B.4. Stocks of foreign-born population by country of birth – Israel

Thousands

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Of which: Women 2017 (%)
Former USSR	921.7	913.8	877.5	875.5	867.0	862.4	858.7	859.4	863.1	867.1	..	55
Morocco	150.7	148.5	154.7	152.0	149.6	147.2	145.4	143.1	140.9	138.8	..	53
United States	82.7	84.8	86.2	88.0	90.5	92.6	94.6	..	52
Ethiopia	79.4	80.8	77.4	78.9	81.9	84.6	85.9	85.6	85.7	85.5	..	50
Romania	100.2	96.9	96.4	93.1	90.0	87.0	84.0	80.8	77.8	74.8	..	56
France	39.6	40.9	41.4	42.9	43.5	44.2	46.3	51.1	57.0	60.1	..	54
Iraq	65.1	63.5	63.7	61.8	60.0	58.5	56.8	54.9	53.0	51.1	..	53
Iran	47.6	46.8	49.8	48.9	48.1	47.4	46.7	46.0	45.2	44.4	..	51
Argentina	37.2	36.7	37.6	37.5	37.6	36.8	36.3	36.0	35.6	35.4	..	57
Poland	53.4	50.1	54.0	50.7	48.0	45.0	42.2	39.7	37.2	34.8	..	53
Tunisia	29.9	29.2	28.8	28.4	28.6	28.3	27.7	..	54
United Kingdom	21.7	22.2	21.8	22.5	23.0	23.0	23.2	23.5	24.0	24.4	..	53
Yemen	29.9	28.9	28.9	27.9	26.9	24.1	25.4	22.5	21.6	22.7	..	53
Turkey	26.2	25.6	26.1	25.6	24.9	24.1	23.4	22.8	22.1	21.6	..	56
Germany	21.4	20.7	20.2	19.7	19.2	18.7	18.1	..	57
Other countries	343.5	344.7	348.5	217.7	214.8	215.4	210.9	213.4	214.8	211.4
Total	1 916.2	1 899.4	1 877.7	1 869.0	1 850.0	1 835.0	1 821.0	1 817.0	1 817.5	1 812.4	..	55

Note: For details on definitions and sources, refer to the metadata at the end of the tables.

StatLink <http://dx.doi.org/10.1787/888933991109>

³⁷⁵ Fonte: OEC, 2017a.

³⁷⁶ Fonte: OECD, 2019a.

Anexo 41 – “Ajuda Americana a Israel, de 1946 a 2019”³⁷⁷

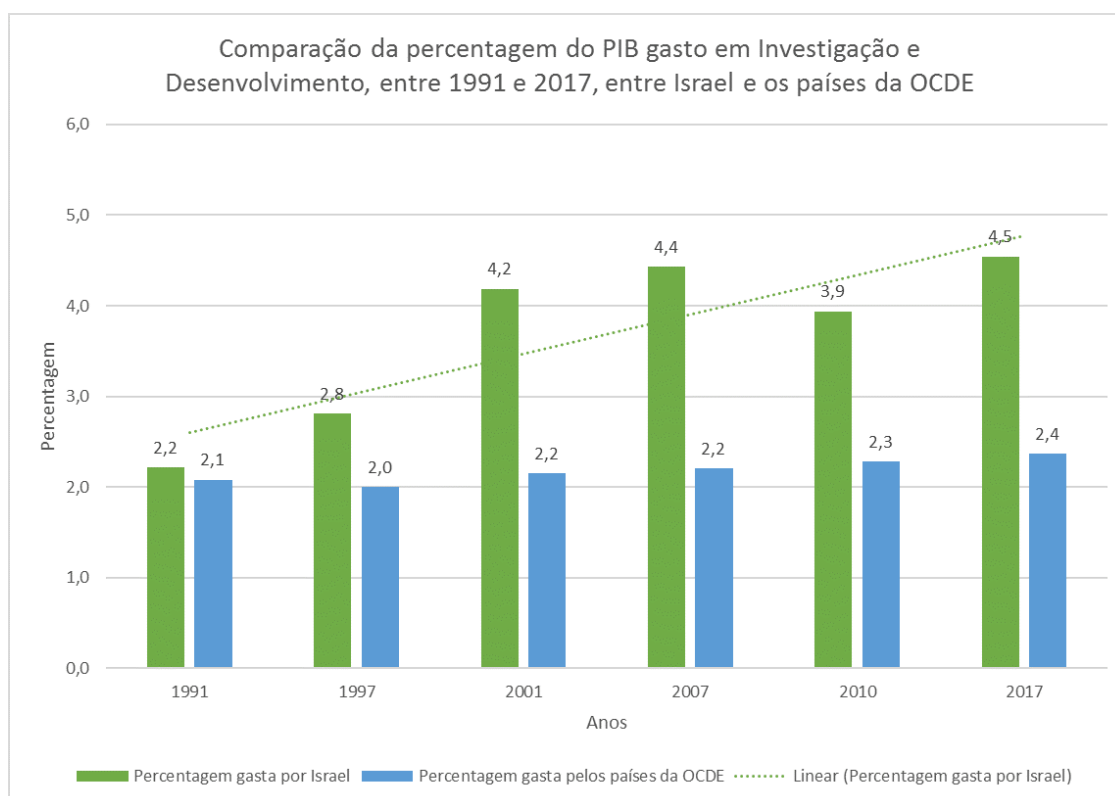
Table I. Total U.S. Foreign Aid Obligations to Israel: 1946-2019 and the 2020 Request
current, or non-inflation-adjusted, dollars in millions

Fiscal Year	Military	Economic	Missile Defense	Total
1946-2017	94,790.100	34,281.000	5,705.609	134,776.709
2018	3,100.000	-	705.800	3,805.800
2019	3,300.000	-	500.000	3,800.000
2020 Request	3,300.000	-	500.000	3,800.000
Total	101,190.100	34,281.000	6,911.410	142,382.510

Sources: U.S. Overseas Loans and Grants (Greenbook), the U.S. State Department, and the Missile Defense Agency.

Notes: The Greenbook figures do not include missile defense funding provided by the Department of Defense. According to USAID Data Services as of July 2019, in constant 2017 U.S. dollars (inflation-adjusted), total U.S. aid to Israel obligated from 1946-2017 is \$228.7 billion.

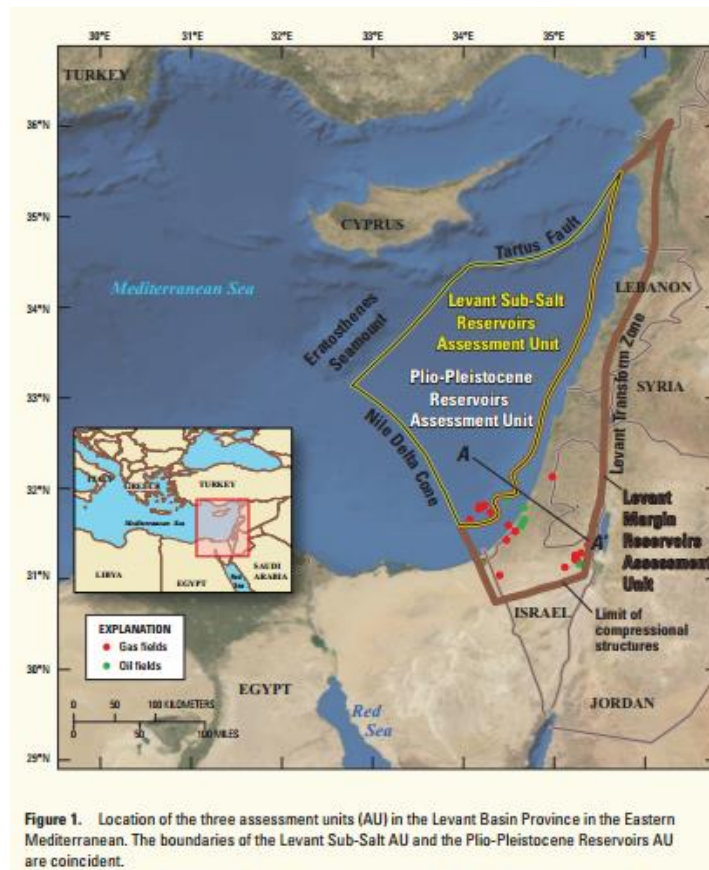
Anexo 42 – “Comparação da percentagem do PIB gasto em Investigação e Desenvolvimento, entre 1991 e 2017, entre Israel e os países da OCDE”³⁷⁸



³⁷⁷ Fonte: U.S. Overseas Loans and Grants (Greenbook), the U.S. State Department, and the Missile Defense Agency, 2019.

³⁷⁸ Fonte: OECD Science, Technology e R&D Statistics: Main Science and Technology Indicators, 2018. Realização própria.

Anexo 43 – “Mapa da localização de depósitos de gás e de petróleo”³⁷⁹



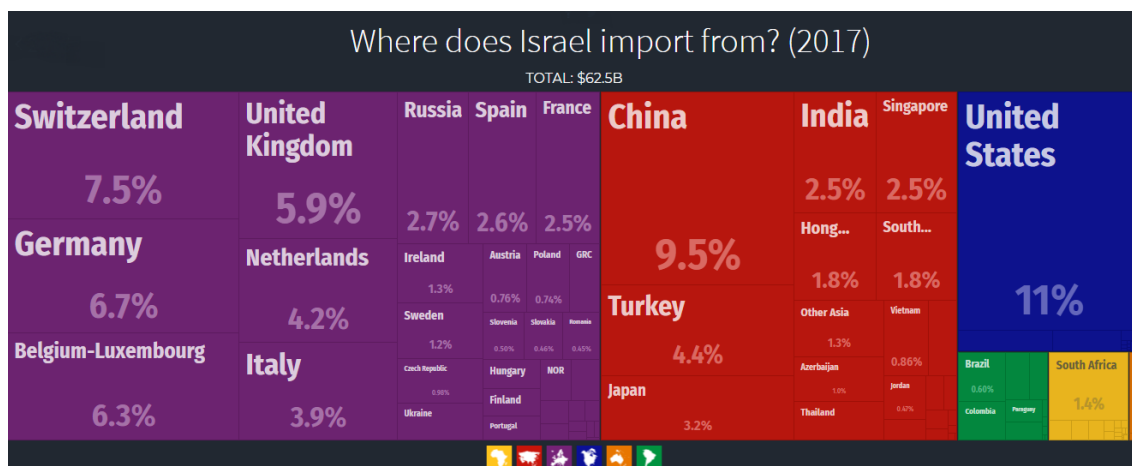
Anexo 44 – “Mapa da localização dos campos de gás natural”³⁸⁰



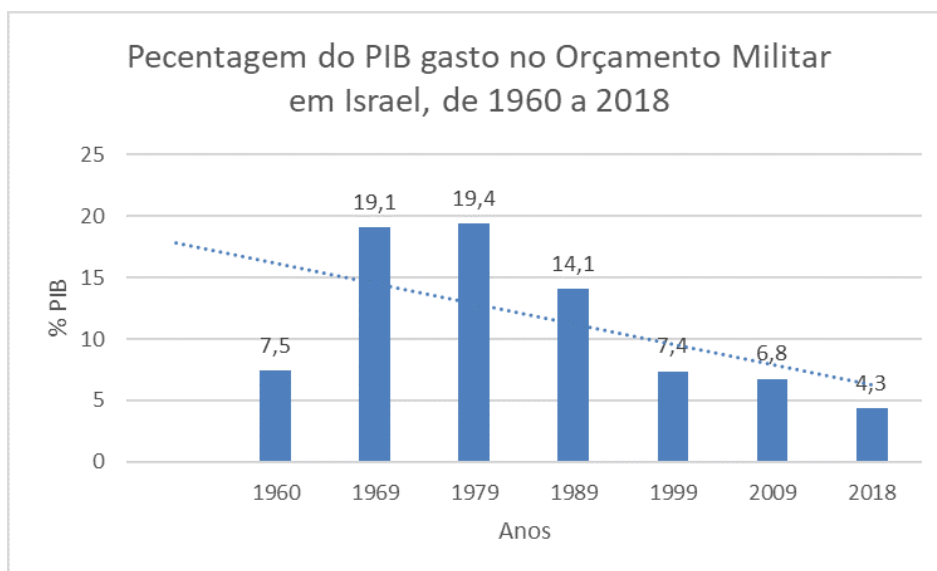
³⁷⁹ Fonte: U.S. Geological Survey, 2010.

³⁸⁰ Fonte: Graphic News, 2016.

Anexo 45 – “De que países Israel importava em 2017?”³⁸¹



Anexo 46 – “Percentagem do PIB gasto no Orçamento Militar em Israel, de 1960 a 2018”³⁸²



³⁸¹ Fonte: OEC, 2017b.

³⁸² Fonte: Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), 2018. Realização própria.

Anexo 47 – “Mapa das Infraestruturas Nucleares de Israel”³⁸³



Anexo 48 – Fatores utilizados para análise geopolítica e geoestratégica de Israel

Geopolítica	
Forças	Fraquezas
<p>Diversidade territorial</p> <p>Fertilidade do solo</p> <p>Pelo menos duas fontes de água</p> <p>Maioria judia</p> <p>População jovem, mas alta esperança média de vida</p> <p>Forte economia</p> <p>Muito investimento externo</p> <p>Alto nível de qualificação</p> <p>Coexistência de diversos setores</p> <p>Crescimento do setor industrial, dos serviços, do desenvolvimento e investimento, do turismo</p> <p>Pouco petróleo, mas muito gás natural</p> <p>Inovação para obtenção de água</p> <p>Democracia</p> <p>Diversidade cultural devido à diáspora</p>	<p>Vulnerabilidade do pouco território</p> <p>Rodeado por países hostis</p> <p>Organizações Terroristas</p> <p>Problemas de água</p> <p>Existência de minoria árabe pronunciável</p> <p>Sobreconcentração populacional</p> <p>Boicote de países árabes – economia insular</p> <p>Gastos na defesa</p> <p>Não há Constituição</p> <p>Monopólio da religião nos assuntos familiares e de casamento</p> <p>Difícil divisão entre Estado e Religião</p> <p>Diferentes concepções do que é ser judeu</p> <p>Falta de identidade nacional</p> <p>Divisões dentro do judaísmo (ultraortodoxos)</p> <p>Isentos do serviço militar no limiar da pobreza</p>

³⁸³ Fonte: Fanack, 2018.

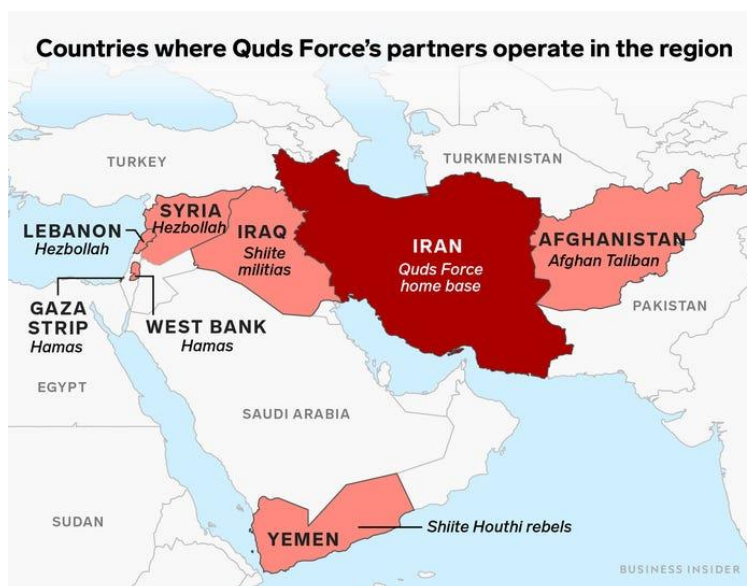
<p>Ocidentalização</p> <p>Sentido de solidariedade entre judeus</p> <p>Sionismo</p> <p>Serviço militar obrigatório afeta nível de educação e integração no mercado de trabalho</p> <p>beneficamente</p> <p>Alto crescimento económico</p> <p>Vantagens do status quo</p> <p>Fragmentação política</p> <p>Lei para Estado-Nação</p> <p>Forças Armadas de qualidade</p>	<p>Custos de habitação</p> <p>Árabes ativos politicamente</p> <p>Desvantagens do status quo</p> <p>Não há centro na política</p> <p>Populismo</p> <p>Cidadania árabe</p> <p>Não há paradigma de Estado-Religião</p> <p>Não há direitos igualitários, liberdade religiosa e direito de estabelecer família</p> <p>Colonatos</p> <p>Cisjordânia e Faixa de Gaza</p>
---	---

Geoestratégia	
Forças	Fraquezas
<p>Inserção territorial</p> <p>Diversidade territorial</p> <p>Judeus - simbolismo</p> <p>Forte economia</p> <p>Inovação económica</p> <p>Alto nível de qualificação</p> <p>Gás natural</p> <p>Democracia</p> <p>Ocidentalização</p> <p>Sionismo - Ortodoxos reformados</p> <p>Gastos e qualidade da Defesa</p> <p>Árabes são sunitas</p> <p>Programas para diáspora</p> <p>Muito intercâmbio com EUA</p> <p>Economia com União Europeia e EUA e OMC</p> <p>Melhoria de relações com aliados americanos no Médio Oriente</p>	<p>Vulnerabilidade do pouco território</p> <p>Rodeado por países hostis</p> <p>Organizações Terroristas</p> <p>Boicote de países árabes – economia insular</p> <p>Monopólio da religião nos assuntos familiares e de casamento</p> <p>Difícil divisão entre Estado e Religião</p> <p>Falta de identidade nacional</p> <p>Populismo</p> <p>Não há direitos igualitários, liberdade religiosa e direito de estabelecer família</p> <p>Ultraortodoxos</p> <p>Problema da Palestina</p> <p>Colonatos – Sionismo</p> <p>Cisjordânia e Faixa de Gaza</p> <p>Dificuldade em conciliar necessidades de Israel com necessidades de outros países aliados árabes</p>

Anexo 49 – “Mapa do Irão”³⁸⁴



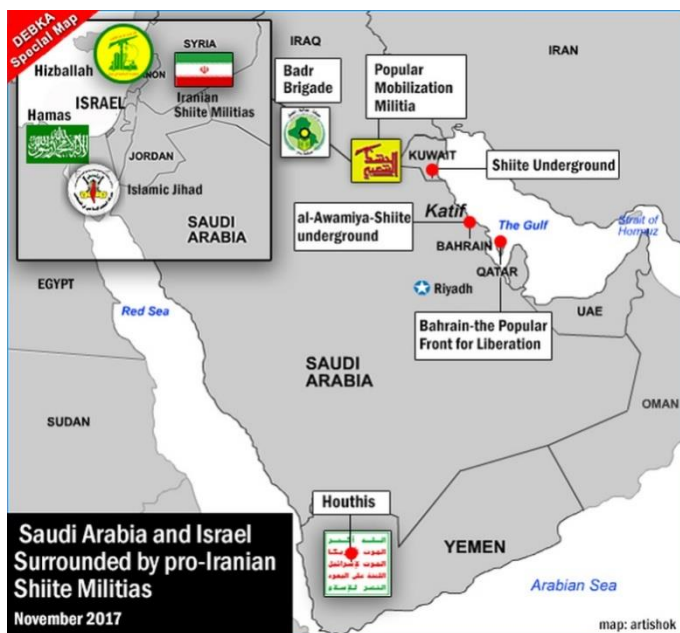
Anexo 50 – “Mapa dos aliados do Irão no Médio Oriente”³⁸⁵



³⁸⁴ Fonte: Charter for Compassion, n.d.

³⁸⁵ Fonte: Business Insider, 2020.

Anexo 51 – “Mapa da rede de proxies do Irão”³⁸⁶



Anexo 52 – “A Aspiração Palestiniana a um Estado e o Estado Judeu”

Os Palestinos organizaram-se em 1964 durante a Conferência da Liga da Árabe no Cairo, criando a Organização para a Libertação da Palestina³⁸⁷. O objetivo inicial desta organização era para libertar a Palestina pela luta armada, desejando destruir o Sionismo no Médio Oriente, ou seja, destruir o Estado de Israel. No entanto, em 1977, esta organização passou a incluir diplomacia, a política e o diálogo nas negociações, o que levou à Organização das Nações Unidas como representantes do povo palestino. Por fim, em 1988, o Presidente Arafat declarou o direito de Israel de existir e, em 1993, renunciou ao terrorismo.

Uma das fações inseridas, e a principal, da Organização para a Libertação da Palestina é o Fatah³⁸⁸, acrónimo de Harakat al Fahrir al-Watmiyyah al-Falastiniyyeh, ou seja, “Conquista pela jihad”. Esta facção é um movimento político e militar fundado no fim dos anos 50 por Asser Arafat como oposição à Organização para a Libertação da Palestina. O objetivo inicial era de aniquilar Israel e o Sionismo ao nível global, tendo como objetivo central os direitos nacionais dos árabes palestinos. No início, com apoio Sírio, realizou diversos ataques surpresa terroristas a alvos israelitas na Jordânia,

³⁸⁶ Fonte: Artishok, 2017.

³⁸⁷ Jewish Virtual Library, n.d.c.

³⁸⁸ Jewish Virtual Library, n.d.a, The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, n.d.a.

no Líbano e na Faixa de Gaza, na altura sob controlo egípcio. Entre os vários ataques que foram realizados destacaram-se os ataques realizados pelos militantes denominados *Black September*, como se denominaram, a 11 atletas israelitas nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1973. Em 1968, com Arafat a tornar-se Presidente da Organização para a Libertação da Palestina, o Fatah tomou o poder desta Organização e tornou-se a facção mais proeminente, deixando de ser um movimento, passando a ser um partido político.

Em 1993, a Fatah, na figura do Presidente Arafat, liderou a Organização para a Libertação da Palestina nos Acordos de Oslo. Com estes acordos criou-se a Autoridade Palestiniana³⁸⁹, (“al-Sultah a-Wataniyyah al-Filastiniyyah”), sendo o órgão governativo das regiões autónomas palestinianas na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Esta Autoridade é regida por uma Constituição Interina, a chamada “Lei Básica”, que pode ser amendada por dois terços do Conselho Legislativo Palestino. Este tem 132 membros eleitos de quatro em quatro anos, em sistema proporcional. O Presidente é eleito, de igual forma, de quatro em quatro anos, com limite de dois termos. Este tem como responsabilidades ser o Comandante Chefe das Forças Armadas, ter a responsabilidade da política externa, tem poder de veto, bem como realizar decretos presidenciais. Outra responsabilidade que o Presidente tem é de nomear o Primeiro Ministro, que nomeia, por sua vez, os membros do Conselho de Ministros. A administração da Autoridade Palestiniana tem 16 governos regionais, estando 11 na Cisjordânia e 5 na Faixa de Gaza.

Após os Acordos de Oslo, quando se acordaram a saída militar israelita tanto da Cisjordânia como da Faixa de Gaza, Israel e a Autoridade Palestiniana realizaram um acordo interino em que criaram três tipos de administração³⁹⁰, de forma a fortalecer o autogoverno palestino nos territórios. Contudo, tal só ocorreu na Cisjordânia. A Área A consiste numa região sob administração e sob as forças de segurança da Autoridade Palestiniana. A Área B trata-se de uma região sob administração palestina, mas em que as forças de segurança estão sob responsabilidade israelita. Por fim, a Área C encontra-se sob tanto administração como segurança israelitas. As Forças de Segurança Palestinas, conseqüentemente, têm operado em parceria com as Forças de Defesa Israelitas, em treino, cooperação, patrulha e partilha de informações.

O relacionamento dos palestinianos com Israel pode ser dividido em três etapas. A primeira etapa é a da hostilidade, que é protagonizada por duas guerras. Em 1948 ocorreu a Guerra da Independência, em que os palestinianos uniram-se às nações árabes

³⁸⁹ The Meir Amit Intelligence and Terrorism Information Center, n.d.d.

³⁹⁰ Conferir com mapa, no Anexo 53, “Mapa das áreas A, B e C da Cisjordânia”, na página xxxv.

contra os judeus, que consistiam em um terço da população de Israel. A guerra em que os palestinos estiveram, também, envolvidos foi a Guerra dos Seis Dias, em 1967, em que Israel adotou os territórios considerados como ocupados, sendo estes Jerusalém, a Faixa de Gaza e a Cisjordânia.

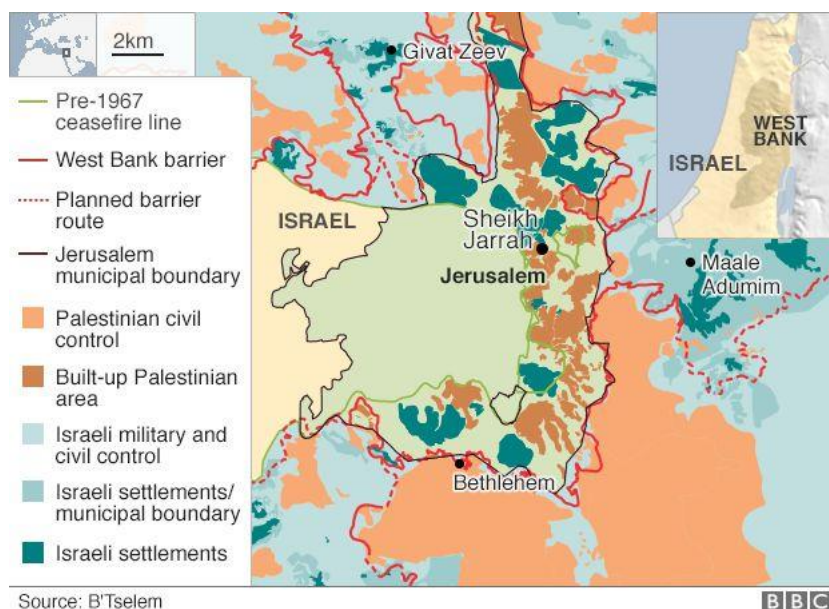
Assim, com estas duas guerras podemos desprender três consequências. Primeiramente, surgiu o estatuto de refugiado. Na primeira guerra mencionada, 700 000 árabes adotaram o estatuto de refugiados, quer estejam em Israel, na Jordânia, no Egito, na Síria, no Líbano, na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Este tem sido um dos assuntos discutidos para um acordo de paz final. Os palestinos insistem que o regresso dos refugiados deve constar no acordo de paz final, enquanto que os israelitas consideram que o regresso de 4 milhões de refugiados é logisticamente irrealista, bem como ameaçaria a personalidade do Estado Judeu. Com estas guerras também se compreendeu a importância da cidade de Jerusalém. Esta cidade, para os Judeus, é importante devido ao facto de ser o local original do Templo Israelita. Para os muçulmanos, é o local de duas mesquitas, sendo um centro religioso. Em termos administrativos, após a conquista desta, em 1967, os judeus colocaram-na como parte do governo israelita, enquanto que os muçulmanos consideram Jerusalém Oriental como a capital do Estado Palestino. Por fim, existe a problemática dos colonatos. Como supracitado, Israel ocupou os territórios de Israel, da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, encorajando e permitindo colonatos em zonas que sejam estratégicas ou históricas, como é o caso da Judeia e da Samaria. Apesar da Primeira Convenção de Genebra, de 1949, condenar a transferência por um poder ocupante da sua população a um território ocupado, Israel refere que os colonatos na Cisjordânia e Jerusalém são legítimos dado terem sido o resultado de uma guerra defensiva, não tomando controlo da Cisjordânia de um poder soberano legítimo.

A segunda etapa pode ser denominada como uma tentativa de reconciliação. Esta iniciou-se em 1993 com os Acordos de Oslo, em que houve o reconhecimento mútuo entre os Israelitas e os Palestinos, sendo este reconhecimento a base da paz. Devido à violência que se gerou após os Acordos de Oslo, bem como ao descontentamento tanto israelita como palestino, que culminou com o assassinio do Primeiro Ministro Rabin, em 1998 o Primeiro Ministro Netanyahu criou o *Wye River Memorandum*, em que comprometia-se em retirar israelitas da Cisjordânia e da Faixa de Gaza se a Autoridade Palestina tomasse providências com a violência que estava a ser gerada, e que atingiu o seu ápice com a Segunda Intifada. Perante esta onda de descontentamentos, a Organização das Nações Unidas, em 2003, cria o *Road Map to*

Peace, em que defendia a criação de dois Estados. Contudo, a violência voltou a aumentar. Conseqüentemente, em 2004 e 2005, Israel age unilateralmente, iniciando a política de retirada, isolando-se e erguendo um muro entre Israel e a Cisjordânia, bem como evacuando os colonatos israelitas da Faixa de Gaza, bem como as forças militares, deixando este território sob governo da Autoridade Palestiniana.

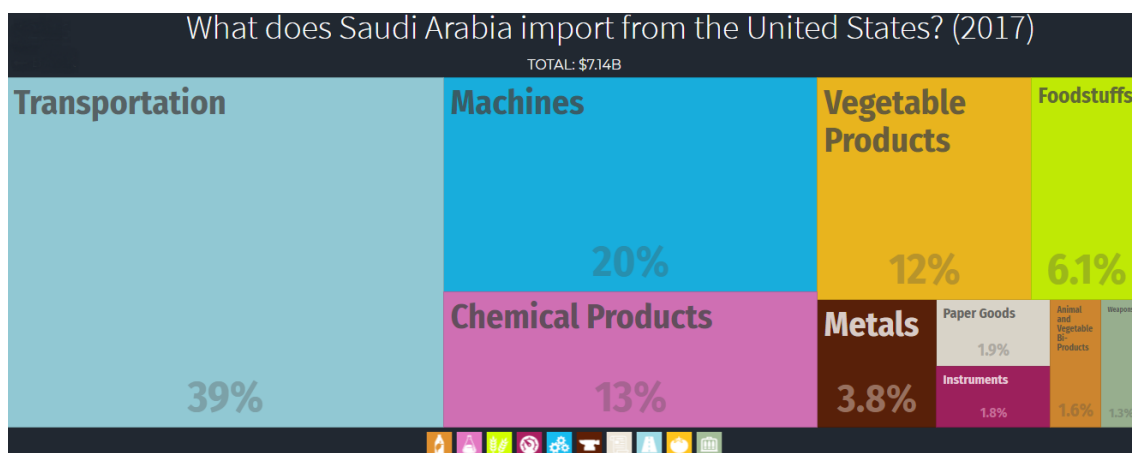
Desde 2008 que iniciou-se a terceira etapa no relacionamento entre Israel e a Autoridade Palestiniana. Em 2008, o Primeiro Ministro Olmert ofereceu 93 por cento da Cisjordânia e a divisão de Jerusalém, mas o Presidente Abbas recusou. Desde que o Primeiro Ministro Netanyahu foi eleito, em 2009, que se procurou realizar negociações, mas todas falharam. Podemos estabelecer duas razões. A primeira razão deve-se ao facto do próprio Acordo de Oslo ter sido deficiente por não ter definido objetivos concretos tanto para o estabelecimento de um Estado Palestino como para cidade de Jerusalém. De igual forma, nada salientou relativamente aos colonatos. A segunda razão de se terem falhado negociações foi ter ocorrido a Segunda Intifada. Esta causou uma perda de confiança de Israel na Autoridade Palestiniana.

Anexo 53 – “Mapa das áreas A, B e C da Cisjordânia”³⁹¹

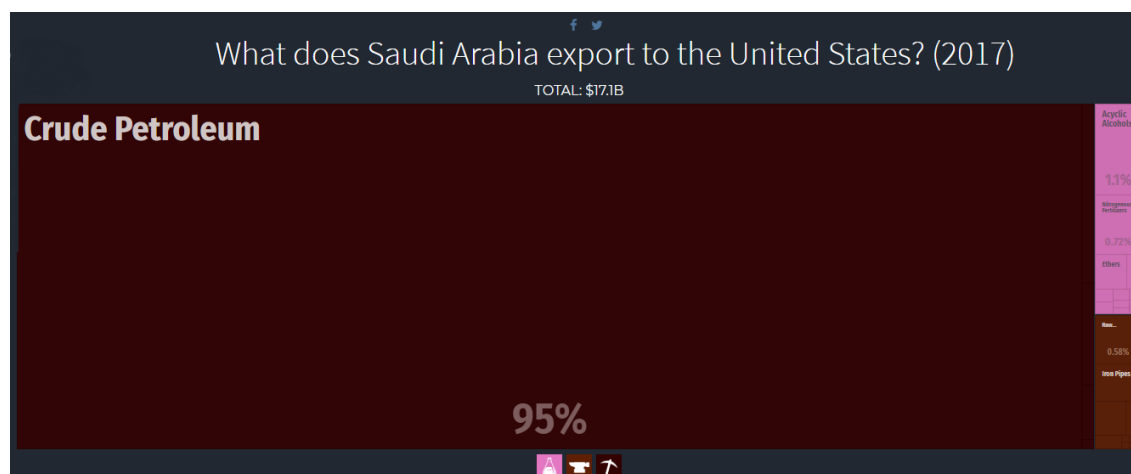


³⁹¹ Fonte: Israel and Stuff.com, 2016.

Anexo 54 – “O que a Arábia Saudita importava dos EUA em 2017”³⁹²



Anexo 55 – “O que a Arábia Saudita exportava para os Estados Unidos em 2017”³⁹³



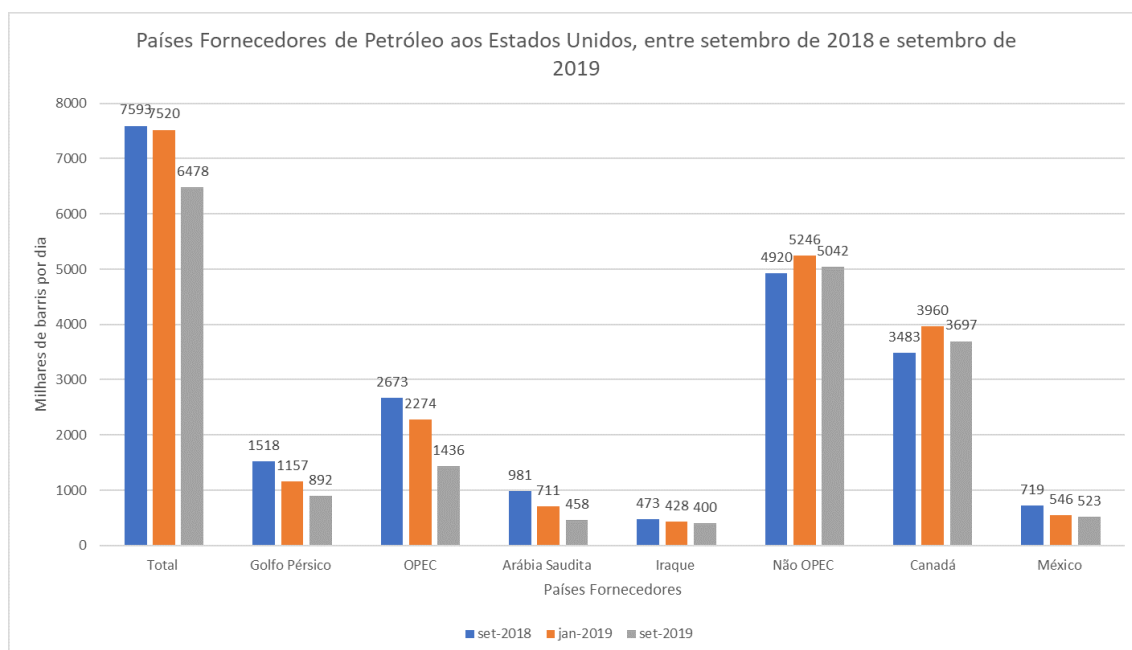
³⁹² Fonte: OEC, 2017f.

³⁹³ Fonte: OEC, 2017e.

Anexo 56 – “Minerais que a Arábia Saudita produz para diversificar a economia”³⁹⁴

	2016 (tons)	2017 (tons)
Local Production (Aluminum, Alumina, Ammonium Phosphate fertilizer, Ammonia, Gold, Industrial Chemicals)	1,682	5,919
Total Exports (Aluminum, Alumina, Ammonium Phosphate fertilizer, Ammonia, Gold, Industrial Chemicals)	425	1,271
Exchange Rate: 1USD	3.75 Saudi Riyal	3.75 Saudi Riyal

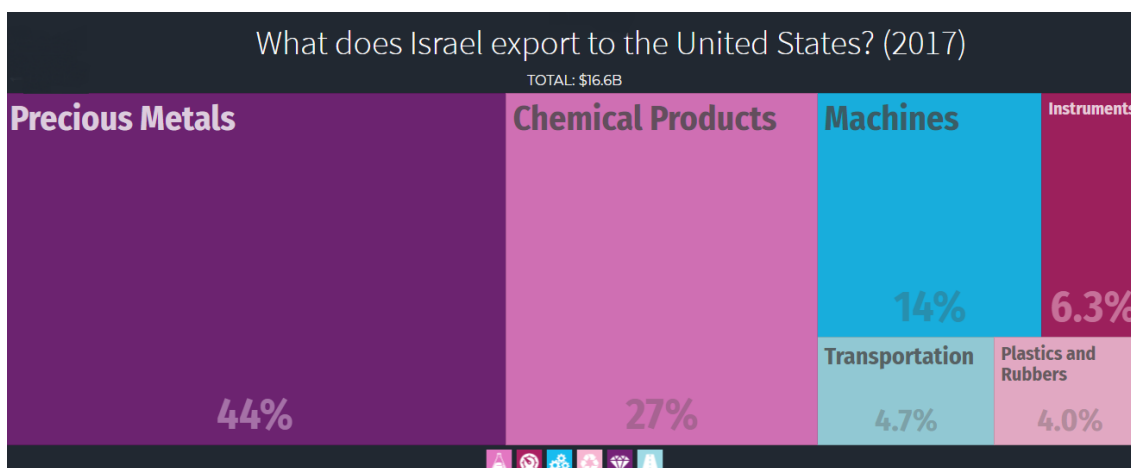
Anexo 57 – “Países Fornecedores de Petróleo aos Estados Unidos, entre setembro de 2018 e setembro de 2019”³⁹⁵



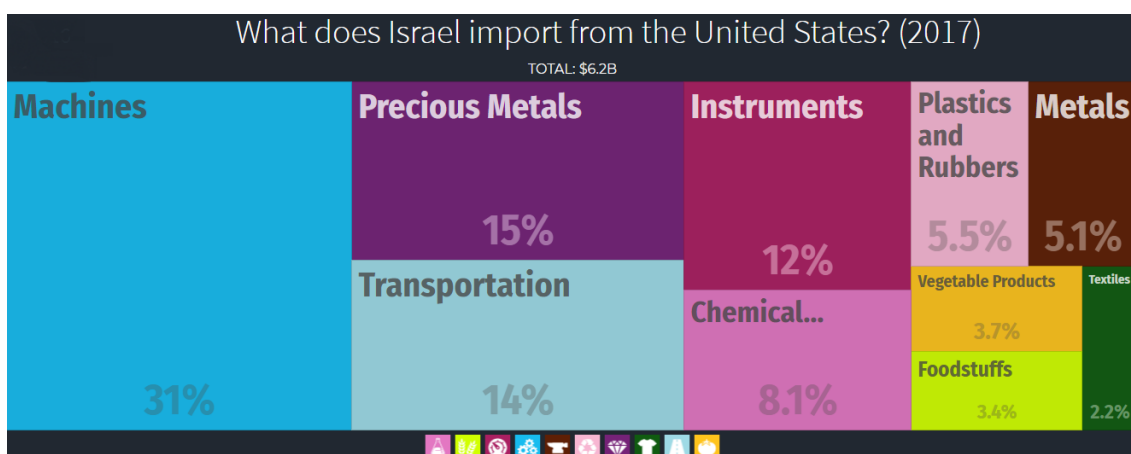
³⁹⁴ Fonte: Export.gov, 2018.

³⁹⁵ Fonte: U.S. Energy Information Administration, 2019. Realização própria.

Anexo 58 – “O que Israel exportava para os EUA em 2017?”³⁹⁶



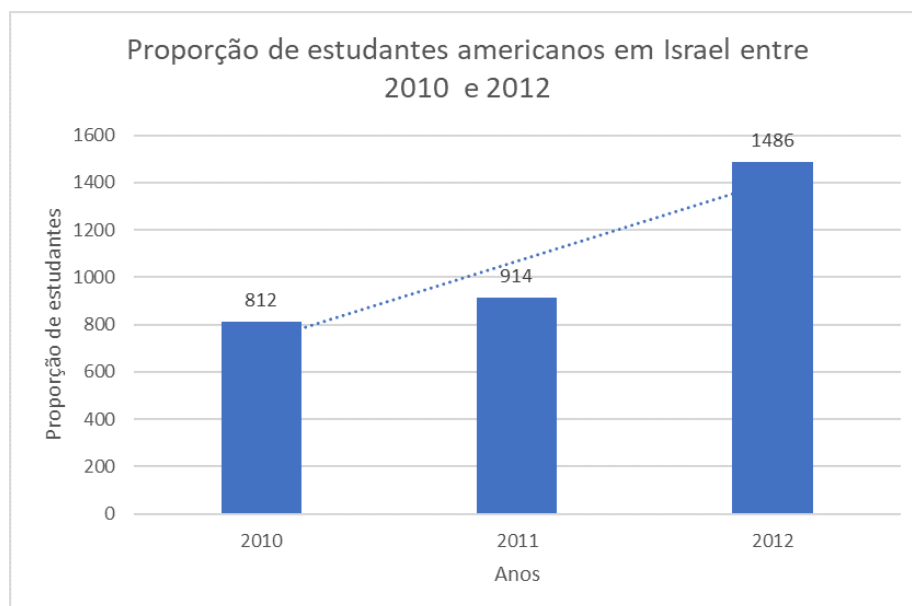
Anexo 59 – “O que Israel importava dos EUA em 2017?”³⁹⁷



³⁹⁶ Fonte: OEC, 2017c.

³⁹⁷ Fonte: OEC, 2017d.

Anexo 60 – “Proporção de estudantes americanos em Israel entre 2010 e 2012”³⁹⁸



Anexo 61 – “Percentagem de imigrantes de acordo com país de origem para Israel”³⁹⁹

Table B.1. Inflows of foreign population by nationality – Israel

Thousands

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Of which: Women 2017 (%)
Former USSR	6.5	5.6	6.8	7.0	7.2	7.2	7.3	11.6	14.7	14.5	16.2	52
France	2.3	1.6	1.6	1.8	1.6	1.7	2.9	6.5	6.6	4.2	3.2	51
United States	2.1	2.0	2.5	2.5	2.4	2.3	2.2	2.4	2.5	2.7	2.6	50
Brazil	0.3	0.2	0.2	0.2	0.2	0.2	0.2	0.3	0.4	0.6	0.6	51
United Kingdom	0.6	0.5	0.7	0.6	0.5	0.6	0.4	0.5	0.6	0.6	0.5	48
Turkey	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.2	0.4	52
South Africa	0.1	0.3	0.3	0.2	0.2	0.1	0.2	0.1	0.2	0.2	0.3	57
Canada	0.2	0.3	0.3	0.3	0.2	0.2	0.2	0.3	0.3	0.3	0.3	57
Argentina	0.3	0.2	0.3	0.3	0.2	0.2	0.3	0.3	0.3	0.3	0.2	51
Germany	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.2	52
Australia	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	58
Venezuela	0.1	0.0	0.0	0.1	0.1	0.0	0.0	0.1	0.1	0.1	0.1	52
Belgium	0.1	0.1	0.1	0.2	0.2	0.1	0.2	0.2	0.2	0.2	0.1	47
Italy	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.3	0.4	0.2	0.1	55
Spain	0.0	0.0	0.0	0.0	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	44
Other countries	5.1	2.6	1.3	2.8	3.7	3.4	2.5	1.2	1.2	1.6	1.4	
Total	18.1	13.7	14.6	16.6	16.9	16.6	16.9	24.1	27.9	26.0	26.4	52

Note: For details on definitions and sources, refer to the metadata at the end of the tables.

StatLink  <http://dx.doi.org/10.1787/888933991071>

³⁹⁸ Fonte: OECD.Stat, n.d. Realização própria.

³⁹⁹ Fonte: OECD, 2019b.